

Itaytera

NÚMERO 24



ANO 1980

"Às vezes, também, um novilho reboleiro, mestiçado de zebu, ronda os ranchos no turno dos romeiros, aproxima-se dos homens, come restos de suas comidas.

É um garrote misterioso; acaso nascido na chapada, do cruzamento de animais que ali se tresmalharam e perderam; marca não tem que o identifique, noticia não há de quem lhe reclame a propriedade.

Além disso, possui uma predileção marcada pelos alimentos com sal, gerimuns, batatas e macacheiros cozidos, anomalia que talvez lhe venha da frequência às comidas dos ranchos, no alto da serra.

E não tem medo dos homens, antes até parece que busca a companhia destes, nas noites da chapada, que os berros das onças povoam.

É, sem dúvida, um novilho misterioso. Sem marca, sem dono, quem o suscitou naquele lugar, comendo salgado e gostando dos homens?

Rezas e encantos não o afastam, logo não é enviado do Cão, vindo para perturbar os romeiros mesmo à entrada do Juazeiro; será um núncio divino, a seu modo confessando a fé nos milagres do Pe. Cícero?

Os romeiros são vaqueiros, principalmente possuem velhas ideias, antigos hábitos, a respeito dessas rezas, de que ninguém sabe a origem, — e estão no limiar duma terra de portentos, onde tudo é possível, com a graça de Deus.

Um dos peregrinos acaba levando o garrote para o Pe. Cícero, que o deixa à

guarda do beato Lourenço. E dá-se que, havendo alguém prometido dar-lhe um feixe do melhor capim, se lograsse obter uma graça por intercessão do padre — o novilho, ao ser cumprida a promessa, recusa o alimento ofertado, com olhares de censura e fundos mugidos. Milagres!

O capim é produto de furto.

Fulminado, o devoto atira-se aos pés do garrote, clamando o seu arrependimento.

Conhecido o fato, reza-se, em face do animal, uma novena de desagravo.

Outros milagres se sucedem, o bicho anda com gurlandas de flores no pescoço, flores e fitas nos chifres nascentes; fazem-lhe certos pedidos, daqueles que não se podem fazer ao padre — e os pedidos são atendidos.

Do fundo do tempo é que ele vem, esse bovino prodigioso, do perdido mundo dos índios que vaquejam, maravilhados, as primeiras boiadas; das cantigas dos tangerinos do III século, que ainda se recordam nos terreiros das fazendas e nos longos descampados do sertão.

Está, agora, nessa terra de ardente misticismo, nesse Juazeiro do milagre cotidiano.

Quebra, enfim, as peias com que o ataram os missionários e os padres das capelas das casas grandes.

É impossível que seja São Boi, mas é, afinal, o Boi Santo".

(YACO FERNANDES

"NOTICIA DO POVO CEARENSE")

Cerâmica do Cariri S. A.

LAJOTAS ESMALTADAS,
PISOS E REVESTIMENTOS



CECASA

AJUDANDO
NA CONSTRUÇÃO
DA SUA CASA

BARBALHA

-

GEARÁ

— E X P E D I E N T E —

ITAYTERA — Nº 24 — 1980

ORGÃO OFICIAL DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Presidente do ICC : J. Lindemberg de Aquino

Diretor de ITAYTERA : J. Lindemberg de Aquino

Redação : Praça Juarez Távora, 950 — 63.100 — CRATO-CE.

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de responsabilidade dos autores.

Aceita-se permuta com publicações congêneres
Os originais não serão devolvidos.

D I R E T O R I A

- Presidente : J. Lindemberg de Aquino
Vice - Presidente : Plácido Cidade Nuvens
Secretário Geral : Dr. Francisco Germano de Almeida
Secretário : Bernardina Vilar de Alencar Costa
Tesoureiro : Antônio Correia Coelho

COMISSÃO DA REVISTA ITAYTERA

João Lindemberg de Aquino
José Huberto Tavares de Oliveira
Dr. Raimundo de Oliveira Borges
Francisco Huberto Esmeraldo Cabral

COMISSÃO DE SINDICÂNCIAS

Dr. Antonio Nirson Monteiro
Francisco Norões Matos
Dr. Napoleão Tavares Neves
Vera Lúcia Gomes Maia

COMISSÃO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES

Plácido Cidade Nuvens
Eloi Teles de Morais
Dr. José Peixoto de Alencar Cortez
Dr. José Vanderley Landim

CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

SECÇÃO DE LETRAS

- Nº 1 — PATRONO — Pe. José Antônio Maria Ibiapina
OCUPANTE — João Lindemberg de Aquino
- Nº 2 — PATRONO — Bruno de Meneses
OCUPANTE — Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- Nº 3 — PATRONO — José Alves de Figueiredo
OCUPANTE — V a g a
- Nº 4 — PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE — Edméia Arraes de Alencar
- Nº 5 — PATRONO — Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE — V a g a
- Nº 6 — PATRONO — Dr. Irineu Nogueira Pinho
OCUPANTE — Pe. Antônio Gomes Araujo
- Nº 7 — PATRONO — Barbosa de Freitas
OCUPANTE — Otacílio Anselmo e Silva
- Nº 8 — PATRONO — Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE — Dr. José Newton Alves de Sousa
- Nº 9 — PATRONO — Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE — Prof. Rubens Gondim Lóssio
- Nº 10 — PATRONO — Pe. Emidio Leite Cabral
OCUPANTE — Thomé Cabral dos Santos
- Nº 11 — PATRONO — Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE — Pedro Gomes de Matos
- Nº 12 — PATRONO — Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE — General Raimundo Teles Pinheiro
- Nº 13 — PATRONO — Dr. Otacilio Macedo
OCUPANTE — V a g a
- Nº 14 — PATRONO — Manoel Monteiro
OCUPANTE — F. S. Nascimento
- Nº 15 — PATRONO — Dr. Leandro Chaves Ratisbona
OCUPANTE — General Joaquim Pinheiro Monteiro
- Nº 16 — PATRONO — Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE — Aécio Feitosa
- Nº 17 — PATRONO — João Brigido dos Santos
OCUPANTE — Nertan Macedo
- Nº 18 — PATRONO — Raimundo de Monte Arraes
OCUPANTE — V a g a
- Nº 19 — PATRONO — José Alves de Figueiredo Filho
OCUPANTE — Mozart Soriano Aderaldo
- Nº 20 — PATRONO — Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE — V a g a

SECÇÃO DE CIÊNCIAS

- Nº 1 — PATRONO — Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE — Dr. Napoleão Tavares Neves

Mais uma etapa vencida

Com a circulação do presente número de ITAYTERA — o vigésimo quarto de uma série consecutiva — atinge o Instituto Cultural do Cariri mais um expressivo marco de suas atividades. É mais uma etapa vencida.

ITAYTERA não circulou desde o primeiro ano de funcionamento do ICC.

Dai o ICC completar, neste ano, 27 anos de existência, ao passo que somente no próximo ano a sua publicação oficial vai completar jubileu de prata

Por oportuno, é bom que esclareçamos aos nossos leitores que a Revista continúa bem recebida e muito elogiada, nos principais centros culturais do País e enaltecida por figuras de prôa da intelectualidade brasileira.

O sacrifício que o ICC faz para mante-la é algo que causa admiração.

Com a alta vertiginosa do papel e dos serviços de impressão, que fez triplicar, em apenas um ano, a despesa da publicação, a resistência da ITAYTERA é mesmo de causar espécie.

Para tanto, precisámos recorrer aos prestimosos amigos e colaboradores do comércio, em nos concedendo anúncios de suas empresas, para ajudar na despesa de publicação.

Sabemos que não é usual, em revistas culturais, a utilização de propaganda comercial, mas a isso fomos obrigados, pela despesa altíssima do material. Recebemos críticas construtivas, neste sentido. Aí está a explicação.

A publicação de sonetos e poemas em nossa Revista também mereceu reparos de alguns críticos. Mas como ITAYTERA é a única revista de cultura, da região, de grande porte, não seria justo marginalizarmos os poetas regionais, que geralmente não encontram guarida em outras publicações, para as suas produções. Não seria licito essa marginalização, quando o ICC se propõe valorizar, difundir e estimular todas as Artes.

Além do mais, a poesia que abrigamos é de excelente qualidade.

ITAYTERA viveu alguns anos sem depender das verbas ordinárias atribuídas ao ICC. Este ano, devido à alta, precisámos tirar um pouco da nossa verba, para ajudar a publicação. Lamentavelmente, isso poderá refletir nas nossas realizações. Mas fomos forçados a tal.

No mais, eis aí ITAYTERA em novo número, mostrando, principalmente, que a nossa disposição continua a mesma. E mesmo o nosso propósito.

I. C. C.

presta contas de suas atividades em 1979

EXMO. SENHOR MINISTRO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
BRASÍLIA — D. F.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI deu cabal desempenho, no ano que passou, às atividades previstas em seus Estatutos.

O funcionamento da instituição foi normal, com atendimento ao público, na sua Biblioteca, pela manhã e à tarde, com duas funcionárias cedidas pela Municipalidade cratense, colocadas à nossa disposição, sem ônus para a entidade.

Procurámos seguir na íntegra nossos objetivos.

Procurámos divulgar, amparar e estimular as atividades criadoras e de pesquisa histórica na nossa área de atuação.

O ICC participou do 1º FESTIVAL DE POESIA DO BAIRRO DO SEMINÁRIO, em Crato, realizado no período de 8 e 9 de Junho de 1979, em que foram revelados valores populares da nossa poesia. Nossa entidade ofereceu 2 prêmios no aludido Festival.

No período junino o ICC patrocinou um desfile de quadrilhas juninas pelas ruas da cidade, evocando as nossas melhores tradições nesse sentido.

Prestámos significativa homenagem ao sesquicentenário de nascimento do Escritor JOSÉ DE ALENCAR, em Maio, quando várias palestras foram pronunciadas pelas emissoras locais, a respeito da vida e da obra do imortal criador de IRACEMA.

Em 20 de Maio reverenciámos a memória do primeiro Presidente do ICC, Dr. Irineu Nogueira Pinheiro, ao ensejo dos 25 anos de seu falecimento, naquele dia.

Durante o ano a Biblioteca do ICC foi enriquecida com dezenas de doações e aquisições de livros e periódicos.

Realizámos em Julho, na festa da Exposição do Crato, uma exposição educativa de selos, que foi bastante visitada.

Em agosto fizemos a realização do 3º Festival Regional de Folclore, como sempre, coroado de êxito.

As comemorações dos 26 anos do Instituto tiveram lugar no mês de Outubro.

Elas constaram do seguinte programa :

Dia 18 — Exposições de Cordeis, no Calçadão da Rua José de Alencar.

A noite desse dia, inauguração oficial da Biblioteca ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE, do nosso Instituto, com aposição de placa, corte de fita e entrega de toda a Biblioteca catalogada, ao povo. Vários oradores usaram da palavra.

No dia 19.10.79, na Faculdade de Filosofia, lançamento do livro "Antologia da Literatura de Cordel", 1º volume; Lançamento dos CADERNOS DE CULTURA. Exibição do filme REIS DO CARIRI, sobre os principais folcloristas regionais. Exibição de audio-visuais sobre o Artesanato do Cariri.

No dia 20.10.79 tivemos, ainda na Filosofia, mesa redonda sobre aspectos da literatura de cordel, presidida pelo folclorista José Carlos, e nova exibição do filme REIS DO CARIRI.

Para essa promoção tivemos a valiosa cobertura do Centro de Referência Cultural do Estado do Ceará e da Secretaria de Cultura do Estado, que mandou filmes, livros e conferencistas. Programa anexo.

Mantivemos o nosso tradicional intercâmbio com entidades congêneres, notadamente com o Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras e outras instituições.

Participamos do movimento para criação do Instituto de Genealogia do Cariri.

Solicitámos ao governo do Estado doar bolsas de estudos para universitários da região fazerem pesquisas em antiga documentação regional, nos cartórios e igrejas.

Participámos do lançamento do livro CANTE LA QUE CANTO CÁ, de Patativa do Assaré, e do seu LP de poesias populares.

A Biblioteca recebeu, como sempre, muitos estudantes, o ano todo, à busca de informações e de pesquisas diversas.

O Instituto, como vem fazendo ininterruptamente há mais de 20 anos, lançou o número 23 da revista ITAYTERA, seu órgão informativo, com mais de 200 páginas e inumeráveis colaborações de pesquisa e documentação, da mais alta valia, que a cada ano exige maior cota de sacrificio dado o encarecimento do setor editorial.

A presença do ICC tem sido sempre solicitada em todas as oportunidades, e a nossa maior vitória foi a assinatura de uma Lei Municipal nº 1086, de 30 de Novembro de 1979, pelo Prefeito Ariovaldo Carvalho, que doou ao Instituto uma área de terras para edificação de suas futuras instalações, unanimemente aprovada pela Câmara, o que dá uma ideia do conceito de que goza a nossa entidade.

Publicámos, ainda, uma separata, intitulada O DIREITO DAS SUCESSÕES, um fundamentado estudo sobre a matéria, de autoria do nosso consócio, o prestigioso advogado Luiz de Borba Maranhão. Publicámos, também, outra separata: SILVIO JULIO, ROTEIRO DE UM POLÍGRAFO ATRAVÉS DA IMPRENSA, de Francisco de Vasconcellos.

Por todos esses motivos, Senhor Ministro, o Instituto julga haver cumprido bem suas finalidades, no ano que passou.

Solicita, por oportuno, que V. Excia. libere e mande pagar a subvenção de 1980, que lhe foi destinada por cotas de parlamentares da região, para darmos continuidade à nossa programação.

Respeitosamente,

João Lindemberg de Aquino

Presidente

I. C. C. comemorou 26 anos de existência

Uma rica e variada programação assinalou, em Outubro de 1979, os 26 anos de funcionamento do Instituto Cultural do Cariri, contando com a colaboração do Centro de Referência Cultural do Estado, da Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará, a Faculdade de Filosofia do Crato, a Fundação Pe. Ibiapina e o Grupo de Artes do Crato.

No dia 18.10.79, à tarde e à noite houve, no calçadão da Rua José Carvalho, exposição de literatura de cordel, com notas explicativas, para o povo, sobre esse setor da cultura popular. Na noite desse dia foi solenemente inaugurada a Biblioteca do ICC, com quase 5 mil volumes, inteiramente catalogada em termos técnicos. Recebeu o nome de Biblioteca Antônio de Alencar Araripe. Na sede social ocorreu a solenidade, discursando o Dr. Jéfferson Albuquerque, Presidente, sobre os motivos da homenagem e saudando o Dr. Araripe, que agradeceu, comovido, exaltando a obra do ICC.

Dezenas de figuras da nossa sociedade estiveram presentes. Ocorreu, depois, um coquetel.

A programação teve sequência no dia seguinte com o lançamento, no auditório da Fundação Pe. Ibiapina, dos CADERNOS DE CULTURA, do Estado e do Livro ANTOLOGIA DA LITERATURA DE CORDEL, palavras do Vice Presidente J. Lindemberg de Aquino, que presidiu a solenidade, e palestra do Dr. José Carlos Bezerra de Matos, da Secretaria de Cultura. Houve exibição do filme os Reis do Cariri (grupos folclóricos) e slides.

No outro dia, no auditório da Faculdade de Filosofia, ocorreu mesa redonda sobre Aspectos da Literatura de Cordel, tomando parte José Carlos Bezerra de Matos e Maria Silva Porto Alegre, do CERES-Secretaria de Cultura, Eloi Teles, Presidente do Clube do Amigos do Folclore, departamento do ICC, professores da Filosofia, alunos, intelectuais e poetas populares.

Dois livros de José Newton Alves de Sousa

Na Faculdade de Filosofia do Crato ocorreu o lançamento de novas publicações do escritor e professor José Newton Alves de Sousa, nosso conterrâneo, hoje da Universidade Católica de Salvador. Foram os Livros PRO UNIVERSITA e IDEÁRIO PEDAGÓGICO, reunindo apreciados trabalhos, discursos, teses e moções do notável educador. Foi sessão bastante concorrida, na qual o ICC se fez presente, pelo seu Presidente, tomando parte à mesa.

Thomaz Osterne de Alencar S. A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

RÁDIOS

RÁDIOFONES

TELEVISORES

MÓVEIS

MATERIAL ELÉTRICO

M A T R I Z :

Rua Dr. João Pessoa Nº 393 / 419

Telefone: 521.1304

F I L I A L :

Rua Bárbara de Alencar Nº 796

Teleg. : O S T E R N

Cx. Postal, 16

Telefone: 521.1022

C R A T O

—

C E A R A

EXPORTADORA CRATENSE

Antônio Alves de Moraes Junior S. A.

Saúda a Intelectualidade Caririense,
ao ensejo da circulação de
mais um número de "ITAYTERA"

Telefone: 521.0001

AVENIDA PADRE CÍCERO

CRATO

—

CEARÁ

JOÃO BRÍGIDO

1. Prendem-me a João Brígido, o intemerato jornalista do "Araripe" e do "Unitário", laços de família e de profunda admiração.

O fato de termos ascendente comum está claramente indicado nas declarações de última vontade feitas em cartório do Icó, a 12 de junho de 1882, e divulgadas através do "Unitário" de 18/6/1967, por seu avô paterno Manoel Brígido dos Santos, que nomeia segundo testamenteiro ao avô materno de meu pai, de José Joaquim da Silva Lôbo, ali qualificado de "cunhado, compadre e amigo", com quem o testador tinha "contas de haver e dever" a serem feitas, atendendo a "lisura e verdade", que o mesmo "tem sempre mostrado. Ao nome do testamenteiro em apreço por duas vêzes alude o precitado diário fortalezense. Realmente, no mesmo se lê :

"Existiu no Icó, nos últimos dias da Independência, à rua das Almas, uma família de mulheres livres conhecidas por Caranhas. Ali reuniam-se os corcundas exaltados, partidários da realeza, e num dia resolveram matar o Carapuça, formando-se um bando armado que partiu para a casa de Dona Isabel, viúva de Manoel Brígido dos Santos, onde Carapuça (cunhado dela) se achava. Por êsse apelido era conhecido o negociante, caído em insolvência, José Joaquim da Silva Lôbo, que morreu depois de 1846".

"José Joaquim da Silva Lôbo, a quem se refere a testemunha Acioly, era oriundo do Assu, família Câmara Cabral. Negociou e faliu no Icó, sofrendo execução por parte de José Maria da Silva Guimarães, da praça de Pernambuco, e, pronunciando-se pela revolução, escapou de ser vítima de sua falácia excessiva. Um bando de cabras "carcundas", que se reuniam em casa de uma mulher pública de nome Caranhas, espécie de Fúrias da guilhotina, lhe invadiram a casa, para o matar. Logrou escapar, fugindo para o Rio Grande do Norte. Veio, depois para esta Capital, conseguindo obter as graças dos senhores do dia e fazer-se nomear tabelião de Quixeramobim, onde faleceu. Foi avô materno do Tenente Coronel Pedro Jaime de Alencar Araripe".

Do livro "Ceará — Homens e Fatos", de João Brígido, constam, tanto a indicação de "o tabelião Lôbo" haver residido na cidade onde exercia seus officios, em casa situada em frente à matriz, como o Auto de Perguntas feitas, a 14/3/1834, ao réu prêso Estevão José da Gama, no concistório da matriz da Vila de Campo Maior, cabeça da Nova Comarca de Quixeramobim, onde se reunia o Conselho de Jurados, e a Certidão de que as 5 horas da tarde dito réu foi fusilado "no meio desta Vila", por não haver fôrça, e de que, antes de ser justicado correu algumas ruas acompanhado do Juiz de Direito, da tropa, etc. . . , sendo êsses dois atos do processo lavrados e subscritos pelo Escrivão do Crime, José Joaquim da Silva Lôbo.

A carta, linhas abaixo transcrita, datada de "Ceará", 18 de janeiro

de 1881, que João Brígido dirigiu a meu pai, então no exercício do notariado público em Pereiro, a propósito do falecimento de sua primeira esposa e prima, Matildes Umbelina de Araripe Sucupira, evidencia os estreitos vínculos, inclusive de parentesco espiritual, que os ligavam: "Compadre";

Por mim e por todos de minha casa venho trazer-lhe os nossos pêsames pela morte de minha boa comadre, e sua mulher, cuja memória nos é tão grata. Corria há dias uma noticia vaga dêsse acontecimento, quando tive cartas de diversos comunicando-o. Aqui produziu sentimento geral. São cousas estas irremediáveis e o que cumpre é armar-se V. de toda força, não para reparar o golpe que é impossível, mas para atenuar-lhe os efeitos. Não se achava V. com o espirito capaz de nenhum outro assunto, senão o objeto de sua mágua, para eu lhe falar de outras cousas. Assim quando puder leia o que disse aos nossos amigos Thomás, Vigário, Ciriaco, etc. Sôbre a eleição última daí, que desgostou na Capital a gregos e troianos, ou antes, teve a má sorte de não agradar a ninguém. Por que o sr. Ovídio não deu tudo aos... (ilegível)? Lhe escreverei com mais vagar. Esta tenha como feita igualmente por sua comadre e as meninas, que todas lhe enviam seus pêsames. Am.º e comp.

J. Brígido

2. João Brígido é personalidade de perene projeção na história do Ceará, conforme se deduz percorrendo-lhe as páginas referentes ao período em que, no Cariri e em Fortaleza, desenvolveu suas múltiplas e marcantes atividades.

A inteligência fóra do comum, o profundo conhecimento, tanto da crônica da Província, como dos seus mais graves e palpitantes problemas políticos, sociais e econômicos, o espirito púbico com que se empenhou seriamente no estudo e solução dos mesmos, a galharda bravura, "o peito inflado aos escarcéus que cresciam" durante mais de sessenta anos, tudo indica quanto foi intensa e construtiva sua longa e agitada existência.

Demócrito Rocha ao registrar a passagem do centenário, de seu nascimento, lhe reconhece o título de maior jornalista do Norte, e o consagra como inteligência das mais claras de seu tempo", "repositório inexaurível de abastados conhecimentos e arguto psicólogo".

Lafaiete, o exímio juriconsulto mineiro, que esteve à frente do governo do Ceará no regime imperial, apoiou-se em artigo escrito por João Brígido, inserto em "O ARARIPE", de Crato, e desenvolvido em posterior exposição organizada para atender à exigência oficial, de elaborar providências postas em vigor a propósito da tributação estadual. Os serviços por essa forma então prestados à administração pública foram compensados com sua nomeação para integrar o corpo docente do Liceu de Fortaleza, e valeram-lhe também, a afirmativa feita, em outra oportunidade, pelo precitado governante, de não ter conhecido quem detivesse mais lúcida inteligência.

Na autobiografia publicada a 3 de dezembro de 1899, quando comemorava os 70 anos de existência, confessa João Brígido ter nascido a 3/12/1829, na vila de S. João da Barra, então pertencente à província do Espírito Santo, e que depois passou à jurisdição fluminense.

O fato de seus pais não terem residência efetiva, e sim transitória, na terra capichaba, e de proceder do Ceará, onde, após dois anos de nascido, se fixou definitivamente, e habitava sua vultosa parentela, espalhada pelos sertões do Icó e do Cariri, confere-lhe como a qualquer filho da gléba alencarina, com muita honra para a mesma, a condição de legítimo cearense.

Os serviços relevantes que prestou à terra natal êsse ilustre filho adotivo, tão marcado pelo vigor do pensamento e larga capacidade de ação, elevam-no merecidamente à categoria de um dos nossos mais representativos homens vindos da segunda parte do século anterior para a primeira República.

Jovem ainda, ingressou no magistério primário, e, em seguida, já aos 25 anos, 7 meses e 4 dias de idade, fundou, em Crato, o primeiro jornal a ser editado no sul do Estado. "O ARARIPE", mantido durante uma década.

Tratava-se de um jornal justamente, apontado como "lutador magnífico pelo progresso e pela gradeza da região em que floreceu, como provam suas campanhas em favor da criação da Província do Cariri, da intensificação da cultura agrícola, da construção de boas estradas de rodagem, da defesa da saúde pública, suas divulgações de estudos a respeito dos homens e dos episódios do Cariri, de documentos de notável interesse histórico, inclusive de atas da Câmara Municipal de Crato e de outros papéis concernentes a vida religiosa e civil daquele setor do Estado".

O reputado historiógrafo Irineu Pinheiro, depois de dar seu testemunho a respeito do alto merecimento do jornal redatoriado por João Brígido, por êle citado como "homem inteligentíssimo", adianta ser "um periódico de pequeno formato, e muito reduzida vulgarização, mas hoje de leitura necessária a quem se interessar pelo Cariri de há cem anos atrás".

João Brígido foi, a um só tempo e com excepcional destaque, jornalista, historiador, advogado e político. Seu perfil grandioso resplandece no exercício de qualquer um desses ramos de atividades.

A sua presença nos prélios da imprensa afirma-se, sobretudo, através das páginas do semanário "O Araripe" e do "Unitário", trincheiras em que firmemente se acastelou, durante décadas, para a sustentação de seus grandes ideais.

No pôsto de lutas, ocupado durante mais de meio século, êle resistiu bravamente ao imperativo da fôrça, enfrentou, impávido, brutais ataques à sua pessoa e os percalços e invectivas aos seus jornais.

A fertilidade dos recursos, a vivacidade da frase, a associação das idéias, a riqueza das reminiscências, a concisão límpida e perfeita da expressão, aliadas a um conhecimento exato de tôdas as nossas grandes questões, uma elevação de Ideal político, a faculdade de identificar-se com o povo e de pensar por êle, uma independência de espírito e uma incorruptibilidade no meio de tôdas as solicitações em contrário, fizeram de João Brígido, como já se disse a respeito de Joaquim Serra, um pensador social e um caráter público.

Entre as inúmeras e famosas produções intelectuais do diretor do "Unitário", definidoras da sua cultura e talento invulgares, costumam-se tirar à sorte, sem maior detença, a introdução do livro "Ceará — Lado

Cômico", e os artigos intitutados: "O Tecto", "O Ferreiro da Maldição", "Meu Tempo", "Treze de Maio", "Qui scit mori nescit cogi", "Paz, Pau... Pão", etc.

Ninguém discrepa da afirmativa de ser um dos mais profundos conhecedores dos homens e dos acontecimentos do Ceará. Capistrano de Abreu apontou-o como "superior em intuição" a todos os nossos historiadores da primeira geração.

As biografias que escreveu do Dr. Marcos Antônio de Macêdo, do conselheiro Tristão de Alencar Araripe e do Almirante Alexandrino de Alencar (Unitário, ns. 938/939,705 de 26/4/1906) atestam seu já registrado gosto de fixar no papel as impressões sobre a vida dos seus contemporâneos e os fatos em que se envolveram.

Quanto ao primeiro, salienta ser "um homem dos mais notáveis do Ceará", que se nêle não nasceu, porque então o pai se achava excursionando pelo Piauí, aqui tinha seus antepassados e sempre residiu. Magistrado, Governador, Deputado Geral, deixou fama como naturalista, a quem se devem preciosos estudos da flora e do solo do Cariri. Colaborou no grande Dicionário de Larousse e teve seus trabalhos científicos relacionados por Sacramento Blake.

O conselheiro Tristão de Alencar Araripe — Juiz de direito, desembargador, 1º Presidente do Tribunal da Relação de S. Paulo, Presidente da Assembléia Legislativa do Ceará, e dos Estados do Rio Grande do Sul e do Pará, Deputado Geral em duas legislaturas, Ministro da Fazenda, no govêrno do marechal Deodoro, e do Supremo Tribunal Federal — aponta como "um dos cearenses que fazem honra aos seus coévos", jurisconsulto e primeiro a organizar um elenco "de muito valor" de história peculiar à sua terra natal.

Depois de atribuir-lhe a produção de "trabalhos inúmeros e de merecimento incontestável" e de considerá-lo "nascido para lutar, soldado da causa humana", assim lhe define o aspecto físico: "uma figura simpática, com um timbre de voz que lhe cantava o afeto dos ouvintes, um riso sempre nos lábios, sem perda da sua gravidade habitual". Ao entrar para o Senado, representando o Estado do Amazonas, em 1906, o Almirante Alexandrino Farias de Alencar, que pertence ao patrimônio do Ceará, "pelas suas tradições e alinhamento de família", foi objeto de uma completa demonstração da veracidade dessa assertiva histórica feita pelo editorialista do "Unitário", que se serviu da oportunidade para destacar a progênie ilustre das irmãs Bárbara e Inácia de Alencar, constituída de homens "materialmente valentes, quase sempre e civicamente algumas vêzes, vigorosos, inteligentes e prestadios".

A ação de João Brígido na imprensa foi consagrada, em sua maior parte, às lutas políticas. Liberal no Império, aliado, no começo da República, ao comendador Acioly e, depois, tenaz combatente da administração dêsse e de outros governantes, assinalou-se sempre por firme espírito de luta, capacidade de resistir aos poderosos, ânimo de combate sem trêguas e meias medidas aos antagonistas.

Alvejado constantemente por advesários, tantas vêzes impiedosos, com insultos, calúnias, injúrias e ditérios de toda a sorte — quando não raro, acentua provento cronista, os jornais assemelhavam-se a verdadeiros pasquins e eram contante repertório de verrinas — repelia as agressões vergastando-as no mesmo ou mais cadente diapasão.

Dêle dizer se pode o que a respeito de Joaquim Serra e Francisco Otaviano afirmou Salvador de Mendonça : era entre os jornalistas de seu tempo um dos que melhor empunhavam o florete penetrante, capaz de bordar na pele do adversário um estigma de morte.

Para se ter uma idéia da maneira pela qual cosmava enfrentar desabusados agressores, relembro os termos da seguinte divulgação, inserta em seu diário :

AOS DOIS BILTRES

"Com as imunidades figuradas de deputados, que absolutamente não são, alguns biltres apanhados nas tabernas e curtidos no calote estão a vomitar injúrias mil contra mim na imprensa e na tribuna. É um expediente de que se socorrem para me fazer abandonar o pôsto que assumi na defesa dos oprimidos.

Debalde se cansam, a minha reputação está firme; hei de prosseguir e não será conhecido desde o norte ao sul do Brasil, nem o seu porta-voz, que me farão dobrar o passo. O último, mais inteligente e mais culto, sucumbe aos vícios que tem contraído, o outro, bruto, quase analfabeto, cede ao impulso do mau sangue que lhe circula nas veias, e o seu tanto ao alcool, com que aquece os miolos.

Ninguém poderá depôr-me do que sou e tenho sido e êles próprios têm confessado em documentos que estão na minha gaveta, os quais deixo de publicar porque tal gente tanto prova dizendo mal como dizendo bem. Vão bebendo e continuem. J. Brígido".

Vejamos outras passagens interessantes dos acesos debates em que constantemente se envolvia. Acutilado por certo foliculário local, que o procurava deprimir com alusões maliciosas à sua côr trigueira e à inexpressividade de sua linhagem de família, respondeu-lhe ser neto de Manoel Brígido dos Santos, condecorado com duas medalhas do tempo, filho de um português e de uma senhora da família Barata, da Bahia, de onde provieram Cipriano de Almeida Barata, dois Senadores, um Ministro, Deputados, Presidentes de Província, etc., e que foi pai de três advogados, de muita competência, de um pároco, de dois Deputados à Assembléia Geral, um dêles membro do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Depois de Registrar o fato de a essa "raça" pertenceram ou se terem aliado quatro Capitães e quatro Tenentes do Exército, e de ser neto, por via materna, de um mineiro casado na família Leite, de S. Paulo, o qual possui tôdas as terras desde o Córrego dos Índios, município de Cantagalo, até Meia Laranja, município de Madalena, quase seis léguas, interroga :

"Que homem já produziu a raça de I... quantos a raça de seu amo, em cujas veias circula dose maior de campêche, de piche e de pucumã?"

De certo contendor político, por êle apelidado de Quaresma maranhense, e a quem lançou os epítetos de "impostor pedante e semvergonha", velho "pelintra, pachola e coisas mais feias", "cupido de mau cheiro e publicista remendão", apregõa ser grande a dificuldade, quando êle se findar, porquanto no Inferno o diabo não o quererá, pois

ai tem a sua família, no Céu, S. Pedro o há de empurar para fóra, embora os rogativos de São Lázaro, protetor dos cachorros, e no Purgatório não o hão de admitir, porque os seus pecados não vieram da alma, que não tem, mas sim dá carne, que os tapurús já consumiram: resta-lhe "ir ao limbo, onde se prendem os esquecidos".

Tendo sido o principal mentor do movimento que afinal conseguiu destronar o oligarquia aciolina, nem por isso deixou de investir com veemência contra alguns dos seus maiores beneficiários, que, logo após ter sido apeada do poder, recriminavam-no abertamente. O artigo "Tempora Si Fuerint nubila..." noticia a "crudelíssima e feroz" investida contra o Comendador Acioly, uma "vilania assassina que fêre para fazer esquecer a grandeza dos benefícios, cometida por quem" quando todo o Ceará estivesse a fazer de Caraibas apudreando o sol que se pôs, poderia vestir uma lágrima em silêncio, nunca, porém, para proferir injúrias e expender calúnias sugeridas por terceiros, que nunca o enxergaram no período da sua juventude provida por seu pai, que esmolava nos paços do tetrarca, esgotando de lisonja até o polmen da taça".

Prossequindo nessa linguagem contudente, adianta que "se a natureza transmite durante séculos, de geração em geração, o mesmo caráter dos pais", tanto o do tal agressor, "bajulador tão achatado, por demais insistente, habituado a ganhar favores para sua família e dinheiro para caucionamento dela contra a miséria" como seus avós, seriam capazes de comenter o mesmo papel degradante.

Em 1916, ao se cogitar do problema da sucessão presidencial do Estado, João Brígido o debate em artigo intitulado "Latet Anguis In Herbis", no qual se refere a candidato "sem dote algum para a vida pública", elevado ao parlamento "quase sem saber ler e escrever", e que "trair e protraír" foi o que sempre fêz "com desusada sabedoria e dextriedade". Adverte, então, o Ceará, sôbre o perigo da eleição de tal pretendente, que, se conseguir galgar o poder, pela regra "Mateus primeiro os teus", "sempre observada no Estado por quem o governou, teremos uma oligarquia mais numerosa e pesada que quantas padecemos até hoje", devido aos seus imensos vínculos de família abrangendo os Castros, Barbosas, Gondins, Barrosos, Uchôas, Capelas, Salgados, Correia Lima, Fonseca, Barbosa Lima, Leite Barbosa e Maia.

Não se contam os trechos mordazes e ferinos, com que eram atingidos os desafetos do diretor do "Unitário". Abro espaço para reproduzir alguns, que tenho à mão:

FIRMA POLÍTICA: "Desde 1852 deixámos de ter firmas políticas. Naquele tempo, existiu a de Batista, Bastos, Irmãos, Primos & Cia., com sede em Saboeiro, combatendo o Visconde do Icó na séria questão de ficar em Saboeiro ou em São Mateus a sede da Freguesia. Agora temos Franco, Carnaúba & Cia. Os dois primeiros sócios são solidários, sendo Companhia o sr. José Artur, sócio capitalista em comandita, menos em comércio de gados para embarque em Camocim".

QUIA SUM LEO: "Telegrama do Rio diz que o sr. Thomás Cavalcanti, general da operêta de madame Angout, antigo chefe da Cooperativa Militar e agora do triunvirato — "Tui me me", Sá e primo Frederico, sustenta o judicioso alvitre de como devem caber aos marrêtas e a aciologistas 24 deputados estaduais e aos rabelistas apenas 6, ou

meia dúzia. Não assusta a opinião ditada por cérebro tão rico de sêbo e pobre de miolos. Deus te guie, exaltação!"

JÁ CHEGOU A HORA: "O sr. Thomás Cavalcanti deve estar desapontado. Chegou a vez de cada um atirar-lhe a sua pedra. Já nos diz a imprensa do Rio ter tartamudeado ir deixar a política. Os beatos do cristianismo barato começam a investí-lo também, cobrando o silêncio que guardavam. Já houve quem o tachasse de ateu, deísta, de admitir a divindade, mas contestar a divindade. Isto assim de mistura é para azoar um homem, pois que, se Thomás é ateu, como ser deísta, acreditando em Deus? O homem já está velho, e é chegado o tempo de ser infeiz. Está provado ser mui verdade o que Carlos V dizia, após a sua abdicação — a fortuna é como as demais mulheres: deixa os velhos para se apegar aos moços — e o que disse Luiz XIV ao velho marechal Villeroi — console-se, marechal, não se é mais feliz na nossa idade".

MUITO INFAME!: "Sob esta epígrafe escreve não conhecer homem" "mais infame, mais semvergonha", na história política do Ceará, do que certa autoridade policial, apontada como "miserável que já tinha feito papel tão feio no Alto Amazonas" e não possuía por si a justificativa de passar os dias inteiros bebendo cognac, às garrafas, como seu amo, Marcos Franco".

ERA O QUE FALTAVA: . . . "a política do Ceará não passa de um saco de gatos, que se estão azunhando. Agora, temos o que faltava e vem a ser um quarto partido, envergando sotainas e tendo, como séquito único, alguns católicos, que gatólicos mais parecem. Um púlpito, desdobrado em imprensa, já não badala pela fé, como outrora, mas por um profano ideal, que tem bôlsa de algibeira, à guisa dos partidos leigos, acercando-se do Tesouro. O órgão de imprensa do mistifório partidário já abriu campanha e convocou, em nome de Deus, os eleitores para os candidatos que, em verdade, devem ser menos de Deus que do Diabo, que lhes entrou na péle".

Há escritor cearense, com quem muito se desaviera, e cujo "fato literário" afirma ser o mesmo dos ruminantes, pois "consta de muitas folhas, que as fateiras se cansam de abrir" se dirige anunciando ser o cisqueiro biblioteca abarrotada de livros iguais aos seus.

Cumpre-me, observar, enfim, que o grande periodista em apreço costumava versar os problemas políticos e sociais agitados em seu tempo com tal segurança e profundidade de raciocínios, que hoje, vencido muito mais de meio século, muitos dos conceitos por êle emitidos ainda encontram plena ressonância nos meios culturais do país.

Aí se acha, por exemplo, o seu editorial epigrafado "Pau, paz. . . pão", a respeito das habituais manifestações de liberdade sem responsabilidade, que continuam a pertubar a nossa vida pública.

Vendo a "desenvoltura das massas populares" envolvidas com excessos na política republicana, e o fato da "revolta erguer o colo e tôda disciplina desaparecer" porque por tôda a parte germina "a falsa idéia do que se faz indispensável ao lar, percebe a formação de uma quadra igual à dos dias da nossa nacionalização, ao exarar as seguintes e judiciosas observações:

"Não quiséramos o govêrno do arrôcho, que existiu outrora, e foi um como estado permanente dos tempos coloniais, mas condenamos

a prática de se estar invocando todo dia garantias da Constituição para reprimir a anarquia que se vai tornando hábito, fundando uma moral, que desconhece a protervia e o crime.

É preciso que, para anormalidades semelhantes, se recorra à regra homeopática do — SIMILIA SIMILIBUS CURANTUR. Para os que não respeitam os preceitos da nossa Constituição, em se tratando de propriedade, honra e vida dos seus semelhantes, já tivemos o presidente Senador Alencar, que costumava dizer: Constituição não se fez para canalha. Segundo este preceito da sua lógica, pacificou a antiga província, que encontrava talada de malfeitores. Um sábio inglês dizia: "Deus nos livre de reformas que venham da canalha". É mister que haja pau, para dar-se paz e nesta haver pão suficiente para a população, pois que há sempre mingua de trabalho onde se briga, e de pão é que vivemos. A miséria vai assoberbando e tende a constituir perigo para a sociedade, de modo que carecemos dum governo justo, é verdade, mas de mão de ferro. Nos tempos idos, a justiça dos atos do governo não era um acidente, mas o resultado de uma educação honesta e do culto prestado à lei e ao dever. Os governadores tinham seu quê de déspotas, mas não o eram senão grandes pensadores, que se convenceram de não haver paz sem pau e não haver pão sem paz".

Tomando por lema a frase de Bernard Palissy — "Qui scit mori, nescit cogi" — (quem sabe morrer não é coagido) o inimitado esgrimista do "Unitário", edição de 3/12/1913, revela-se mais uma vez, pensador emérito, ao dissertar sobre os estímulos encontrados no sofrimento pelos apóstolos das idéias "porque a natureza dota os proscritos de energia e resistências, que até então dormem ignoradas no fundo de cada ser".

As considerações no momento expendidas sobre esse aspecto da filosofia da existência humana não se podem omitir, pelo menos em parte, quando se tenta dar uma noção do extraordinário vigor da pena que as redigiu.

"A perseguição feita aos partidários de uma idéa nunca poderá abafar os harpejos ritmados da consciência, que pede luz, porque o martírio acrisola a têmpera das almas fortes. A ferrugem deteriora as lâminas das espadas quando não são utilizadas, ao passo que o uso constante torna o ferro luzidio. Se não fôra a perseguição desenvolvida contra os primeiros cristãos, que eram obrigados a celebrar as sessões do ritual ocultos no centro da terra, a idéa não tinha proliferado com tanta louçania e rapidez, fazendo resvalar coroas das cabeças dos déspotas e levantando os humildes que tinham sede de justiça. Se não fôra a insânia dos povos perseguidos, inumeráveis como os grãos de areia na praia, a ponto de açoitar o oceano para que abrandasse a fúria das suas ondas, os helenos não venceriam essa avalanche de inimigos que se despenhava impetuosa no solo grego. Ainda hoje, através tantos séculos, achamos uma certa doçura repassada de poesia, recordar as palavras gravadas nas cascas das árvores pelos patriotas gregos: — "Viandante, ide dizer que nós morremos para obedecer às suas leis". É ignorar a natureza humana abafar o tentamen dos operários da liberdade e da paz, porque o cordeiro aquça as unhas e se torna lóbo, e então nada resistirá a sua momentânea fúria. Sabemos que a brutalidade da força vence, mas não convence, e a verdadeira

vitória se alicerça na convicção e dedicação, e não no massacre dos adversários. Onde os ódios das facções políticas ou religiosas abrem um túmulo se deposita o resíduo de uma vingança, que mais cedo ou mais tarde virá à tona, fazendo vítimas. É neste ponto que se verifica com exatidão a palavra dos Evangelhos: — "Quem com ferro fere com êle será ferido". O rancor das vítimas contra seus algozes terá sempre algo de santo, porque representa a lembrança de uma ofensa, que deve ser indelevel como o benefício". "Queremos estar com aqueles que fazem da política não um meio de se locupletar, mas sim dos que sonham uma Pátria feliz, ao meio dêsses escombros e misérias. Seremos visionários, como o têm sido todos os grandes apóstolos de casas nobres, mas preferimos estar com uma utopia hoje, realidade amanhã, a acompanhar êste simulacro de democracia e liberdade, que temos entre nós".

5. — Como historiador não é dispiciendo o papel representado por João Brígido. Muito ao contrário, compete-lhe lugar de destaque, senão o primeiro, enfatizou a suprema autoridade nacional sôbre o assunto, entre os que melhor serviram às pesquisas iniciais e divulgações sôbre os fatos atinentes à história do Ceará.

Foi êle quem, desde 1859, já se consagrava ao trabalho de a respeito "coordenar fatos e alinhar personagens", e fazer publicações, através das páginas do "Araripe" e do "Diário de Pernambuco", com o intuito, conforme enuncia, de "elevar o Ceará no conceito da Nação, mostrando que nenhuma outra Província do Império tem antecedentes mais honrosos".

Ao admiti-lo, em 1862, quando ainda não passava de mero professor primário do interior, entre seus membros, o Instituto Histórico do Rio de Janeiro consagrou-lhe a reputação de pioneiro da crônica de nossa terra.

É oportuno salientar que ao despedir-se, pelas páginas do "Araripe", da população do Cariri, cujos interesses lhe "serão tão caros, como os próprios", seu diretor confessar ter escolhido aquela região "para minha terra", e que procurou "reabilitá-la das torpezas de alguns de seus filhos, fazendo-lhe a história gloriosa de seus feitos, dando-lhe direito às atenções do resto do Império".

João Brígido era filho de advogado, neto e sobrinho de notários públicos e causídicos de nomeada. Tinha, portanto, desde o bêrço, estreitas ligações familiares com lidadores do fóro, cujas pegadas seguiu, dos auditórios dos sertões do Icó, que classifica de "assento" de sua parentela até os do Cariri, onde se fixou durante quinze anos seguidos. Transferindo-se para Fortaleza, em 1865, nela chegou a figurar, não obstante lhe faltarem, como simples e expedito rábula, as laureas doutourais, entre os seus mais categorizados juristas.

O número e a importância das causas que patrocinou no fóro estadual, conforme registram os respectivos anais, atestam, sem dúvida, que em sua pessoa tínhamos, além de um grande vulto da imprensa e precioso cronista, eximio advogado.

6. — Sustenta Alberto Tôrres que a história institucional da República gravita em tórno das manobras, da astúcia e da força pela conquista e pela conservação do poder e pela obtenção de emprêgos e vantagens e de proveitos pessoais, ou, pelo menos, de caprichos e de verdade.

Não se arrola João Brígido no elenco dos que disputam o poder para servir-se dos proventos pessoais que possa proporcionar. Ao contrário, o que dêle se diz é que nunca, nunca mesmo, decaiu do conceito público por sabugice, venalidade, traição ou sacripantismo.

Lutando constantemente contra os detentores das graças oficiais, eximiu-se de cometer o mais grave e ominoso pecado atribuído, outrora, como atualmente, aos pro-homens das nossas greis políticas: a manutenção e o enriquecimento da clientela eleitoral e de familiares à custa dos recursos do erário público.

Que assim agiu, de certo inspirado no amor à Pátria e na devoção aos interesses da coletividade, tinha incontestável autoridade para proclamar, como o fez, no preindicado artigo de fundo: — "Queremos estar com aqueles que fazem da política não um meio de se locupletar, mas sim dos que sonham uma Pátria feliz, ao meio dêesses escombros e misérias".

Adverte consagrado observador da conjuntura nacional "existirem homens com uma consciência severa, inflexível, que êles não podem dobrar senão à custa de sofrimentos inevitáveis, e outros em que a consciência parece associada às necessidades e aos saldos da sua contabilidade, constringendo-se apenas com a defesa de causas que não rendem ou rendem pouco".

Alinha-se, claramente, o bravo diretor do "Unitário" entre os nossos raríssimos homens públicos que sobressaíram pela posse dessa "consciência severa, inflexível".

A política a que serviu com entusiasmo e dedicação desmedidas foi, sobretudo, a dos altos interesses do Ceará.

Na construção da nossa via férrea, encontramos-lo feito "o iniciador e agente principal" do respectivo contrato e o advogado e parlamentar vigilante que pleiteou e obteve o apoio do Imperador Pedro II para a marcha do empreendimento.

A construção das grandes barragens, cujos locais em primeira mão sugeriu, e do ambicionado e imprescindível pôrto de Fortaleza, constitui objeto de suas constantes e patrióticas preocupações, conforme se verifica dos diversos trabalhos que a respeito publicou.

Rememorando êsses aspectos do estrião da gloriosa vida de João Brígido, agora mesmo em especial destaque com a louvabilíssima e oportuna publicação da Antologia organizada pelo escritor Jâder de Carvalho, presto à sua fulgurante inteligência, assombrosa bravura e alto espírito público, esta modesta e sincera homenagem.

Alterações na Diretoria do I. C. C.

Em 18 de Outubro de 1979 o Presidente Jéfferson Albuquerque anunciou a sua intenção de renunciar à Presidência, para melhor desempenho de suas atividades particulares. Com efeito, dias depois mandou sua carta-renúncia. A Diretoria, reunida em 10 de Novembro, recebeu oficialmente a renúncia e empossou no cargo de Presidente o Vice-Presidente João Lindemberg de Aquino.

Vaga a Vice-Presidência, a Diretoria, novamente reunida, elegeu para o posto o sociólogo Plácido Cidade Nuvens.

O mandato da atual Diretoria se completa em Outubro próximo.

Dr. Emídio Macedo Lemos

ADVOGADO



Causas Cíveis, Criminais e Trabalhistas

O mais conceituado da Região do Cariri



Rua Evangelista Gonçalves

Telefones: 521.1617 e 521.1594

SÊDE FELIZ

É A SÊDE QUE SE MATA
COM OS FAMOSOS PRODUTOS

ANTARCTICA

REVENDEDORES EM CRATO:

Homem & Cabral

Telefone: 521.0509

Rua Nelson Alencar, 75

CRATO

—

CEARÁ

Pedidos de Festas Natalinas

Anualmente, em meados de dezembro, num dia qualquer antes do de Natal, pela manhã ou à tarde, com o Gutemberg, o Correio de Maceió, A Tribuna, o Jornal de Alagoas, o Correio da Tarde, o Semeador, o Jornal do Comércio, o Diário do Povo, a Gazeta de Alagoas, e os demais órgãos da imprensa alagoana, recebíamos um cartão, em papel colorido, com pedidos de festas em versos geralmente de pés quebrados, formulados por revisores, compositores, impressores, distribuidores e, também, pelos vendedores avulsos :

Seja leitor, assinante,
Redator ou anunciante,
Desse querido jornal!
Na maior festa do povo,
Da-lhes Deus Bom Ano Novo
E um esplendido Natal!

Nosso afan é incessante,
Em luta assaz fatigante
Enquanto dormes Senhor!
Por isso, ó tú que nos vês,
Só um brinde neste mês
Compensa o nosso labor!

Em 1945 o pedido foi formulado em inspiradas quadrinhas :

Felicidades no Natal,
Eu vos desejo, leitor,
Com puro amor fraternal
Na paz de Nosso Senhor.

Muito feliz é aquele,
Que a alguém dá bocado!
Ajudai ao que trabalha,
Tereis, de certo, BOM FADO!

Eis outro pedido algo tocante :

Quando no céu se percebe a aurora,
Tomo o meu caminho para trabalhar,
Implorando a Deus e à Nossa Senhora
Festas felizes para o vosso lar.

Será uma grande alegria
Que conservarei no meu coração,
Receber de Vossa Senhoria
Um as festas, como recordação.

Aproximando-se os brinquedos natalinos do ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1948, Adalberto Severino, esforçado distribuidor do matutino Diário do Povo., entregou, com o exemplar do jornal, a humilde solicitação que reproduzo :

Ao Jornaleiro solícito
Que traz o vosso jornal,
Proporcionai-lhe com risco (sic)
Um melhor e feliz Natal.

E desde já agradecido
Mando uma prece a Deus :
Pedindo-Lhe paz e alegria
Para os entes queridos seus.

Eraldo Barroso dos Santos é um simpático moço encarregado de distribuir O Semeador, único diário católico deste amado Brasil, e também se faz lembrado :

Por meu real (?) serviço,
Para bem da comunhão,
Peço aqui uma festinha
Pois que sois bom cidadão !

Como prova mui sincera,
Dos meus agradecimentos,
Vos desejo Boas festas,
Bons Anos e contentamento.

Foi por todos bem recebida a solicitação de Alvaro Vilela, da Gazeta de Alagoas, em versos simples :

Nestas quadrinhas modestas,
Sem arte e sem esplendor,
Desejamos Boas Festas
À Família e ao Senhor.

Para si a Deus pedimos,
Todo prazer, todo bem.
Para ver se conseguimos
As nossas festas também !

No ano seguinte, quando já estavam em ensaios bem animados as cheganças, os guerreiros, os pastoris, os quilombos, em Bebedouro, no Farol, no Poço, em Pajuçara, no Prado e no Jacintinho, lembrou-se João Antonio, dedicado auxiliar de O Semeador, que necessitava um terno novo para ele, além de um chapéu e de um sapato, para "torcer", no Pastoril próximo à sua residência, pelo azul ou pelo encarnado, pelo cravo ou pela rosa; e, passados os festejos natalinos, brincar, no próximo carnaval, acompanhando as escolas de samba "Jangadeiros Alagoanos" ou o "Unidos do Poço". Sem dinheiro, porém, pois o que ganhava mal dava para o triste e amargo, além de mal amassado, pão nosso de cada dia. Para comprar o que necessitava, mandou imprimir, em

cartão de papel cor de chumbo, tinta azul, versos, quadrinhas preparadas por um seu amigo, poeta d'água doce :

A quem pedimos um "bem",
Meu velho amigo do peito,
Vos desejamos, também,
Bom Ano farto e perfeito

Feliz, Feliz, quem da sua
Fortuna tira um bocado :
Quem ajuda ao pobre que atua
Auxilia bem ao seu Fado.

Mário Geraldo da Silva, cumpridor rigoroso de seus deveres, sonha, como todo mundo, gozar festas alegres e felizes. Ganha pouco, coitado ! Resolve entregar com o exemplar da Gazeta de Alagoas o seu atencioso pedido, impresso, com tinta preta, num cartão simples e verde — "Verde como a esperança mais formosa" :

Caro leitor e amigo,
Bem sabeis o meu labor,
Dai aqui uma festinha
Ao vosso distribuidor

Agradeço a oferta
E o gesto divinal,
Desejando Boas Festas
E um felicissimo Natal

Estamos em 1949. Ha dez anos passados, em 1º de setembro, invadindo a Polonia, Hitler mergulhara o mundo em sangue iniciando a segunda grande guerra. O novo encarregado de distribuir O Semeador é o Wilson Alves, lutando para ganhar a vida. Apela para a generosidade e o bom coração de todos os assinantes e anunciantes do jornal que é o porta voz da Igreja de Deus. É atendido e recebe algumas notas de papel moeda cada vez mais desvalorizado :

Natal, Natal de Jesus !
A todos nossos amigos,
Um largo abraço que é luz.

A todos nossos amigos,
Boas Festas de Natal,
Com largo abraço, que é luz,
Com um forte ardor fraternal.

Conhecendo a vossa nobreza,
Vosso coração leal,
Ansiosos esperamos
Vosso brinde de Natal

Benedito Marinho, responsável pela entrega de O Semeador no mesmo ano, solicita confiado :

Vos desejo nessas festas,
Que feliz ides gozar,
Toda sorte de conforto
Ao vosso ditoso lar.

Distribuo com esmero
Este antiquissimo (sic) jornal,
De vós também espero
Meu brinde de Natal.

Está a findar o ano de 1950. Na velha capital da Provincia que deu ao Brasil o grande Tavares Bostos, há animados preparativos das típicas brincadeiras para lembrar, uma vez mais, o nascimento do Santo Filho de Maria. Os preços dos gêneros estão muito altos, embora ha um lustro tenham silenciado os canhões e os reservistas, em casa, no meio da familia, queiram passar dias calmos e alegres. E acreditem, ingenuamente, que a inflação vá nos deixar. Os gráficos noturnos da Imprensa Oficial mandam imprimir duas quadrinhas num bonito cartão cor de areia das margens do Praty e do Reginaldo :

Quando as estrelas surgem a brilhar
Seguimos nosso caminho a trabalhar.
Implorando à nossa Senhora
Boas Festas para o vosso lar

É uma grande alegria
Que sentimos em Vossa Senhora
Ao receber de vosso coração
Uma simples recordação.

Manoel Eugênio, ativo, desembaraçado distribuidor da simpatica Gazeta de Alagoas, solicita nestes simples, despretenciosos versos :

Saio sêdo (sic) de manhã,
Com esta folha de jornal,
E hoje imploro a meu freguês
Uma resposta "legal" :
Se acaso for possível
Uma festinha de Natal.

Vão passando os anos. Durante cada um deles, nos 365 dias, lutam trabalham e se esforçam procurando servir à coletividade, a maioria dos que pouco têm e não ganham muito. Na última semana de novembro de 1954 os assinantes da Gazeta de Alagoas, já acostumados, recebem dos gráficos da mesma um bonito cartão branco, com dizeres impressos com tinta azul celeste :

Saber, cremos, alguns sabem,
Mas não sabemos quem há-de
Sentir fundo o nosso afã.
Trabalhamos sem dormir,
Para dar noticias, servir,
Ao leitor, toda a manhã

Esse labor não nos cansa,
E de fé, a segurança,
Que na data universal,
O amigo, homem de crença,
Nos dê boa recompensa,
Com um brinde de Natal.

No ano de 1955 volta Manoel Eugênio, sempre humilde e confiante, entregando cartão amarelo com letras cor de noqueira :

Toda sorte de conforto,
Eu venho lhe desejar
Para bons dias de festas
E felicíssimo Natal.

Distribuo, muito alegre,
Este querido jornal.
Na doce esperança, creio
De rico brinde de Natal.

Estamos em 1961, em fins de outubro e só se fala nas festas natalinas da Praça do Pirulito, no belo Pastoral da Catedral com sua antiquíssima lapinha organizada, no começo do século — ao que dizem — por Dom Antonio Brandão, nosso conterrâneo e primeiro Bispo da Diocese de Alagoas. Na residência do sr. Nelson Clarindo da Silva os meninos têm um único assunto : a próxima visita, ansiosamente esperada, do Papai Noel, com seu saco cheio de confeitos, latas de doce e brinquedos em profusão. Clarindo, disciplinado servidor de um matutino, formula o seu pedido de festas :

Distribuo, satisfeito,
Este estimado jornal.
Esperando receber
Rica dádiva no Natal.

Alegre e muito satisfeito,
Espero servir bem ao povo.
Desejando Boas Festas,
Alem de Feliz ano novo !

Foi este o último ou dos últimos pedidos de festas por mim recebido no terminar mais um ano de lutas terríveis e crescentes dificuldades. Gráficos, vendedores, compositores e distribuidores de jornais não mandaram mais imprimir cartões, pois o preço do papel sobe dia a dia, a tinta atingiu preços astronômicos, e não ha dinheiro que chegue. Os preços dos artigos necessários a quem ganha salário pequeno subiu tanto que, de certo, anda perto da Lua ou Marte. E a inflação, vitoriosa, ri de tudo e de todos. . .

Juro, convencido, que todos contribuíram para que, nos lares dos que trabalham nos jornais, as crianças tivessem calçados e roupas novas para a missa do galo, alem de brinquedos, doces e refrigerantes.

E, na santa noite comemorativa do nascimento de Jesus, a família, reunida em torno à mesa, elevando as mãos aos céus, cantasse

Glória a Deus nas alturas,

solicitando, ao mesmo tempo e com a mesma fé viva,

Paz, na terra, aos homens de boa vontade!

* * *

Este modesto trabalho foi escrito nos meados da década de 60, deste século sofrido e amargurado. O mundo não conseguira ainda curar as numerosas feridas devidas às pastas sinistras dos quatro cavaleiros do Apocalipse e dos respectivos auxiliares: fome, peste, morte e guerra.

Minha pequena coleção de cartões de pedidos de festas, muitos deles aqui transcritos, resolvi ofertar, como ofertei, ao museu folclórico da Universidade Federal de Alagoas, dirigido pelo renomado médico, cronista e escritor Dr. Théo Brandão.

As solicitações de festas natalinas, verbais, continuaram a ser feitas e as atendi, dentro das minhas pequenas possibilidades, atendendo ao carteiro, ao coletor de lixo, aos gráficos e demais auxiliares dos jornais. Devido à crise, chegada ao Brasil, em 1808, numa das naus da esquadra que nos trouxe, de Lisboa, a Rainha D. Maria 1.^a, seu Augusto Filho Dom João, Príncipe Regente, além de cerca de dois mil fidalgos e altos funcionários, todos tremulos, apavorados, com os sabres da cavalaria de Junot, aquele rude sargento executor das ordens de Napoleão, o corso odiado que julgava haver se apoderado do mundo, devido à crise não mais utilizaram cartões. Os pedidos eram verbais.

Imaginem o meu espanto quando, em fins de novembro de 1979, com o exemplar da Gazeta, recebi esta solicitação:

BOAS FESTAS

FELIZ ANO NOVO

1979

1980

Distribuo com alegria
Diariamente o seu jornal,
Na certeza de obter
Belo brinde de natal.

Sou dedicado jornalista
Só penso servir ao povo,
E lhe desejo Boas Festas
Além de um feliz Ano Novo!

Fiquei pensando e ousou indagar: será o pedido ora feito o último a me chegar às mãos?

Em Maceió, no Alto do Jacutinga primeiros dias de 1980

Felix Lima Júnior

MERCANTIL COMPRE BEM

Um mundo de utilidades, de presentes e de artigos para o lar. Preços sem competidores. O maior e melhor supermercado da cidade.



MERCANTIL COMPRE BEM

Eugênio Leite & Cia.

Rua Dr. João Pessoa, 360

Telefone: 521.0622

F. J. Pierre & Irmãos

Móveis, Eletrodomésticos, Utilidades para o Lar

- Os melhores preços da praça
- As melhores condições de pagamento
- Os melhores produtos do ramo

Rua Santos Dumont, 60

Telefone: 521.0014

CRATO

—

CEARÁ

Manoel Joaquim de Carvalho Júnior

APONTAMENTOS PARA FUTURO ESTUDO

NOTA — Esta publicação tem um só objetivo: chamar a atenção dos estudiosos para o pensamento filosófico de Manoel Joaquim de Carvalho Júnior, expresso em diversos livros já vindos a lume, mas que ainda não foram devidamente analisados e julgados entre nós.

A III Semana Internacional de Filosofia, que se realiza na própria cidade natal de Manoel Joaquim de Carvalho Júnior, afigurou-se-me oportunidade que, para aquele fim, não devia ser desaproveitada.

Já na edição de 14.03.1976 do semanário "Mensageiro", órgão da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, estampara eu, com igual propósito, um breve artigo, que aqui reproduzo, à guisa de introdução.

Salvador, julho de 1976

José Newton Alves de Sousa

À GUISA DE INTRODUÇÃO (*)

A próxima realização, nesta Cidade do Salvador, da III Semana Internacional de Filosofia, parece-me bom ensejo para um justo destaque.

Tenciono concluir, antes de julho vindouro, um breve trabalho sobre Manoel Joaquim de Carvalho Júnior.

Não se trata de estudo, em profundidade, da obra já relevante e dos marcantes traços pessoais desse autor, mas de uma simples tentativa de gizá-lhe o perfil e assinalar-lhe a força pensante e a autêntica vocação de filósofo.

Manoel Joaquim de Carvalho Júnior constitui um caso digno de apreciação, considerado o fato de ser ele um homem de comércio, do alto comércio e das altas finanças, mergulhado no mundo dos negócios, mundo absorvente e pragmático, e, ao mesmo tempo, um homem de pensamento, um homem do especulativo mais puro e das elucubrações intelectuais mais perquiridoras e abissais.

Soube-o também amante da música, a ponto de horas e horas por-se a ouvi-la, seleta e pura, e a saboreá-la, como por alimento do espírito.

Manoel Joaquim de Carvalho Júnior é, assim, um exemplo de procedimento polivivencial, com invulgar capacidade de integração de valores, de superação de barreiras entre o prático e o especulativo, e de admirável autodisciplina no trabalho.

(*) Sob o título "Manoel Joaquim de Carvalho Júnior", este artigo foi publicado, inicialmente, na edição de 14-03-1976, de "Mensageiro", Semanário da Arquidiocese de São Salvador da Bahia.

O mundo dos negócios o leva aos negócios do mundo. O mundo do pensamento o leva a pensar o ser.

Numa palavra, o mundo do ter e o mundo do ser são mundos que nele harmonicamente coexistem e convivem, e até certo ponto se completam, pois o primeiro lhe assegura meios sem os quais o segundo não seria cultivado nas condições em que o é, enquanto o segundo o compensa, regiadamente, dos limites do primeiro. O ter é intrínseca e extrinsecamente limitativo, por mais que se amplie e aumente. Já o ser, apesar dos condicionamentos e óbices, tende, por natureza, ao ilimite, ao infinito, ao absoluto.

Um dos "segredos" de Manoel Joaquim de Carvalho Júnior parece encontrar-se exatamente em sua grande capacidade de impedir que o ter, na realidade do viver, seja excludente do ser. Aliás, a leitura de seus livros como que nos leva a mergulhar em funduras metafísicas mais e mais envolventes do existir global.

O Criador como que emerge do criado, no sentido de este O indicar e O revelar. É o criado como que, no filosofar cristão, se aclara e magnifica à descoberta e revelação de Deus. Quanto ao homem, padece este de agonia, porque perdeu o rumo e o valor do ser. Sua grande libertação estará, assim, neste mundo, no reencontro do ser, como caminho para Deus.

A obra filosófica de Manoel Joaquim de Carvalho Júnior está a merecer difusão maior entre nós. Ela encontra-se mais presente na Europa do que no Brasil. Como se explica tal fenômeno, além da compreensível barreira das línguas?

"À Procura do Ser" foi publicado em francês e em espanhol ("A la recherche de l'Être" — Ed. La Colombe, Paris, 1961; "En busca del Ser" — Editora Nacional — Madrid, 1964). "Deus e Liberdade" (Ed. Mensageiro da Fé, Salvador, Ba., 1971, veio primeiro a lume em francês ("Dieu et Liberté" — Ed. Téqui, Paris, 1967). Do mesmo modo, a edição brasileira de "Cartas à Minha Mãe" (Rio de Janeiro, 1971) veio depois da edição francesa, que é do ano anterior (La Palatine, Paris, 1970). E agora nos chega "La dynamique ontologique de l'esprit", traduzido para o francês por Manoel Salats, e publicado, integrando a coleção Langages, pelas Edições de la Baconnière (Neuchâtel, Suíça, 1974).

É inacreditável que ainda não se tenha dado à obra de Manoel Joaquim de Carvalho Júnior, em nossa Pátria, o tratamento que está a reclamar, mais do que na linha de simples registro e de simples resenha, na de um amplo estudo que a analise e dimensione criticamente.

Trata-se de um pensador de notório talento, que acompanha o filosofar do mundo, mas dá de si alguma coisa que é somente sua, e o é com mérito, porque de real valor.

A III Semana Internacional de Filosofia poderia ser ocasião para uma análise crítica da obra carvalhiana, tão densa, e, do mesmo passo, tão fascinadoramente provocativa de reflexão e talvez de recusa num que noutro ponto, mas bastante séria, bastante válida, como elaboração filosófica de um homem que possuindo, por sinal com dignidade, a solidez da fortuna material, é um buscador do Ser e da Verdade, tem a superior coragem de pensar por si e não sufoca, no lucrativo e no especulativo, a vida e os direitos do sentimento.

Manoel Joaquim de Carvalho Júnior nasceu na histórica Cidade do Salvador, Capital do Estado da Bahia, no dia 07 de maio do ano de 1925.

Seus pais : Manoel Joaquim de Carvalho e D. Maria de Constança Moraes de Carvalho, brasileiros ambos, mas descendentes de portugueses.

Como estudante, freqüentou os tradicionais Colégios Antônio Vieira (jesuíta) e N. S. da Vitória (marista).

Das ciências e disciplinas a que se tem dedicado, ao longo dos anos, enumera as seguintes : Botânica, Astronomia, Sociologia, Psicologia, Filosofia, Biologia, Física das Partículas Elementares, Biologia Molecular, Antropologia, Estudo da Evolução, Teologia, Ideologias Contemporâneas.

Comerciário de 1945 a 1951, comerciante de 1951 até hoje, banqueiro a partir de 1973, consegue viver intensamente o mundo dos negócios e, ao mesmo tempo, de modo não menos intenso, o mundo do pensamento.

Na condição de correspondente, ingressou na firma MANOEL JOAQUIM DE CARVALHO & CIA. LTDA., onde galgou todos os postos, até alcançar a Presidência, que atualmente ocupa.

Além disso, exerce a Vice-Presidência do Banco Econômico S.A..

O Comércio não lhe é apenas um veículo de atividades pragmáticas e rotineiras. Também lhe é clima, solidez e vocação. A uma pergunta que lhe formulei, respondeu : *"O Comércio satisfaz as minhas mais profundas aspirações. É um meio de auto-realização. É ainda tributo a uma herança de dois avós e de um pai, todos comerciantes"*.

Aí está : Comércio é meio e, não, fim. Meio de auto-realização que exige, ou supõe, a inclinação insopitável, a inteligência prática, a vontade decidida, o tino específico, que perscruta, e sonda, e detecta, e indica. É todo um conjunto de atividades inter-relacionadas, envolvendo produtores e produtos, vendedores e compradores, transportadores e veículos, repartições públicas e particulares, máquinas e expedientes, dinheiro e pessoas. Tudo deve fluir dentro de corretos procedimentos e técnicas, que, no caso em apreço, continuam uma tradição de cem anos, e não desconhece a evolução das coisas.

É o mundo dos negócios, ou da negação do ócio. O mundo da ação cotidiana e permanente, que exige, impõe. O êxito, nessa esfera de atividades, não é só a garantia do patrimônio pela solidez do capital, ou vice-versa; é também o mercado certo, a transação lucrativa, a credibilidade firme e crescente, o conceito e a prosperidade, para dizê-lo em poucas palavras.

Manoel Joaquim de Carvalho Júnior vive esse mundo. Vive-o de modo afirmativo, denso e amplo. "As mais profundas aspirações", a que se refere, seriam aspirações mais interiores do que exteriores. Seriam aspirações que, ainda que mercantis pela realização, se configurariam ontológicas pela forma.

O sentido de comércio, expresso no fazer próprio dessa humana atividade, concretiza-se, em Manoel Joaquim de Carvalho Júnior, no agir eficiente e no negócio bem realizado. O comprar e o vender, englobando a teia de relações daí derivadas, polarizam as energias operacionais do comerciante plenamente mergulhado no microcosmo e

sistema de sua Firma. Os produtos, na concretude de sua materialidade indiferente, condicionam, de algum modo, as pessoas que os manipulam no Comércio, e nelas costumam despertar sentimentos de afeição e apego.

No caso de Manoel Joaquim de Carvalho Júnior, há-de levar-se em conta, particularmente, o cacau. E há-de levar-se em conta, em se tratando de cacau, a exportação. Exportar implica um mundo de relações que se alargam, que abrem perspectivas internacionais, uma irradiação de negócios magnificadores do perfil e opulência da Firma. Exportar é expandir-se e comprometer-se. É competir e afirmar-se. É buscar o prestígio e o lucro. É realizar-se com altitude. É, também, para espíritos ágeis e pensantes como o de Manoel Joaquim de Carvalho Júnior, abrir oportunidades e contatos felizes, não só de natureza comercial e financeira, como de outra espécie. Exportar é dar de si alguma coisa que se produziu e adquiriu, visando a um interesse compensador, mas, por outro lado, é provar capacidade e confiança dentro das exigências peculiares ao ramo.

Para ficar apenas nos limites comerciais, exportar com êxito pode ser tudo. Para Manoel Joaquim de Carvalho Júnior, que é trivalente, no compatibilizar em si próprio o comercial, o filosofar e o fazer artístico, exportar é mais do que um operar a nível mercadológico: é um projetar-se na ação exterior por força do talento interior. É um comprovar a capacidade pessoal de realizar-se multiplamente, guardando, no íntimo do ser, a individualidade intransferível que existe para coisas mais transcendentais e mais alevantadas. A "auto-realização", de que fala, é uma afirmação da capacidade de ser, na existência da pessoa chamada Manoel Joaquim de Carvalho Júnior.

Quanto ao "tributo de uma herança" de dois avós e de seu próprio pai, muito se poderia dizer, fora outro o propósito destas páginas. O herdar, no caso, a mim me parece mais uma consciência objetiva e irretorquível, valorizada por uma participação pessoal que aos poucos se veio intensificando, até alcançar o grau mais alto do comando.

Não sendo jamais um aventureiro, Manoel Joaquim de Carvalho Júnior estava consciente, no início de suas atividades profissionais, da herança comercial que recebia, herança que outras mãos obviamente haviam fundado e firmado, mas que as suas, no contexto da Família e da Firma, iriam conservar e consolidar. Abriam-se-lhe, porém, os horizontes vocacionais da Filosofia, onde não é costume ocorrerem heranças feitas, como no Comércio, ou na Família.

Eram dois mundos a atraí-lo. Escolher um deles? Dar continuidade à herança, ou construir, ele próprio, o seu universo interior, por força do talento especulativo?

Ao revés de optar, para excluir, Manoel Joaquim de Carvalho Júnior aceita ambos os desafios, adquire foros de cidadania nesses dois mundos, que irão polarizar sua vida: O Comércio e a Filosofia. A um e outro dará tratamento específico, vivendo-os intensamente, sem esquecer a vida do lar, que ele sabe desfrutar com dignidade.

Os dias, passa-os nas lides mercantis e financeiras, no trato com papéis impessoais, com guias e contratos, com reuniões de Diretoria, com empresas, com fregueses de cá e de além, e seu império é a firma.

As noites, quatro delas subtrai para crescer na abrangência meditada do ser e das idéias, passa-as na leitura, na reflexão de cartas, de tratados, de ensaios, interiorizado e criativo, na singularidade de uma força pensante reveladora de uma individualidade poderosa, e que, por isto mesmo, não está na dependência da produção ou cotação, mas na dele só, porque o tesouro do homem, assim guardado, é inatingível, inviolável, inexpugnável.

A grande virtude de Manoel Joaquim de Carvalho Júnior está na ambivalência integrada, no ser ele, ao mesmo tempo, sem nenhum conflito interior ou exterior, homem de negócio e homem de ócio, entendido este último termo como tempo dedicado às coisas do espírito, e, não, como tempo de nada fazer. Mesmo porque a ociosidade, como a significar preguiça, é uma não-disposição, uma in-atividade, um nada fazer por carência de virtude, ao passo que, no outro sentido (ócio e não "ociosidade") é o tempo não coincidente com as atividades exteriores, mas preenchido, dinamicamente, por atividades de outra natureza, as atividades íntimas do pensar, do sentir, do orar.

Consideremos, entretanto, que a fecundidade do ócio criativo concretiza-se na obra filosófica, científica ou artística, e pode levar o homem ao mundo dos negócios exteriores, ao qual se dirige para o trato das edições, o recebimento do produto de vendas etc., enquanto o homem de negócio há-de ter, mesmo nas horas extramercantis e extrafinanceiras, isto é: fora de sua rotina ocupacional, aqueles momentos íntimos de ideação e planejamento de suas próprias atividades cotidianas regulares, mas há-de ter, por igual, aqueles outros momentos de fuga, de reflexão e de adentramento, sem o que a vida lhe seria demasiado rasa e incolor.

Manoel Joaquim de Carvalho Júnior é um homem intenso e produtivo, quer no negócio, quer no ócio. E alguém que se quisesse dedicar ao estudo do que sua obra contém de pura arte e poesia, haveria talvez de considerá-lo, na verdade, um homem trivalente, porque nele é, também, sensível e relevante a dimensão poética, a vivência estética e o profundo sentimento humano.

Tem Manoel Joaquim de Carvalho Júnior honrado a herança comercial recebida. Por certo irá passá-la, quando oportuno, a outras mãos que, solidárias, a continuem firme e dignamente. O patrimônio cultural, que ele não herdou, mas está, ele próprio, a construir por determinação de seu espírito especulativo e sensibilidade interior, esse ele o vem opulentando através de uma série de livros que estão a merecer maior atenção dos críticos de idéias, dos filósofos, dos professores, dos estudiosos, enfim.

x x x

Para bem compreendê-lo seria necessário descobrir os mestres e fontes de sua formação cultural e científica, saber que autores mais decisivamente marcaram seu pensamento, a que grupos culturais ou a que correntes de pensamento acaso pertenceu ou pertence. Segundo ele próprio o declarou, os autores que, em Filosofia, maior influência exerceram sobre ele são estes: Aristóteles, Platão, Leibniz, Kant, Hegel, Santo Tomás, de Aquino, Santo Agostinho, Santo Anselmo, São Boaventura, São Paulo Berdiaev, Heidegger, Nedoncelle,, De Finance, Schoonberg.

Até que ponto ter-se-á dado, e se opera, essa influência? Somente

uma análise crítica de seus livros nos permitiria uma resposta satisfatória. Isso, porém, demanda estudo e tempo, e talvez a colaboração de várias pessoas, a partir do próprio Manoel Joaquim de Carvalho Júnior, o que não será possível, por enquanto. Meu desejo, por ora, é simplesmente chamar a atenção dos estudiosos para a existência e a importância da produção filosófica e do valor pessoal desse baiano singular, aparentemente paradoxal em suas atividades de homem de negócio e de pensamento, mas, na verdade, sendo uma só estrutura pessoal dotada de notável capacidade de vivenciar, em si próprio, com igual intensidade, e sem nenhum conflito interior, valores e atitudes que de ordinário correm separadas, ou com expressiva preponderância de alguns deles, sobre outros, nas humanas criaturas.

Indormido nas elucubrações de ordem filosófica, vem publicando uma série de trabalhos, cujos títulos, editoras e número de páginas abaixo se relacionam :

- 1 — EM BUSCA DEL SER — EDITORA NACIONAL — 705 páginas.
- 2 — À LA RECHERCHE DE L'ÊTRE — EDITIONS DU VIEUX COLOMBIER — 552 páginas.
- 3 — DEUS E LIBERDADE — EDITORA MENSAGEIRO DA FÉ — 330 páginas.
- 4 — LA DINAMIQUE ONTOLOGIQUE DE L'ESPRIT — EDITIONS DE LA BACONNIÈRE — 193 páginas.
- 5 — CARTAS À MINHA MÃE — FORUM EDITORA — 107 páginas.
- 6 — LÉTTRES À MA MÈRE-DISPARUE — LA PALATINE — 157 páginas.
- 7 — DIEU ET LIBERTÉ — LIBRAIRE P. TÉQUI, EDITEUR — 266 páginas.
- 8 — AUF DER SUCHE NACH DEM SEIN — STROM VERLAG — 275 páginas.

Atualmente, dedica-se à elaboração de um trabalho concernente à prova racional da existência de Deus e, ao mesmo tempo à contestação, lógica, no campo da Teologia, à corrente norte-americana denominada "Process Tchology".

A multiplicidade de línguas através das quais Manoel Joaquim de Carvalho Júnior faz publicar seus livros mereceria uma consideração particular. Seriam reflexos dos procedimentos mercantis e financeiros, de alfândega e de câmbio? Seriam tentativas para ultrapassar o círculo estreito de certo desinteresse nacional pela Filosofia? Seriam também uma forma de auto-afirmação? Ou seriam uma como ansiedade por comunicar mais longe a verdade que não tem fronteiras? Ou seriam, como não me parece, uma feição esnobe do autor?

"Deus e Liberdade" e "Cartas a Minha Mãe" estão publicados em Francês e Português. Por que? Será que o autor tencionaria deixar para esses o privilégio de virem também a lume na língua de seus avós?

Por que não publicar os demais livros também em Português? Se tal acontecera, quem mais lucraria seriam os estudiosos brasileiros, não propriamente por causa das línguas, que não seria barreira invencível, mas pela facilidade de obtenção dos volumes.

Aqui, um voto nesse sentido.

Depósito Nossa Senhora Aparecida

“O GIGANTE DO CRATO”

— DE —

Valdemir Correia de Sousa

Uma galeria inteira de novidades, Móveis,
artigos para o Lar, Vidros, Cristais, Pratarias,
Geladeiras e outras utilidades

PREÇOS SEM COMPETIDOR!

Rua Santos Dumont, 39

Rua Dr. João Pessoa, 246

Telefone: 521.1413

CRATO

—

CEARÁ

Zebulândia do Piauí S. A.

Z E B U P I S A

Empresa integrada no desenvolvimento do
Nordeste saúda o Instituto Cultural do Cariri
ao ensejo do lançamento de mais um
número da Revista "ITAYTERA"

Escritório em Crato:

Rua Senador Pompeu, 178

Telefone: 521.1702

CRATO

—

CEARÁ

Necrológio de ilustre filho do Crato

O Jornal O PAIZ, do Rio de Janeiro, em sua edição de 21/11/1911, publicou o seguinte necrológio do Dr. LEANDRO BEZERRA MONTEIRO, cujo sesquicentenário de nascimento transcorreu em 11/06/1976:

Não foi uma personalidade vulgar, na politica e na sociedade do tempo do imperio, o Dr. Leandro Bezerra Monteiro, que, ha poucos dias, falleceu. em Nitheroy, celebrando-se hoje a missa de 7º dia, em suffragio de sua alma. Nascido a 11 de junho de 1826, na cidade do Crato, da antiga provincia do Ceará, o Dr. Leandro Bezerra Monteiro pertencia a uma das mais dignas e numerosas familias do nosso paiz, tendo representantes, por assim dizer, em todos os nossos Estados.

Tendo feito os seus estudos preparatorios na provincia natal, completou-os, sempre com distintas notas, no Recife, em cuja faculdade se diplomou em direito, no anno de 1851.

Casando-se logo depois na provincia de Sergipe, entrou ahi para a magistratura, elegendo-se depois deputado provincial, fazendo brilhante carreira politica e sendo escolhido deputado geral em 1860.

A partir de 1864, passou a residir na cidade de Parahyba do Sul, provincia do Rio de Janeiro. Ahi se estabeleceu como advogado, ocupando o lugar de vereador durante 12 annos, sendo oito como presidente da Camara, em cuja qualidade fundou a casa de caridade e o Asylo de Nossa Senhora da Piedade, uma das instituições, no genero, mais ricas e prestadias do paiz.

Apezar de muito se ter afastado da politica, o Dr. Bezerra Monteiro foi varias vezes retirado da sua advocacia em Parahyba do Sul para ocupar novamente o cargo de deputado, ora por Sergipe, ora pelo Ceará, sendo que outras vezes foi eleito e não diplomado.

Foi em 1872 que a ação do preclaro brasileiro se fez mais sentir, como deputado geral, durante o ministério 7 de março, presidido pelo visconde do Rio Branco.

Nessa legislatura se agitou a questão religiosa, motivada pela perseguição aos bispos do Pará e de Olinda. D. Antonio de Macedo Costa e D. Frei Vital.

Nesse episodio historico da vida brasileira, o Dr. Leandro Bezerra Monteiro tem o seu nome gravado em letras de ouro. Ninguem o excedeu nesse momento dificil para a igreja brasileira, como o advogado dos bispos no Parlamento.

Os annaes de 1874 e a imprensa da mesma época consagram

E F E M É R I D E S

CENTENÁRIO DE FALECIMENTO DO DUQUE DE CAXIAS

Transcorre neste ano o Centenário de falecimento do Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro e figura exponencial da vida pátria.

Luis Alves de Lima e Silva nasceu em Estrela, hoje Duque de Caxias, RJ, em 25 de Agosto de 1903, sendo filho do Tenente Francisco de Luis e Silva e esposa.

Homem admirável, com 5 anos apresentou-se a D. João VI como aspirante à vida militar. Aos 14 jurou a Bandeira e aos 18 anos era Alferes.

Sua existência foi inteiramente devotada à vida da Pátria, em jornadas épicas e guerras gloriosas, onde jamais foi derrotado.

Capitão em 1823 nas lutas da Independência na Bahia, Major depois da Guerra Cisplatina, Comandante do Batalhão do Imperador, Pacificador das Províncias do Norte, vencedor da Balaiada, Deputado pelo Maranhão, por todos os partidos, Brigadeiro e Barão de Caxias em 1841, a seguir, Conde de Caxias, Deputado por São Paulo na legislatura 42/45, Senador pelo Rio Grande do Sul, Caxias, ainda, Presidente do Maranhão e Presidente do Rio Grande do Sul, comandante-chefe do Exército na Guerra do Paraguai e finalmente Duque a 27 de Maio de 1870.

Foi, ainda, Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Guerra, vindo a falecer em 7 de Maio de 1880.

50 ANOS DA MORTE DE DIÓGENES FRAZÃO

Diógenes de Oliveira Frazão era filho do casal Miguel Bezerra Frazão e Maria de Oliveira Frazão. Nasceu no Sítio Bebida Nova, Crato, em 5 de Junho de 1870 e faleceu em Crato em 22 de Abril de 1930, completando-se, pois, neste ano, meio século do seu desaparecimento.

Foi dos mais notáveis filhos do Crato. Estudou no Pará, foi jornalista e orador, deixando dois livros inéditos.

Homem de têmpera, enfrentou uma luta contra os poderosos que asfixiavam a terra, sobressaindo-se pela sua coragem e valor pessoal, vulto digno de ser admirado pelas novas gerações.

os seus discursos notáveis, a sua intrepidez e dedicação, conforme se verifica nas obras historicas do assumpto, algumas escriptas por notáveis individualidades, como sejam os padres Senna Freitas e Julio Maria.

Depois da Republica, o Dr. Leandro Monteiro se consagrou inteiramente á advocacia e a lavoura, conservando-se fiel ao antigo regimen.

"Nos ultimos annos, avançado em idade, residia com suas filhas em uma chácara em Nitheroy, onde se tornou conhecido e estimado pelas virtudes pessoais, socorrendo a todos os que, com esperança, compareciam á sua casa".

CEL. MAIA : 100 ANOS DE FALECIMENTO

Também neste 1980 completam-se 100 anos do falecimento do Cel. José Maia, figura exponencial da vida cratense.

José Francisco Pereira Maia, Cel. Maia ou Mainha, como era conhecido, nasceu em Crato em 8 de Maio de 1804.

Chefe político, liderou o Partido Liberal e o Partido Conservador, em diferentes fases. Foi Vereador, Presidente da Câmara, Juiz Substituto, Delegado de Polícia e depois Deputado Provincial, nos biênios 33/39 — 50/51 e 64/65.


CENTENÁRIO DE MANOEL MONTEIRO

Manoel Rodrigues Monteiro nasceu em Crato em 13 de Dezembro de 1880.

Era filho de José Rodrigues Monteiro e Guilhermina de Araujo Monteiro. Inteligência privilegiada, cursou os Seminários de Crato, Mariana, Rio Comprido e Diamantina, além do de Fortaleza. Estudou no Colégio Chevalier, em Paris, onde classificou-se em primeiro lugar. Na capital francesa estreou na imprensa, escrevendo no PARIS SOIR. Cursou as Faculdades de Medicina e Engenharia, no Rio, vindo a formar-se em Direito. Jornalista primoroso, colaborou na imprensa carioca e paulista e redatoriou e dirigiu jornais de Fortaleza. Falava fluentemente várias linguas. Faleceu em 12 de Outubro de 1958.

INBOPLASA



UM PRODUTO
 inboplasa

Indústria de Borracha e Plásticos S/A

Fabricante das SANDÁLIAS CARIRI
a venda em todo o Brasil

Rua São José, 1.790 - Fones: 511.2532 e 511.2400

Juazeiro do Norte — Ceará

Banco Industrial do Ceará S.A.

UMA ORGANIZAÇÃO GENUINAMENTE CARIRIENSE
PARA SERVIR AO CEARÁ

MATRIZ: FORTALEZA — CEARÁ

AGÊNCIAS: RUA BARBARA DE ALENCAR, 836 / 44
CRATO — CEARÁ

RUA BARÃO DO RIO BRANCO, 905
FORTALEZA — CEARÁ

RUA SANTA LUZIA, 391
JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

RECEBEMOS CONTAS DE
ÁGUA, LUZ, TELEFONE, INPS, FGTS, ETC.

JÁ FUNCIONANDO OS CARNÉS DE ALUGUEL E
ESCOLAR

UM BANCO A SEU SERVIÇO

Leis Históricas do Município do Crato

Abrimos espaço, na presente edição, para publicar 4 Leis Históricas, do Município do Crato : a Lei 349/55, que cria as armas do Município cratense; a Lei 824/68, que já delimitava a área para o futuro Distrito Industrial; a Lei 1045/78, que regulamentou a cessão de domínio direto sobre terras na Serra do Araripe, e, por fim, o Decreto 15/38, que delimitou, naquele ano, as áreas urbanas e suburbanas do Município com exclusão do Distrito-sede.

Firmam esses documentos os Prefeitos Ossian Araripe, Alexandre Arraes e Ariovaldo Carvalho, e o ex-Presidente da Câmara, José Luiz de França.

São documentos que ficam para a posteridade.



ESTADO DO CEARÁ

LEI Nº 349, DE 15 DE SETEMBRO DE 1.955

CRIA AS ARMAS DO
MUNICÍPIO DO CRATO

A CAMARA MUNICIPAL DO CRATO DECRETA E EU
SANCIONO A SEGUINTE LEI :

ART. 1º — Ficam criadas as armas do Município do Crato e que consistirão em um escudo gaulês, encimado por um cocar indígena.
PARÁGRAFO ÚNICO — No centro do escudo existe uma figura que se aproxima da rosácea, em contorno vermelho, formada pela junção e nas extremidades, de quatro CC, que significam, na acepção popular — CIDADE DO CRATO, CABEÇA DE COMARCA — com que se marca a fôgo, desde tempos remotos, a criação de animais graúdos dêste Município, simbolizando a riqueza primitiva de nossa terra, que foi a pecuária — é o símbolo característico do Crato.

ART. 2º — A figura referida no artigo antecedente acha-se dividida em duas partes, constando da metade superior um arco-iris,

ao natural, encimando uma cruz em côr rubra, sob campo branco, sendo a segunda parte em campo azul claro, contendo no centro o sol, em côr amarela, com irradiações rubras.

ART. 3º — O escudo divide-se pela mesma linha que separa as duas metades da rosácea, em duas partes, sendo a superior em azul claro, tendo no centro, em letras maiúsculas rubras, a palavra **LABORE**, e a inferior em côr verde vivo.

ART. 4º — O escudo tem como suportes laterais hastes de cana de açúcar em inflorescência, ao natural, para recordar a principal riqueza atual do Município.

ART. 5º — Em fita azul claro, ligando as extremidades das duas canas, tendo as pontas recortadas e recurvas, em forma de laço, abaixo do escudo, se inscreve, no centro, a palavra "CRATO", à esquerda "17 OUT." e à direita "1853", em preto, sendo esta a data em que foi a sede dêste Município elevada à Categoria de cidade.

ART. 6º — O cocar indígena que encima o escudo, lembrando o primitivo povoamento do Município pelos selvícolas da tribo Carirís, tem as cores típicas, tanto da faixa que se destina a cingir a cabeça, segundo a tradição, como das penas que lhe são prêsas, escolhidas dentre as aves de mais bela plumagem de nossa fauna.

ART. 7º — Os símbolos descritos no artigo segundo desta lei, foram inspirados pela bandeira da revolução republicana de 1.817 por ter sido o Crato o único Município do Ceará que aderiu a êsse movimento de emancipação das Côrtes Portuguezas, legando à história pátria as figuras lendárias de heróis do diácono José Martiniano de Alencar, sua mãe Dona Barbara Pereira de Alencar, e seus demais filhos Tristão Gonçalves e o Padre Manoel Carlos.

PARÁGRAFO ÚNICO — O arco-iris retrata a união de todos os povos que contribuíram para a formação de nossa raça; a Cruz, o simbolismo da fé, que presidiu o nascimento da Pátria; e o sol representa o sentimento de liberdade, incorporado à própria vida de nossa gente, e a fecundidade, na terra em que "plantando tudo dá".

ART. 8º — O azul revela a limpidez do céu nordestino; o branco traduz a pureza e simplicidade da alma boa dos cratenses; o verde simboliza a paisagem que emoldura a cidade fundada por Frei Carlos Ferrara, as encostas verdejantes da Serra do Araripe, a fertilidade do nosso solo, enriquecido pelo trabalho — legenda expressa pela palavra equivalente do latim, no alto do escudo — com o mourejar constante do homem do campo, em arrancar da terra benfazeja a riqueza que extravasa para outros Municípios e Estados do País.

ART. 9º — No escudo do Município do Crato nota-se divergencia da bandeira da revolução de 1817 — a cruz, por ser um símbolo espiritual, ficou acima do símbolo material que é o sol.

ART. 10º — Revogam-se as disposições em contrário à presente lei, que entrará em vigôr na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal do Crato, em 15 de Setembro de 1.955

OSSIAN DE ALENCAR ARARIPE

Prefeito Municipal

CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO

LEI Nº 824 de 26 de Julho de 1.968

EMENTA : Designa-se área territorial da qual será criado e implantado o Distrito Industrial do Crato.

A Câmara Municipal do Crato decreta e eu promulgo a seguinte Lei :

Art. 1º — Fica designada a Área territorial situada no Distrito de Muriti e compreendida entre o riacho Saco ou Ponte (Oeste), riacho S. José (Leste), Brejo do rio Batateira (Norte) e linha-tronco Pau Afonso (Sul), para, dentro da qual, ser reservado terreno suficiente destinado à criação e implantação do futuro DISTRITO INDUSTRIAL DO CRATO.

Art. 2º — A Prefeitura Municipal adotará providência no sentido de manter entendimentos, firmar convênios ou acordos junto aos órgãos competentes, do Governo Estadual, para efeito de serviços técnicos, legislação, assistência, financiamentos outras medidas que se façam necessárias para a concretização do empreendimento a que se refere o artigo anterior.

Art. 3º — Revoguem-se as disposições em contrário, entrando em vigor a presente Lei, na data de sua publicação.

Câmara Municipal do Crato, 2 de setembro de 1.968

José Luís de França

Presidente

José Valdevino de Brito

1º Secretário

DECRETO Nº 15 de 20 de maio de 1.938

Delimita as áreas urbanas e suburbanas dos Distritos do Município do Crato, com exclusão do Distrito sede, e dá outras providências.

O cidadão ALEXANDRE ARRAIS DE ALENCAR, Prefeito Municipal do Crato usando das atribuições que lhe confere o parágrafo único do art. 2º, do Decreto Nº 13 de 14 de dezembro de 1.937, e

Considerando que não existe, na legislação municipal, ato dividindo as áreas urbanas e suburbanas dos Distritos deste Município, com exceção do Distrito sede, cuja divisão é estabelecida pela Lei Municipal Nº 17 de junho de 1.936:

Considerando que o Decreto Estadual, Nº 169, de 31 de março de 1.938, que dá execução do Decreto Federal Nº 311, de 2 de março do mesmo ano, atribui aos municípios a competência para delimitar, dentro do prazo de sessenta dias, as áreas urbana e suburbana da cidade, sede do município e das vilas dos Distritos respectivos; e

Considerando, finalmente, que a presente delimitação vem representar, digo surpreender o centro de maior concentração predial, bem como a área que está destinada a expansão da zona urbana.

DECRETA:

Art. 1º — O Distrito de Conceição fica assim delimitado:

a) Área urbana: Começa na Capela de Nossa Senhora da Conceição, seguindo em linha reta até encontrar a parede do açude, daí em linha reta ao antigo Cemitério, daí em rumo certo ao Alto da Gangorra, daí em linha reta ao Ôlho d'Água da Gangorra, e daí até o ponto inicial.

b) Área suburbana: É a faixa de terra de cinquenta metros para cada lado das linhas divisórias da área urbana.

Art. 2º — O Distrito de Ipueiras fica assim delimitado:

a) Área urbana: Partindo do Açude Velho em linha reta ao Cemitério, daí em rumo certo aos limites dos terrenos dos Botelhos, daí por uma linha de cem metros para o Norte, a contar do marco lá existente, acrescida de cinquenta metros para o Sul, a contar do mesmo marco, daí em linha reta ao ponto inicial.

b) Área suburbana: É a faixa de cem metros acrescida aos lados Poente, Norte e Nascente dos limites da área urbana.

Art. 3º — O Distrito do Buriti fica assim delimitado:

a) Área urbana: Começa no prédio das oficinas da Usina Maracajá, seguindo em linha reta à casa grande de residência, daí em rumo certo ao muro da casa de Alfredo Lôbo, daí à extrema do terreno de Cicero Lôbo, daí até encontrar a casa dêste, daí em linha reta ao engenho de propriedade do mesmo Alfredo Lôbo, e daí em rumo certo ao ponto inicial.

b) Área suburbana: É a faixa de terra de cem metros acrescida aos lados Nascente, Sul, e Poente dos limites da área urbana.

Art. 4º — O Distrito de Lameiro fica assim delimitado:

a) Área urbana: Partindo da casa de residência de José Serafim em rumo certo a estrada do Lameiro a Belo Horizonte, na distância de setenta metros, ao engenho d'água, daí em linha reta até encontrar as extremas dos terrenos de Irineu Caçula, daí à junção da estrada da Cascata com o Riacho das Areias, daí rumo certo à casa de propriedade de Antônio Ferreira, e daí rumo certo ao ponto inicial.

Área suburbana: Partindo da estrada de Belo Horizonte, onde atravessa o Riacho d'água Salouba, subindo êste Riacho até encontrar a estrada de rodagem de Belmonte, daí à estrada da Cascata, no Alto do Sítio Rôsto, daí ao Riacho das Piabas, descendo por êste até a confrontação da estrada de Belo Horizonte a qual se liga por uma reta ao ponto de partida.

Art. 5º — O presente Decreto entrará em vigor na data de sua publicação na imprensa local, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, em 20 de maio de 1.938

ass. *Wilson Gonçalves*
Secretário

Alexandre Arrais de Alencar
Prefeito Municipal

N. R. O Distrito de Conceição é, hoje, Santa Fé.

O Distrito de Buriti é, hoje, Murity.

O Distrito de Ipueiras é, hoje, Dom Quintino.

A Usina Maracajá é, hoje, a Sulcepa.



PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO
ESTADO DO CEARA
CESSÃO DE DOMÍNIO DIRETO SOBRE
A SERRA DO ARARIPE

LEI Nº 1045/78 — 05 DE SETEMBRO DE 1978

ADMINISTRAÇÃO

A R I O V A L D O C A R V A L H O

1 9 7 9

A O P O V O D O C R A T O

O presente opúsculo se constitui uma iniciativa do setor de Relações Públicas, da Administração Municipal do Crato, com o objetivo de popularizar uma das mais oportunas medidas do meu Governo, qual seja, a de regularizar a cessão definitiva de terras, na Chapada do Araripe, no Município do Crato, aos seus ocupantes tradicionais.

Pela nota explicativa do Jornalista J. Lindemberg de Aquino, logo adiante, ver-se-á a importância histórica da iniciativa, que cumpria documentar em impresso, para ampla distribuição à nossa comunidade.

Espero, com isso, haver prestado um grande serviço ao desenvolvimento agropecuário do Município, doravante capacitado a um impulsionamento notável, pela utilização efetiva e extensiva, além de intensiva, da Chapada do Araripe, na mais variada gama de suas potencialidades.

É um serviço que possui largo alcance e a posteridade dirá do acerto desta lei.

Crato, Março de 1979

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal

MEDIDA DE MÁXIMA IMPORTANCIA

J. Lindemberg de Aquino

A ocupação, povoamento e a exploração das terras devolutas da Serra do Araripe, nem só no Município do Crato, mas em outros Municípios que ela abrange, já passa dos duzentos anos.

Nasceu, mesmo, com o povoamento das terras do Município.

Exceção feita à área florestal, criada há cerca de 30 anos, as demais terras da Serra têm se prestado a uma pecuária extensiva, formação de pastagens e agricultura incipiente, notadamente da mandioca, cuja produtividade, por sinal, tem caído ano a ano em razão da exaustidão dos recursos minerais, essenciais a essa cultura.

Mas isso comentaremos mais adiante.

O que cumpre comentar, aqui, é a medida de máxima importância econômica e social, que vem de adotar o Prefeito Ariovaldo Carvalho, com relação à Serra.

Havia a tradicional reclamação de que os que dela vivem, explorando-a comercialmente, e até morando, não podiam ter negócios nos Bancos oficiais, não podiam fazer transações no Banco do Brasil, por exemplo, porque não tinham os títulos definitivos de posse das glebas.

Isso se constituía, por si só, um atraso o desenvolvimento agropecuário do Município. Nenhum investimento mais maciço podia ser feito na Serra, porque não havia o crédito, o financiamento.

A inexistência de título de propriedade impedia, emperrava, os proprietários de fato, de transacionar nos Bancos, porque não eram proprietários de direito.

Comprovada, depois de intensa pesquisa nos meios jurídicos, pertencer a Serra aos respectivos Municípios que ela abrange, competia, pois, a cada Município, adotar as medidas para concessão dos títulos definitivos de propriedade.

Foi o que fez o Prefeito do Município do Crato, Capitão Ariovaldo Carvalho, com a sua visão lúcida e esclarecida da problemática agrícola do Município e da Região.

Com o instrumento da Lei nº 1045/78, de 05 de Setembro de 1978 e o Decreto que a regulamenta, nº 013/78, de 21 de Novembro de 1978, ambos do próprio Prefeito, ficou o Prefeito em condições de lavar as escrituras, para os proprietários interessados.

A atitude do Prefeito do Crato, liderando seus demais colegas da Região, em legislar sobre a concessão de títulos definitivos de propriedade, na Serra do Araripe, fazendo uma lei e a regulamentando por um decreto, abre perspectiva lisonjeiras para a solução desse impasse de mais de dois séculos.

Confere-lhe, portanto, uma invejável liderança, digna de grande homem público que ele, realmente, o é.

Dá ao Crato o sentido vantajado de Município que enfrentou, corajosamente, o problema e busca a sua solução.

Oferece, por outro lado, uma panorâmica lisonjeira do que passará a ser a Serra do Araripe, com suas milhares de propriedades, a partir da utilização da Lei, pelos proprietários.

Agora, eles poderão fazer muitos negócios em Bancos.

Poderão investir recursos maciços, a juros bancários módicos, na correção de solos, e no trato cultural, possibilitando safras seguras,

de alta rentabilidade econômica, e extensamente favorável à economia dos investimentos.

A mecanização das lavouras, a diversificação das culturas, a eletrificação, possibilitando perfuração de poços profundos, o suprimento d'água, a aspersão e irrigação, e, sobretudo, a tranqüila garantia de que a terra pertence a quem com ela convive, há gerações, tudo isso são aspectos positivos da Lei 1045/78, sancionada pelo Prefeito Ariovaldo Carvalho.

Agora é partir para o registro dessas escrituras e para a movimentação dos recursos que poderão ser solicitados no INCRA, Banco do Brasil e outros órgãos. É plantar. Plantar de tudo, pois a Serra dá de tudo, inclusive o café, que poderá nos dar uma repetição, em menor escala, naturalmente, do surto cafeeiro no Norte do Paraná. Plantar maracujá, pimenta do reino, cana, mandioca, tudo, enfim.

A Serra é um mundo. Mágico e maravilhoso mundo, cujas portas a nova legislação abre a todos, para desfrute, bem estar e desenvolvimento.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO

LEI Nº 1045/78, DE 05 DE SETEMBRO DE 1978

EMENTA : Autoriza o Poder Executivo a fazer cessão de domínio direto que o Município do Crato detém sobre todos os terrenos situados na Chapada do Araripe, nos limites de sua jurisdição.

O PREFEITO MUNICIPAL DO CRATO,

faço saber que a Câmara Municipal do Crato aprovou e eu sanciono a seguinte Lei :

ART. 1º — Fica o Poder Executivo autorizado a fazer cessão de domínio direto que o Município do Crato detém sobre os imóveis rurais situados na Chapada do Araripe, compreendidos nos limites de sua jurisdição;

ART. 2º — Somente gozarão dos benefícios desta Lei aqueles que, requerendo a cessão prevista no artigo anterior, provarem ser titulares da posse do imóvel, satisfazendo, para tanto, as exigências a serem determinadas por Regulamentação do Chefe do Executivo local;

ART. 3º — Fica o Chefe do Poder Executivo autorizado a adotar as medidas julgadas necessárias ao cumprimento desta Lei, podendo assinar as competentes escrituras e estabelecer normas de execução;

ART. 4º — As despesas decorrentes do processamento das cessões em virtude desta Lei, correrão por conta do beneficiário;

ART. 5º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal do Crato, 05 de Setembro de 1978

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

DECRETO Nº 013/78 — DE 21-11-1978

EMENTA : Regulamenta a Lei Nº 1045/78,
de 05 de Setembro de 1978.

O PREFEITO MUNICIPAL DO CRATO, CAPITÃO ARIIVALDO CARVALHO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS,

D E C R E T A :

ART. 1º — Ficam estabelecidas as seguintes normas, com vistas à cessão de domínio direto que o Município do Crato detém sobre todos os terrenos situados na Chapada do Araripe, nos limites de sua jurisdição, cessão determinada pela Lei nº 1045/78, de 05 de Setembro de 1978.

01. O beneficiário se obriga a pagar à Prefeitura Municipal do Crato, por transferência de domínio, o valor correspondente a 4,5% da unidade de referência de que trata a Lei nº 1038/77, de 26 de Dezembro de 1977, por hectare cedido.
02. O beneficiário deve apresentar, na ocasião em que for requerer a cessão, um levantamento topográfico completo da área pretendida, com a respectiva planta, para arquivo do setor competente da Prefeitura;
03. O beneficiário deverá, igualmente, fazer a comprovação da posse da gleba pretendida, o que poderá ser feito mediante talões de pagamento de impostos, escrituras particulares ou públicas, justificação judicial, etc.
04. O beneficiário se obriga a apresentar, também no ato do requerimento, comprovante da inscrição cadastral no INCRA, para a respectiva quitação daquele órgão, além de certidão negativa de impostos municipais.
05. Na falta de cadastramento do INCRA, o beneficiário deverá apresentar comprovante de pagamento do fôro à Prefeitura.
06. O beneficiário se obriga a recolher aos cofres da Municipalidade os laudêmos correspondentes à cessão.
07. A Prefeitura se obriga a transcrever, em livro próprio, o teor dos contratos de cessão que forem feitos, com referência ao presente decreto.
08. Para controle e conhecimento próprios, a Prefeitura abrirá uma conta própria, em estabelecimento bancário, no qual serão movimentados os recursos decorrentes dessas operações, cujo documento de arrecadação será fornecido pela Municipalidade.

ART. 2º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal do Crato, 21 de Novembro de 1978.

Ariovaldo Carvalho
Prefeito Municipal do Crato

B. Bezerra Comercial Ltda.

- FERRAGENS
- MIUDEZAS
- MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Os Melhores Preços da Praça !

O maior sortimento, no ramo,
em nosso comércio

Rua Bárbara de Alencar, 850

Telefone: 521.0275

CRATO

—

CEARÁ

SE VOCE DESEJA UMA VIAGEM AO SUL,
TRANQUILA, SEGURA E FELIZ

EXPRESSO REAL CARIRIENSE

- ÔNIBUS MODERNOS E CONFORTÁVEIS
- MOTORISTAS EXPERIENTES E SEGUROS
- EXCELENTE TRATAMENTO DE BORDO
- UMA VIAGEM INESQUECÍVEL
- VARIOS ÔNIBUS, A SEMANA TODA

DIANTE DISSO... SÓ RESTA MARCAR A DATA!

EXPRESSO REAL CARIRIENSE

GUICHÊS NAS RODOVIARIAS DE CRATO E JUAZEIRO

Telefone: CRATO 521.1225

Juazeiro 511.2856

O COMANDANTE SUPERIOR

Francisco Tavares de Quental foi personagem influente na vida política e social do sueste do nosso Cariri. Desempenhou papel saliente ali, e legou um nome respeitável a sua digna família. O prestígio que desfrutou, em vida, foi sólido e inabalável; ainda perdura na pessoa de inúmeros membros ilustres da sua honrada descendência.

Conquistou o título enobrecedor de Coronel da Guarda Nacional do Império do Brasil e o de Comandante Superior da Guarda Nacional da Província do Ceará, na Comarca de Jardim com jurisdição neste e no município de Milagres. Para seu filho João Vieira Muniz de Quental obteve o não menos significativo título de Major Ajudante de Ordens do Comando Superior da Guarda Nacional, também em Jardim e Milagres. Era seu assessor de inteira e imediata confiança.

Seu tio materno Pedro Tavares Muniz fora, anteriormente, Capitão Mor da mesma Comarca do Jardim. O prestígio deste, certamente, serviu-lhe de lastro e escada para ascender a tão elevada posição.

As suas patentes foram conservadas pela família até pouco tempo. Encontravam-se em poder de um seu bisneto, José Avicena de Quental Lucena. Uma delas, ele passou às merecedoras mãos do seu ilustre parente Gal. Raimundo Teles Pinheiro que a doou ao Instituto Cultural do Cariri. A outra confiou, lamentavelmente, a alguém que se lhe apresentou dizendo-se interessado em dar publicidade a documento tão precioso e, assenhoriando-se dele, deu-lhe descaminho. Hoje nega havê-lo recebido. Prejuízo incalculável o seu desaparecimento.

Algumas raízes étnicas procedentes de Portugal, via Bahia, Pernambuco e Paraíba, fixaram-se, na primeira metade do século dezoito, na ribeira do Rio dos Porcos. O seu cruzamento, aqui, desfechou no binômio Maria Antônia de Jesus Tavares Muniz e Francisco Alves de Quental. Este, de Crato, aquela, de Mauriti, antigamente Buriti Grande, estabelecidos nos sítios Santa Rosa, Bodó e outros, no distrito Goianinha, hoje Jamacaru, município de Missão Velha.

Deste casal prolífico desgalharam-se, na região sul cearense, grupos de famílias importantes que projetaram figuras destacadas no Cariri e também no Brasil. Foram cabeça de ponte desses grupos de posição de relevo, entre os filhos do casal, os seguintes :

TERESA TAVARES DE QUENTAL, tratada por Tetê e assinada Teresa Joaquina de Jesus. Casou com Felipe Teles de Mendonça e deu origem aos Teles e aos Pinheiro Beserra de Menezes, em Crato. Figuras expressivas deste grupo, entre muitos : — Cel. Teodorico Teles de Quental, Cel. Filemon e Dr. Joaquim Fernandes Teles, Coronéis Quinco e Cicero Pinheiro, Generais Raimundo Teles Pinheiro e Joaquim Pinheiro Monteiro, Dr. Joaquim Pinheiro Filho, médico, Dr. Antônio Pinheiro Monteiro, engenheiro de renome, e o Pe. Arnaldo Esmeraldo de Melo, culto e virtuoso sacerdote jesuíta, falecido piedosamente, este ano, em Fortaleza.

ANTÔNIA TAVARES DE QUENTAL, Teotonia, que, casada com Francisco da Cruz Neves, constituiu um forte reduto em Jardim e Porteiras. Por brevidade, podemos citar, entre as figuras representativas deste grupo, o Cel. Napoleão Franco da Cruz Neves, Cel. Joaquim Pereira Neves, Dr. Napoleão e Dr. Jurandir Tavares Neves e Dr. Luís Neves Ayres de Alencar, médico de nomeada e atual Prefeito Municipal de Apiay, no Estado de S. Paulo.

ANA TAVARES DE QUENTAL, ou Naná, que se assinava Ana Joaquina de Jesus. Casou com André Gonçalves Dantas Rothéia, filho de Domingos João Dantas Rothéia que foi Capitão Mor do Jardim. Seus filhos, Miguel e Maria Leopoldina, casaram na família Cartaxo, de Cajazciras — Paraíba, e se fixaram em Mauriti — CE. Alguns dentre os seus descendentes mais destacados: — Dr. César e Dr. Belisário Cartaxo, este, médico do Exército no Rio de Janeiro e intelectual, e aquele, engenheiro de valor; Dr. Décio Teles Cartaxo, Desembargadores Antônio Cartaxo e Aurino Augusto de Araujolima, Mons. Raimundo Augusto e Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo.

ISABEL, conhecida por Bila, não se casou. MARIA ou Mariquinha foi esposa do Tenente Coronel Manuel de Jesus da Conceição Cunha, prestigioso chefe político em Milagres, e não deixou descendência. Não tive ainda oportunidade de identificar e localizar os descendentes de JOÃO.

Finalmente, CEL. FRANCISCO TAVARES DE QUENTAL, o COMANDANTE SUPERIOR, que teve uma ilustre progênie, como vamos ver a seguir.

Uma pesquisa genealógica é uma tarefa difícil. Requer esforço, boa vontade, dedicação e coragem. Quem a empreende tem que viajar, visitar parentes ou corresponder-se com eles, além de consultar arquivos e examinar velhos documentos. E nem sempre é bem sucedido. Poucos correspondem e alguns correspondem pouco.

Na elaboração deste trabalho, tive a sorte de encontrar um bom cirineu, um colaborador interessado e eficiente. Conhecendo já as origens da família e as suas ramificações até o momento atual, tomou ademais o encargo de se articular com outros parentes e esquematizar o quadro da descendência do seu bisavô Cel. Francisco Tavares de Quental.

José Avicena de Quental Lucena foi o herói que realizou a colheita dos dados para a montagem desta mini-genealogia. Fiz alguns retoques e pus um pouco mais de ordem na sequência do desenvolvimento das gerações que se desdobraram até o presente. O mérito principal, portanto, é dele.

CEL. FRANCISCO TAVARES DE QUENTAL

Ascendentes :

1 — Braz Pereira Dantas e Ventura da Cunha, portugueses, pais de Antônio Pereira da Cunha, também português.

- 2 — Capitão Mor Antônio de Sá e Araújo e Joana Maria de Carvalho, residente em Cabrobó — Pernambuco, pais de Inês Platena de Sá e Araújo.
- 3 — Capitão Antônio Pereira da Cunha e Inês Platena de Sá e Araújo, radicados em Mauriti, primitivo BuritiGrande, pais de Rosa Pereira da Cunha.
- 4 — Rosa Pereira da Cunha, mauritiense, casada com Francisco Tavares Muniz, de Goiana — Pe., pais de João Tavares Muniz.
- 5 — João Tavares Muniz e Francisca de Jesus, pais de Maria Antônia de Jesus Tavares Muniz.
- 6 — José Dias Alves de Quental e Ana Joaquina de Jesus, portugueses, moradores em Crato, pais de Francisco Alves de Quental.
- 7 — Maria Antônia de Jesus Tavares Muniz e Francisco Alves de Quental, pais de nosso biografado.

Patentes : — Coronel da Guarda Nacional do Império do Brasil e Comandante Superior da Guarda Nacional da Província do Ceará, em Jardim e Milagres.

Residência : — Sítio Santa Rosa, distrito de Jamacaru, primitiva Goianinha — Missão Velha — CE.

Casamento : — Recebeu como esposa Da. Maria Tavares Muniz, sua prima.

Sucessão : — Do casal nasceram os seguintes filhos, em número de seis:

- 1 — João Muniz Vieira de Quental
- 2 — Afonso Tavares Muniz de Quental
- 3 — Maria Tavares Muniz de Quental
- 4 — Clara Tavares Muniz de Quental
- 5 — Jacinta Tavares Muniz de Quental
- 6 — Francisca Tavares Muniz de Quental

MAJOR JOÃO VIEIRA MUNIZ DE QUENTAL, o primeiro filho, conservou a tradição paterna. Manteve a posição e o prestígio que serviram de auréola ao seu progenitor. Teve a patente de Major Ajudante de Ordens do Comando Superior da Guarda Nacional da Província do Ceará, em Jardim e Milagres.

Tomou como esposa Da. Ana Maria Vieira de Quental e residiu no Riachão, distrito de Jamacaru. Da. Naninha ou Nane Vieira deu-lhe sete (7) filhos:

- 1.1 — Pedro Vieira de Quental
- 1.2 — Maria Benvinda Vieira de Quental — Yayá
- 1.3 — Maria da Purificação Vieira de Quental — Mãezinha
- 1.4 — José Vieira de Quental — Padre Vieira do Riachão
- 1.5 — Manuel Vieira de Quental — Né Vieira
- 1.6 — Francisco Vieira de Quental
- 1.7 — Antônio Vieira de Quental — Seu Tônio Vieira

PEDRO, o primeiro desta série, foi agricultor no sítio Pilar, do município de Milagres e casou com Joaquina Inácio de Lucena, Da. Quinô. Ambos falecidos, deixaram duas filhas:

- 1.1.1 — Carolina Quental Lucena
- 1.1.2 — Donina Quental Lucena

DONINA, não chegou a casar-se e CAROLINA casou com Francisco Gomes de Lucena, agricultor no mesmo sítio Piar. Foram pais de onze (11) filhos:

- 1.1.1. 1 — Pedro Gomes de Lucena — Senhor
- 1.1.1. 2 — Vicentina Gomes de Lucena
- 1.1.1. 3 — José Gomes de Lucena — Beseca
- 1.1.1. 4 — Mário Gomes de Lucena
- 1.1.1. 5 — Geraldo Gomes de Lucena
- 1.1.1. 6 — Raimundo Gomes de Lucena
- 1.1.1. 7 — Maria Gomes de Lucena — Donamaria
- 1.1.1. 8 — Maria Socorro Gomes de Lucena
- 1.1.1. 9 — Francisco Gomes de Lucena
- 1.1.1.10 — Edite Gomes de Lucena
- 1.1.1.11 — Josefa Gomes de Lucena — Zefinha

PEDRO, Agricultor no Pilar, casou com Avonete Lucena e é pai de 02 filhos:

- 1.1.1.1.1 — Juliano Gomes de Lucena
- 1.1.1.1.2 — Flávio Gomes de Lucena

VICENTINA casou com João Gonçalves Filho, industrial em Fortaleza. Assina-se como Vicentina Gomes Gonçalves. Tem 08 filhos:

- 1.1.1.2.1 — Glédiston Lucena Gonçalves
- 1.1.1.2.2 — Gaudêncio Lucena Gonçalves
- 1.1.1.2.3 — João Gonçalves Filho
- 1.1.1.2.4 — Gleide Lucena Gonçalves
- 1.1.1.2.5 — Glêucia Lucena Gonçalves
- 1.1.1.2.6 — Carlos Guálter Lucena Gonçalves
- 1.1.1.2.7 — Glício Lucena Gonçalves
- 1.1.1.2.8 — Geruza Lucena Gonçalves

JOSÉ, Beseca, comerciante em Brejo Santo, casado com Francisca Louzinha de Moraes, tem onze (11) filhos:

- 1.1.1.3. 1 — José Gomes de Lucena — Válter
- 1.1.1.3. 2 — Francisco Gomes de Lucena
- 1.1.1.3. 3 — Sebastião Gomes de Lucena
- 1.1.1.3. 4 — Maria de Fátima Gomes de Lucena
- 1.1.1.3. 5 — Francisco de Assis Gomes de Lucena
- 1.1.1.3. 6 — Maria Lúcia Gomes de Lucena
- 1.1.1.3. 7 — Maria Marlene Gomes de Lucena
- 1.1.1.3. 8 — Francisco Tiburtino Gomes de Lucena
- 1.1.1.3. 9 — Maria das Graças Gomes de Lucena
- 1.1.1.3.10 — Maria Marly Gomes de Lucena
- 1.1.1.3.11 — Francisco Neto Gomes de Lucena

JOSÉ, Válter, agricultor com residência em Brejo Santo, casado com Adelina Martins de Moraes, não tem filhos

SEBASTIÃO, comerciante em Brejo Santo, casado com Maria Marly Lucena, não tem filhos.

FRANCISCO NETO é falecido e os demais estudam em Brejo Santo.

MARIA, ou Donamaria, a sétima filha de Carolina, é casada com Raimundo Furtado, agricultor em Juazeiro do Norte e tem 08 filhos :

- 1.1.1.7.1 — Risomar
- 1.1.1.7.2 — Diomar
- 1.1.1.7.3 — Eliane
- 1.1.1.7.4 — Erivane
- 1.1.1.7.5 — Heleno
- 1.1.1.7.6 — Demontier
- 1.1.1.7.7 — Aparecido
- 1.1.1.7.8 — ?

Os demais filhos de Carolina ainda não constituíram família.



MARIA BENVINDA, Yayá, foi casada com o Cel. Manuel Inácio de Lucena, conhecido por Cel. Chicote. Residiam no sítio Barreiro Branco, no município de Milagres, mas tinham também residência em Brejo Santo.

O Cel. Manuel Chicote foi um cidadão exemplar, modelo de honradez, honestidade e fidelidade aos seus princípios de civismo e de moral. Com seu vasto prestígio liderou, por muito tempo, a política de Milagres e Brejo Santo, chegando a ser simultaneamente Prefeito Municipal das duas comunas.

Deixou uma numerosa prole constituída de onze filhos, todos bem situados na vida e gozando bom conceito. São os seguintes :

- 1.2. 1 — José Lucena Sobrinho
- 1.2. 2 — Maria Olívia de Lucena — Donamaria
- 1.2. 3 — João Lucena Sobrinho — Seu Dão Chicote
- 1.2. 4 — Angelina de Quental Lucena
- 1.2. 5 — Olívia de Quental Lucena
- 1.2. 6 — Ana de Quental Lucena
- 1.2. 7 — Emília de Quental Lucena — Milô
- 1.2. 8 — Antônio Inácio de Lucena — Teté Chicote
- 1.2. 9 — Judite de Quental Lucena
- 1.2.10 — José Avicena de Quental Lucena
- 1.2.11 — Isaltina de Quental Lucena

JOSÉ, ou Seu Lucena da Gitirana, agricultor nessa fazenda, no município de Brejo Santo, herdou a honradez do seu progenitor e é muito estimado. Casou com Maria Pedrosa de Lucena, Mariquinha. Tem 03 filhas :

- 1.2.1.1 — Judite de Quental Lucena
 - 1.2.1.2 — Edite de Quental Lucena
 - 1.2.1.3 — Maria Yayá Lucena
- JUDITE é moça e reside com os pais

EDITE, esposa de Pedro Nicodemos de Araújo, Tabelião Público em Brejo Santo, assina-se Edite Lucena Nicodemos. Tem 09 filhos :

- 1.2.1.2.1 — José Osmar Lucena Nicodemos
- 1.2.1.2.2 — Maria Socorro Lucena Nicodemos
- 1.2.1.2.3 — Heitor Lucena Nicodemos
- 1.2.1.2.4 — Edinaldo Lucena Nicodemos
- 1.2.1.2.5 — Francisco Hélio Lucena Nicodemos — Tita
- 1.2.1.2.6 — Vera Lúcia Lucena Nicodemos
- 1.2.1.2.7 — Maria de Fátima Lucena Nicodemos
- 1.2.1.2.8 — Neuma Lucena Nicodemos
- 1.2.1.2.9 — Haroldo Lucena Nicodemos

Dr. JOSÉ OSMAR, Zezito, solteiro, bacharel, advogado no foro de Brejo Santo e dirigente da Firma J. Nicodemos & Cia.

MARIA SOCORRO, casada com Geraldo Matos, funcionário do Banco do Brasil S.A. em Brejo Santo, adotou como nome de casada Maria Socorro Lucena Matos. É professora naquela cidade e tem 03 filhas:

- 1.2.1.2.2.1 — Ana Paula
- 1.2.1.2.2.2 — Micheline
- 1.2.1.2.2.3 — Janice

Dr. HEITOR, formado em Educação Física, solteiro, residente em Brejo Santo.

EDINALDO, casado com Edênia Leite Alves, comerciante em Brejo Santo, não tem filhos.

FRANCISCO HÉLIO, Tita, solteiro, agricultor e pecuarista, residente na Gitirana.

VERA LÚCIA, casada com o Dr. Juarez Beserra Feitosa, Engenheiro de Minas, residente em Manaus — AM. Nome de casada Vera Lúcia Lucena Feitosa.

MARIA DE FÁTIMA e NEUMA, moças e professoras em Brejo Santo, sendo a segunda escrevente do Cartório Nicodemos, na mesma cidade.

HAROLDO é solteiro e estudante.

MARIA Yaya, a terceira filha de Seu Lucena, é casada com Epaminondas Fernandes Nogueira. Tem 07 filhos:

- 1.2.1.3.1 — Maria das Graças Lucena Nogueira
- 1.2.1.3.2 — Carlos Norberto Lucena Nogueira
- 1.2.1.3.3 — Teresinha Lucena Nogueira
- 1.2.1.3.4 — Francisco Epaminondas Lucena Nogueira
- 1.2.1.3.5 — Maria Lúcia Lucena Nogueira
- 1.2.1.3.6 — Rita de Cássia Lucena Nogueira
- 1.2.1.3.7 — Marcos Antônio Lucena Nogueira

MARIA DAS GRAÇAS, casada com Francisco Normando Figueiredo Lopes, comerciante em Campina Grande — Pb. assina-se Maria das Graças Nogueira Lopes. Tem uma filha:

- 1.2.1.3.1.1 — Danila Nogueira Lopes

CARLOS NORBERTO, comerciante em Campina Grande, casado com Marlene Filinto, tem duas filhas:

- 1.2.1.3.2.1 — Carla Nogueira Filinto
- 1.2.1.3.2.2 — Perla Nogueira Fiinto

Dra. TERESINHA, casada com Dr. Hélder Lucena Miranda, citado adiante (1.2.2.2.2), assina-se Teresinha Lucena Miranda. Ambos formados em Odontologia clinicam em Brejo Santo. Tem uma filha :

1.2.1.3.3.1 — Terciana Lucena Miranda

MARIA LÚCIA casou com Dr. Paulo Pereira Filho, comerciante em Campina Grande. Passou a assinar-se Maria Lúcia Nogueira Pereira. Tem uma filha :

1.2.1.3.5.1 — Andreza Nogueira Pereira

FRANCISCO, RITA DE CASSIA e MARCOS ANTÔNIO, ainda solteiros e estudantes.

MARIA OLÍVIA, ou Donamaria, contraiu matrimônio com Heráclito Alves de Moura, alto comerciante em Brejo Santo. Passou a assinar-se Maria Alves Lucena. Ficou viuva com 03 filhos :

1.2.2.1 — Wálter Alves de Moura

1.2.2.2 — Maria Heraclides Alves Lucena

1.2.2.3 — Edimar Alves Lucena

WALTER, comerciante em Brejo Santo, casado com Inês Lucena Leal, tem 04 filhos :

1.2.2.1.1 — Diana

1.2.2.1.2 — Eliana

1.2.2.1.3 — Vaneide

1.2.2.1.4 — Valdina

MARIA HERACLIDES, professora aposentada, casada com Dr. Francisco Miranda Tavares, Chefe do Posto de Saúde de Brejo Santo, tomou, no casamento, o nome de Maria Heraclides Lucena Miranda. Tem 05 filhos :

1.2.2.2.1 — Haroldo Lucena Miranda

1.2.2.2.2 — Hélder Lucena Miranda

1.2.2.2.3 — Herbênia Lucena Miranda

1.2.2.2.4 — José Hariolo Lucena Miranda

1.2.2.2.5 — Heloísa Lucena Miranda

Dr. HAROLD, médico, Chefe do Posto de Saúde de Porteirras — CE. e Chefe do Hospital local. Solteiro, reside em Brejo Santo.

Dr. HÉLDER, odontólogo, é casado com a Dra. Teresinha Lucena Miranda já referida (1.2.1.3.3) também odontóloga. Prestam serviço no Posto de Saúde de Brejo Santo.

HERBÊNIA é casada com Dr. Getúlio de Barros, agrônomo, funcionário da EMATERCE, em Juazeiro do Norte. Ambos são universitários, cursando a Faculdade de Direito do Crato. Tem 02 filhas :

1.2.2.2.3.1 — Herene

1.2.2.2.3.2 — Helen

JOSÉ HARIOLO, estudante, falecido recentemente em acidente automobilístico. HELOÍSA é estudante em Fortaleza.

EDIMAR é comerciante, Chefe da Firma W. Moura & Irmãos e do Posto J. K. em Brejo Santo. Sua esposa é Maria Socorro Macedo e tem 04 filhos :

- 1.2.2.3.1 — José Édimo
- 1.2.2.3.2 — Edimar Júnior
- 1.2.2.3.3 — Edimária
- 1.2.2.3.4 — João Heráclito

JOÃO, ou Seu Dão Chicote, o 3º filho do Cel. Manuel Chicote e D. Yayá, é agricultor no sítio Barreiro Branco. Casou duas vezes. A 1.^a vez com sua prima Donina Inácio de Lucena, já falecida. Nasceram 07 filhos :

- 1.2.3.1 — Maria Donina de Lucena
- 1.2.3.2 — Francisco Lucena
- 1.2.3.3 — José Lucena
- 1.2.3.4 — Juarez Lucena
- 1.2.3.5 — Jaime Lucena
- 1.2.3.6 — Hamilton Lucena
- 1.2.3.7 — Francisco Franco Lucena

Em segundas núpcias casou com sua prima Josefa Inácio de Lucena, Zefinha, irmã da 1.^a esposa. Tem 05 filhos :

- 1.2.3. 8 — Evaldo Lucena
- 1.2.3. 9 — Cila Lilian Lucena
- 1.2.3.10 — Juraci Lucena
- 1.2.3.11 — Manuel Lucena Neto — Seu Né
- 1.2.3.12 — Lúcia Lucena

MARIA DONINA, 1º matrimônio, é casada com José Matias Júnior, comerciante em Juazeiro do Norte e tem 08 filhos :

- 1.2.3.1.1 — Maria do Socorro Matias Lucena
- 1.2.3.1.2 — Ione Matias Lucena
- 1.2.3.1.3 — Simone Matias Lucena
- 1.2.3.1.4 — Maria de Fátima Matias Lucena
- 1.2.3.1.5 — Maria do Carmo Matias Lucena
- 1.2.3.1.6 — Maria Auxiliadora Matias Lucena
- 1.2.3.1.7 — Maria Aparecida Matias Lucena
- 1.2.3.1.8 — Manuel Elmano Matias Lucena

MARIA DO SOCORRO é professora, casada com o Dr. Francisco Leite de Lucena, médico e atual Prefeito Municipal de Brejo Santo. Tem 04 filhos :

- 1.2.3.1.1.1 — Ana Luzia
- 1.2.3.1.1.2 — Anastácia
- 1.2.3.1.1.3 — Adson
- 1.2.3.1.1.4 — Andson

IONE é casada com Gilson Sobreira, comerciante em Juazeiro do Norte. Seu nome de casada é Ione Matias Sobreira e tem 03 filhos:

- 1.2.3.1.2.1 — Cintia
- 1.2.3.1.2.2 — Iure
- 1.2.3.1.2.3 — Icro

SIMONE é esposa do Dr. Juvenal Beserra Pinho, bacharel e funcionário do Banco do Brasil S. A. na cidade de Seabra — BA. Como casada assina-se Simone Beserra Matias e tem 03 filhos :

- 1.2.3.1.3.1 — Patrícia
- 1.2.3.1.3.2 — Juvêncio
- 1.2.3.1.3.3 — Larissa

MARIA DE FÁTIMA é esposa do Dr. Hélio Pessoa. Assina-se Maria de Fátima Matias Rigor. Não tem filhos.

MARIA DO CARMO casou com Gilvan Alves Cansanção, comerciante em Juazeiro do Norte. Assina-se Maria do Carmo Alves. Tem uma filha :

- 1.2.3.1.5.1 — Andreza

MARIA AUXILIADORA, MARIA APARECIDA e Dr. MANUEL ELMANO residem em Juazeiro do Norte. Ele é agrônomo.

FRANCISCO, o 2º filho do Seu Dão, é artista, residente em Brejo Santo, casado com Josefa de Sousa Lucena. Tem 02 filhos :

- 1.2.3.2.1 — Armando Sousa Lucena
- 1.2.3.2.2 — Angela Sousa Lucena

JOSÉ é agricultor, residente na fazenda Barreiro Branco, casado com Filomena Furtado dos Santos. Não tem filhos

JUAREZ, também agricultor no Barreiro Branco, casado com Maria Neci Beserra, tem 04 filhos :

- 1.2.3.4.1 — Jurandir Lucena
- 1.2.3.4.2 — Gilvan Lucena
- 1.2.3.4.3 — José Lucena
- 1.2.3.4.4 — Gersina Lucena

JAIME é militar, solteiro, residente em Santa Helena — Goiás.

HAMILTON, industrial, dirige a usina de cerâmica CEBREL, em Lagoa do Mato, Brejo Santo. Casado com Joana Lustosa Lucena, tem 03 filhos :

- 1.2.3.6.1 — João Lucena Lustosa
- 1.2.3.6.2 — Janice Lucena Lustosa
- 1.2.3.6.3 — Jaime Lucena Lustosa

FRANCISCO FRANCO, o último filho do 1º casamento de Seu Dão, é solteiro, militar da PM de S. Paulo — Capital.

IVALDO, 1º filho do 2º matrimônio, é pecuarista e agricultor no Barreiro Branco. Casado com Suzete Hoanda Lucena, tem um filho:

- 1.2.3.8.1 — Aurélio Holanda Lucena

CILA LILIAN, moça, funcionária da Obresa, Usina Algodoeira Brejo-santense Ltda.; JURACI, solteiro e LÚCIA, moça, residente no Barreiro Branco; MANUEL, Seu Nê, solteiro, reside no Pará.

ANGELINA, Anginha, a 4.ª filha do Cel. Manuel Chicote e Da. Yayá, é casada com Antônio Madeiro de Moura, comerciante em Brejo Santo. Assina-se Angelina Lucena Moura e tem 04 filhos :

- 1.2.4.1 — Leonor Madeiro Lucena
- 1.2.4.2 — Edite Madeiro Lucena
- 1.2.4.3 — Eunice Madeiro Lucena
- 1.2.4.4 — Francisco Paulo Madeiro Lucena

LEONOR é esposa de Pedro Gomes de Lucena, conhecido Peixe Gomes, alto comerciante em Serra Talhada - Pe. Tem 10 filhos :

- 1.2.4.1. 1 — Dione Gomes Lucena
- 1.2.4.1. 2 — Divane Gomes Lucena
- 1.2.4.1. 3 — Damilo Gomes Lucena
- 1.2.4.1. 4 — Dalton Gomes Lucena
- 1.2.4.1. 5 — Dilma Gomes Lucena
- 1.2.4.1. 6 — Décia Gomes Lucena
- 1.2.4.1. 7 — Dioneide Gomes Lucena
- 1.2.4.1. 8 — Diana Gomes Lucena
- 1.2.4.1. 9 — Danise Gomes Lucena
- 1.2.4.1.10 — Dilson Gomes Lucena

DIONE é casada com Dr. Bartolomeu Alves, economista, residente em Serra Talhada. Seu nome de casada é Dione Gomes Lucena Alves. Não tem filhos.

DIVANE é esposa do médico Dr. Antônio Marcos, residente em Recife - Pe. Assina-se Divane Gomes Marcos.

DILMA é casada com o médico Dr. Rocildo Alencar, residente em Serra Talhada. Com o casamento assina-se Dilma Gomes Lucena Alencar.

DANILO é contabilista; DALTON, DÉCIA, DIONEIDE, DIANA, DANISE e DILSON são estudantes em Serra Talhada.

EDITE, a 2.^a filha de Anginha, é casada com Dr. Manuel Costa Beserra, advogado em Brejo Santo. Seu nome de casada é Edite Lucena Madeiro Costa e tem 05 filhos :

- 1.2.4.2.1 — Maria do Socorro Costa Lucena
- 1.2.4.2.2 — Maria de Fátima Costa Lucena
- 1.2.4.2.3 — Maria Lúcia Costa Lucena
- 1.2.4.2.4 — Maria Tânia Costa Lucena
- 1.2.4.2.5 — Manuel Costa Júnior

MANUEL é estudante em Recife e as 04 moças são professoras diplomadas, residentes em Brejo Santo.

EUNICE, a 3.^a filha de Anginha, é casada com Dr. Raimundo Alves Santana, médico Diretor do Hospital de Rubiataba - GO. Como casada assina-se Eunice Lucena Santana e tem 05 filhos”:

- 1.2.4.3.1 — Marcos Aurélio Lucena Santana
- 1.2.4.3.2 — Márcio Lucena Santana
- 1.2.4.3.3 — Marcelo Lucena Santana
- 1.2.4.3.4 — Marise Lucena Santana
- 1.2.4.3.5 — Marielena Lucena Santana

MARCOS AURÉLIO é universitário de medicina em Belém do Pará e os outros são estudantes em Rubiataba.

Dr. FRANCISCO PAULO, o último filho de Anginha, é médico Diretor do Hospital S. Vicente de Paulo, de Barbalha - CE. Sua esposa é Socorro Sampaio e tem 02 filhos :

- 1.2.4.4.1 — Uíra
- 1.2.4.4.2 — Venusca

OLIVIA é esposa de João Domingos e Silva, agricultor no Barreiro Branco. Tem 02 filhos :

1.2.5.1 — José Nilson Lucena e Silva

1.2.5.2 — Francisco Lucena e Silva

Este último é solteiro e artista, residente em Brejo Santo. O primeiro é contabilista e funcionário da Prefeitura de Brejo Santo. É casado com Margarete Martins Lucena. Tem um filho :

1.2.5.2.1 — João Carlos

ANA, ou Donana, a 6.^a filha do Cel. Manuel Chicote e Da. Yayá, é religiosa da Congregação das Filhas de Santana. Na Congregação recebeu o nome de Irmã Ana Maria Lúcia Lucena e reside no Hospital Mons. João de Deus, em Caxambu - MG. dirigido por estas Religiosas.

EMÍLIA, ou Milô, casou com seu primo Manuel Lucena Sobrinho, Seu Nê Chicote, já falecido. Tem 05 filhos :

1.2.7.1 — Francisco de Assis Lucena

1.2.7.2 — Maria Verônica Lucena

1.2.7.3 — Margarida Maria Lucena

1.2.7.4 — Maria Yayá Lucena

1.2.7.5 — José Lucena

FRANCISCO DE ASSIS, agricultor residente na Lagoa Cercada, Milagres, é casado com Neusa Lucena Figueiredo. Tem 02 filhos:

1.2.7.1.1 — Manuel Lucena Neto

1.2.7.1.2 — Marjorie Lucena de Figueiredo

MARIA VERÔNICA é professora, casada com Francisco Abreu, militar residente em Brejo Santo. Tem 02 filhas :

1.2.7.2.1 — Geórgia

1.2.7.2.2 — Germana

MARIA Yayá, professora casada com Antônio de Figueiredo, funcionário do Banco do Brasil S. A. em Brejo Santo, não tem filhos.

MARGARIDA MARIA e JOSÉ, ambos solteiros, ela professora em Brejo Santo e ele agricultor na Lagoa Cercada, Milagres.

ANTÔNIO, o Teté Chicote, é agricultor e pecuarista no Barreiro Branco. Casado com sua prima Antônia Inácio de Lucena, tem 06 filhos :

1.2.8.1 — Djalma Inácio de Lucena

1.2.8.2 — Francismar Inácio de Lucena

1.2.8.3 — Marilene Inácio de Lucena

1.2.8.4 — Eliene Inácio de Lucena

1.2.8.5 — Iracema Inácio de Lucena

1.2.8.6 — Ivã Inácio de Lucena

DJALMA é contabilista e universitário, cursando Direito, e ocupa o cargo de Secretário da Prefeitura Municipal de Brejo Santo. Casado com a professora Filomena Alves de Lucena, não tem filhos.

FRANCISMAR dedica-se à agricultura no Barreiro Branco, casado com sua prima Fátima Lucena Santana, citada adiante (1.2.9.1). Não tem filhos.

MARILENE casou com Euclides Gomes, comerciante em Brejo Santo. É professora e tem 03 filhos :

- 1.2.8.3.1 — Aline
- 1.2.8.3.2 — Euclides Filho
- 1.2.8.3.3 — Samuel

ELIANE é professora, casada com Paulo Pereira Matos, contabilista. Residente em Fortaleza. Tomou o nome de Eliane Lucena Matos. Tem 02 filhos :

- 1.2.8.4.1 — Paulo Júnior
- 1.2.8.4.2 — Alã

IRACEMA, professora, casou com Luís Madeiro e passou a assinar-se Iracema Lucena Madeiro. O esposo é contabilista e residem em Brejo Santo. O casal tem 02 filhas :

- 1.2.8.5.1 — Milene
- 1.2.8.5.2 — Denísia

IVA é solteiro, agricultor residente no Barreiro Branco.

JUDITE, a 9.^a filha do Cel. Manuel Chicote e Da. Yayá, casou com Antônio Paulo de Santana, agricultor no Barreiro Branco e chama-se Judite Lucena Santana. Tem 04 filhos :

- 1.2.9.1 — Fátima Lucena Santana
- 1.2.9.2 — Jacinta Lucena Santana
- 1.2.9.3 — Francisco Lucena Santana
- 1.2.9.4 — Lúcia Lucena Santana

FÁTIMA é esposa de seu primo Francismar Inácio de Lucena, já citado (1.2.8.2), agricultor no Barreiro Branco. Não tem filhos.

JACINTA é casada com José Nilo de Sousa, comerciante na Capital de S. Paulo e tem 02 filhas :

- 1.2.9.2.1 — Wilma
- 1.2.9.2.2 — Jaqueline

FRANCISCO é estudante em Brejo Santo.

LÚCIA, casando com José Leite Cabral, chamou-se Lúcia Lucena Santana Cabral. O esposo é artista e reside em Brejo Santo.

JOSÉ AVICENA, o 10.^o filho do Cel. Manuel Chicote e Da. Yayá, mais conhecido por Padre Chicote, é funcionário público inativo do Ministério das Comunicações — Correios e Telégrafos, Inspetor de Linhas Telegráficas. Reside atualmente em Fortaleza. Homem prático e amigo de todos. Versado em conhecimentos gerais, está sempre pronto para servir, com boavontade, a qualquer tempo e em qualquer circunstância.

Casou duas vezes. Em primeiras núpcias, com Alzira Leite Lucena que lhe deixou 07 filhos :

- 1.2.10.1 — Manuel Leite Lucena — Jesus
- 1.2.10.2 — Irismar Leite Lucena
- 1.2.10.3 — Francisco Leite Lucena
- 1.2.10.4 — Clécia Leite Lucena
- 1.2.10.5 — Cleunice Leite Lucena
- 1.2.10.6 — Wilson Leite Lucena
- 1.2.10.7 — Clerivalda Leite Lucena

A 2.^a vez casou com Antônia Costa Lucena, natural de Paus dos Ferros, no Rio Grande do Norte. Deste consórcio tem 06 filhos :

- 1.2.10. 8 — Ana Lúcia da Costa Lucena
- 1.2.10. 9 — Cleodon da Costa Lucena
- 1.2.10.10 — Élcio da Costa Lucena
- 1.2.10.11 — Teresa Neuma da Costa Lucena
- 1.2.10.12 — Célia da Costa Lucena
- 1.2.10.13 — Avicena Filho

Do 1º matrimônio :

MANUEL, funcionário público municipal, casado com Vicentina Madeiro Lucena, professora em Brejo Santo, onde residem. Tem uma filha :

- 1.2.10.1.1 — Ana Alzira

IRISMAR é funcionário público em Brejo Santo, casado com Price Bernardo Lucena, viuva do seu irmão Wilson (1.2.10.6). Não tem filhos.

FRANCISCO, ou França, solteiro, motorista em Manaus - AM.

CLÉIA, moça, modista, trabalha no Rio de Janeiro - RJ.

CLEUNICE, casada residente em Natal - RN.

WILSON, falecido, foi casado com Price Bernado Lucena, já citada. Deixou uma filha :

- 1.2.10.6.1 — Alzira Leite Lucena Neta

CLERIVALDA é casada com Cidalino Tranche, contabilista e administrador de uma empresa construtora em Brejo André - S.P. Assina-se Clerivalda Lucena Tranche e tem 02 filhos :

- 1.2.10.7.1 — José Gláucio Lucena Tranche

- 1.2.10.7.2 — Alzira Lucena Tranche

Do 2º casamento :

ANA LÚCIA, professora diplomada, CLEODON e ÉLCIO, contabilistas, TERESA NEUMA, CÉLIA e AVICENA FILHO, todos estudam em Fortaleza.

ISALTINA, a última filha do Cel. Manuel Chicote e Da. Yayá, adotou assinar-se de Isaltina Lucena Siqueira depois do casamento com Manuel César Siqueira, comerciante, Chefe da Firma Siqueira Auto Peças e atual Vice-Prefeito Municipal de Brejo Santo. Professora aposentada, tem 03 filhos :

- 1.2.11.1 — César Siqueira Filho
- 1.2.11.2 — Francisco Carlos Lucena Siqueira
- 1.2.11.3 — Ana Lúcia Lucena Siqueira

Todos três estudam em Fortaleza. César Filho é universitário, cursando Geologia na U.F.C.

*
* *

MARIA DA PURIFICAÇÃO VIEIRA DE QUENTAL, Mãezinha, é a 3.^a filha do Major João Muniz Vieira de Quental.

Casou com seu primo Antônio Furtado de Figueiredo, Toinho Furtado do Cafundó. Tiveram 03 filhos :

- 1.3.1 — Luís Furtado de Quental
- 1.3.2 — Maria Yayá Furtado de Quental
- 1.3.3 — José Furtado de Quental — Dezinho Furtado

LUIS casou com sua prima Maria Furtado de Quental, Mariquinha, citada adiante (1.4.2). Já falecidos, deixaram 02 filhos :

- 1.3.1.1 — Valdelice Furtado de Quental
- 1.3.1.2 — Valdir Furtado de Quental

VALDELICE é casada com José Pio, professor em Fortaleza. Não tem filhos.

Dr. VALDIR é odontólogo, casado com Ivanisia Alexandre Sobral. Reside em Barbalha - CE. e tem uma filha :

- 1.3.1.2.1 — Manuela Furtado Sobral

MARIA YAYÁ é casada com Manuel Liberato da Cruz, Nezinho Liberato, agricultor em Santa Helena - GO. Tem 03 filhos :

- 1.3.2.1 — Moacir Furtado da Cruz
- 1.3.2.2 — Joaquim Furtado da Cruz
- 1.3.2.3 — Antonieta Furtado da Cruz

JOSÉ, Dezinho, agricultor no sítio Valentim — Missãoavelha, casado com Maria Leite Nicodemos, tem 08 filhos :

- 1.3.3.1 — Maria de Lourdes Nicodemos Furtado
- 1.3.3.2 — Francisco de Assis Nicodemos Furtado
- 1.3.3.3 — Maria Neuma Nicodemos Furtado
- 1.3.3.4 — José Irio Nicodemos Furtado
- 1.3.3.5 — Gilberto Nicodemos Furtado
- 1.3.3.6 — Marinês Nicodemos Furtado
- 1.3.3.7 — Maurício Nicodemos Furtado
- 1.3.3.8 — Helusana Nicodemos Furtado

MARIA DE LOURDES depois do casamento com Lindório Jorge da Cunha, assina-se Maria de Lourdes Nicodemos Jorge. O esposo é comerciante em Barbalha e tem 02 filhos :

- 1.3.3.1.1 — Dalton Nicodemos Jorge
- 1.3.3.1.2 — Ítalo Nicodemos Jorge

FRANCISCO DE ASSIS é casado com Silvia Rodrigues Furtado e comerciante em Barbalha. Tem uma filha :

- 1.3.3.2.1 — Hariane Rodrigues Furtado

JOSÉ VIEIRA DE QUENTAL, o Padre Vieira ou Zeca Vieira do Riachão, foi agricultor, casado com Úrsula Furtado de Figueiredo, irmã de Toinho Furtado do Cafundó. Já falecidos, deixaram 07 filhos :

- 1.4.1 — João Furtado de Quental
- 1.4.2 — Maria Furtado de Quental — Mariquinha
- 1.4.3 — Ana Furtado de Quental — Donana
- 1.4.4 — Francisco Furtado de Quental — Chiquinho
- 1.4.5 — Pedro Furtado de Quental — Pedrinho
- 1.4.6 — Henoque Furtado de Quental
- 1.4.7 — Alice Furtado de Quental

JOÃO é agricultor e casado com Ana Martins Leite, Naninha. Residem em Brejo Santo e têm um filho :

- 1.4.1.1 — Válter Quental Martins

Este é agricultor residente em Jamacaru, casado com Maria Olímpia Tavares. Tem 03 filhos :

- 1.4.1.1.1 — José Egnoberto Quental
- 1.4.1.1.2 — Ediberto Tavares Quental
- 1.4.1.1.3 — Vinácia Patrícia Tavares Quental

MARIA, a 2.^a filha de Zeca Vieira do Riachão, casou com seu primo Luís Furtado de Quental, já falecido (1.3.1). Ambos falecidos deixaram 02 filhos já citados — Valdelice (1.3.1.1) e Valdir (1.3.1.2).

ANA, ou Donana, casou com Francisco Liberato da Cruz, agricultor em Juazeiro do Norte. Não tem filhos.

FRANCISCO ou Chiquinho é comerciante em Fortaleza, casado com Sinhá Liberato da Cruz. Tem 10 filhos

- 1.4.4. 1 — Geraldo Furtado da Cruz
- 1.4.4. 2 — Mirian Furtado da Cruz
- 1.4.4. 3 — Maria Deny Furtado da Cruz
- 1.4.4. 4 — Ione Furtado da Cruz
- 1.4.4. 5 — Fátima Furtado da Cruz
- 1.4.4. 6 — Vera Lúcia Furtado da Cruz
- 1.4.4. 7 — Maria Furtado da Cruz — Mariquinha
- 1.4.4. 8 — Antônia Furtado da Cruz — Toinha
- 1.4.4. 9 — Francisco Furtado da Cruz
- 1.4.4.10 — Marlene Furtado da Cruz

Todos, estudantes em Fortaleza

PEDRO ou Pedrinho é agricultor no sítio Pilar, Milagres, casado com Maria Vieira de Quental. Não tem filhos.

HENOQUE é agricultor em Araguaia - GO. casado com Maria Alvino Furtado. Tem 04 filhos :

- 1.4.6.1 — Francisco Furtado de Quental
- 1.4.6.2 — Vicente Furtado de Quental
- 1.4.6.3 — Délcio Furtado de Quental
- 1.4.6.4 — Válter Furtado de Quental

ALICE, a última filha de Zeca Vieira do Riachão, casou com José Furtado de Lucena, residente em Brejo Santo, e tomou o nome de Alice Furtado de Lucena. Faleceu deixando 04 filhos :

- 1.4.7.1 — Moacir Furtado de Lucena
- 1.4.7.2 — Maria Furtado de Lucena — Nenen
- 1.4.7.3 — Maria Alice Furtado de Lucena
- 1.4.7.4 — Valmir Furtado de Lucena

MOACIR é funcionário público municipal em Brejo Santo, casado com Maria Socorro Lima.

MARIA ou Nenen é casada com Miguel Santana, funcionário público estadual em Brejo Santo.

VALMIR é funcionário público municipal em Brejo Santo, casado com Maria de Fátima Figueiredo Lucena.

*
* *

MANUEL VIEIRA DE QUENTAL ou Né Vieira é o 5º filho do Major João Vieira. Como agricultor, tinha residência no Genipapeiro, em Milagres, e foi casado com Ana Pereira de Quental. Ambos falecidos deixaram 03 filhos :

- 1.5.1 — João Vieira de Quental — Joãozinho
- 1.5.2 — Joaquim Vieira de Quental — Zinho
- 1.5.3 — Maria Vieira de Quental

JOÃO, Joãozinho, é agricultor, residente na Serra do Mãozinha, município de Abaiara - CE. Sua esposa é Francisca Martins de Morais e tem 08 filhos :

- 1.5.1.1 — Francisco Vieira de Morais
- 1.5.1.2 — Tarcísio Vieira de Morais
- 1.5.1.3 — Evaldo Vieira de Morais
- 1.5.1.4 — Edinilo Vieira de Morais
- 1.5.1.5 — Eunice Vieira de Morais
- 1.5.1.6 — Olívia Vieira de Morais
- 1.5.1.7 — Rita Vieira de Morais ou Martins Vieira

JOAQUIM, Zinho, é agricultor no Genipapeiro, em Milagres, casado com Luzanira Martins de Morais ou Luza. Não tem filhos :

MARIA é casada com seu primo Pedro Furtado de Quental, Pedrinho, já citado (1.4.5), agricultor no Genipapeiro. Não tem filhos.

*
* *

FRANCISCO VIEIRA DE QUENTAL, o 6º filho do Major João Vieira, o 1º filho do Comandante Superior, faleceu solteiro e ANTONIO VIEIRA DE QUENTAL, seu Tônio Vieira, o último de

seus filhos, foi agricultor no Genipapeiro e casado com Francisca Gomes de Lucena. Não deixaram filhos.

*
* * *

AFONSO TAVARES MUNIZ DE QUENTAL, ou AFONSO TAVARES DE QUENTAL

Foi o 2º filho do Comandante Superior. Residiu no sítio Bodó, distrito de Jamacaru, antiga Goianinha, município de Missão Velha. Cidadão respeitável e prestativo, merecia toda a consideração dos parentes e do povo em geral. A par do traquejo e desenvoltura que possuía, era dotado de verdadeira intuição para a medicina. Foi o médico empírico daquela redondeza, durante muito tempo. Era procurado em qualquer caso clínico e saía-se bem sucedido nos seus tratamentos, dando preferência ao uso da homeopatia.

Casou com sua prima Porcina Tavares Neves, filha de Antônia Tavares Muniz de Quental, tratada por Totônia, irmã do Comandante Superior e casada, por sua vez, com Francisco da Cruz Neves, tronco do importante núcleo dos Tavares Neves de Porteiras e Jardim.

Seu Afonso deixou 03 filhos :

- 2.1 — José Tavares de Quental — Dedé
- 2.2 — Francisco Tavares de Quental Neto — Tiquinho
- 2.3 — Luiza Porcina Tavares de Quental

JOSÉ, Dedé, exerceu a profissão de marceneiro e residiu no Bodó. Casou com Argina Maria de Quental e deixou 06 filhos|:

- 2.1.1 — Felipe Néri Quental Neves
- 2.1.2 — Rosa Néri Quental Neves
- 2.1.3 — Maria Quental Neves
- 2.1.4 — Eremita Quental Neves
- 2.1.5 — Maria do Socorro Quental Neves
- 2.1.6 — Francisco Quental Neves Sobrinho

FELIPE NÉRI faleceu solteiro

ROSA NÉRI, Rosinha, é enfermeira, casada com Francisco Sinval Camilo, motorista em Brejo Santo. Tem um filho :

- 2.1.2.1 — Cícero Sinval Camilo Neves

MARIA casou com Rosendo Duarte de Sousa, marceneiro residente em Brejo Santo, e ficou se assinando Maria Quental Duarte. Tem 03 filhos|:

- 2.1.3.1 — José Hildon Quental Duarte
- 2.1.3.2 — José Nilson Quental Duarte
- 2.1.3.3 — José Wilton Quental Duarte

EREMITA, no casamento com Joaquim Inácio Janoca, tomou o nome de Eremita Quental Inácio. Tem 02 filhos|:

- 2.1.4.1 — Cícero Quental Neves Inácio
- 2.1.4.2 — Cícera Rivandina Neves Inácio

MARIA DO SOCORRO casou com Milton Simplicio Moura e assina-se Maria do Socorro Quental Moura. Tem um filho :

2.1.5.1 — Cícero Sidaliton Quental Moura

Este é electricista, funcionário da Coelce em Brejo Santo.

FRANCISCO é funcionário da Albresa — Algodoeira Brejosantense Ltda. residente em Brejo Santo. Casado com Ivonete Lima, não tem filhos.

FRANCISCO, Tiquinho, 2º filho de Seu Afonso, morreu solteiro.

LUÍSA PORCINA casou com seu parente Raimundo Saraiva de Quental e residiu no Bodó. Deixou um filho :

2.3.1 — Espedito Dantas de Quental

ESPEDITO casou com Teresinha de Sá Neves, de Porteiras, e reside em Apiay — S. Paulo. Tem 10 filhos :

2.3.1. 1 — Maria de Fátima Neves Dantas

2.3.1. 2 — Ana Maria Neves Dantas

2.3.1. 3 — Maria Lucineide Neves Dantas

2.3.1. 4 — Maria Gorette Neves Dantas

2.3.1. 5 — Maria Gracilina Neves Dantas

2.3.1. 6 — Maria Salvilina Neves Dantas

2.3.1. 7 — Antônio José Neves Dantas

2.3.1. 8 — Raimundo Neves Dantas

2.3.1. 9 — Francisco Neves Dantas

2.3.1.10 — João Bosco Neves Dantas

*
*
*

MARIA TAVARES MUNIZ DE QUENTAL, Maricazinha. Esta filha do Comandante Superior casou com seu primo Tomaz Dantas Rothéia, Seu Tomazinho. Adotou o nome de Maria Tavares de Quental Dantas. Moraram na Santa Rosa e deixaram 02 filhos :

3.1 — José Dantas de Quental — Zequinha Dantas

3.2 — Ana Dantas de Quental — Naninha

JOSÉ, Zequinha Dantas, casou com Ana Fechine Dantas. Sua residência foi Aurora - CE. e sua prole constou de 02 filhos :

3.1.1 — Maria Dantas de Quental Fechine — Donamaria

3.1.2 — Paulo Dantas de Quental Fechine

PAULO é solteiro, telegrafista em Fortaleza.

ANA, Naninha, 2.^a filha de Maricazinha, casou com José Leite de Moura, da Santa Rosa, Jamaru — Missão Velha. Assinou-se Ana Quental Leite de Moura. Sua família foram 09 filhos :

- 3.2.1 — Antônio Quental Leite de Moura
- 3.2.2 — Maria Quental Leite de Moura — Marica
- 3.2.3 — Joana Quental Leite de Moura
- 3.2.4 — Francisco Quental Leite de Moura
- 3.2.5 — Pedro Quental Leite de Moura
- 3.2.6 — João Quental Leite de Moura — Joca
- 3.2.7 — Manuel Quental Leite de Moura — Neco Leite
- 3.2.8 — Francisca Quental Leite de Moura
- 3.2.9 — Naide Quental Leite de Moura

ANTÔNIO, comerciante em Missão Velha, casou com Irineá Fechine Leite, Nenen. Faleceram deixando 02 filhos :

- 3.2.1.1 — José Leite Fechine
- 3.2.1.2 — Maria Maroli Fechine Leite

JOSÉ é comerciante em Missão Velha, casado com Maroli Fechine Gomes. Tem 03 filhos :

- 3.2.1.1.1 — Maria de Fátima Fechine Gomes
- 3.2.1.1.2 — Maria Socorro Fechine Gomes
- 3.2.1.1.3 — Francisco Fechine Gomes

MARIA MAROLI casou com Raimundo Fideles de Sousa, agricultor em Missão Velha, e assina-se Maria Maroli Fideles. Não tem filhos.

MARIA, Marica, casou com José Leite Moreira, residente em Brejo Santo, e assina-se Maria Leite Quental Moreira. Ficou viuva com 10 filhos :

- 3.2.2. 1 — Nair Leite Tavares Moreira
- 3.2.2. 2 — Adalberto Leite Tavares Moreira
- 3.2.2. 3 — Aldênio Leite Tavares Moreira
- 3.2.2. 4 — Antônio Leite Tavares Moreira
- 3.2.2. 5 — Maria Leite Tavares Moreira — Mariazinha
- 3.2.2. 6 — Francisco Leite Tavares Moreira
- 3.2.2. 7 — Maria Zélia Leite Tavares Moreira
- 3.2.2. 8 — Hilton Leite Tavares Moreira
- 3.2.2. 9 — Aldo Leite Tavares Moreira
- 3.2.2.10 — Maria Gisele Leite Tavares Moreira

NAIR é esposa de José Gomes de Figueiredo, conhecido por Dedo Rufino, mecânico em Brejo Santo. Assina-se Nair Tavares Figueiredo e tem 06 filhos :

- 3.2.2.1.1 — Demontier
- 3.2.2.1.2 — Maria Dione
- 3.2.2.1.3 — Diógenes
- 3.2.2.1.4 — Maria Divâni
- 3.2.2.1.5 — Diana
- 3.2.2.1.6 — Roberto

DEMONTIER é comerciante, residente em Brejo Santo e casado com Maria Socorro Figueiredo.

Outros ainda vivem sob a dependência dos pais.

ADALBERTO, filho de Marica, é comerciante em Fortaleza, casado com Zilda Leite de Araújo. Tem 07 filhos :

- 3.2.2.2.1 — Aglaís Tavares
- 3.2.2.2.2 — José Tavares
- 3.2.2.2.3 — Giovâni Tavares
- 3.2.2.2.4 — Haroldo Tavares
- 3.2.2.2.5 — Inara Tavares
- 3.2.2.2.6 — Arnes Tavares
- 3.2.2.2.7 — ?

AGLAÍS é casada com Dr. Paulo Tarso Gomes, residente em Campina Grande. Assina-se Aglaís Tavares Gomes e tem uma filha :

- 3.2.2.2.1.1 — Paula

ALDÊNIO, 3º filho de Marica, é casado com Ieda Alves de Moura. Industrial em Brejo Santo, tem 03 filhos :

- 3.2.2.3.1 — José Ney
- 3.2.2.3.2 — Leda
- 3.2.2.3.3 — Angélica

ANTÔNIO e MARIA, ou Mariazita, são solteiros, residentes em Brejo Santo; ele agricultor e industrial, ela, comerciária.

FRANCISCO é industrial, casado com América Beserra, professora em Brejo Santo. Tem 03 filhos :

- 3.2.2.6.1 — Andréa
- 3.2.2.6.2 — Aretu
- 3.2.2.6.3 — Alisson

MARIA ZÉLIA é moça e reside em Brejo Santo

HILTON é casado com Divanir Alves Leite Moreira e tem 04 filhos :

- 3.2.2.8.1 — Rochele
- 3.2.2.8.2 — Vanusa
- 3.2.2.8.3 — Vágner
- 3.2.2.8.4 — Leonardo

ALDO é industrial em Brejo Santo, casado com Maria José Cilião e tem 03 filhos :

- 3.2.2.9.1 — Adriana
- 3.2.2.9.2 — Glédson
- 3.2.2.9.3 — Michele

MARIA GISELE, a última filha de Marica, é casada com Genival Leite Lucena. Tem 02 filhos :

- 3.2.2.10.1 — Mirele
- 3.2.2.10.2 — George

JOANA, Joaninha, filha de Naninha, neta de Maricazinha, casou com seu primo André Dantas de Quantal, em Mauriti, citado adiante (4.1). Assinou-se Joana Leite Dantas de Quantal. Não teve filhos.

FRANCISCO, irmão da precedente, industrial em Brejo Santo, casou com Onesina Leite Tavares. Faleceu deixando 07 filhos :

- 3.2.4.1 — Genival Leite Quental
- 3.2.4.2 — José Leite Quental — Zeleitim
- 3.2.4.3 — Gilson Leite Quental
- 3.2.4.4 — Wilson Leite Quental
- 3.2.4.5 — Maria Necir Leite Quental
- 3.2.4.6 — Lúcia Leite Quental
- 3.2.4.7 — Hélio Leite Quental

Dr. GENIVAL, formado em Economia e Filosofia, reside em Brejo Santo, casado com Maria Eunice Leite. Tem um filho :

- 3.2.4.1.1 — André

JOSÉ, Zeleitim, é contador e funcionário do IPEC em Brejo Santo. Casado com Lúcia de Fátima Araújo Santana, tem uma filha :

- 3.2.4.2.1 — Viviane

Dr. GILSON é Engenheiro Civil. Exerce suas atividades em Brejo Santo onde é casado com Maria de Fátima Damasceno. Tem 02 filhos :

- 3.2.4.3.1 — Denise
- 3.2.4.3.2 — Gilson Filho

MARIA NECIR, casada com Caubi Cavalcante, representante de drogas, residente em Brejo Santo, não tem filhos.

WILSON, LÚCIA e HÉLIO são solteiros residentes em Brejo Santo.

JOÃO, Joca, filho de Naninha, é agricultor no sítio Irapuá, em Milagres. Casado com Hosana Leite de Moura, tem 09 filhos :

- 3.2.6.1 — José Leite Quental
- 3.2.6.2 — Socorro Leite Quental
- 3.2.6.3 — Francisco Leite Quental
- 3.2.6.4 — Carlos Leite Quental
- 3.2.6.5 — Francisca Leite Quental
- 3.2.6.6 — Geraldo Leite Quental
- 3.2.6.7 — Antônia Leite Quental
- 3.2.6.8 — Raimundo Nonato Leite Quental
- 3.2.6.9 — ? ?

MANUEL, Neco Leite, é comerciante em Brejo Santo, casado com Neusa Leite Tavares. Tem 05 filhos :

- 3.2.7.1 — Geraldo Leite Quental
- 3.2.7.2 — Gisleno Leite Quental
- 3.2.7.3 — Célio Leite Quental
- 3.2.7.4 — Francisco Leite Quental — Dozinho
- 3.2.7.5 — Maria Neuma Leite Quental

GERALDO é excepcional

GISLENO é formado em Administração e trabalha em Teresina - PI. Casado com Pricila Cavacante, tem 02 filhos :

- 3.2.7.2.1 — André
- 3.2.7.2.2 — Andrey

CÉLIO é solteiro, agrônomo, funcionário da EMATERCE em Iguatu - CE.

FRANCISCO, Doizinho, é funcionário do Banco do Brasil S. A. em Brejo Santo, casado com Maria José Alves. Tem uma filha :

- 3.2.7.4.1 — Manuela

MARIA NEUMA é casada com Francisco Anselmo de Araújo, comerciante em Salgueiro - Pe. Tem 02 filhas :

- 3.2.7.5.1 — Carla
- 3.2.7.5.2 — Cibebe

* *

CLARA TAVARES MUNIZ DE QUENTAL, Clarinha, é a quarta filha do Comandante Superior. Casou, em Mauriti, com seu primo Capitão Miguel Gonçalves Dantas de Quental, já viuvo. Passou a assinar-se Clara Tavares de Quental Dantas. Nasceu-lhe um filho, já citado :

- 4.1 — Antdré Dantas de Quental — Dedezinho

ANDRÉ, o Dedezinho, casou com sua prima Joana Quental Leite de Moura, Joaninha, já citada (3.2.3). Nome de Casada : Joana Leite de Quental Dantas. Não houve família.

* *

JACINTA, Cicinta, e FRANCISCA, Chiquinha, as duas últimas filhas do Comandante Superior, não se casaram. Passaram desta à melhor vida ainda moças. Sem descendência, deixaram uma memória abençoada.

* *

Não se pode exigir perfeição em nenhum trabalho humano. Perfeito só é Deus. Por mais que nos tenhamos empenhado em adquirir um documentário completo para apresentar esta mini-genealogia escoimada de falhas, não nos foi possível. A distância que nos separa de membros da família que já se encontram em outras regiões, radicados em estados sulinos ou do norte, a deficiência de endereços e outras causas criaram óbice à realização do nosso intento.

Esperamos indulgência para os defeitos que ela possa apresentar e solicitamos a boavontade dos que se julgarem preteridos ou vítimas de alguma incorreição. Entretanto em contato com os responsáveis pela sua elaboração, queiram fornecer dados capazes de preencher as lacunas, por ventura, verificadas.

Crato, 22 de novembro de 1979.

Mons. Raimundo Augusto

Produtos BRAHMA

CERVEJA - GUARANÁ - SODA LIMONADA - SUKITA

OS MELHORES E MAIS DELICIOSOS DO BRASIL !!



BRAHMA

REVENDEDORES EM CRATO:

Comércio de Bebidas Ltda - COBEL

RUA MONSENHOR ESMERALDO - ESQUINA COM RATISBONA

Telefones: 521.1018
521.0907

CRATO

—

CEARÁ

Petrobrita

Antonio Primo de Brito & Cía



Fabricação de brita para construção, em 4 tamanhos

Completamente industrializada

Qualquer quantidade para pronta entrega



Rodovia CE-55 — Km 12 — Sítio Juá

CRATO

—

CEARÁ

A sorte do finado

Esta não é bem minha, pertence ao folclore, anda na boca do povo e como muitas outras tem versões diferentes, variantes ao sabor de cada um.

Um boêmio dos mais legítimos, que não trabalhava e enchia a cara todos os dias, ia pela rua, sem tostão, bebericando a custa dos outros em cada bar, quando, passando em frente a uma casa, notou ajuntamento fora do comum. Espiou pela janela e viu um defunto estendido sobre umas tábuas, ao lado do qual ardia humilde e solitária vela.

Nosso boêmio entrou sala a dentro e tirando o chapéu, foi logo dizendo :

— Zé, meu amigo, que injustiça você morrer tão moço !

Uma mulher, toda de preto, sem dúvida a viúva, ergueu os olhos marejados de lágrimas e falou :

— O senhor era amigo do Zé ?

O boêmio que acertara no nome pela vulgaridade do mesmo, afirmou :

— Era meu grande amigo . . .

— Então o senhor caiu do céu, veio trazido por um anjo . . . o Zé morreu de repente, cheio de dívidas, desempregado e sem "Enipêese (foi assim que ela falou), — tô aqui sem tostão, sem saber como fazer o entêrro.

— Isso não é nada minha senhora, voltou o boêmio, amigo é aquele que chega nas horas incertas !

Empunhando o chapéu, o novo amigo do defunto foi logo passando da teoria à prática :

— Meu amigo, sou velho conhecido do finado, bem poderia às minhas custas cuidar do seu enterro, ainda que modesto . . . mas esse gesto de solidariedade profundamente cristão, deve ser acompanhado por todos os que estão sentindo a perda desse pobre pai de família . . . Vamos ! ponham suas contribuições no chapéu ! Enterremos dignamente nosso Zé !

Então começou a cair dinheiro no chapéu. Quando os que se achavam no interior da casa já haviam contribuído, o diligente "amigo", saiu para a rua e abordou todos os passantes, sendo que, dado ao motivo meritório, todos, ou quase todos contribuíram. O chapéu estava cheio de cédulas de um, cinco e até dez cruzeiros. Em baixo moedinhas.

— Agora vou cuidar do enterro que nosso Zé bem merece, — falou nosso boêmio, depois de diligenciar a passagem da grana do chapéu para o bolso que ficou cheinho como jamais o fora. Antes de partir porém, numa carteira de cigarros, anotou o número da casa.

Logo na primeira bodega da esquina entrou e tomou uma, depois saiu rua afora cumprindo a devoção de bom bebedor em todos os bares até que num deles deu de cara com um cambista de jogo do bicho, desses proibidos pela lei, que são no entanto conhecidos de toda a gente, só não da policia...

Nosso boêmio remecheu o bolso e de lá tirou a carteira de cigarros já muito amarrotada, onde ainda no entanto pode ler o número 2.499. Uma idéia iluminou o cérebro já meio entorpecido pela cana. O palpite! Então jogou o máximo limite na milhar, na centena, na dezena e até no grupo. Carregou o dinheiro que sobrara na andança pelos bares da cidade no palpite que lhe inspirara o número da casa do Zé, que coitado com o calorão do verão, inchava mais e mais, enquanto os amigos verdadeiros comentavam :

— Um pilantra, cachaceiro vagabundo, foi encher a cara com nosso dinheiro e adeus enterro!

— Uns bobos é o que somos, nem acompanhamos o malandro!

— E agora José? disse alguém paradiando o poeta.

A viúva era a única que não perdera a fé e dizia :

— Ele volta, acredito no amigo do Zé...

Lá pelas cinco da tarde era obvio que o boêmio estava muito mais bêbado e o defundo muito mais inchado, quase a estourar. Foi quando, com a vista turvada, o boêmio viu num pequeno quadro negro o número 2.499. Seria uma alucinação? Delirium tremens... Abriu-se num sorriso de alegria quando o cambista confirmou :

— Isso mesmo, deu a vaca na 2.499!

Nosso amigo ficou imediatamente lúcido, como acontece com qualquer bêbado que sofre violenta emoção. Apresentou a pule, esse papeluche de liquidez incontestável. Surpreso viu o homem colocar a sua frente, sobre a mesa uma ruma de dinheiro. Uma bolada, uma fortuna. Aí a consciência do boêmio se iluminou, pois geralmente, por trás de cada boêmio existe uma alma sensível e grande. Correu imediatamente até a funerária e comprou mortalha, caixão, coroa, etc. Para completar, alugou carro funerária com tudo o que deve fazer parte de um enterro decente. Acompanhando o aparato rumou para a casa do Zé.

Ao vê-lo, todos os rostos desesperados e irritadiços, se iluminaram num gesto de perdão. A viúva, esquecendo até a condição, bradou quase sorrindo :

— Não disse que o homem era um grande e leal amigo!

RECEBEMOS:

ACADEMIA CEARENSE DE FARMÁCIA

Fortaleza, janeiro de 1980

Exmo. Senhor :

Jornalista J. Lindemberg de Aquino

D. D. Presidente do Instituto Cultural do Cariri
63.100 — Crato - Ce.

Temos a grata satisfação de comunicar-lhe a instalação desta Academia Cearense de Farmácia, posse de sua primeira Diretoria e dos Acadêmicos Fundadores, em solenidade realizada a 20 do corrente mês nesta Capital.

A Diretoria desta Instituição Cultural ficou assim constituída :

Presidente	— João Ribeiro Ramos
1º Vice-Presidente	— Osvaldo de Oliveira Riedel
2º Vice-Presidente	— Osvaldo Rabelo
Secretário Geral	— Francisco Eudes Apoliano Gomes
1º Secretário	— José Maurício Duarte Matos
2º Secretário	— Antônio Militão de Sousa
1º Tesoureiro	— Edgard Rodrigues de Paula
2º Tesoureiro	— Eurico Litton Pinheiro de Freitas
Diretor de Publicações	— Darcy de Araújo Corrêa

Esperando merecer a sua preciosa atenção, contamos estabelecer com V. Excelência um salutar e duradouro intercâmbio cultural, dentro dos superiores objetivos colimados por este sodalício

Cordialmente

Saudações Acadêmicas

Francisco Eudes Apoliano Gomes
Secretário Geral

Visto :

João Ribeiro Ramos
Presidente

Sede provisória : Avenida do Imperador, 852
60000 — Fortaleza - Ceará

Um dos presentes, arrependido pelo julgamento apressado sentenciou :

— Felizmente na nossa humanidade ainda há muita reserva moral!

Enquanto o pessoal da funerária, entrava com aqueles apetrechos da viagem final do Zé, o boêmio, acercando-se o mais que pode do defunto, próximo ao ouvido do morto segredou :

— Zé, meu pobre Zé, se não tivesse dado a vaca, você tava era lascado!

Fortaleza, janeiro de 1980

Pensando Alto

Depois de um ano inteiro de preparação, foi instalada a 20 de janeiro passado a Academia Cearense de Farmácia — data consagrada ao Farmacêutico. Um ano de organização parece, à primeira vista, um longo tempo. Não, não é absolutamente, sobretudo quando a gente tem que volver ao passado, pesquisando homens e fatos de outras épocas. Li, não faz muito, em Mestre Raimundo Girão, uma afirmativa muito séria: no Brasil e particularmente no Ceará pouquíssima gente se interessa pela História — ninguém zela pelas coisas antigas, ninguém guarda nada do passado. Vi e senti isso, agora, ao organizar a ACF — eu precisava de quarenta nomes de antigos farmacêuticos do Ceará, já falecidos, para Patronos das quarenta cadeiras de que se compõe o Sodalício. Pesquisei quase uma centena. Para isso fiz tudo: escrevi numerosas cartas para dentro e para fora do Estado; indaguei, perguntei, consultei, pedi, roguei. Poucas foram as respostas, de destas a raras satisfatórias, Silêncio. Silêncio que traduzi por desinteresse, ou, o que é mais certo, ninguém sabia nada, ninguém sabia informar nada. É isso aí, amigos, a dolorosa verdade — o passado é morto. Onde se deduz que aos vivos só mesmo os vivos interessam. Felizmente tive duas fontes onde, sequiosamente, me abeberei: o próprio Mestre Raimundo Girão e o grande Barão de Studart. Li os dois mestres muitas vezes. Paciente e reiteradamente, e bati sem acanhamento à porta de alguns velhos e bons amigos, que os tenho, felizmente, entre intelectuais desta querida Fortaleza de N. S. d'Assunção.

E com a ajuda de Deus e a boa vontade de muitos a Academia Cearense de Farmácia está aí e assim constituída: Cadeira 1, Patrono: Joaquim Frederico de Andrade, Fundador — Antônio Bandeira Noqueira; Cadeira 2, Patrono: Antônio Theodorico da Costa, vaga; Cadeira 3, Patrono: Antônio Joaquim Damázio, — vaga; Cadeira 4, Patrono: João Francisco Sampaio, Fundador: Maria Cealre Novais Dias; Cadeira 5, Patrono: Augusto Francisco Chaves Accioly, Fundador: Edimon Sarquis Jereissati; Cadeira 6, Patrono: Affonso de Pontes Medeiros, Fundador: Maria Júlia Jaborandy Rodrigues; Cadeira 7, Patrono: Joaquim Arthur de Carvalho, Fundador: José Arthur de Carvalho; Cadeira 8, Patrono: José Alves de Figueiredo Filho, Fundador — José Cals Gaspar Júnior; Cadeira 9, Patrono: Carlos Filipe Rabelo Miranda Filho, Fundador — Aldo Cavalcante Leite; Cadeira 10, Patrono: Raimundo de Norões Milfont, Fundador — Edgar Rodrigues de Paula; Cadeira 11, Patrono: Alberto Eloy da Costa, — Fundador Eurico Litton Pinheiro de Freitas; Cadeira 12, Patrono: Francisco Dias da Rocha, Fundador — Oswaldo de Oliveira Riedel; Cadeira 13, Patrono: Francisco Maria de Mello Oliveira, Fundador: Antônio Militão de Sousa; Cadeira 14, Patrono: Carlos Alberto Amora: — vaga; Cadeira 15, Patrono: Antônio Leopoldo Serra, Fundador — José Mariano Serra Uchôa; Cadeira 16, Carlos Gordon Studart,

Fundador — José Adjafre de Sousa; Cadeira 17, Patrono : Francisco Borges Moura, Fundador — Luis de Castro Bonfim; Cadeira 18, Patrono: Joaquim Juarez Furtado, Fundador: Francisco de Assis Silva Furtado; Cadeira 19, Patrono: Aluisio Borges Mamede — vaga; Cadeira 20, Patrono: João da Rocha Moreira, — vaga; Cadeira 21, Patrono: João Lourenço de Castro e Silva Filho, Fundador — Francisco Eudes Apoliano Gomes; Cadeira 22, Patrono : José de Moraes Studart, Fundador — João Ribeiro Ramos; Cadeira 23, Patrono : José Eloy da Costa, Fundador — Francisco José Abreu Matos; Cadeira 24, Patrono : Mário Borges Mamede, Fundador : Darci de Araújo Corrêa; Cadeira 25, Patrono : João Francisco do Monte, Fundador : Antônio Mont'Alverne Frota; Cadeira 26, Patrono : Silvio Borges Mamede, vaga; Cadeira 27, Patrono : Benjamim Studart Gurgel, Fundador : José Jarbas Studart Gurgel, Cadeira 28, Patrono : José Benevenuto de Lima, Fundador — Maria Zélia Rouquayral; Cadeira 29, Patrono : Otávio Gonçalves da Justa, Fundador : — José Osvaldo Leite; Cadeira 30, Patrono : José Pedro da Silva Nava, Fundador : Osvaldo Rabele; Cadeira 31, Patrono : Rodolpho Marcos Theóphilo, Fundador : José Maurício Duarte Matos; Cadeira 32, Patrono : José Antônio de Barros Leal, Fundador : Eduardo de Castro Bezerra Filho; Cadeira 33, Patrono : Alfredo Marinho de Andrade, Fundador : Pedro Gomes de Matos; Cadeira 34, Patrono : Osvaldo Guilherme Studart, Fundador : Joaquim Edvan Pires; Cadeira 35, Patrono : Tertuliano Vieira e Sá, Fundador : Luiz Aramicy Bezerra Pinto; Cadeira 36, Patrono : João Francisco de Almeida Monte (Jones), Fundador : Abraão Bezerra Batista; Cadeira 37, Patrono : Raimundo Leopodo Coelho de Arruda, Fundador : Felizardo Pinho Pessoa Filho; Cadeira 38, Patrono : Alfredo Cláudio Rangel, Fundador : Marcelo Leite Alencar; Cadeira 39, Patrono : Antônio da Silva Albano, Fundador : Paulo Nertan Cartaxo Esmeraldo; Cadeira 40, Patrono : Thuribio Motta, Fundador : João Alves Bezerra.

Alimentamos o propósito de que esta Silogen não será apenas uma novel instituição com o nome inscrito no cenário cultural do Ceará, mas uma entidade atuante, erguida em base sólida e a desafiar a ação destruidora do tempo, que a ela só as coisas do espírito podem resistir.

E nós estamos partindo, confiantes no amanhã da Academia Cearense de Farmácia.

PRESIDENTE DO ICC ESTEVE EM MACEIÓ

Em princípios de Fevereiro, o Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Jornalista J. Lindemberg de Aquino, esteve na cidade de Maceió, Estado de Alagoas, onde manteve importantes contactos de ordem cultural, para incentivar o intercâmbio da nossa instituição com os intelectuais alagoanos.

Recebido na residência do escritor Félix Lima Júnior, com ele combinou a dinamização desse intercâmbio. O folclorista Theo Brandão se achava fora da cidade. Todavia, na Secretaria de Cultura e Turismo de Alagoas ficou acertado o envio de publicações folclóricas daquele Estado para o ICC.

Não havia quintal. A casinha de taipa, coberta de telhas, foi erguida a dois passos da beira da gruta. Utilizavam o penico, dentro do quarto. Depois, despejavam tudo dentro da gruta.

Era a pior casinha da Rua Tenente Antônio João, no Alto da Matança. Ficava na cabeça da ladeira da gruta, do lado direito de quem subia.

À tardinha, vinha o caminhão da Prefeitura despejar o lixo da cidade dentro da gruta. Robertinho e os meninos da rua disputavam com os velhos do bairro as utilidades descobertas no meio do lixo. Os papéis e as garrafas ficavam para o funcionário da Prefeitura, que espalhava os detritos com ancinho, puxando as coisas que não prestavam para dentro da gruta. À medida que o funcionário espalhava os detritos, os olheiros iam marcando, na mente, os montículos em que se encontravam as utilidades. Depois o funcionário tirava a parte dele, os meninos e os velhos atacavam. Certo dia, Robertinho levou para a mãe um caneco amassado. A mãe areou o caneco e o alumínio ficou brilhando como novo. Desde então, esperar o caminhão do lixo tornou-se a outra obrigação de Robertinho para todos as tardes. Muitas vezes, o funcionário não espalhava o lixo com cuidado e ficavam encobertas algumas garrafas. Era o que mais se procurava. A venda era imediata. O preço, bom. Quem tivesse a sorte de encontrar três garrafas numa tarde, podia contar com o pão com café antes de dormir. Era só correr para a bodega de seu Joquinha. Ele alisava a boca das garrafas e pagava por elas o suficiente para comprar dois pães e meia quarta de café. Robertinho sempre teve a sorte de encontrar uma ou duas garrafas. Nesta quarta-feira, porém, véspera de natal, nada encontrou. Achou somente meio pão seco, que comeu às pressas. Mas, Robertinho ficou contente, porque era véspera de natal. Havia um ar de esperança em tudo que o rodeava. Nunca se queixava da vida. Não conhecia outras. A vizinhança vivia como ele. De manhã, buscar água no chafariz. Depois, brincar de qualquer coisa. À tarde, esperar o caminhão do lixo. Todos os meninos viviam assim e comiam como ele. Arroz e feijão, às vezes, um grande osso cozido, um pirão com tutano, bofe. Robertinho nunca se queixava da vida, mas, na véspera do natal, ele sempre sentia um vago sabor de esperança. Via todo mundo com cara alegre e tinha a certeza de que o pai Papai Noel lhe compraria um novo carrinho de madeira. Talvez, a certeza do presente lhe desse esperança no futuro. E Robertinho só recebia presente no natal. Sempre um carrinho novo de madeira, que servia, também, para os irmãos mais novos brincarem.

Robertinho tirou outro taquinho do seu pedaço de rapadura. Por que a mãe chamava o pai de irresponsável? O candeeiro estava aceso, em cima da mesa do santo. Robertinho se comoveu, quando viu o Menino Deus nos braços da Santa Maria. Não sabia como Jesus podia viver com o coração exposto. Não conhecia ninguém que tivesse o coração exposto. O funcionário da Prefeitura, que cuidava do lixo, não podia ser como Jesus. Talvez, nem coração tivesse. Ele sempre juntava o melhor do lixo para si. Pensando bem, não conhecia ninguém que tivesse o coração exposto. Nem seu Joquinha, que morava dentro daquela bodega fedorenta e que tinha os olhos e as mãos sujas de dinheiro. Não. Ninguém tinha o coração exposto. Ninguém vivia como Jesus.

Robertinho, às vezes, sonhava sendo o funcionário da Prefeitura. Tinha, no sonho, o poder de espalhar o lixo e juntar o melhor que encontrava para si. Dormia, então, com a arrogância e a barriga cheia dos poderosos. E acordava satisfeito, com o mesmo indefinido cheiro de esperança, que sentia na véspera do natal. Robertinho odiava o funcionário da Prefeitura. Mas, no fundo, queria ser como ele. Ter o mesmo poder de juntar o melhor do lixo para si. Robertinho, também, não tinha o coração exposto.

— Irresponsável!

As redes estavam armadas. Os meninos terminaram de comer os pedaços de rapadura. Acabaram de encher as barriguinhas com água bebida no caneco de alumínio. A mãe deitou os bichinhos nas redes. Cobriu-os com os lençóis feitos de trapos recolhidos no lixo da grota.

O pai ainda não havia chegado. Robertinho, deitado, olhava as telhas. Quando crescesse, poderia tocar nos caibros da casa, como faziam o pai e a mãe. Pensou no carrinho de madeira novo. Adorreceu.

Quando Robertinho acordou, ouviu choro, dentro do quarto. O novo carrinho de madeira não estava debaixo da rede. Só havia a poça do mijo da noite. O choro, dentro do quarto, penetrou-lhe nos ouvidos, como o canto de cigarra. Esfregou os olhinhos. Levantou-se. Entrou no quarto. A mãe estava de costas para ele. Ela quem chorava. Havia alguém estendido no colchão de palha. Robertinho aproximou-se e viu o corpo do pai coberto de sangue. Havia muito sangue. Robertinho viu o coração exposto, mas ele estava sem vida. Não aguentou olhar mais. O pai estava como Jesus, porém, morto. O coração exposto. Cortaram o fio de esperança. O pai, Papai Noel, sapateiro, morto.

Robertinho sentiu-se como se sentiu naquele dia em que lambuzou leite de aveloz na pintinha. Primeiro, veio aquele frescor da esperança no amanhã. Depois, o hoje ardeu, inesperadamente, e foi vindo e indo aquela luzinha que se intensificava e desaparecia, repentinamente, deixando o mundo escuro. O choro se distanciou e se calou, no além.

Robertinho tornou de tardezinha. Foi quando você chegou com os dois pacotes. Você explicou que o sapateiro os havia esquecido, em cima do balcão da sua bodega. Que ele chegou lá. Depositou os dois embrulhos em cima do balcão. Tomou dois oitos de cachaça. Saiu para o cabaré, embriagado e esquecendo os embrulhos. Que você ainda pensou em ficar com eles, mas, como era natal...

Robertinho recebeu das mãos os dois presentinhos. Depois, olhou para a sua cara de fera. Penetrou no seu rosto e nas suas mãos. Você quiz deixar os olhos envergonhados de enxergar aquele pequeno mundo, cuja íris ressumava aquelas lágrimas de esperança em você. Robertinho abriu o pacote que continha o carrinho novo de madeira. Viu as marcas de suor, deixadas pelas suas mãos, no papel de embrulho. Olhou, de novo, a sua cara de fera, que, agora, tentava sorrir. Julgou ter visto, dentro de você, Jesus com o coração exposto.

Mas, Jesus não podia sair de dentro de você, porque você não deixava a sua cara de fera sorrir.

— Irresponsável!

Crato, 04.12.77.

Associação dos Criadores do Crato

A nossa Mensagem e a nossa
Saudação ao INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI,
ao ensejo do lançamento de mais um número
da vitoriosa e consagrada Revista ITAYTERA.

Macário de Brito Monteiro

PRESIDENTE

USINA BEZERRA

• DE •

IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES

Comércio e Indústria

COMPRA E BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

Endereço Telegráfico: BEMENEZES

Avenida Teodorico Teles, 502

FONES: 521-2722 e 521-2843

CRATO

—:—

CEARÁ

Centenário de Dom Francisco de Assis Pires

1980 assinala o centenário de nascimento, na vetusta cidade do Salvador, de Dom Francisco de Assis Pires, que foi segundo Bispo do Crato.

A Diocese e os diocesanos prepararam-se para celebrar essa efeméride feliz envolta em doces recordações do seu grande Pastor.

Ninguém, no Crato, até hoje, retratou melhor a Igreja, sua ação e sua filosofia, do que o saudoso Bispo.

Insuperáveis foram as suas qualidades de paciência, candura e bondade. Tinha força e autoridade moral, tinha energia, tinha conhecimentos e era um poço de sagradas virtudes pessoais.

Dom Francisco de Assis Pires, nasceu em 4 de outubro de 1880. Ainda há pouco, em Salvador, quando lá estive, mostraram-me a casa do seu nascimento, ainda existente. Foram seus pais Wenceslau Pires e Epifânia de São Boaventura Pires. Na Igreja de S. Pedro na capital Baiana, foi batizado a 14 de novembro do mesmo ano.

Nos anos de 91 a 93, já no alvorecer da República, estudou no Colégio S. José, antigo Ginásio Baiano, então dirigido pelo renomado educador, Dr. Florencio Gomes. Após rápido curso no Seminário Santa Teresa, da Bahia, foi estudar no Seminário Maior de Olinda, acompanhando Dom Manuel dos Santos Pereira, seu amigo, nomeado Bispo dali.

Vacionado para o sacerdócio e para a sublime missão da Igreja, em 19 de Março de 99, recebeu a primeira tonsura e as ordens menores. Em 21 de Dezembro de 1901, subdiaconato, pelo Bispo Dom Luiz da Silva Brito, vindo a ordenar-se padre em 14 de Abril de 1903, por Dom Jerônimo Thomé da Silva, no Palácio Arquiepiscopal da Bahia.

Em 26 de Abril de 1903, celebrou sua primeira missa, na Igreja de Conceição da Praia, onde foi vigário, depois, alguns anos. Precoronizado Bispo em 19 de Agosto de 1931, sagrado Bispo em 6 de Dezembro do mesmo ano. Foram consagrantes, no ato, Dom Ranulfo da Silva Farias, Bispo de Guaxupé, Dom Alberto Semeão Sobral, Bispo de Barra do Rio Grande-Bahia. Seu primeiro pontifical, como Bispo, foi na Igreja de Conceição da Praia, em 8 de Dezembro de 31.

Estava, assim, pronto para vir ao Crato, onde exerceria, por dilatados anos, a sua função de Bispo Diocenano, sucedendo a Dom Quintino, o primeiro Bispo, falecido a 29 de Dezembro de 1929.

Para o Cariri trazia o coração abrasado de amor e muita vontade de trabalhar, em favor de Deus e da Igreja.

Antes de ser sagrado Bispo, todavia, Francisco de Assis Pires, teria vasta missão pastoral e executar.

E assim, de fato, foi cheia de atividades a sua vida de sacerdote. Seu primeiro posto foi o de Capelão da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, de Maio a Novembro de 1903.

Por oito anos foi vigário da Freguesia de Santo Amaro, na Bahia, de 20 de Dezembro de 1903 a 11 de Novembro de 1911.

A partir de 11 de Novembro de 1911 foi Capelão do asilo Conde Pereira Marinho, em Salvador, até 14 de Julho de 1912.

Novamente, por oito anos, foi vigário de Paróquia, agora a de S. Pedro, na Capital Baiana, até 24 de Agosto de 1920.

A começar dessa data foi, novamente, Capelão do Asilo Conde Pereira Marinho, posição em que veio encontrá-lo a sua eleição para o episcopado, em 11 de Agosto de 1931.

Foi, ainda, Dom Francisco, Procurador da Mitra Diocesana da Bahia, membro da comissão para exames de ordinandos, confessores e ordenador ero-sinodal, Professor e Diretor Espiritual do Seminário da Bahia, desde 1928 a 1931.

Exerceu, também, naquela Capital, as funções de membro da Obra das Vocações Sacerdotais, de 1927 a 1930.

A 5 de Outubro de 1913, Dom Francisco, foi nomeado Cama-reiro de Honra, por sua Santidade, Pio X.

A 7 de Maio de 1916, foi nomeado Cônego da Santa Igreja-Catedral da Bahia, por sua Santidade, Pio X, ocupando, então, a cadeira vaga com a saída de Dom Miguel Lima Valverde, que foi ser Bispo de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A 12 de Janeiro de 1931, foi nomeado Monsenhor e Vigário Geral da Arquidiocese da Bahia, por provisão de Dom Augusto Álvaro da Silva, Arcebispo Primaz do Brasil.

Posteriormente, durante os anos em que governou a Diocese do Crato, de 1932 a 1959 — foi contemplado Dom Francisco com vários títulos honoríficos, salientando-se, entre outros, o de Assistente ao Sólido Pontifício, em 17 de Novembro de 1956, concedido por sua Santidade, Pio XII.

Renunciando ao cargo de titular da Diocese do Crato, em Outubro de 1959, foi elevado às honras de Arcebispo Titular de Antióquia de Psídia, por provisão de Sua Santidade, João 23. Faleceu em 10 de Fevereiro de 1960.

Nenhum desses títulos lhe envaideceu ou subiu à cabeça.

Sacerdote, na vera acepção do termo, foi padre santo, mesmo com as insígnias episcopais, tal a sua modéstia, a ponto de ser chamado "a violeta do episcopado nacional".

Dom Francisco de Assis Pires, tomou posse na Diocese do Crato, a 10 de Janeiro de 1932. Na edição especial consagrada à sua morte, assim se expressa, em reportagem, o jornalista Huberto Cabral :

"Distingue-se, seu governo, sobretudo, pelo zelo e pela caridade que dedicou ao seu rebanho. Acima de tudo, colocou o Seminário, que era a menina dos seus olhos em posição de relevo. Consagrou máximo interesse à formação de sacerdotes e tratou com estima paternal o seu clero, inclusive os Regulares, que já eram numerosos na Diocese. A instrução da juventude de ambos os sexos recebeu os melhores influxos de sua orientação sábia e segura.

Adquiereu para a Diocese o Ginásio do Crato, hoje Colégio Diocesano do Crato, um dos melhores do Estado. Supervisionou, com especial cuidado, os diversos estabelecimentos de educação feminina da Diocese, dirigidos, proficientemente, pelas Filhas de Santa Teresa, Fundou o Patronato Pe. Ibiapina, dirigido

pelas Missionárias de Jesus crucificado e fundou a Sociedade Beneficente do Hospital S. Francisco". — (Jornal "A Ação")

No Primeiro ano à frente da Diocese, Dom Francisco, encontrou-se com o problema da seca de 32. Com extraordinária calma, desembaraço e dinamismo, acudiu aos necessitados, organizou socorros, liderou campanhas, deu assistência a flagelados e espalhou benefícios sem fim.

O seu longo período diocesano foi eivado de frutos para o Crato e o Cariri e são do seu governo o Liceu Diocesano de Artes e Ofícios, o abrigo Jesus Maria José, a Igreja Matriz de São Vicente, a capela de São Francisco do Bairro Pinto Madeira, a casa do Noviciato das Filhas de Santa Teresa.

Foi no seu tempo que a casa de caridade, ganhou nova dimensão e começou a ser reconstruída, com mais elevadas finalidades e amplitude maior. A esse tempo (1955) Dom Vicente Matos chegara para ser o seu Bispo Auxiliar.

Dom Francisco, ainda assistiu, por isso, o nascimento do Ginásio Madre Ana Couto e Rádio Educadora do Cariri.

Foi criado no seu governo o Jornal A Ação.

No seu governo trouxe ordens religiosas para o Cariri, a saber : Missionários de Jesus Crucificado, Religiosas Beneditinas, Franciscanos, Religiosas Filhas de Sant'Ana, Filhas do Coração de Maria, Irmãos Maristas, Missionários da Sagrada Família, Padres Salvatorianos e Frades Capuchinhos.

Tudo isso nos dá uma idéia do dimensionamento desse inolvidável Bispo.

Ao ensejo do seu Centenário de nascimento, a cidade que ele tanto amou, á qual dedicou sua vida e seus bens, á qual ele se devotou com todo o carinho de sua alma nobre, não deve esquece-lo, mas tributar-lhe as homenagens a que ele faz jus, como grande bispo, como grande pastor, como grande cidadão, e, sobretudo, como grande brasileiro !

PALMEIRA DO CALDAS

Dr. Lyrio Callou

Bela palmeira que para os céus se alteia
Portadora de lídima mensagem
Ao doce embalo do murmúrio das fontes
Na beleza estonteante da paisagem

Obra-prima das mãos de Deus, legada
Sentinela indormida da miragem
Ao solo presa, tens a fronde livre
Prestando ao Bom-Jesus, santa homenagem

Cêdo lhe vem beijar o romper da aurora
É a brisa sacudir a verde côpa
Que oscila numa dôce viração

Céleres descem as cristalinas águas
"Diluindo seu verde e puro cristal"
Num hino de louvor à Criação.

*O lançamento de mais um número de
ITAYTERA é mais uma festa para
o espírito.*

*Mais uma vitória da intelectualidade
do Cariri.*

Estamos nessa festa.

Clube Recreativo Grangeiro
A sala de visitas do Cariri

CRATO

—:—

CEARÁ

ORAÇÃO DE PARANINHO

Constitui-se para mim motivo do mais justo orgulho ter sido escolhido patrono desta turma de economandos de 1979.

Guardarei, eternamente, na lembrança este gesto como sinal de que a juventude de minha terra ainda cultiva um dos sentimentos mais nobres da alma humana que é a gratidão.

Reconheço, sem falsa modéstia, terem sido o meu esforço, a minha dedicação e, sobretudo a seriedade com que enfrentei os eternos problemas da Faculdade de Ciências Econômicas que me fizeram ser escolhido patrono desta turma.

Com efeito, meus caros jovens, sempre encarei com a maior seriedade aquelas minhas funções porque acredito que ninguém pode ser medíocre na formação de uma juventude que pretende e deve conduzir no futuro os destinos políticos, econômicos e sociais deste país.

Todos os países desenvolvidos do mundo devem sua capacidade de produção de bens e sua capacidade de solucionar os problemas que enfrentam à seriedade com que formaram e formam a sua juventude. É fato notório que o subdesenvolvimento não se atrela somente à carência de recursos naturais, mas, sobretudo à carência de recursos humanos. Somos um país riquíssimo de potencialidades naturais e paupérrimo de cabeças. Somos pobres de cérebros, somos pobres de técnicos, somos sobretudo, pobres de líderes. Quiça nenhum país seja tão rico quanto o nosso e poucos vegetam em pior situação social e econômica.

E quais as causas desse subdesenvolvimento, desta miséria? Só existe uma: o descanso sempre crescente em que vem caindo ano a ano, a formação de nossa juventude. A educação no Brasil é viciada desde suas origens. A formação da juventude sempre foi considerada uma arma política nas mãos das elites. A educação da juventude sempre foi orientada mais para a manutenção do "status quo" do que para a preparação do bem estar social e econômico da sociedade de amanhã, sempre foi mais um instrumento do arbítrio político do que do desenvolvimento a que tão avidamente anseia toda a base da pirâmide social brasileira.

Minhas senhoras e meus senhores,

Vemos esvair-se, anualmente, milhões e milhões de dólares em pagamento de Royalties e Tecnologia. Apela-se para a produção de Tecnologia Nacional para coibir essa sangria exaurente de nossa economia. Enquanto isto, pasmem os senhores, as escolas superiores oficiais carecem dos mais primários recursos. Basta consultar a imprensa e verificar as dotações destinadas às escolas superiores brasilei-

ras. Basta folhear os jornais para ver os prédios ruindo, ou mato invadindo as escolas da rainha das universidades brasileiras, a Universidade de São Paulo.

E porque tudo isto, meus caros concludentes? Porque é que este país que tanto precisa de técnicos, de cérebros, não se preocupa com a formação dos homens que estarão a sua frente no dia de amanhã?

Nunca a formação da juventude foi tão aviltada como nos últimos anos em que mais e mais foi reduzida a um mero instrumento político. A Universidade é uma área de fronteira entre o presente e o futuro. Uma área em que, beseados no presente, alunos e professores pesquisam soluções para o porvir. Qualquer intromissão nessa área, principalmente política é essencialmente nefasta. Deturpa-se seu sentido e sua essência.

Queira Deus que essa juventude entenda que a influência nefasta da política na educação é muito mais deletéria nesse nosso interior em que as fossilização são muito mais profundas, em que a censura social é controlada pelos próprios "sois disants" líderes regionais do que nos grandes centros.

Oxalá essa plêiade de jovens que hoje penetra pela porta de uma profissão de nível superior com tantas lacunas e decepções supere a si própria e enfrente o desafio pessoal de sua realização profissional e o desafio social de reestruturar nesse Bari-Centro Nordeste seus próprios berços acadêmicos. Oxalá aceitem o desafio de restituir às escolas superiores do Cariri a frente das quais estarão um dia, a seriedade da pesquisa, do pensamento e da expressão para que assim floresça o desenvolvimento nesse polo Caririense.

Oxalá essa juventude imbatível a cujo lado sempre me orgulho e me orgulharei de estar, estructure para os seus filhos outras escolas capazes de prepará-los para aquele futuro que hoje dificilmente podem divisar com a formação que recebem.

Finalmente, minhas senhoras e meus senhores, é urgente a nossa luta para criarmos neste Cariri uma Universidade Centro Nordeste sob a égide do governo federal.

Devemos tirar proveito de nossa posição geográfica de vez que nos situamos no epicentro do Nordeste Brasileiro.

Com pouco mais de esforço criaremos as condições necessárias ao funcionamento de uma Universidade que jamais poderá ser criada para oferecer empregos a políticos sem cultura e sem competência, mas que poderá, por excelência, formar novos líderes, nova mentalidade para que assim possamos falar em interiorização do desenvolvimento.

MUITO OBRIGADO

(Discurso pronunciado como Patrono dos Economandos da Faculdade de Ciências Economicas do Crato, em 1979).



LEIMO - Empreendimentos e Construções Ltda.

Construções Civas em Geral

Palácio do Comércio, Sala 8 - Fone: 521-2754

CRATO

—:—

CEARÁ

INOPEL - Ind. Percinio Ltda.

FABRICA E EXPORTA PARA O NORTE E
NORDESTE, OS PRODUTOS ABAIXO :

VELAS INOPEL

As Melhores

ÁGUA SANITÁRIA ALVE-LUX

Alveja e Esteriliza

DESINFETANTE "SANOL"

Espanta o Mau Cheiro de sua Casa

SODA CÁUSTICA FURACÃO

Para Todos os Fins



Rua Pe. Juvenal Colares Maia, S/N

Caixa Postal, 24 - End. Teleg. INOPEL

Distrito Industrial do Muriti

Novos sócios correspondentes do I. C. C.

O Dr. Francisco Ferreira Lins, engenheiro, civil e industrial, autor de vários e importantes trabalhos técnicos, com diversos cursos de pos-graduação, natural de Milagres (CE) e João Luiz Eugênio Pereira, oficial do Exército, poeta, contista e escritor, natural do Crato, são os novos sócios correspondentes do I. C. C. Foram propostos pela Presidência e aceitos, na sessão de 15.5.80, por unanimidade.

Eis os dois currículos dos novos integrantes do quadro de correspondentes do nosso Instituto, o primeiro, residente em Brasília, e o segundo, residente no Rio de Janeiro.

C U R R I C U L U M V I T A E

D A D O S P E S S O I A S

Nome : FRANCISCO FERREIRA LINS
Filiação : Antenor Ferreira Lins
 Maria Leticia Lins
Data de Nascimento : 06 de julho de 1953
Naturalidade : Milagres - Ceará
Nacionalidade : Brasileira
Estado Civil : Casado
Profissão : Eng^o Civil e Industrial, Cart. Prof. nº 2409-D
 CREA — 2^a. Reg.
CPF : 005.557.204-96
Identidade : 379.112-SSP/Pernambuco
Endereço : Av. Prefeito Lima Castro, 181 - Ilha do Retiro
 Fone : 227.2950 - Recife - PE.

C U R S O S D E G R A D U A Ç Ã O

ENGENHEIRO CIVIL, Diplomado pela Escola Politécnica da Fundação do Ensino Superior de Pernambuco, FESP — 1959;

ENGENHEIRO INDUSTRIAL (Modalidade Química), Diplomado pela Escola Politécnica do Ensino Superior de Pernambuco, FESP — 1959.

C U R S O S D E P Ó S - G R A D U A Ç Ã O

Curso de ENGENHARIA ECONÔMICA — Universidade Católica de Pernambuco — 1977.

O U T R O S C U R S O S

Curso de PROGRAMAÇÃO COM PERT/CPM, Instituto de Pesquisas Rodoviárias — Recife, 1970;

Curso de MATEMÁTICA E FÍSICA SUPERIORES — Prof. Leite Lopes — Escola Politécnica da Fundação do Ensino Superior de Pernambuco, FESP — 1959;

Curso de ASPIRANTE A OFICIAL R/2 — CPOR, Recife — 1955;

Curso de GERÊNCIA POR OBJETIVOS — Lang, Brimberg e Consultores Associados Internacional — 1976;

Curso de CONTABILIDADE BÁSICA — Núcleo de Assessoria Industrial e Comercial de Pernambuco — NAI — 1976.

A T I V I D A D E S D I D Á T I C A S

PROFESSOR ASSISTENTE DA ESCOLA POLITÉCNICA da Fundação do Ensino Superior de Pernambuco, FESP (álgebra vetorial e geometria analítica), a partir de 1974.

C O N G R E S S O S E S E M I N Á R I O S

Congresso de Engenharia — Niterói — 1956;

7º Encontro de Engenheiros de Pernambuco — Garanhuns — 1971;

Seminário para Estudo do Pré Plano de Desenvolvimento Integrado do Recife Metropolitano — SERFHAU — Recife — 1971;

II Congresso Internacional de Administração Municipal — Recife — 1970;

V Congresso Interamericano de Vivendas — Lima Perú — 1975.

F U N Ç Õ E S E C A R G O S P Ú B L I C O S

ENGENHEIRO, classe B, nível 22, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Diretor Regional de Pernambuco, 1962/70;

ENGENHEIRO CHEFE do Serviço de Engenharia Civil Regional de Pernambuco — SECRE, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos — 1960/70;

ENGENHEIRO CHEFE dos Serviços Setoriais de Engenharia Civil do Nordeste — SESEC, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos — 1966/70;

ENGENHEIRO FISCAL DE OBRAS — Secretaria de Viação e Obras — Prefeitura Municipal do Recife, a partir de 1970;

ASSISTENTE DO SECRETÁRIO DE VIAÇÃO E OBRAS — Prefeitura Municipal do Recife — 1970/71;

ENGENHEIRO AVALIADOR credenciado da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, a partir de 1974;

MEMBRO DA COMISSÃO DE DEFESA CIVIL DE PERNAMBUCO, CODECIPE, na qualidade de representante do Prefeito do Município do Recife, 1974/75;

DIRETOR FINANCEIRO da Companhia de Habitação Popular do Estado de Pernambuco, COHAB-PE, a partir de abril de 1975;

DIRETOR FINANCEIRO da Companhia de Habitação Popular do Recife — COHAB-RE, a partir de abril de 1975;

DIRETOR PRESIDENTE da Empresa de Obras Públicas Cidade do Recife — OBRAS RECIFE, a partir de 1979;

MEMBRO DO CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO URBANO — CNDU, a partir de 1979.

F U N Ç Õ E S E M E M P R E S A S P R I V A D A S

QUIMICO, CHEFE DE PRODUÇÃO da Companhia de Cimento Portland Poty, Paulista Pernambuco — 1960/62;

GERENTE de Cerâmica Icopran Ltda, São Lourenço da Mata, Pernambuco — 1962/69;

ASSISTENTE COMERCIAL de Geoteste Ltda. (Sondagens e Fundações) — 1971;

ENGENHEIRO CHEFE DE PRODUÇÃO de Goeteste Ltda.
— 1972/73;

MEMBRO DO COLEGIADO DIRETOR de Goeteste Ltda.
— 1972/73;

SÓCIO — ASSESSOR TÉCNICO de Indústria Collins S/A
(Fiação de algodão e oleginosas), Milagres - Ceará, a partir de 1962;

ATIVIDADES AUTÔNOMAS DIVERSAS no exercício da
Profissão Liberal de Engenharia Civil, a partir de 1960 : "Projetos
de Construção Civil, Administrativa e Fiscalização de Obras Cíveis e
Projetos de Construções junto ao Sistema Financeiro da Habitação.

TRABALHOS ESPECIAIS REALIZADOS

Método de cálculo quantitativo/qualificativo para fabricação de
Cimento Portland, a partir da equação química geral do cimento, Cia.
de Cimento Portland Poty — 1960;

Estudo de centrifugação de Marga, no processo de fabricação
do Cimento Portland, oferecendo melhoria de rendimento econômico
na exploração das jazidas existentes — Cia. de Cimento Portland Poty
— 1961;

Ensaios para emprego de caldas de Usina de Cana de Açúcar,
no Processo de Fabricação de Adubos Fosfatados — Cia. de Cimento
Portland Poty, para a Cia. Agro Industrial Igarassu — Abreu e Lima,
Pernambuco — 1961.

ASSOCIAÇÕES DE CLASSE

SECRETÁRIO DE CULTURA da União dos Estudantes Uni-
versitários de Pernambuco, U. E. P. — 1957/58;

PRESIDENTE da União dos Estudantes Universitários de
Pernambuco — U. E. P. — 1958/59;

MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO dos Ceramistas de Pernam-
buco, Recife — 1966/68;

MEMBRO DO CONSELHO FISCAL da Associação Brasi-
leira de COHABs, A. B. C., a partir de 1975.

REPRESENTAÇÕES

Representante da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
de Pernambuco junto à Diretoria Geral no Rio de Janeiro em 1967,
1968 e 1969;

Representante da Prefeitura Municipal do Recife junto ao IV
Exército, OPERAÇÃO ALÍVIO, 1970;

Representante da Prefeitura Municipal do Recife junto ao Co-
mando da II Zona Aérea — Criação e Constituição de um Aeroporto
para aviões executivos — 1970;

Representante da Prefeitura Municipal do Recife junto à
SUDENE — Obtenção de recursos para recuperação da cidade do
Recife, dos danos causados pelas cheias, 1970;

Representante permanente da Secretaria de Viação e Obras da
Prefeitura Municipal do Recife junto às Repartições e Empresas Pú-
blicas e Privadas do Município, do Estado e da União, 1969/71.

CONDECORAÇÕES

Medalha do Mérito Cidade do Recife, Classe Prata.

Um Cratense de muitos méritos

Quase que inteiramente desconhecido em sua cidade natal, o Crato, o militar e escritor JOÃO LUIZ ENGÊNIO PEREIRA é um dos valiosos cratenses dos dias atuais, residente no Rio.

Novo Sócio Correspondente do ICC, eis o seu currículo vitae :

CURRICULUM VITAE

JOÃO LUIZ EUGÊNIO PEREIRA, nascido em 24 de Julho de 1914, em Crato, Estado do Ceará, filho de Joaquim Luiz Pereira e Izalina Emilia Gonçalves Pereira. Fez os primeiros estudos em sua cidade natal, transferindo-se muito cedo para o Rio de Janeiro (antigo Distrito Federal). Assentou praça no Exército Nacional em 1932, onde galgou todas as graduações até atingir o posto de Oficial. Estudou Direito e Filosofia, exercendo o magistério como professor de Direito Usual, Legislação Aplicada, O. S. P. B., História Econômica, História Geral e do Brasil. Vocacionado à Literatura, colaborou em jornais e revistas. Idealizou e fundou a Academia de Letras do Distrito Federal (hoje, Academia Guanabarina de Letras) atualmente, único fundador vivo — onde ocupa a Cadeira patronímica de José de Alencar. É também, titular do Cenáculo Fluminense de História e Letras (Cadeira patronímica de Joaquim Manoel de Macedo), Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes (Cadeira patronímica de Capistrano de Abreu, da Sociedade de Homens de Letras do Brasil, Associação de Intercâmbio Cultural, Grupo Americanista de Intelectuais e Artistas (Uruguai), Sociedade dos Artistas Nacionais, Confraternité Universelli (Paris — França), Centro Carioca, Centro Cultural Theodoro Sampaio, Associação I. de Imprensa, I. B. I., Sociedade Brasileira de Filosofia, Sociedade Brasileira de Geografia e outras. Na Academia Guanabarina de Letras, exerceu funções de Introdutor Diplomático, Bibliotecário 1º e 2º Secretário, Comissão de Estudos, Comissão de Estatuto e Regimento Interno. No Cenáculo Fluminense de História e Letras, foi Vice-Presidente, 1º e 2º Secretário, Bibliotecário, Orador Oficial e Relator da Comissão de Estudos. Possui as Medalhas Pereira Passos, Pacificador, Imperatriz Leopoldina e Honra ao Mérito; Diploma de Encontros Pedagógicos, Mérito Acadêmico, Altos Estudos dos Problemas do Mundo, Problemas da América, Problemas Regionais, etc. Ingressou na Maçonaria (Grande Loja do Pará), sendo iniciado na Loja "Firmeza e Humanidade nº1", onde atingiu o Mestrado em 19.1.1977, sendo portador do Cadastro Maçônico nº 3.992.

BIBLIOGRAFIA EM ELABORAÇÃO

Pedaços D'alma (Crônicas)	Meu Diário
Via Crucis (Romance)	Educação e Cultura
Medalha Reveladora (Novela)	Discursos Acadêmicos (2ª. Edição)
Páginas Íntimas (Estudo)	Maçonaria Simbólica
Melancolia (Versos)	Impressões e Reminiscências (Crônicas)
Discursos Acadêmicos	

A Palmeira Solitária (Do Caldas)

No recôncavo da serra altaneira,
A contemplar a fonte milagrosa,
A solitária e secular palmeira
Apresenta-se esbelta e majestosa.

Testemunha autêntica e verdadeira
Dos milagres da água dadivosa,
Do Bom Jesus tornou-se a mensageira.
Simbolizando a fé prodigiosa.

Se esta é sua missão naquele canto,
Esquece até que a própria natureza
Ufana-se por demais do seu encanto.

E, no verde bosque, tal singeleza
Da palmeira poética encerra tanto
Um mundo todo inteiro de beleza!

Missa na Capelinha

A Capelinha branca se ornamenta.
Velas... Flores.. Tudo bem preparado.
O Padre chegou e já se paramenta:
— Há missa no bucólico povoado.

Entre todos, tudo se movimenta
Para o ofício do mister sagrado
No coração e n'alma se acalenta
Toda esperança em Deus Glorificado.

A gente simples vem da redondeza,
E a Capelinha enche-se de repente,
Numa expressão de fé e singeleza

Mas aquilo tudo que ali se sente
É sã brasilidade, com certeza!
Que muito agrada e deleita a gente

Compromisso

Ana Cecília Alves de Sousa

Eu gostaria de fazer um convite a você
Para andar numa madrugada sem chuva
numa cidade nova

Poderíamos olhar ruas desertas
e falar da luta que as ruas viram
daquele tempo sombrio
sem madrugadas
tempo de violação ao Homem

Poderíamos descobrir que felicidade
seria saber das crianças alimentadas
do seu sono tranquilo
dos homens e das mulheres
que depois do trabalho
se amam sem pesadelos

E todas as casas com jardins
todos os jardins com flores
que seriam completamente nossas
(sem que fossem para isso arrancadas)

E depois
em qualquer lugar da cidade
pensaremos então

(como agora)

que nos amamos
com amor tão concreto
quanto a luta na noite de agora
a felicidade na madrugada que vem
e a esperança de todas as pessoas
sempre.

NERTAN MACEDO

Um aristocrata do Crato

Meu amigo Nertan Macedo cearense do Crato, a quem conheço desde o tempo das calças curtas e dos jogos de bola de gude, é aquele personagem que um redator de Seleções do Reader's Digest chamaria de Meu Tipo Inesquecível. Muito parecido fisicamente com Napoleon Solo, jornalista mordaz, historiador curioso, poeta maior, foi buscar em Jacques Soustelle — gaullista a princípio e antigauillista por conclusão — esta pressão ideológica que é uma jóia do pessedismo intelectual francês: — "Sou a direita na esquerda e a esquerda na direita".

Em um mundo essencialmente pragmático e tecnológico, Nertan se dá ao luxo de ser monarquista. É chegado a um papo de tucano, gosta de colecionar epigramas da aristocracia como este de Paul Morand que diz: — "A Democracia é o direito que tem a pulga de chupar o sangue do leão". Aliás a frase deve merecer toda a atenção dos líderes políticos de hoje em dia. Não duvido que esteja sendo objeto de meditação do Ministro Petrônio Portella e de todos os ardentes piauienses que compõem o cast do governo João. Tudo indica que o espírito monarquista está mesmo entranhado na alma brasileira, o próprio Ariano Suassuna o admite e o localiza nas festas populares, nos desfiles carnavalescos onde mulatos românticos se vestem de príncipes e de reis. Está aí a frase do carnavalesco da Escola de Samba Beija Flor que não nos deixa mentir: — "Povo gosta de luxo. Quem gosta de miséria é intelectual".

Noutro dia, conversando animadamente numa roda de amigos, Nertan confessou: Gostaria de ter vinte anos e sair por aí pichando paredes, escrevendo em todos os muros brancos da capital esta frase de protesto: Abaixo o golpe republicano de 1889!

Nertan Macedo é um intessado estudioso da História através da qual procura entender o mistério da contradição humana. Certa vez encontrei-o em Paris, numa viagem de pesquisa e curtidão. Ele que tem uma intimidade quase doméstica com todas as figuras da Revolução Francesa, estava hospedado no Hotel Saint James et d'Albanir, na Rue de Rivoli, bem em frente ao Louvre. Eu me

encontrava no Plaza-Athenée, na Avenue Montaigne. Nertan me telefona. — Que faz você aí nesse albergue republicano, sem a menor significação histórica? Saiba que habito no momento uma suíte dos príncipes de Noailles, de onde saiu a esposa do Marquês de Lafayette. Só lamento que o famigerado Marquês não tenha dado a proteção devida à minha querida amiga, Maria Antonieta, tendo preferido mandar-se para os Estados Unidos onde foi lutar na Guerra da Independência.

Naquela tarde, Nertan visitara o Museu de Napoleão, nos Invalides, e acariciara o chapéu tricórnio do grande corso, tendo dito ao guia que o acompanhava: — É uma pena que esse Bonaparte não tenha querido ser um fiel mosqueteiro de Luiz XIV!

No dia seguinte acompanhei-o até Versailles, onde ele se demorou visitando o palácio, canto por canto, sala por sala, querendo respirar a mágica do Ancien Régime. Disse-me ao fim do passeio: — Lamentei não ter encontrado uma estatua de Robespierre nas estrebarias do paço. Teria depositado na cabeça desse terrorista a expressão do meu desprezo sob a forma de uma tremenda cusparada.

Nertan é o poeta da saga nordestina e dos clãs pastoris da região mais ressentida do Brasil. Eis uma pequena amostra do seu talento:

Luas de mortas luas / e luas de solidão / na pisada da
caatinga / no compasso do pilão / minha mãe me dê uma lua, / vou
atrás de Lampião, / o chapéu de Virgulino / é uma lua no chão, /
quero ser lua, marido, / nos braços do Capitão / esquentar a sua rede
/ nos invernos do sertão. / Meu pai fiquei aluada / com a lua do
sertão / vinha eu pela estrada / espiei, ví Lampião, / cornimboque
prateado / cheio de mangericão / levou-me pela cintura / e me deitou
no grotão / acordei desfalecida / lua nua em sua mão / deixou-me
marcas no ventre / de revólver e cinturão.

Na juventude, Nertan quis ser padre, cursou um seminário de jesuítas mas acabou num ginásio protestante presbiteriano. Já aqui no Rio chegou a ser um dos mais ativos cronistas parlamentares dos "Diários Associados." Elegeu-se vereador pelo antigo Distrito Federal, andou no Caminhão do povo com Carlos Lacerda e Afonso Arinos de Mello Franco. Frequentemente queixava-se a Lacerda das viagens que tinha de empreender pelas ruas esburacadas da Zona Norte. Quase perde a eleição porque declarou que seu eleitorado terminava onde acabava o asfalto.

Nertan assessorou a indústria na Confederação das Indústrias, cuidou das finanças no Governo Virgílio Távora como diretor do Banco do Ceará, consolidou-se como autoridade monetária na assessoria do Ministro Mario Henrique Simonsen, lidou com a poupança popular como chefe da assessoria especial da Presidência da Caixa Econômica, escreveu vinte livros sobre rosários, rifles e punhais, amou a Humanidade em geral e alguns seres humanos em particular. Atualmente está chefiando a representação do DASP no Rio de Janeiro, onde o Ministro José Carlos Freire desenvolve uma das ações mais brilhantes deste governo. Mas Nertan é antes de tudo um humanista. — Um forte... — diz ele — porque ser humanista nesta éra de tecnocratas é dose para leão.

Novos Poemas de J. Caliope

Mais uma vez o de todos conhecido e muito apreciado poeta J. Caliope brindou os que gostam de ler o que ele escreve.

A mais intolerável das leituras é a dos versos de quem os faz sem ser poeta. É grande a diferença entre versejador e poeta. O versejador, o que apenas executa as técnicas da rima e obedece aos cânones oficiais da metrificação, verseja mas não é poeta. Poeta é aquele que, ou com rima e métrica (Alves de Figueiredo, J. Caliope, Dandinha Vilar, Patativa do Assaré) ou sem rima e métrica (Jefferson de Albuquerque) solta a fantasia ao sopro da inspiração. O versejador busca ansioso, e não encontra, a inspiração. Ao poeta a inspiração vem espontaneamente oferecer-se.

J. Caliope é poeta. Tenho a impressão de que, quando ele escreve versos, as Tágides ficam riscando diante dele fósforos de vista.

Reporto-me agora especialmente a NOITE DE ESTRELAS, nova coleção de poesia de J. Caliope. Entre aquelas 78 páginas se encontram diversas que poderiam enriquecer uma boa antologia. É lícito destacar :

Serra do Araripe,
Os Poetas e a Natureza,
Coração de Pedra,
Um dia para os Pais,
Juscelino Kubitschek,
Candidato.

Não posso esquecer CANONIZAÇÃO com dedicatória que agradeço oferecendo a J. Caliope de Araújo uns versinhos (que não poesia) como os posso fazer.

O POETA E O VERSEJADOR

Nem todo o que faz versos é poeta.
Verdadeiro poeta é tão somente
O que escuta a voz da musa e sente
A espontânea inspiração do esteta.

A simples expressão pura e discreta
Dum toque que arrebatava a alma da gente,
Isto, sim, e só isto simplesmente
É poesia na expressão correta.

Eu também já andei fazendo versos...
Eles andam aí, soltos, dispersos,
Como barcos de tímido marujo,

Sem remos e sem velas e sem norte...
É que falta no leme o pulso forte
Do poeta Caliope de Araújo.

ALIANÇA DE OURO S. A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA

MATRIZ: Rua São Pedro, 379

Telefones: 511-1470 - 511-1804 - 511-0344 - 511-1888

Telegrama: ALIANÇA - Caixa Postal, 17

Distribuidora da CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL
CHAPAS PRETAS E GALVANIZADAS

Distribuidora da CIA. GOODYEAR DO BRASIL
CORREIAS INDUSTRIAIS E MANGUEIRAS

E MAIS:

AOSA Construções

Rua São Pedro, 839 - Fone: 511-1709

Agentes Exclusivos OLIVETTI

Rua São Francisco, 311 - Fone: 511-2753

CASA ROSADA

Rua São Pedro, 402 - Fone: 511-1490

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

Dom Newton H. Gurgel

NOVO BISPO AUXILIAR DO CRATO

A Diocese de Crato recebeu com alegria a auspiciosa notícia da eleição do Padre Newton Holanda Gurgel, vigário de Campos Sales, para o cargo de Bispo Auxiliar de Dom Vicente Matos. A notícia foi transmitida oficialmente pelo Vigário Geral, Mons. Raimundo Augusto de Araujo Lima que leu mensagem de Dom Vicente ao clero e a todos os diocesanos, comunicando oficialmente a eleição do seu Bispo Auxiliar.

A MENSAGEM DE DOM VICENTE

Caríssimos irmãos no Sacerdócio, prezados diocesanos

Louvido seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Tenho o prazer de comunicar ao caríssimo clero e aos prezados diocesanos que o Santo Padre, o Papa João Paulo II se dignou eleger o Revmo. Pe. NEWTON HOLANDA GURGEL, atual vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Penha de Campos Sales, meu bispo auxiliar, sob a designação de bispo titular de Gummi de Bizacena.

A presente notícia, motivo de alegria para toda nossa diocese, é publicada, hoje, dia 28 de abril, no "Osservatore Romano", órgão oficioso de divulgação da Santa Sé.

Deu, assim, S. Santidade Benévola aquiescência à exposição e súplica que por mim lhe foi feita, de um bispo auxiliar, em vista dos trabalhos sempre crescentes desta vasta diocese do Crato.

Espero que toda nossa diocese saberá agradecer comigo ao bom Deus esta inestimável ajuda, oferecida às minhas limitações e fragilidade, elevando ao Pai nossos corações agradecidos, ao tempo em que fizemos ferventes súplicas pelo Santo Padre, pelo Colégio universal dos bispos, pelo bispo diocesano, por seu bispo auxiliar, pelo caríssimo clero e por todos os fiéis desta querida diocese do Crato.

Neste sentido, lembro que a partir desta data, no Cânon da Santa Missa, onde se reza pelo bispo diocesano, acrescente-se: "e seu bispo auxiliar".

Comunico, outrossim, que por vontade do Santo Padre, o Revmo. Mons. Newton Holanda Gurgel será ordenado bispo, em Roma, juntamente com muitos outros Exmos. Srs. Bispos eleitos que das mais diversas partes do mundo, vão a Roma, para essa solene ordenação que será presidida por S. S. João Paulo II, a 27 de maio próximo.

A data do retorno do nosso bispo auxiliar, para exercer entre nós suas funções, será anunciada em seu devido tempo.

Com afeto pastoral, concedo a todos, nesta oportunidade, minha bênção episcopal.

Crato, 28 de abril de 1979.

† *Vicente de Araujo Matos, bispo de Crato*

MANDATO: Seja a presente comunicação enviada a cada sacerdote de nossa diocese para, depois de lido à estação da Santa Missa, ser devidamente registrada no livro de Tombo de cada paróquia.

Crato, 28 de abril de 1979.

† *Vicente de Araujo Matos, bispo de Crato*

CURRICULUM VITAE DE MONS. NEWTON HOLANDA GURGEL

Nasceu a 1º de novembro de 1923, em Afonso Pena, hoje a cidade de Acopiara-Ce. É filho de Francisco Gurgel Valente e Amélia Holanda Gurgel (falecida). Foi batizado aos 7 de dezembro de 1923, na mesma cidade onde nascera.

Fez seus estudos preparatórios, até a idade de 14 anos, quando, aos 13 de março de 1937, começou o estudo no Seminário Menor de Crato, onde fez o Curso Ginásial (hoje 1º e 2º Graus), até dezembro de 1943, indo depois estudar no Seminário Maior de Fortaleza, de fevereiro de 1944 a dezembro de 1945. Não se dando, porém, com o clima, por motivo de saúde, passou a estudar no Seminário Maior de João Pessoa-PB, onde cursou a Filosofia e Teologia, nos anos de 1946 a 1949.

No dia 15 de junho de 1947, recebeu a Sagrada Tonsura, das mãos do Sr. Bispo Dom Francisco de Assis Pires, na Capela do Palácio Episcopal do Crato. Recebeu as Ordens Menores de Ostiário e Leitor, no dia 10 de novembro de 1947; e as de Exorcista e Acolito, a 7 de março de 1948, em João Pessoa, das mãos de Dom Moisés Coelho, Arcebispo da Paraíba.

Ordens Maiores do Subdiaconato e Diaconato, as recebeu nos dias 2 de abril e 19 de junho de 1949, respectivamente, em João Pessoa, vindo ordenar-se sacerdote, em Milagres, no dia 19 de dezembro de 1949, em cerimônia presidida pelo Sr. Bispo Diocesano, Dom Francisco de Assis Pires, celebrando sua primeira missa, em Acopiara, a 1º de janeiro de 1950.

Nomeações e Provisões. Foi Vigário de Icó de 22 de janeiro de 1950 a 22 de junho de 1952. Vigário-Cooperador de Iguatu e Vigário-Substituto de Acopiara, de 22 de junho de 1952 a fevereiro de 1953, quando foi nomeado Prefeito de Disciplina dos Maiores, no Seminário S. José do Crato, de fevereiro de 1953 a dezembro de 1956, exercendo em seguida o cargo de Diretor Espiritual, de fevereiro de 1957 a dezembro de 1959, quando assumiu a Reitoria do Seminário, até junho de 1962, onde foi também professor de várias disciplinas. Exerceu o magistério como titular da cadeira de Português no Colégio Diocesano, de março de 1953 a dezembro de 1954. Foi ainda Vigário-Cooperador de Juazeiro do Norte, de março de 1965 a fevereiro de 1966, quando, aos 13 de fevereiro de 1966 foi nomeado Pároco de Campos Sales, até a data de hoje, para ser Bispo Auxiliar do Sr. Bispo Diocesano Dom Vicente de Paulo Araújo Matos e Bispo Titular de Gummi de Bizacena. Fez Curso de Revalidação de Filosofia, na Universidade Católica de Salvador, onde colou grau. Professor da Escola Normal e Diretor do Patronato, onde realizou profícuo trabalho de Ação Pastoral e Social.

A sagração de Newton Holanda Gurgel foi ministrada por S. Santidade o Papa João Paulo II, no dia 27 de Maio de 1979 em Roma, juntamente com outros novos Bispos.

Tipografia? só a do CARIRI - Rua Dr. João Pessoa, 386 - Fone : 521.1223

C R A T O

—

C E A R Á

A
Prefeitura Municipal
de
Milagres

Administração

Elisio Leite

Saúda a intelectualidade cearense, ao
ensejo do lançamento de mais um vitorioso
número da Revista ITAYTERA.

ADMINISTRAÇÃO
E POVO
DE

Santana do Cariri

Saúdam a intelectualidade
caririense ao ensejo do
lançamento de mais um
número de ITAYTERA.

Santana do Cariri, junho de 1.980.

•

João Rodrigues Ferreira

Prefeito Municipal

Saudação ao Crato

Momento este de suprema honra para nós, em que somos o porta-voz da comunidade, em saudando o nosso município. Buscamos talento e arte nos alfarrábios, a fim de que pudéssemos suprir as nossas deficiências intelectivas, para que seja feita uma elegia à altura da cultura do nosso povo, que tem imprimido através dos tempos, uma marca cultural elevada, porque o povo desta terra difere do de outras comunas interioranas. Esta marca distintiva dos cratenses, tem seu começo com a altivez dos nativos desta região, quando engendraram a denominada Confederação dos Cariris. No Sul do Brasil, a famosa Confederação dos Tamoios, decantada em prosa e em verso, ameaçou a dominação portuguesa. No Nordeste, especialmente no Rio Grande do Norte e no Ceará, a Confederação dos Cariris, embora muito menos decantada, quase destruiu em seus fundamentos a colonização lusitana. Os Cariris, eram uma raça indômita e inquieta, de lingua travada, como se dizia, isto é, que não falavam o idioma Tupi. Habitavam o sertão, mas ao longo dos rios, de suas cabeceiras se estendiam até as proximidades da costa. Ocupavam a vasta região situada entre à margem esquerda do Rio São Francisco e as quebradas da Serra do Araripe e da Ibiapaba. Combatidos pelos desbravadores baianos da Casa da Torre, de Garcia D'Ávila, com eles as vezes se aliaram para dar caça a outros indígenas, seus inimigos.

Escuros, altos, membrudos, ornados de penas negras, carrancudos e tristonhos, figuram nos documentos antigos, com os vários nomes de : Cariry's Carirês, Kiriris e até Alarves. Essas denominações cabiam ao seu ramo principal. Outros ramos, do mesmo sangue, usavam apelidos diferentes. Foram evangelizados por volta do século XVII, no Alto São Francisco, pelos capuchinhos : Martim de Nantes, Teodoro de Lucé, Bernardo de Nantes, Boaventura de Becherel Anastácio D'Audierne e José de Ploermel. Deve-se ao primeiro a interessantíssima "Relation succinte et sincéré de la Mission du Pe. Martim de Nantes, prêdicateur capucin, missionnaire apostolique dans le Brésil parmi les indiens appelés Cariris." No Ceará aldearam-nos e converteram-nos, no século XVIII, os franciscanos italianos Carlos Maria de Ferrara, Francisco de Palermo e Joaquim de Veneza, os frades Carmelitas fundadores de Missão Velha e Missão Nova e o jesuíta Jacob Cochlo. Todavia, em 1780, restavam poucos descendentes dessas tribos bravias que foram transferidos para as vilas de índios mansos nas cercanias da séde da Capitania do Ceará : Paupina ou Messejana, Arronches ou Parangaba e Caucaia ou Soure, onde foram dentro de algum tempo, absorvidos pela população local. Grande número de tribos dos Cariris, umas mais numerosas outras menos, viviam pelas diversas ribeiras sertanejas do Ceará até bem próximo do litoral, ou para ele se dirigiam no período de outubro a novembro para a colheita do caju que usavam como alimento e na fabricação do vinho

denominado de mocororó. Quando se iniciou o povoamento desses rincões, com a fundação das primeiras fazendas de gado e dos primeiros estabelecimentos agrícolas, nos seus deslocamentos, a indiada não respeitou as reses e nem as plantações dos brancos que se apossavam das terras consideradas por eles como suas. Tais choques foram o violento prefácio de uma luta brtal que, de 1683 a 1713, duraria 30 anos. Durante esse longo período, as várias nações Cariris se confederaram contra o invasor, mas se viram implacavelmente batidas, escravizadas, chacinadas e disseminadas no seio de outras populações. Os derradeiros Cariris formaram no antigo Brejo, a Missão do Miranda, que se tornou a Vila Real do Crato. Assim, acabou melancolicamente a terrível Confederação dos Cariris que durante 30 anos, trouxe sobressalto ao povo que ia colonizando e civilizando as terras do Rio Grande do Norte e do Ceará. Esta é a narrativa da epopeia heroica que foi a Confederação dos Cariris nas palavras do historiador conterrâneo, Gustavo Barroso, no seu livro *À Margem da História do Ceará*. Entretanto, a busca da indiada para ser catequizada rendeu frutos expressivos, não só para os aborígenes mas também para os núcleos populacionais criados pelos missionários e, tanto assim foi, que, em 21 de junho de 1764, o capuchinho italiano, Frei Carlos Maria de Ferrara, fundou a Missão do Miranda, da qual originou-se a nossa querida cidade do Crato.

Mas, a altivez e denodo de nossa gente, tem raízes profundas, desde os nossos bugres que aldeados, miscigenaram-se com os portugueses, dando lastro ao surgimento desta raça de tẽmpera de aço e de coração magnânimo, que noutra passagem da nossa história, um dos filhos ilustres desta terra, tentou eleva-la à categoria de província, criando através de Lei, a Província do Cariri Novo, intento que não chegou a concretizar-se, mas merece ser noticiado, para conhecimento dos pósteros ou tentaram fazer seus antecessores. O episódio está narrado no livro *Fatos e Documentos do Ceará Provincial*, de José Aurélio Saraiva Câmara, que assim fez o relato :

“Nomeado Presidente da Província do Ceará por Carta Imperial, de 23 de agosto de 1834, o Senador Padre José Martiniano de Alencar, após mais de três anos de fecunda administração, deixou o governo em 25 de novembro de 1873, passando-o ao Vice-Presidente, João Facundo de Castro Meneses... Do seu sítio, Alagadiço Novo, em Messejana, partiu com a família para o Crato, de onde após curta permanência seguiu pelo interior para a Bahia. Ali tomou um navio para o Rio de Janeiro. A parte terrestre da viagem, isto é, o percurso de Fortaleza a Salvador, seria de decisiva importância para a motivação literária do seu primogênito, o futuro escritor nativista José de Alencar, o qual afirmou mais tarde que a inspiração de *O Guarani*, por mim escrito aos 27 anos, caiu na imaginação da criança de nove anos ao atravessar as matas e sertões do norte em jornada do Ceará à Bahia. Chegando o prestimoso político à sede do Senado, ao qual pertencia na qualidade de membro vitalício, pois era este o sistema da época imperial, apresentou um projeto de lei, criando a Província do Cariri Novo, cujos objetivos são apontados por Câmara : Elevar a região onde nasceu e onde viviam os seus familiares, à dignidade de província,

criar um suporte geográfico-eleitoral para sua atuação política, minimizar a área onde mandavam e desmandavam seus adversários, parece ter sido tríplice o objetivo daquela idéia do político saqaz e atilado que era o Senador Martiniano de Alencar. Assim pensando, o Senador Alencar, na sessão do Senado, de 26 de agosto de 1839, apresentou o projeto de lei, criando a Província do Cariri Novo, cuja capital será a Vila do Crato. Indicou também as áreas territoriais formadoras da nova província, como sendo a dos municípios do Riacho do Sangue Icó, Inhamuns, São Mateus, Lavras, Jardim e Crato, da província do Ceará. Com os municípios do Rio do Peixe e Piancó, da província da Paraíba. Do município de Pajeú das Flores, da província de Pernambuco, do antigo Julgado do Cabrobó e por fim, do município de Piranhas, da província do Piauí. Neste mencionado projeto, fixava de logo, o Senador Alencar, o número dos membros de sua assembléia Legislativa em torno de 28. O projeto submetido a apreciação da Comissão de Constituição, recebeu parecer favorável, sendo então encaminhado a Comissão de Estatística, que se encerra na de Colonização e Catequeses. Não poderia ser outro o Parecer de referida Comissão, senão aprovar o projeto. Na ordem do dia da sessão de 1º de outubro de 1839, dava entrada o projeto sendo aprovado em primeira discussão, devendo ser submetido a segunda discussão no dia 07 do mês corrente. A partir de então, os adversários de José Martiniano de Alencar, bem como os representantes das províncias que teriam áreas desmembradas, começaram a assestar suas baterias contra o projeto, sendo adiada para a sessão legislativa do ano seguinte, a sua apreciação. O decurso do tempo que modifica as situações e faz mudar o pensamento das pessoas, alterou sensivelmente o curso da vida política do Senador Martiniano de Alencar, o qual, por Carta Imperial de 10 de setembro do ano de 1840, era nomeado, pela segunda vez, Presidente da Província do Ceará, fazendo com que o autor do projeto da província do Cariri Novo, perdesse o entusiasmo com aquela proposição.

Como podemos observar, estes episódios narrados, que foram colhidos da História de nossa Terra, indica os anseios libertários e vanguardistas do nosso povo e da nossa gente do Crato, que palmilharam com brilhantismo e ousadia os tempos passados e que contribuíram para alicerçar os dias futuros, nos quais hoje estamos inseridos. Pelo compromisso com o nosso passado histórico, cheio de lutas, dedicação, amor à terra do verde vale, é que todos os estabelecimentos sociais do Crato, têm responsabilidades a cumprir. Os estudantes devem aproveitar este berço de cultura, aqui assente, para aprimorar os seus conhecimentos teóricos a fim de que possam através das mais democráticas das formas de ascensão, que é a do saber, galgarem posições, que muitas vezes a fortuna individual não pode legar-lhes. Esta fase de estudante é marcante na vida e na formação das pessoas, porque dela, em muitos casos, dependerá o sucesso ou insucesso, ônus individual de cada um. Além disto, o esforço gigantesco, dispendido pelo Governo, quer nas três esferas impositivas, Federal, Estadual e Municipal, no setor educacional, merece ser reconhecido e aproveitado, em um reconhecimento desta obra ciclópica. Ao falar em estudantes, não dissociar da figura do professor, mestre abnegado, que no dia a dia,

dedica o melhor dos seus esforços para a educação da nossa juventude, e para, o engrandecimento cultural da comunidade cratense, a qual todos pertencemos. Ressaltemos também aos empresários e trabalhadores em geral, fontes geradoras de riquezas indispensáveis ao desenvolvimento econômico e social, na busca de melhores dias para o nosso povo, a fim de que cheguemos mais rapidamente a possuir uma sociedade mais justa, perfeita e equitativa. Lembremo-nos, também daqueles que servem à coisa pública, sem visar o interesse próprio mas, elegendo como meta primeira o bem estar da coletividade a qual servem, numa demonstração inequívoca do espírito de desprendimento de que são dotados os filhos da pérola do verde vale caririense, nesta solenidade, representados pelo Exmo. Sr. Prefeito Municipal do Crato, Capitão Ariovaldo Carvalho, que há imprimido um ritmo dinâmico à administração municipal, usando das qualidades de honestidade, trabalho e dedicação, que compõem os atributos de sua personalidade. Ao seu lado, encontramos a pessoa ilustre, humana e devotada do Dr. Humberto Macário de Brito, prestando-lhe colaboração valiosa e participando na difícil tarefa de bem administrar o nosso município. Juntando esforços ao Poder Executivo Municipal, encontramos os valerosos vereadores, legisladores e representantes dos municípios que buscam atender aos anseios do povo, de mãos dadas com os nossos representantes na Assembléia Legislativa, na Câmara dos Deputados e no Senado Federal que complementam a ingente tarefa de melhoramento da nossa querida cidade. Outra instituição que não pode ser esquecida, quando se trata de assuntos ligados ao desenvolvimento do nosso município é da participação efetiva da Igreja Católica Apostólica Romana, sob cuja sombra centenária do seu manto, viu nascer a Vila do Crato e para a mesma contribuiu em todos os setores, mormente no educacional e assistencial onde desenvolveu obra deveras marcante. Diante do bosquejo retro transcrito, encontramos a firmeza de princípios do povo CRATENSE, que desde os seus antepassados, cultiva os anseios de liberdade, educação, retidão de caráter, trabalho e amor à terra natal.

Desejamos pois, que a geração de hoje e a do futuro, sigam a trilha das anteriores, reafirmando os propósitos, nesta data natalícia do nosso município, para exemplo das gerações que se sucederão, no futuro.

MUITO OBRIGADO.

Saudação proferida em, 21.06.78, nas festividades comemorativas do dia do município do Crato, pelo Dr. Germano Francisco de Almeida, Juiz do Trabalho, Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento do Crato —, hoje do C. C. M.

Tipografia? só a do CARIRI - Rua Dr. João Pessoa, 386 - Fone: 521.1223

Contabilidade?

Francisco Helio de Sousa

CONTABILISTA

ESCRITÓRIO: Rua Dr. João Pessoa, 274 - (Altos)

FONES: 521-2750 e 521-1621

RESIDÊNCIA: Rua Cícero, Araripe 85

FONE: 521 - 1923

CAIXA POSTAL, 89

CRATO

—:—

CEARA

Café

Itaytera

Só tem gosto de Café

•

O melhor da Região

CRATO

—:—

CEARÁ

ENTREVISTAS

As Belas Artes, hoje, são do Domínio dos Antiquários

EV — Através da arte visual o que a sua obra transmite ?

SE — Pretendo com minhas obras propor situações. O espectador se integra ou não dependendo de seu caráter ou de seu estado de espírito. Nos meus quadros, que chamo Excitáveis, a participação do espectador é essencial pois ele deve tocar na superfície de plástico transparente ou translúcida para criar as cargas eletrostáticas que vão animar de movimento os elementos articulados contidos no interior do quadro (caixa). Nas minhas esculturas, o jogo continua, porém de maneira virtual.

EV — A arte é histórica. Culturalmente o significado da beleza se modifica em várias culturas ?

SE — Dou a palavra a Herbert Read, que achava que a arte foi sempre a consciência que cada época tinha de si mesma.

EV — A pintura moderna subestima a beleza e o prazer estético ?

SE — Essa beleza e esse prazer estético eram do domínio das "Belas Artes". A arte tem objetivos bem mais elevados do que o prazer : ela é inquietude.

EV — O que aprecia mais: a beleza de um Cristo bizantino monumental, severo e altivo; o Cristo medieval, mártir, fisicamente deformado pelo sofrimento ou o Cristo renascentista herói vitorioso e intacto na crucificação ?

SE — Os qualificativos altivo, mártir e intacto, não têm propriamente significado plástico. A qualidade da obra é determinada pelo tratamento que lhe deu o artista. Cada um desses "Cristo", pode ser uma obra-prima, como pode ser um horror.

EV — Para realizar uma obra precisa de motivação emocional forte ?

SE — Não. Apenas uma total disponibilidade.

EV — Nas artes plásticas o meio de comunicação é visual, por que o preto e branco predominam nos seus trabalhos ?

SE — É uma opção como outra. Utilizo muito o preto e branco, sobre tudo nos meus desenhos e esculturas. Nos meus quadros uso muito as cores.

EV — Que representa a arte para você e desde quando é parte de sua vida ?

SE — A arte, ou mais precisamente, o exercício da criação, representa muito para mim. Minha preocupação principal é porém viver; coisa que faço há mais de 40 anos.

EV — Sua primeira exposição no Brasil?

SE — Crato, 1951.

EV — E na Europa quando pela primeira vez projetou o nome do Ceará?

SE — Projetar o nome do Ceará, não digo. Expus na Europa pela primeira vez em Lausanne, Suíça.

EV — Alguns nomes que escreveram sobre sua arte...

SE — Assim de cabeça é meio difícil. Porém vamos ver (com o risco de esquecer muita gente) : Sergio Milliet, José Geraldo Vieira, Geraldo Ferraz, Delmiro Gonçalves, P. M. Bardi, Roberto Pontua, Jayme Maurício, Olivio T. de Araújo, Walmir Ayala, H. Auler, Frederico de Moraes, etc... De qualquer forma não vai ser possível dar a lista completa.

EV — Algumas coletivas...

SE — Algumas das Bienais de São Paulo e outras pelo mundo. Entre as principais: Bertholo, Lourdes de Castro, Esmeraldo e Guidot, Museu de St. Etienne, França. E na Galeria Denise René em Paris uma exposição chamada a "Idéia e a Matéria" (Albers, Esmeraldo, Honegger, Le Parc, Morellet, A. Nemours, Soto, Tomasello, Varsarely e Yvaral). Estas foram certamente as mais importantes.

EV — Dentro do seu trabalho o que são os Excitáveis?

SE — No conjunto da minha obra os Excitáveis ocupam um lugar importante. Já pelo seu número (cerca de 400) e se se considerar que ainda estou longe de realizar todos os que programei, ao terminar a série, constituirão a parte mais importante do meu trabalho.

EV — Algum plano em férias?

SE — Durante as férias, em geral, faço livros.

EV — Um valor nas artes brasileiras que mereça nota máxima?

SE — Também com o risco de esquecer muita gente boa, citarei Krajcberg, Lygia Clark, Antonio Dias, Piza, Sergio Camargo, Mavignier e Maria Bonomi.

EV — Como o parisiense recebeu a sua arte?

SE — Com sua habitual nonchalance.

EV — Sua permanência na capital francesa é definitiva?

SE — O que na vida é definitivo?

EV — Atualmente em quantas galerias de arte está presente na Europa?

SE — Com certeza, em cinco ou seis. É difícil precisar o número pois nossas obras circulam muito de um modo geral.

EV — Algum artista da velha e saudosa SCAP que mereça citação...

SE — Certamente. Bandeira, Aldemir Martins, Goebel, Jonas Mesquita, Estrigas, Zenon, Nice e, mais uma vez, estou certo de estar esquecendo nomes.

EV — Que acha da idéia o arquiteto Neudson Braga, Professor Claudio Martins e deste colunista da fundação da Escola de Belas Artes do Ceará?

SE — Embora não conheça em detalhs o projeto Cláudio Martins — Neudson Braga — Edmundo Vitoriano, de criar uma Escola de Belas Artes, penso que o tempo dela já passou. Atualmente as Belas Artes são do domínio dos antiquários. O justo, a meu ver, seria um centro de pesquisas de artes plásticas e visuais.

EV — Como se deu a sua rota Crato — Paris?

SE — Passando por São Paulo.

EV — Feliz por ter sido ou por ser?

SE — Feliz, sim, mas também inquieto e insatisfeito.

EV — Já transformou alguma vez o impossível em possível?

SE — Sem querer jogar com as palavras, sou tentado a dizer que nós homens nos aplicamos diariamente a inverter os termos da sua equação.

EV — Sacrifício é negação de vida ou afirmação?

SE — Questão de circunstâncias.

EV — O que destrói todas as barreiras que impedem o progresso do indivíduo?

SE — Acho que se de um lado muita gente e muita coisa se opõe ao progresso do indivíduo nada impede ou impedirá que ele se realize.

EV — Sua atitude em relação ao mundo...

SE — Gostaria que fosse lúcida e humana.

EV — Concorda que o senso de oportunidade implica às vezes em fazer o imprevisto?

SE — Sou intuitivo e por definição sem nenhum senso calculado da oportunidade. Respondo afirmativamente.

EV — Qual a temática dos seus trabalhos?

SE — Acho que não se pode falar, no meu caso, de temática e sim de uma certa maneira de quacionar os problemas plásticos.

EV — Atingiu o apogeu da potencialidade?

SE — Penso que estou em plena posseção de meus meios.

EV — O que é preciso para vencer lá fora?

SE — A mesma coisa que para vencer aqui.

EV — Suas aptidões e valores já foram postos a prova em uma emergência?

SE — Sim. Sobretudo nas minhas partidas de pesca submarina.

Entrevista concedida por Sérvulo Esmeraldo ao jornalista Edmundo Vitoriano, na sua coluna Gentes e Fatos, jornal "O Povo", em 27 de março de 1977.)



O
SEU
BANCO
AMIGO

C G C 07.814.899

Matriz : Fortaleza
Rua Major Facundo, 524
Rua General Bizerril, 70
Av. Francisco Sá, S/N.

Filiais : Caucaia
Juazeiro do Norte
Maranguape
Redenção
Sobral
Aracati

Em JUAZEIRO : Esquina de Santa Luzia com S. Pedro
Telefone 511.44-08.

Pague com mais comodidade : Água, Luz, Telefone,
outros impostos e taxas.

Conheça as vantagens e a facilidade de funcionamento da
Carteira Imobiliária, para resolver tudo sobre compra
e aluguel de sua casa

SÉRVULO ESMERALDO

(Paris pode ficar para depois)

A estória de que "Santo de casa não obra milagre" já pode ser contada diferente, quando vemos na cidade, mais uma vez, Sérvulo Esmeraldo — artista, criador, cearense do Crato e de Paris.

Sérvulo está "vivo" e goza de boa saúde, apesar dos boatos de que quem deixa outro lugar por esta cidade é louco, o que faz-nos pensar o contrário.

Sérvulo ainda acredita na sua terra.

Ainda necessita ver o mar, sua gente do Cariri, ainda precisa vir aqui e ficar por alguns meses mostrando o seu trabalho e colaborando diretamente num movimento artístico que parece ter parado no tempo e no espaço.

Na verdade Sérvulo chegou e está realizando trabalhos seríssimos, permitindo que outros artistas acompanhem toda uma evolução verdadeiramente histórica, verdadeiramente livre de parisiânismo, brasileirismos, porque universal.

Para facilitar uma descrição de sua vida, atualmente no Ceará, fomos encontrar Sérvulo no seu atelier. Atelier mesmo de artista e não de decorador ou de hippie como sempre nos pareceram alguns. Perto do mar, tinha que ser. Ele como nós ama o mar e da janela de seu atelier o mundo das águas verdes se descortina.

Tão simples e tranqüilão está Sérvulo como o encontramos nos primeiros dias de jornalismo, numa entrevista para O Nordeste. Sérvulo está cercado de projetos e para descansar a cabeça tem uma rede de corda armada permanentemente. Nos últimos anos ele viaja e produz muito, tornou-se na Europa um cara cada vez mais requisitado, assim como no Ceará, onde muita gente de bom senso valoriza a sua obra.

Fez uma pausa nos seus estudos e falou muito, sempre entusiasmado, sempre pensando as coisas que vão definir o seu trabalho.

Perguntamos-lhe :

— Há uma carência de Ceará em você lá na Europa ?

— "Bom — respondeu. Eu passei na verdade oito anos sem vir ao Brasil. A partir de 75 eu tenho vindo com mais frequência, 1976/77 e já 78, tenho feito permanências, principalmente no Ceará. Este ano devo ficar uns oito meses, mesmo tendo que ir ligeiramente a Paris. Espero passar um tempo fazendo esta ponte Europa-Ceará vindo sempre com muita frequência, até o dia que eu puder definitivamente mudar de residência.

Há realmente uma carência muito grande de Ceará. Há um vazio, porque o exílio, no fim das contas, acaba sendo estéril, porque não me sinto um francês e fico sempre sem contatos com as minhas raízes. Nesse ponto eu acho que o exílio é estéril, a gente não se integra. Foi muito importante tudo que aprendi, as experiências vividas na Europa são valiosas, foram importantes e enriquecedoras, mas no momento eu me sinto atraído pela terra e isso bem corresponde ao que chamamos carência.

TRABALHO NO CEARÁ

A vinda de Sérvulo Esmeraldo, com esta frequência ao Ceará, parece ter sido providencial. De repente começamos a ver esculturas nos prédios mais importantes da cidade, que realmente eram carentes, apesar de termos sempre junto um Zenon Barreto. Sérvulo hoje, faz muita coisa e tudo parece ser simplesmente acontecido, pois em 1976 o seu plano era exclusivamente vir para passar o Natal com a família. Mas logo realizou uma expô individual, no Crato, comemorativa aos seus 25 anos de vida profissional, visto que sua primeira mostra tinha sido feita naquela cidade, patrocinada pela Sociedade de Cultura Artística.

Após chegar do Crato, Sérvulo encontrou uma proposta para fazer um trabalho para um hotel em Fortaleza, destacando-se que o seu projeto foi aceito. Depois mais um projeto para uma firma comercial. Também aceito, os trabalhos foram começados. Mas aí Sérvulo marcou viagem para Paris. Aconteceu um desistir e ele conta: "Estava na véspera de viajar quando apareceu a proposta para a nova sede da Assembléia Legislativa, resolvi aceitar e comecei o trabalho. Como "visto" do meu passaporte ia findar viajei a Paris e depois voltei para dar continuidade ao projeto. Eis que aparece outra coisa muito importante: fazer o monumento do Emissário Submarino, outro projeto para o Banco do Ceará, no Crato, para a nova sede da Prefeitura Municipal daquela cidade e outro para a escultura do jornal O POVO, representando um presente do Prefeito Evandro ao jornal cinquentão. Tudo isso tem aparecido e me fixado aqui.

Lembrando ainda outros projetos encomendados, Sérvulo pára de enumerá-los para revelar: "Eu dou muita importância a esta fase da minha vida. Inicialmente porque pela primeira vez, eu fiquei num só lugar, com um número grande de obras, relativamente importantes; segundo porque os fatos ocorrem no Ceará, onde eu nunca pensei que houvesse condições de assimilação, tanto do ponto de vista econômico, como do ponto de vista de interesse, simplesmente.

— Qual a linha de seus trabalhos hoje?

-- Bem a linha de meus trabalhos não mudou muito da linha que eu faço há muitos anos. Eu trabalho dentro de um espírito construtivista, nessa linha que eu trabalho há 15 ou mais anos e se ela tem evoluído, evolui dentro de uma certa coerência. De forma que o que eu faço em Fortaleza, é a mesma coisa que eu faço na Europa. A gente vai evoluindo na medida do possível, na medida em que nosso talento permite, sem haver nenhuma mudança radical e provavelmente não haverá porque eu não sou muito do gênero mudar. A evolução se faz dentro desta linha que eu adoto há anos.

Minha linguagem é muito bem entendida no Ceará, minhas coisas acho pela sua simplicidade são bem entendidas, são de leitura fácil. Agora como é uma coisa do gênero abstrato, as pessoas querem associar como uma coisa já vista, como uma coisa da natureza e que não tem nada disso, porque é de noção puramente abstrata. No caso do tubo do emissário, o que que é? não é nada, é um simples espiral no espaço. No caso, por exemplo do trabalho do hotel, é um tubo que vem emergindo da parede que atravessa uma lâmina de vidro e vai ficar em balanço fora do prédio. Para o grupo J. Macêdo é um painel de aspecto variável e de repente, à medida que o espectador se desloca, ele vai mudando, mudando tanto de cor, como de composição e assim por diante, não tem o que entender, ele por si só inquieta.

— E a beleza de trabalho de O POVO?

— Ah! o trabalho é o seguinte. Apesar de ser uma coisa abstrata eu me baseei no próprio jornal. Poderia ter usado outras formas, como um círculo, um retângulo, mas preferi usar a forma do jornal que é uma forma bonita e aprovou, ficou próxima do meu espírito criativo. Não houve, assim, nenhum compromisso, foi uma coisa naturalmente, espontânea, que convém ao meu tipo de trabalho.

INTERESSE PELA CULTURA

Com uma história para contar não apenas dos rumos que seguiram seus trabalhos, das suas pesquisas, das suas permanentes descobertas, mas também das suas influências, Sérvulo com todos esses trabalhos realizados no Ceará, quer somente uma coisa: provocar interesse maior pela escultura, pelo monumento, porque isso foi uma tradição quase perdeu. "Podemos bem observar que durante muitos, muitos anos não se fez monumento em Fortaleza e é provável que com o aparecimento dessas minhas esculturas tanto em lugares públicos como em particulares, haja um interesse novo da parte dos artistas e dos arquitetos. Uma coisa que me impressionou muito foi ver as bonitas casas em Fortaleza, os modernos edifícios criados por arquitetos de talento e esse pessoal se interessa pela escultura, acrescida às suas obras. Vemos no alto orçamento de uma casa, a ausência da escultura que poderia entrar sem grande ônus. E não falo só de mim. Tem o Zenon, o Galvão e certamente outros que não posso citar, porque não conheço. Gente que poderia estar trabalhando na arquitetura. Eu vejo o seguinte: há sempre aqui uma importação de artistas, estátua de Iracema e outras, que são sempre gente de fora convidadas a fazer, quando existem grandes artistas aqui, que as vezes ficam até sem trabalhar. Não é que eu seja contra os que vem de fora, mas não concordo com o abandono dos que estão aqui.

Precisamos valorizar o artista cearense. Hoje eu sou valorizado, aceito. Mas o importante é que isso se estenda a todos, conclui assim Sérvulo Esmeraldo, demonstrando uma qualidade muito rara, aquela de pensar nos outros, de não querer reinar sozinho. Daí porque acreditamos nos benefícios do convívio com Sérvulo, o retorno ao Ceará, a proximidade com sua gente. Tenho certeza portanto, que todos gostariam de dizer: Fica Sérvulo, ame a Europa, mas é este chão que é seu.

(Entrevista a LEDA MARIA — em O POVO — 19-03-78)

codema

COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA.

- T A B U A S
- C O M P E N S A D O S
- F Ó R M I C A
- C I M E N T O
- F Ó R R O
- F E R R O
- A R A M E F A R P A D O

M A T R I Z :

Rua Bárbara de Alencar, 661/683 — C. Postal, 84

Fone : 2544-2645 — Crato - Ceará

F I L I A I S :

Rua S. Pedro, 869 — Fone: 511-1311 — Juazeiro do Norte - Ce.

Praça Francisco Sá, 171 — Fone: 560 — Iguatu - Ceará

Um Cearense Intrépido

Rememoro, comovido, o fim trágico dum cearense que ofereceu sua vida em defesa da Pátria.

A poeira da saudade que temos dos que tombaram no cumprimento do dever, defendendo a integridade do Brasil, jamais sairá da nossa lembrança.

Transmudaram-se em lume os feitos gloriosos dos nossos heróis, para nos servir de luz perene na jornada para o futuro.

É comum expressão como esta: — "NINGUÉM FOGE AO DESTINO". Acresce uma circunstância: o destino não vem a nós sem que não seja procurado, quer para o bem, quer para o mal.

Exemplos dessa natureza temos de sobra, cada um de nós forma a sua própria sorte, sujeita as vicissitudes que a vida nos oferece.

Refiro-me a sorte dum sertanejo cearense, que soube formar e conservar o seu destino, dando-lhe vigor durante o período de sua existência terrenal.

Procurou o Exército e sentou praça como simples soldado raso. Soube conduzir-se como militar pundonoroso, alcançando os bordados de Brigadeiro.

Ei-lo: — ANTONIO DE SAMPAIO nasceu em Tamboril-Ce, em 24 de maio de 1810. Apaixonara-se por determinada moça de Tamboril, houve objeção por parte do pai da moça, porque Sampaio era pobre e filho dum ferreiro, sendo ameaçado de morte pelo pai da referida moça.

Sampaio teve que se retirar do lugar para não morrer, seguiu para a capital da Província, então conhecida como Forte, atual cidade de Fortaleza. Sentou praça no 22º Batalhão de Caçadores aos 20 anos de idade.

Solicitou transferência para o Rio de Janeiro e foi atendido. Em 1833, sentindo saudade do Ceará, conseguiu voltar. Ao chegar tomou parte num motim militar, que tinha como objetivo a deposição do Presidente da Província.

A revolta foi dominada e os revoltosos presos, encaminhados para Recife. Sampaio, com evasivas próprias nessas ocasiões, foi julgado e absolvido, retornando ao Ceará.

Em 1835, seguiu com seu batalhão com destino ao Pará, a fim de pôr fim a revolta da "Cabanagem". Após a pacificação foi enviado ao Maranhão, que estava ardendo-se sob a revolução da "Balaiada".

Tanto no Pará como no Maranhão portou-se com bravura. Ainda combatendo a "Balaiada", a 20 de maio de 1839, foi promovido a alferes. E, neste posto participou do feroz combate de Areas, onde morreram cerca de 1.000 combatentes, entre revoltosos e legalistas. O referido combate extinguiu o foco rebelde que já existia a três anos.

Naquele ano de 1839, a 2 de dezembro, era promovido a tenente e designado para comandar o destacamento da vila de Passagem Franca, no Est. do Maranhão.

Em junho de 1841, foi exonerado daquela função e ao mesmo

tempo empossado como comandante do destacamento de Pastos Bons, também naquele Estado.

Em 1843, dois anos depois daquele ato, teve sua promoção a capitão, por merecimento. Em virtude da limpeza que ele fez à região, que era infestada por marginais de toda espécie. Sampaio soube sanear para deixar o povo livre dos bandoleiros que assolavam aquela circunscrição da terra de Gonçalves Dias.

O capitão Antônio de Sampaio, deslocou-se do Maranhão para o R. G. do Sul, a fim de pelear contra os "Farrapos". Ele assistiu a proclamação de Caxias que declarava extinta a guerra civil, 1º de março de 1845.

Em 1848, Pernambuco estava sendo incendiado por uma revolução denominada de : Revolução Praieira. O capitão Sampaio presta de modo decisivo o seu concurso na extinção.

Em 1849, o capitão Antônio de Sampaio contraiu matrimônio, com a idade um pouco avançada — 39 à vista. Sua esposa chamava-se Júlia dos Santos Miranda, deixou uma descendência de quatro filhos.

Tomou parte na Expedição da Colônia do Sacramento, integrante da Divisão Brasileira, em 1852, lutando com destemor à frente de seus soldados, na batalha de Monte Caseros. No mesmo ano, no mês de julho, foi promovido por merecimento ao posto de major.

A Tenente-Coronel por merecimento, a 2 de dezembro de 1855. Depois de três anos, expulsava em São Borja-RS, uma força composta de 6.000 paraguaios invasores da Província do R. G. do Sul.

Ao completar seis anos como Tenente-Coronel, ascendeu ao posto de Coronel por merecimento : 2 de dezembro de 1861.

Em 1864, Sampaio comandava uma Brigada de Infantaria. Foi enviado com seus soldados para o Estado Oriental, empenhando-se na peleja ao lado do "colorados" contra os "blancos". Atacou Paissandu, reduto do partido "blanco". O Coronel Antônio de Sampaio, teve ação destacada nessa luta, forçou os guerrilheiros "blancos" à rendição.

Faltando dois dias para o término daquela campanha, Sampaio ganhava os bordados de Brigadeiro. Terminada a luta e comandando duas Brigadas, permaneceu ocupando Montevidéu até abril de 1865.

Em 1866, à frente da 3.ª Divisão, organizada por ele e composta exclusivamente de cearenses, rumou para o Paraguai a fim de defender o Brasil que estava lutando contra aquela nação.

A 24 de maio de 1866, Sampaio foi ferido por duas vezes, na maior batalha campal da América do Sul. Não podendo resistir solicitou substituição, devido a gravidade dos ferimentos recebidos no rosto.

O Brigadeiro Antônio de Sampaio foi substituído no comando perdendo muito sangue, em seguida, enviaram-no para Buenos Aires. Não conseguiu chegar com vida à capital argentina, devido a morosidade dos transportes de então.

Por desconhecida ironia do destino, Sampaio foi ferido na data de seu aniversário, para morrer depois de 13 dias, no dia 6 de julho de 1866.

Forças do Exército Argentino prestaram-lhe as últimas e devidas honras militares, seu corpo foi sepultado naquele país amigo.

Três anos depois, D. Pedro mandou transportar para o Brasil os restos mortais daquele herói, filho de Tamboril.

Li, no número 18 da Revista Itayera do Instituto Cultural do Cariri — ano de 1.974, trabalho de R. Pedrosa, o meu amigo Irmão Bruno — OSB, sob o título "História de Mangabeira". É um trabalho interessante de que algumas inexatidões não lhe tiram o brilho.

Nem sei de quem teriam sido os equívocos — se dos autores ou de outras fontes citadas, se do próprio escritor. O fato, é que há certas imprecisões a corrigir.

Entretanto me deterei apenas naquelas que se relacionam à família Lemos e, ao fazê-lo, procedo a um retrospecto para situar a origem dessa família e sua ligação com as demais da hoje Vila de Mangabeira.

Na revista citada (pág. 189), consta que *Pedro de Oliveira Lemos* havia chegado na então Vila São José no ano de 1.910 e que procedia do Riacho do Sangue (microrregião do médio Jaguaribe), Estado do Ceará.

Além de não serem exatas a data e a procedência, faz crer ainda que ele teria sido o primeiro dessa família a chegar àquela Vila do Município de Lavras da Mangabeira. Faz-se necessário, aqui, retroagir ao fim do século dezoito ou início do dezenove, quando chegou ao hoje Município de Cedro, de fato vindo do Riacho do Sangue, José Gonçalves de Lemos. Ele, e sua mulher, cujo nome não sei, se instalaram no sítio Baquepari e ali tiveram três filhos: José Filho (Zezé), Alexandre (Xandu) e Joaquim.

Este último, que veio a se casar com uma filha do Major Pedro Vieira Mangueira (na Revista citado como Pedro de Sousa Mangueira, pág. 188), de nome Maria Madalena do Rosário, mas conhecida por Dondonzinha, foi quem primeiro da família pisou solo mangabeirense. O casal não se fixou em São José, só o fazendo por volta de 1872 e, nesta oportunidade com três dos seus cinco filhos: Maria (Nenem), Pedro (citado na Revista) e Thomaz. O casal já residia em São José, quando nasceram os outros dois filhos: Joaquim Filho e Viturina.

Pedro casou-se com uma prima, filha de José, o primogênito do patriarca, de nome Antônia Thereza de Lemos. Tiveram muitos filhos, um dos quais, Cícero de Oliveira Lemos que militou na política local por muitos anos, tendo sabido conciliar magistralmente os interesses partidários e a amizade de todos.

Thomaz casou-se com uma filha de Francisco de Veras (o velho Chicote) de nome Vicência e outras duas vezes com filhas de Manoel Gonçalves de Souza e Maria Glória das Virgens, respectivamente, Maria e Ana Izabel (Maninha). Os três casamentos lhe deram filhos

Os restos mortais do Brigadeiro Antônio Sampaio ficaram no Asilo de Inválidos da Pátria, no Rio de Janeiro, durante 104 anos.

O Ceará reclamava o corpo de Sampaio para descansar em terra alencarina. A 25 de outubro de 1973, os restos mortais do glorioso filho de Tamboril, descansaram em Fortaleza no Cemitério de S. João Batista, em sepulcro suntuoso mandado construir pelo povo de sua terra.

num total de vinte e cinco, dos quais citaremos o primeiro de cada: Raimundo Thomaz Lemos (Mundoca), Joaquim Gonçalves de Lemos (Quinco) e Francisco Gonçalves de Lemos (Franço).

Joaquim Filho casou-se com uma prima da primeira esposa de Thomaz, filha de Joaquim José de Veras, de nome Ana Maria, tendo nascido desse casamento três filhos: Manoel (Nequim), Maria (Mariquinha) e Ana (Savinha), esposa de Araujo do Cantinho.

Viturina casou-se com Raimundo Thomaz de Aquino (Raimundinho da Varzinha). O casal teve muitos filhos, sobrevivendo hoje apenas uma filha chamada Donzinha (esposa de Vicente Pinheiro do Palhano). Eles residem com a família na Cidade de Fortaleza.

Maria (Nenem) não se casou e viveu a maior parte de sua vida com os avós no Baquepari.

Sobre os outros dois ramos da família, José Filho (Zezé) e Alexandre, é o seguinte: Zezé logo cedo foi recidir em Belém do Pará. Lá constituiu família, nascendo três filhas: Antônia Thereza, Josefa e Maria. Ele veio visitar seus pais, em Cedro, por volta de 1880, trazendo sua filha de 16 anos, Antônia Thereza que se casou com Pedro no ano seguinte. O velho regressou a Belém.

Em 1918, Firmo Teixeira Lemos, filho de Maria, visitou a família em Cedro e Lavras da Mangabeira, formando família no Ceará e nunca mais voltando a Belém. Faleceu recentemente em Fortaleza, deixando quatro filhos: José, Francisquinha, Maria do Carmo e Santinha.

Alexandre (Xandu) foi o único que permaneceu no hoje município de Cedro. Ali casou-se e teve numerosa família que se espalhou pelos sítios Jacu, Assunção e, mais tarde, Arrojado Lisboa (Palhano). Talvez por ter a família permanecido na terra escolhida pelo patriarca, todos os membros são conhecidos pela alcunha de "Cedro..

Desse ramo apenas Raimundo do Cedro (Raimundo Alexandre de Lemos) foi residir em São José. Casou-se em primeiras núpcias com uma filha de Pedro e Antônia Thereza de Lemos. Do casamento nasceram duas filhas: Melica (casada com Raimundo de Souza Mangueira, Derinha) e Mouzinha (que se casou com Cazuza Amâncio). Depois casou-se com a viúva de Vicente de Veras das Lajes, mas não lhe nasceram filhos. Desse ramo ainda vieram para São José três netos de Alexandre: Francisco, Raimundo e Antônio Alexandre de Lemos. Outro filho de Alexandre (Xandu), de nome Joaquim Alexandre de Lemos, se instalou nos arredores de Belém, onde constituiu outro núcleo da família.

Argumentando, ainda, sobre a vinda de Pedro de Oliveira Lemos, muito antes de 1910, vale assinalar que a sua "bolandeira", primitiva máquina puxada a bois para beneficiamento de algodão, já existia por ocasião da proclamação da República, pois fatos que não vêm ao caso, comprovam esta data.

A família hoje é numerosa, espalhada pelo interior, principalmente em Jaguaratama (antigo Riacho do Sangue), Cedro, Lavras da Mangabeira, Fortaleza e Belém do Pará. Na escassez de espaço deste jornal, não podendo fazer uma enumeração exaustiva, citarei apenas um ilustre descendente direto do patriarca, seu tetraneto, Dias da Silva, um dos fundadores d'O Catolé".

(Jornal "O Catolé" Nº 12 — outubro 79)

UM EVENTO DE MUITA TERNURA

Os meus queridos pais, Joaquim Pereira Neves e Maria Tavares Neves, fizeram Bodas de Ouro no próximo passado dia 25 de Novembro. O grato evento foi comemorado com Missa em Ação de Graças celebrada no próprio sítio do casal, nos pés de serra de Porteiras, conforme já foi amplamente noticiado pelas rádios Salamanca, Educadora e Araripe. Ao acontecimento compareceram familiares, amigos, e moradores do casal.

Na realidade o acontecimento merecia a comemoração. É uma data rara e que bem poucos têm a felicidade de comemorar. Meio século de casados, sempre em paz e harmonia, sob o signo do trabalho honesto, é alguma coisa de especial, na realidade. Meio século de vida a dois, lado a lado, passo a passo, alterando alegrias e tristezas, felizmente mais alegrias do que tristezas, é quase uma existencia.

Meio século na dura labuta da vida rural, na atividade canavieira e pastoril, suportando sacrificios e dividindo alegrias, para sustentar a familia e educar oito filhos, é realmente um hino de doação!

Felizmente os filhos corresponderam às expectativas dos pais e dos oito, seis se formaram e os dois que não se formaram têm conhecimentos suficientes para uma vida social de projeção e triunfos, calcada no curso ginásial com cultura de humanidades.

Como filho senti muita emoção nas comemorações, porque a cada momento estava a rememorar a vida do casal e a minha feliz e tranquila meninice naquele aprazível recanto do Cariri escondido em uma das mais belas dobras da Chapada do Araripe, bem no sopé da serra, cercado de árvores e flores. Como primogenito quase que acompanhei toda a vida do casal e o nascimento da quase totalidade dos meus irmãos, já que 16 anos me separam do caçula, Manoel, hoje engenheiro civil em Recife.

Quanta luta! Quanto trabalho! Quanta preocupação! Tudo isto visando um único fim: a projeção social, economica, profissional e cultural dos filhos! Quanta abnegação! Quanta renuncia! É doação até demais! Meu pai mesmo hoje aos 77 anos de idade, acorda antes do sol, mas muito antes mesmo!

Minha mãe, 8 anos mais moça, não lhe fica atrás, e enquanto é dia, eles não param, até talvez esquecidos dos anos que já têm. Não ha dúvidas que os dois, nestes longos 50 anos, fizeram do seu lar uma oficina de trabalho, mais que isto, um relicario de virtudes humanas.

Tudo isto com muito amor, muita fé, muita paz, muita harmonia, muita luta, muito carinho e muita compreensão. Proporcionaram aos filhos uma vida de paz onde o bom exemplo foi a tônica da sua natural pedagogia educacional.

Sempre mansos, sempre compreensivos, ele sempre foi modelo irretocável de pai e esposo e ela sempre foi mãe e esposa na verdadeira acepção do termo.

Hoje, de cabelos brancos, podem sentar na margem da estrada percorrida, felizes e com a consciência tranquila do dever cumprido e bem cumprido! São heróis de uma cruzada bendita!

São beneméritos da instituição da família cristã! São reis do ambiente familiar do qual, se algum filho desgarrar das normas da retidão e da decência, não será por culpa ou omissão do casal. Muito pelo contrário: os dois tomaram a felicidade terrena e colocaram nas mãos de cada filho, cabendo-nos apenas conserva-la ou mutiplica-la. Por isto o evento agora comemorado festivamente merecia um monumento. Mas, se o monumento não feito na frieza do Mármore, aconteceu no calor dos corações, na gratidão de cada descendente do casal que, jubilosos podem dizer: 25 de Novembro de 1927 e 1979 dois pontos de referencia de uma trajetória de amor e paz! Que o Bom Jesus conserve ainda por longo tempo os dois beneméritos daquele lar feliz, cujas cabeças brancas devem ser os faróis a guiarem os seus filhos pelos anos a fora!

O que é bom deve ter vida de eternidade.

01 - 12 - 79

A EXPRESSIVIDADE DE UMA LEGENDA

Entre os presentes recebidos por meus pais no dia festivo das suas Bodas de Ouro, havia uma rica e artística placa de prata oferecida pelos irmãos Raimundo e João Tavares Neves, nossos prezados e valorosos primos, na qual se lia a seguinte e expressiva legenda:

"A Joaquim Neves, o pioneiro, homem símbolo da dignidade humana, reserva moral de uma geração".

Na verdade os nossos prezados primos acima citados tocaram em uma faceta da personalidade do meu pai que gostaria de analisar. Realmente meu pai sempre foi pioneiro no seu meio. Foi ele quem primeiro possuiu um rádio no município de Porteiras e mesmo no Cariri foi dos primeiros. Corria o ano de 1.939. Era um rádio grande, escuro, marca PHILIPS, a bateria. Naquela época só havia rádio no Cariri em alguns bares das cidades grandes. A sala da nossa casa, no sítio, era pequena para receber os curiosos que vinham a pé até de uma légua de distância, para ouvirem os programas de Carmem Miranda e os noticiários de Carlos Frias e César Ladeira e também o noticiário da 2ª Guerra Mundial através do repórter Esso. E quando

a carga da bateria esgotava era aquela desilusão. No dia seguinte lá se ia um portador a cavalo com a bateria no meio de uma carga para ser novamente carregada em Jardim, distante 4 léguas. Posteriormente foi comprado um tunga para carregar bateria. Aí a situação melhorou muito. Depois veio o rádio a pilha e logo depois a corrente e agora a televisão aos quais meu pai também aderiu pioneiramente,

Quando no Cariri só havia energia elétrica nas grandes cidades, no nosso sítio já havia energia elétrica própria, de dezoito às vinte duas horas, oriunda de um gerador puxado por locomôvel a lenha. Era também o ano de 1.939. Quando chegou a energia de Paulo Afonso, recebeu de logo a adesão de meu pai também pioneiramente no seu meio.

Foi ainda meu pai quem primeiro comprou carro no município de Porteiras. Era um Jipe 51, Willys, verde, comprado por 35 contos. Não havia estrada de rodagem pela serra e ele fez a atual ladeira com 350 metros de subida por onde o jipe subia em primeira reduzida. E fez a ladeira à enxada, sem ajuda dos poderes públicos ou dos particulares que a utilizavam tanto quanto ele. Mais uma vez foi experiência pioneira.

O primeiro caminhão zerado comprado por um agricultor em Porteiras, também foi do meu pai. Era um Chevrolet 59 comprado por novecentos e vinte contos.

Quando as casas dos sítios ainda eram quase choupanas, foi ainda meu pai quem fez a primeira casa boa na zona rural de Porteiras, com água canalizada e piso mosaico.

Muito cedo meu pai passou do engenho de pau para o engenho de ferro, para logo aderir ao locomôvel e depois à eletrificação. Ele sempre assimilou as novas conquistas do progresso humano pioneiramente no seu meio. Assim, os dizeres da expressiva placa de prata dos irmãos Raimundo e João Tavares Neves, refletem a realidade da vida de meu pai, modéstia a parte. Raimundo e João Tavares que com ele tanto conviveram quando crianças, inteligentes e argutos como são, perceberam esta faceta de pioneirismo de sua vida que eu próprio, como filho, não me dava conta. Agora, analisando melhor a vida do meu pai, senti que aquela aludida legenda da placa em apreço, fez justiça às suas arrojadas iniciativas, sempre caracterizadas por idéias modernas e comprovado pioneirismo. Quanto a complementação da legenda que diz "símbolo da dignidade humana e reserva moral de uma geração", aí estão os seus 77 anos como um livro aberto para serem analisados e comprovados; nestas palavras apenas quis analisar a faceta singular do seu pioneirismo, fato raro na vida rural.

CASAMENTO EM PORTEIRAS

1.929, 26 de novembro, terça-feira — Casamento do meu cunhado, Joaquim Pereira Neves com Maria Tavares Miranda, filha de Manoel Tavares Rosendo (Nê Rosendo), no sítio Saco, município de Porteiras. Deu-se nesse dia somente o casamento religioso que foi celebrado pelo Padre Manoel de Alcântara, vigário de Jardim. Foi uma verdadeira festa na acepção estrondosa da palavra, nada faltando para dar-lhe o caráter genuíno de verdadeira pomposidade. Enorme a concorrência de pessoas vindas de todas as classes; muito brilhantismo na trajo, variado, abundante e fidalgo tratamento na comedoria, muita ordem e muita harmonia no convívio de todos os assistentes, nada faltou no conjunto para o complemento de uma reunião decente, fidalga mesmo.

(Extraído do Diário de Luis Aires de Alencar)

BODAS EM PORTEIRAS

Ontem, dia 25, o casal Joaquim Pereira Neves — Maria Tavares Neves fez Bodas de Ouro. A sua familia e amigos, tendo à frente seus oito filhos, 6 noras e 25 netos, mandaram celebrar missa em ação de graças no Sítio Saco, em Porteiras, às 10 horas da manhã. Setenta e dois carros lotaram o grande pátio do sitio do casal jubilar.

A Missa foi concelebrada pelo Mons. Raimundo Augusto de Araújo Lima, vigário Geral da Diocese e Pe. Agostinho Mascarenhas, salvatoriano de Barbalha.

Um côro de netas do casal entoou os cânticos da missa, no decorrer da qual dona Diva Pinheiro fez bela e comovente saudação alusiva ao evento.

O Dr. Napoleão Tavares Neves, primogênito da casa, agradeceu pela familia. Após a missa foi servido lauto almoço que se prolongou até a tarde. Participaram do acontecimento pessoas vindas de Jardim, Porteiras, Brejo Santo, Barbalha, Crato, e Juazeiro do Norte, além de convidados e familiares do casal vindos de Recife e Fortaleza.

São filhos do casal jubilar :

Dr. Napoleão Tavares Neves, médico em Barbalha.

Antonio Neves, agricultor e vice-prefeito de Jardim.

Dr. Jurandir Tavares Neves, odontólogo em Crato.

José Ney Neves, agricultor e vice-prefeito de Porteiras.

Dr. Ranilson Neves, odontólogo em Brejo Santo.

Prof. Maria Renilda Neves, lotada na Delegacia do Ensino em Crato.

Profa. Ana Romilda Neves.

Dr. Manuel Tavares Neves, engenheiro civil em Recife.

O Sr. Joaquim Neves já foi o prefeito de Jardim na fase de redemocratização do País.

Presentes ao acontecimento também os prefeitos de Crato, Capitão Ariovaldo Carvalho, de Brejo Santo, Dr. Francisco Lucena e de Porteiras, Sr. Alboino Tavares, além do Deputado Carlos Cruz.

No final da tarde o casal foi ainda saudado pelo Dr. Napoleão Neves da Luz, pelo Sr. Dogival Pinheiro e pelo bacharelado de Direito Urias Novais, tendo o Sr. Joaquim Neves agradecido em comovente e feliz improviso.

Presentes ao acontecimento também os drs. Francisco Sampaio, Manuel Salviano, João Tavares Neves, Raimundo Tavares Neves, Anibal Figueiredo, Edicio Abath, Francisco Parente, Haroldo Lucena, Getúlio Barros, Francisco Alboino, Uedes Grangeiro, José Livônio Sampaio, Giovanni Sampaio, Marchet Callou, Rosendo Tavares, Cauby de Sá, Edmundo de Sá Filho, Rômulo Aires, Antonio Vicelmo, José Alencar Arrais, entre outros.

O Pe. Nicodemos, vigário de Porteiras, compareceu com as irmãs Beneditinas daquele município. O Sr. Joaquim Couto, com 88 anos de idade, foi destaque na festa.

Presentes ainda o Sr. José Neves, ex-prefeito de Jardim por 2 vezes, Clodoaldo Sampaio, ex-prefeito de Jardim também por 2 vezes, Mário Leite Tavares, ex-prefeito de Brejo Santo, Edmundo de Sá Sampaio ex-vice-prefeito de Barbalha, Edvar Soares, ex-prefeito de Porteiras, Luis Bezerra, ex-vice-prefeito de Porteiras, além de trabalhadores e operários do Sítio Saco e Fazenda João Vieira, do Sr. Joaquim Neves.

OBS. As leituras da missa foram feitas por duas netas do casal: Jacia e Miria Neves.

Presentes ainda as seguintes pessoas:

D. Maria Sampaio, de Recife, Sr. Wallace Porto, de Recife, o Sr. Feitosa, escrivão em Brejo Santo, Universitários Joaquim Pereira Neto, Sr. Adeús e família, Geraldo Tavares Neves e família, Antonio Tavares Neves e família, Benito Tavares e família, Erivan Peixoto e família, Hugo Oliveira e família, Djanira Coelho Pinheiro, João Neves da Luz e família, Diana Sampaio, Detinha Sampaio, Napoleão Aires e família, José Sampaio e família, José Luna Alencar e família Eloi Sampaio e família, Iaiá Neves, Beatriz Neves, Francisco Liborio e família, Doro Germano, Etelvino Bringel e família, Vital Bringel e família, Geraldo Bringel e família, Bringel Pereira e família. Agnaldo Sampaio e família, Benjamim Sampaio e família, Gervasio Sampaio e família, Francisco Navais e família, Hamilton Sá e família, viúva Aristarco Cardoso, Edson Cardoso, Ionio Sampaio e família, Edimar de Sá e família, Macário Monteiro e família, viúva Antônio Libório e filhos. Também a jovem guarda em peso e seria impossível anotar a presença de todos.

BODAS DE PRIMAVERA

Marchet Callou

O coração do Cariri encerra
Um recanto de sombras sem afã
Cinge-lhe uma muralha — uma alta serra
Com medo de perder sua Canaã.

Há cinquenta anos lá, no talismã
Vive um casal que com amor impera
Quanto mais velho, mais a mente sã
Pois quanto mais verão mais primavera

São felizes no amor e nos seus filhos.
Seguiram-lhe os exemplos, que ventura,
Versos sem rimas e sem estribilhos.

Se choraram, nas suas lides puras,
Das bagas claras não lhe viram o brilho
Que as lágrimas à noite, são escuras.

(Ao meu prestimoso amigo Sr. Joaquim Neves, a quem admiro tanto, e à D. Mariinha, sua terna esposa. Por ocasião da passagem das BODAS DE OURO).

Barbalha, 25 de Novembro de 1.979

BODAS DE OURO

É suprema ventura de um casal
Cinquenta anos de amor correspondido
Ela, decerto, uma esposa ideal
E ele um exemplo de marido

Para amarem, assim, sem ter rival
E gozarem o afeto merecido
Como se em páramo edenal
Fosse por Deus um casal escolhido

Em fim o ideal realizado
Cinquenta anos de sonho acalentado
Festejaram suas Bodas de Ouro

E ditosos entre a filharada
Sua família — a prole bem amada
A sua esperança, o seu tesouro!

(Dedico este modesto soneto aos caros primos, Compadre Quincas e Mariinha e filhos do casal).

Ancilon Aires de Alencar

Posto Pe. Cícero

T E L E F O N E : 521.22.24

Moacir Siqueira & Cia.

COMBUSTÍVEIS E ÓLEOS LUBRIFICANTES

AVENIDA PADRE CICERO S/N — SÃO MIGUEL

Renovadora de Pneus Pe. Cícero Siqueira & Cia. Ltda.

DORMITÓRIOS PARA MOTORISTAS

SERVIÇO DE PRONTA ENTREGA

DUAS EMPRESAS A SERVIÇO DOS MOTORISTAS
QUE VISITAM O CRATO

C R A T O

—

C E A R Á

Mais do que um carro, você está conquistando uma posição

Passat. Ele é seu por direito. O novo estilo, de linhas arrojadas — você merece. O luxo e conforto interior — o Passat oferece muito mais do que um simples carro pode oferecer.

A tranquilidade mecânica do Passat, com seu motor avançado, revolucionário.

Mas diante de um carro que oferece tanto, nós não podemos deixar por menos. E criamos os planos de pagamento mais confortáveis, macios, convidativos.

Mas se você quiser, pode indicar seu próprio plano.

É só vir à nossa loja, escolher o Passat e dizer: "Eu quero pagar assim, assim, e assim..." Pessoas da sua posição não pedem, mandam!

Venha tomar posse do seu

PASSAT

DRASA



DISTRIBUIDORA REGIONAL DE AUTOMOVEIS S. A.

RUA RATISBONA, 282 — CRATO — CEARÁ

Patativa do Assaré

Poemas e Canções

"O meu nome é Antônio Gonçalves da Silva. Nasci no dia 5 de março de 1909, no sítio Serra de Santana, município de Assaré - Ceará. Sou filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva. O meu pai, um pobre agricultor, morreu muito moço, quando eu tinha apenas oito anos de idade. Somos cinco irmãos Antônio, José, Pedro, Joaquim e Maria. Ficamos órfãos em completa pobreza, continuando na mesma agricultura, trabalhando em um diminuto terreno que herdamos do nosso pai. Perdi a vista direita, no período de dentição, em consequência de uma moléstia conhecida por "dor-de-olhos".

Antônio Gonçalves da Silva ganhou o nome de Patativa do Assaré no tempo em que se dedicava às cantorias de viola, por analogia à mais canora ave do Cariri (região do Ceará); comparava-se a voz de Antônio Gonçalves ao canto da Patativa. Ainda criança, Patativa do Assaré já fazia versos de gracejos para os camponeses; eram brincadeiras de noite de São João, testamento de folia de Judas e poemas satíricos.

Aos 16 anos, comprou uma viola e iniciou-se na difícil arte do ponteio de viola e da improvisação de versos. Sua fama espalhou-se pelos sertões em pelejas e cantorias, duelos espirituosos de garras e sensibilidade poética, que foram immortalizadas pela memória do povo. Patativa nasceu e sempre viveu em Serra de Santana, só tendo se ausentado por cinco meses numa viagem que fez ao Pará, quando tinha 20 anos. Vive cantando a dor e o esperar de sua gente.

"Embora eu tenha facilidade de fazer versos desde menino, nunca quis fazer profissão do meu dom poético. Até hoje tenho sido o mesmo pobre agricultor, morando na mesma Serra de Santana. Nunca passei um ano sem botar a minha rocinha, só não botei no ano em que fui ao Pará".

Sou matuto sertanejo,
Daquele matuto pobre
Que não tem gado nem queijo,
Nem ôro, prata, nem cobre.
Sou sertanejo rocêro,
Eu travaio o dia intêro,
Que seja inverno ou verão.
Minha mão é calejada,
Minha péia é brozeada
Da quintura do sertão.
(Vida Sertaneja)

Patativa é dono de uma extraordinária memória. Raramente escreve os seus poemas, concebe e guarda todos eles na memória. Sabe de cor toda a sua produção de mais de mil poemas, quase todos eles enormes, e consegue se lembrar de versos improvisados dezenas de anos atrás. A sua poesia ganhou a boca e o coração do povo e recentemente se tem feito presença nos centros de estudos, nas universidades, nos teatros lotados de gente jovem, no canto dos novos compositores. Uma das suas toadas, A TRISTE PARTIDA — odisséia cabócla que canta o sofrimento do sertanejo flagelado pela seca e arribando pelo mundo, sangrando esperança numa vida melhor —, foi gravada por Luiz Gonzaga e comoveu às lágrimas os milhares de sertanejos espalhados por estes brasis, heróis anônimos massacrados nos campos e nas cidades, “distante da terra tão seca, mas boa”. Só por insistência de amigos e homens de letras é que consentiu a publicação dos seus livros: INSPIRAÇÃO NORDESTINA, em 1956. CANTOS DO PATATIVA, em 1966. PATATIVA DO ASSARÉ (poemas comentados por J. de Figueiredo Filho), em 1970, e CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ, em 1978, pela Editora Vozes, já em segunda edição. Muitos são os folhetos de cordéis que publicou, a maioria doados à Folheteria de Zé Bernardo. Seus poemas têm inúmeras publicações em revistas e jornais do Brasil e do exterior. Sua obra poética foi estudada na Universidade de Sorbonne, na Cadeira de Literatura Universal Popular, sob coordenação do Prof. Raymond Cantel. O livro CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ está sendo traduzido para o inglês pelo professor Colin Henfrey, do Center for Latin — American Studies, da Universidade de Liverpool, e será editado por uma das melhores editoras da Inglaterra, a Macmillans, de Londres. O Professor Colin, especialista em sociologia da América Latina, publicou estudos considerando Patativa como o maior poeta popular vivo das Américas.

“ Com a idade de 12 anos, freqüentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não freqüentei mais escola nenhuma. Emprego minha rude lira cantando as coisas da minha terra e a vida da minha gente sofrida, pois acho que só assim poderei agradecer a Deus o dom que Ele me deu”.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesouro seu,
Os livros do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima compreta,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de Maio
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô,

(do poema Cante Lá que eu Canto Cã)

Hoje Patativa é uma figura legendária e amada pelo seu povo. A sua poesia lúcida, esteticamente e politicamente voltada para os interesses do povo, tem motivado muitos estudos. O sociólogo Plácido Cidade Nuvens afirma: "Sua poesia, do ponto de vista do conteúdo social, reflete todo o mundo visionário e fantasmagórico do caboclo. Podemos identificar perfeitamente uma consumação ou ideologia cabocla, desapontada com a modernização, sedenta de justiça, marcada pela saudade, impregnada de misticismo, serviçal, disponível, leal, "Cante lá que eu Canto cá" (...) resume esta visão do mundo, mundo que o sertanejo intui dividido não entre cidade e campo, mas entre suas formas de ser, as duas culturas, uma rural e outra urbana, com uma, a cultura urbana, invadindo avassaladoramente todos os rincões dos campos e gerando um conflito cultural de conseqüências incalculáveis para a cultura do povo. A obra poética de Patativa oferece incomparável contribuição aos estudiosos de problemas humanos que pretendam uma abordagem compreensiva da realidade do sertão nordestino".

José Arraes de Alencar escreveu: "A poesia matuta de Patativa é cheia de vitalidade da própria linguagem regional, mas por sobre ela o bardo campesino espalhou a riqueza de sua inspiração, a delicadeza de suas concepções, o fascínio de seu lirismo e a mordacidade afiada da sua sátira. (...) Parte das poesias de Patativa são escritas no que ele próprio qualifica de linguagem cabocla — o linguajar da rude gente sertaneja, tão crivado de erros, de mutilações e acréscimos, de permutas e transposições, que os vocábulos, com freqüência, se desfiguram completamente, sendo imprescindível um elucidário para o leitor não habituado a essas formas bárbaras e, ao mesmo tempo, referatas de típico e singular sabor. Tais adulterações constituem, entretanto, uma fonte inesgotável de ensinamentos no estudo do idioma, na apreensão de sua índole, mostrando-lhe o gênio e as tendências, em toda liberdade, em toda a sua natural desenvoltura. (...) As composições em forma literária, de estilo inteiramente diverso, põem em realce o autodidatismo do extraordinário rapsodo sertanejo que, com seis meses de instrução primária, vivendo sempre no campo, ao peso de exaustivo labor agrícola, conseguiu escalar tão excelsas alturas".

"Não tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças, que venho notando desde que tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da política falsa, que continua muito

por fora do programa da verdadeira democracia. Sou apenas um simples poeta roceiro que fala contra as injustiças e quer a verdadeira democracia”.

Seu dotô, só me parece
Que o sinhô não me conhece,
Nunca sôbe quem sou eu,
Nunca viu minha paiôça,
Minha muié, minha roça
E os fios que Deus me deu.

Se não sabe, escute agora,
Que vou contá minha histora,
Tenha a bondade de ouvi :
Eu sou da crasse matuta,
Da crasse que não desfruta
das riquezas do Brasi.

Seu dotô não se enfade,
Vá guardando esta verdade
Na memora e pode crê
Que eu sou aquele operário
Que ganha um pobre salário
Que não dá para comê.

(do poema Seu Dotô)

A poesia de Patativa é forte, ensolarada. Um grito de denúncia das misérias sociais e um projeto de resistência popular. Um canto sedento de justiça e de liberdade. Uma poesia comprometida com o homem e os seus direitos universais. Uma poesia telúrica. As vezes braba como os mandacarús, d’outras vezes lírica e suave como o cheiro do manacá.

Quero paz e liberdade,
Sossego e fraternidade
Na nossa pátria natal,
Desde a cidade ao deserto,
Quero o operário liberto
Da exploração patronal.

A bem do nosso progresso
Quero apoio do congresso
Sobre uma reforma agrária
Que venha por sua vez
Libertar o camponês
Da situação precária.

(do poema Eu Quero).

Um Brasi dos brasileiro,
Um Brasi de cada quá,
Um Brasi nacionã,
Sem monopolo instrangêro.

(do poema Brasi de cima e Brasi de baixo).

FALA DE PATATIVA NO RECITAL

"Agora eu vou cantar toada, a toada, uma toadinha que tem para terminar, viu? O menino pede que eu apresente uma das minhas toada inédita, que eu tenho, não é toada de gravação que eu não sou artista de cantar pra gravar, eu faço versos lá pelo sertão para os violeiros e os colhedores de algodão, né?"

DESPEDINDO-SE

"Desculpa, viu? Obrigado. Agora eu deixo um adeus para estes amigos meus, artistas dessa cidade e beijo a velha criança, que vai levando lembrança, deixa também a saudade. Pois neste prazer comum é um adeus a cada um com muita atenção e fé. E os que tão me escutando, peço que vá desculpando o poeta do Assaré".

O D I S C O

O disco "POEMAS E CANÇÕES" foi gravado ao vivo em um Recital de Patativa do Assaré no Teatro José de Alencar, durante a realização da Massafeira Livre, em Fortaleza, março de 79. De início, Patativa resistiu à idéia do disco, mas por insistência de amigos terminou cedendo e deixou a sua voz e a sua profunda e extraordinária sensibilidade poética registradas neste disco que inicia o Selo Histórico da CBS e que é uma grande contribuição para a memória cultural do Brasil.

LADO "A"

Abertura
Dor gravada
Cante lá que eu Canto cá
O Retrato do Sertão
O Rádio ABC

LADO "B"

Poética
Triste Partida
Senhor Doutor
Casinha de Palha
Lamento de um Nordestino
Adeus.

FICHA TÉCNICA

Direção artística: Raimundo Fagner. Assistente de Direção Artística: Rosemberg Cariry. Coordenação: Ivanir Vila Real. Assistência Técnica: Ivair Vila Real. Agradecimentos: Neto e Francis Vale. Direção de Produção: Raimundo Fagner. Assistente de Produção: Ivair Vila Real, Técnico: Ismael. Montagem: Alencar. Capa: Arte e Manha e Fausto Nilo. Fotos Jackson Bantim, Januário Garcia, Gentil Neto e Emerson Monteiro.

Dr. Hugo Santana de Figueiredo

MÉDICO OCULISTA

Tratamento Clínico e Cirúrgico das Doenças dos Olhos.

Adaptação de lentes de contato. Curso de pós-graduação em Oftalmologia no Instituto Barraquer de Barcelona - Espanha.

Título de especialista por concurso do C. B. O. Participou de vários congressos internacionais da sua especialidade, entre estes em Paris, França e em Kyoto — no Japão.

Atende diariamente pela manhã e à tarde com hora marcada ou em regime de espera.

AOS SÁBADOS SÓ PELA MANHÃ

RUA DA CONCEIÇÃO, 513 — TELEFONE: 511.1480

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

DOM QUINTINO:

O Homem

O Prelado

Seu perfil e feitio moral

Sua obra

Carisma

O Fundador

Dados biográficos

Ao ensejo do Cinquentenário de falecimento de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, ocorrido a 28 de Dezembro último, a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, num gesto de amor e carinho, achou, por bem perpetuar, numa publicação de estudos e reflexões, a memória da personalidade singular do seu Fundador, e Primeiro Bispo do Crato.

Aprofundando a espiritualidade de Dom Quintino, deseja assim a Congregação das Filhas de Santa Teresa entrar numa nova fase de vida consagrada que explicita melhor o CARISMA do preclaro Antístite que, conhecendo as necessidades da Seara, resolveu fundar duas Congregações Religiosas:

a) — Irmãs que se dedicassem à Educação da Juventude, dos doentes em hospitais, da Catequese, de Casas de Assistência para Idosos abandonados e Crianças carentes de amparo.

b) — Uma Congregação sob o patrocínio de São José, para formação de sacerdotes destinados à direção dos Seminários do interior do Brasil, a começar pela Diocese de origem. Seriam os Religiosos Josefistas.

A primeira conseguiu fundar em 1923: Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus e não concretizou a segunda, em virtude do seu falecimento em 1929.

Que a memória do grande Pastor se eternize não apenas através de seu CARISMA que, em parte, foi confiado à Congregação das Filhas de Santa Teresa, mas também de quantos vêem, no grande vulto da história da Igreja do Crato o HOMEM que viveu em profundidade seu lema: "PACIÊNCIA E DOCTRINA".

DADOS BIOGRÁFICOS

Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, Primeiro Bispo do Crato, nasceu a 31 de Outubro de 1863, na Fazenda Salgadinho, Município de Quixeramobim-Ce, filho do casal Antônio Rodrigues Batista da Silva e Maria Rodrigues Batista Vaz. Fez curso primário em sua cidade natal. Em 1881, matriculou-se no Seminário de Fortaleza e ordenou-se sacerdote em 19 de Junho de 1887. Em 1893, ocupou a Reitoria do Seminário S. José e em 1900 tomou posse como Vigário da Paróquia de N. S. da Penha. Foi eleito Primeiro Bispo do Crato em 10 de Março de 1915 e sagrado Bispo em 31 de Outubro do mesmo ano. Tomou posse na Diocese do Crato em 1º de Janeiro de 1916 e faleceu em 28 de dezembro de 1929.

Ao assumir a Diocese reabriu o Seminário S. José. Mais tarde, em 1921, criou a primeira Cooperativa de Crédito do Cariri, posteriormente transformada em Banco do Cariri S. A. e mais tarde em Banco Industrial do Ceará S. A. Em 1923, fundou a Congregação das Filhas de Santa Teresa e o Colégio Santa Teresa, que relevantes serviços têm prestado ao Nordeste e ao País. Mesmo no afã de fazer benefícios à Diocese, D. Quintino nunca descurou de zelar pelo seu Clero, que primou sempre ocupar lugar de relevo, no ponto de vista moral, intelectual e espírito de apostolado, entre as demais Dioceses do Brasil. Seu trabalho de ação pastoral e social, na implantação da Diocese, serviu de estrutura a que seus sucessores pudessem realizar grandes empreendimentos de ordem espiritual e social, projetando a Diocese do Crato em posição de destaque na Igreja do Brasil.

O H O M E M

“Coisa difícil é nos elevarmos à altura dos grandes homens, mas é belo ousar imitá-los”, dizia D. Quintino em palestra com seus padres.

Foi ele, verdadeiramente, o que se pode chamar um HOMEM: coragem serena, espírito de verdade; intransigência nos princípios e persistência nas idéias; rígido consigo mesmo; indulgente diante das fraquezas humanas; trato igual para com todos; pouca sociabilidade, faltando-lhe o dom da comunicação espontânea. Com estas qualidades em alto grau, pode-se definir que seu governo foi de suavidade nas maneiras, fortaleza na ação.

Nasceu Dom Quintino para a autoridade: logo ao entrar no Seminário foi nomeado censor ou regente de seus colegas. Mais parecia um chefe, tal a seriedade de sua fisionomia e de suas atitudes.

Assumiu postos árdus e enfrentou, sem temor, ameaças e perigos. Nas cartas só tratava de assuntos externos, não deixava transparecer nada do que se passava em seu íntimo.

Concebido um plano, assentado o programa de execução, nada mais o demovia do seu empenho, por maiores que fossem os obstáculos, as dificuldades de qualquer ordem.

É que D. Quintino procurou observar o conselho de Samuel Smiles: “Trabalha como se a vida fosse eterna e vive como se a morte fora amanhã”.

Ninguém, na verdade, mais manso e cauteloso no modo como resolvia as dificuldades; ninguém, outrossim, mais tenaz em sustentar seus pontos de vista depois de convertidos em ação.

Abstinha-se de falar de si próprio. Nem se elogiava, nem se diminuía. Para Dom Quintino, só e puramente a verdade. Para ele não existia o que costumamos chamar conveniências.

Gostava de dizer a seus padres e seminaristas, naquele tom que era todo seu "VERITAS LIBERABIT VOS" — Andai com a verdade e estai bem certos de que ela será vossa melhor defesa. Por isso foi o homem mais estranho a todo gênero de pose que se possa imaginar. Nada de rebuscado ou sofisticado, no seu modo de falar ou proceder. Era naturalmente, uma figura impressionante, pela austeridade de vida e modéstia de seu porte. Tudo nele denunciava equilíbrio interior, olhar firme e envolvente. "As palavras antes de passarem pela língua, passavam pela lima", segundo o conselho de Santo Agostinho. Reagia sem gemido à dor física. Percebia-se nele o domínio de um gigante que se esforça por dar aos gestos aquela mansidão evangélica, indispensável no pastoreio do povo de Deus.

Revelava muito amor ao estudo, ao recolhimento, à oração-vocação de monge. Era, enfim, irrepreensível, como recomenda São Paulo a Timóteo (1 Tm, 3,1). Não era homem para edificar sobre a areia da política humana, mas sobre a rocha do Evangelho de Cristo, que é o Evangelho do desprendimento, da humildade e da pobreza.

Operando nele a graça divina, saiu esse homem douto, caridoso, profundamente humilde, piedoso, enérgico na defesa do bem da juventude e da Igreja. Mas bondoso sem adular, sério sem arrogância.

Sacerdote portador de aprimorada formação humanística, o Padre Quintino era um compêndio vivo de moral, ascética e mística.

Antes de ser um padre ou um bispo, D. Quintino era um homem e homem de psiquismo equilibrado, de vontade reta, de inteligência lúcida de um grande coração.

O problema mais sério e difícil para D. Quintino ao ocupar a Diocese do Crato foi o caso de Juazeiro. Dado o pequeno espaço do presente trabalho, não cabe tratar aqui, dos fatos que fizeram ressaltar a magnanimidade, a caridade, a paciência e compreensão do HOMEM em foco, a respeito do Patriarca de Juazeiro.

Seus contemporâneos testemunharam seu alto espírito combativo. Teve de pagar como todos nós o tributo à fragilidade humana e às falhas do próprio temperamento. Mas nunca deixou de usar a espada de combate, no sentido de desferir os mais rudes golpes que receberam seus naturais defeitos: independência no agir, ânsias de domínio, pressa no agir. Foi neste campo que se travou a luta de sua alma vigorosa. E venceu, recebendo de Deus a coroa da Justiça.

O P R E L A D O

"Nenhum sacerdote estaria mais do que D. Quintino talhado quer física ou moralmente, para a posição de Bispo".

(J. de Figueiredo).

Pela Bula Catholicae, de S. S. o Papa Bento XV, foi criada a Diocese e Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva tomou posse a 1º.01.1916.

Foi sagrado Bispo, na Bahia, a 31.10.1915, data de seu aniversário natalício. Esquecendo-se do próprio bem estar, ninguém foi mais vigilante com enriquecer o patrimônio de sua Diocese. Apesar das consequências da seca de 1915, tratou logo de reabrir o Seminário que passou à funcionar, de início como Colégio Diocesano.

O período de seu Bispado foi decisivo para o progresso da Região, em todos os setores.

Dom Quintino nasceu de lar pobre e modesto. Graças à grandeza de alma de seus padrinhos de Batismo, que o tomaram a seus cuidados e lhe deram estima e educação aprimorada.

Foi D. Quintino, com os dotes incomuns de seu caráter, com sua tenacidade de bem entendido progresso, um invejável nível de cultura.

Dom Quintino não tinha palácio; viveu pobre e morreu paupérrimo, sendo seu único legado sua biblioteca e um cavalo de estima que o vigário de Saboeiro, Padre José Francisco, lhe havia oferecido para suas viagens pastorais. Dinheiro não possuía nem para o custo de seu sepultamento, cujos funerais tiveram, todavia, a solenidade prescrita pela Igreja custeado por meio de uma subscrição de alguns diocesanos. Não tinha sequer uma casa de palha. Como vigário do Crato, por diversas vezes, tomou emprestado o dinheiro necessário para a feira da semana.

Seu desapego, em matéria de finanças, atingiu as raias do incrível. Sua preocupação era que as vocações de meninos pobres fossem amparadas. Chegou a dizer por diversas vezes: "se não fosse um motivo de reparo público lhe seria mais agradável trabalhar alugado para ganhar o pão de cada dia, do receber dinheiro de Sacramento".

Um padre, dizia ele, "pode fazer milagres, mas se for rico ou se tiver preocupação de juntar fortuna, não creerei nele. Do bom exemplo e do desapego dos padres é que depende a fé no seio das populações". E acrescentava: será o povo o que forem seus sacerdotes".

Aconselhado a fazer um seguro de vida, respondeu: Ainda não ouvi dizer um padre de boa vida morresse de fome.

Desprendido, zeloso, pobre, D. Quintino acomodou sua mitra a uma casa modesta, na praça da Matriz. Não quis sair dali antes de equipar bem o Seminário, fundar o Seminário Maior, ter um Colégio Diocesano, de fundar a Congregação das F. S. T. J., o Colégio Santa Teresa de Jesus, de dotar o Crato com a primeira instituição bancária — o Banco do Cariri S. A.

Depois de tudo isto, foi que saiu dali, acometido de implacável diabete, com o corpo chagado e emagrecido. Baqueou o gigante que, mesmo assim dizia aos que lhe assistiam os últimos dias: "Tanto o que fazer". Animado pela Fé que foi sempre a vontade do PAI que o levou à morada reservada aos justos.

Por ocasião do último NATAL que celebrou no seu leito de

dor, nesta vida, beijou o vulto do Menino Deus, que lhe foi apresentado e disse para as candidatas à vida religiosa: Eis o modelo de pobreza, obediência, que as postuantes devem imitar”.

SEU PERFIL E FEITIO MORAL

Dom Quintino foi dotado de um físico impressionante: alto, forte, andar simétrico, grave e compassado, dando a impressão de estar sempre absorvido na contemplação das coisas do alto. Nunca uma impaciência nem precipitação.

Falava meio baixo, em tom discreto. Voz maviosa e educada, como bom musicista que era. Esquivava-se de cantar, parecendo-lhe talvez, que a voz do ministro de Deus só deve ser ouvida no santuário, nas funções sagradas.

Nunca foi visto molemente sentado ou com a cabeça apoiada entre as mãos e nem foi visto passar a perna, ainda mesmo no próprio gabinete de trabalho. Se o riso não lhe era familiar, não obstante tinha a fisionomia paternal, aberta, acessível. Se não era fértil em cordialidade, também não há quem o tenha visto tratar alguém descortemente, nem mesmo os desvalidos que o procurassem. Nele não se observava nenhum gesto de enfado, pois mantinha-se, perenemente, igual. Parecia preocupar-se de estar sempre à altura de um embaixador de Cristo, levando-o a refletir à medida que ia falando.

A mesma circunspeção ele mantinha, falasse com estranhos ou pessoas de cerimônia ou entre os de casa.

D. Quintino foi uma personalidade de prudência e domínio de si mesmo. Um dos seus padres, referindo-se a ele disse “Prudência papal”.

Para tomar uma deliberação, procurava inspirar-se em motivos superiores, sabia discenir as cousas não deixando expor a exigências descabidas de certos políticos, no governo da Diocese.

Ouçamos o testemunho de Mons. Joviniano Barreto, Secretário do Bispado, desde 1919 até 1925, sobre sua paciência evangélica: “Se diversos mensageiros chegassem à residência do Sr. Bispo, anunciando, um, o desmoronamento do prédio do Seminário; outro, a morte repentina do Vigário Geral; um terceiro, a falência do Banco do Cariri, onde se acham depositados os patrimônios das Paróquias da Diocese e, se todas essas desgraças lhe fossem narradas em um só dia, estou certo de que o Sr. Bispo havia de escutar sem o menor gesto de desapontamento.

Abstinha-se de referir ocorrências de que resultasse sua glorificação ou a humilhação de seus adversários. Sua inocência sempre triunfou, sobrevivendo a muitos dos seus caluniadores os revezes. Rigorista na aparência, mas no trato familiar era fértil em indulgência e perdão para com as fraquezas humanas. Costumava atribuir os desvarios do mundo, antes à falta de juízo e preconceitos de educação do que a uma perversidade friamente calculada.

Para D. Quintino a terra de suas preferências era o Crato, a

esposa eleita de seu coração, terra que ele soube amar tanto mais quanto maior foi a incompreensão de que se viu cercado, nos primeiros anos de sua vida apostólica”.

No entanto, segundo o testemunho do Padre Azarias Sobreira, primeiro secretário particular de Dom Quintino, as recordações do seu estremecido Quixeramobim eram vivas em seu espírito, chegando a dizer ir terminar seus dias ensinando o catecismo às crianças de seu torrão natal, quando foi surpreendido pela eleição para o episcopado.

Era profundamente cristão, sem nunca deixar de ser, visceralmente nobre, incapaz de uma vilania. Pouco se lhe dava do Juízo dos homens; bastava-lhe o testemunho da sua boa consciência. No meio de todas as contradições, permanecia interiormente sereno, daí seu semblante sempre igual.

Às vezes sondava algum sacerdote de sua maior confiança sobre o que se dizia, por fora, a respeito de sua administração, usando, assim, da linguagem do divino Mestre aos Apóstolos: “Quem dizem que eu sou?” (Lc. 9,18).

Devido talvez, a seu caráter franco e decisivo, que não admitia tergiversações não conquistou a simpatia de todos, já como pastor insigne, devotado, totalmente, ao bem do rebanho que lhe fora confiado.

SUA OBRA — CARISMA

Está a santa e venerável figura de Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva vinculada à cidade do Crato, nas obras que aqui deixou. A este vulto de real valor deve Crato grande soma de benemerências, o que atestam as obras de zelo que nasceram de seu grande coração de grande apóstolo. Nasceram pequeninas, sim, como só acontece com as obras de vulto, com as obras que se estribam na fé e na confiança no todo Poderoso.

Assim, é que, nos momentos mais difíceis e vítima de incompreensão de quase todos, lançou D. Quintino as pequenas sementes do que Crato, sede da Diocese, tem de melhor: reabriu o Seminário Diocesano, fechado há anos; fundou e manteve, no Crato, um Seminário maior, ambos florescentes. Foi, portanto, Dom Quintino o pioneiro do Ensino do Crato.

Já àquele tempo, fazia seis anos que funcionava, ali, o Colégio Diocesano, por ele fundado, colégio que mais tarde foi convertido no Ginásio do Crato, cuja organização pedagógica ainda hoje o coloca entre os melhores do norte do Brasil.

Não estava D. Quintino contente ainda só com a educação da juventude masculina; tomou a sério a criação de um Colégio equiparado à Escola Normal do Estado, onde a mulher sertaneja recebesse a devida formação.

Obstáculos não faltaram. Procurou Religiosas Ursulinas ou Dorotéas para assumirem a direção interna do sonhado educandário, fazendo para esse fim uma penosa viagem a Recife, dado os precários meios de transportes de então. Todas as suas tentativas, porém, falharam, sem que o desânimo, por isso, o fizesse abandonar a idéia acariciada desde muito.

Viu-se forçado a fundar uma Congregação Religiosa, congregando algumas moças, já do seu conhecimento, de bom espírito e desejosas de se consagrarem a Deus na vida religiosa. Foi assim que surgiu a Congregação das F. S. T. J., suas humildes cooperadoras na formação da juventude feminina, na catequese, nos hospitais, casas de assistência a idosos abandonados e a crianças carentes de amparo.

E assim, no dia 4 de março de 1923, foi instalada a Congregação e concomitantemente o Colégio Santa Teresa de Jesus, que até hoje, apesar dos altos e baixos próprios de toda instituição humana, continua na nobilitante luta pela formação da juventude que se abeira dessa fonte que lhe dassedente a sede dos conhecimentos que lhe enriqueçam a inteligência.

Instalou, D. Quintino a primeira cooperativa de Crédito de toda a Região — O Banco do Cariri S. A.

Surgiu por iniciativa sua o Jornal "A Região", que circulou durante oito anos, prestando relevante serviço à orientação popular.

7 — O FUNDADOR

Dom Quintino foi o homem providencial, o cooperador ativo nos planos de Deus, Portador de uma cultura geral incomum, sua luminosa figura se impõe à admiração de todos quantos privaram com ele e de quantos o conheceram através das obras que deixou.

Justo é que, neste ano em que é celebrado o 50º ano do falecimento do Pastor em foco, a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus o evoque, estudando o venerando vulto do Sr. Dom Quintino, autêntica glória do clero nacional e de cujo coração veio ao cenário de vida.

Desde muito alimentava S. Excia. o gigantesco ideal de fundar uma congregação religiosa destinada a atender às prementes necessidades de Apostolado Sócio-Religioso, no interior de nosso Estado.

Não mediu esforço e sacrificio para adquirir religiosas que se incumbissem da direção do aludido educandário. Todas as tentativas, porém, falharam neste sentido.

Como concretizar a idéia grandiosa que se aninhava em seu coração de Pastor zeloso? Sem desanimar, estribado na fé que alimenta os valentes soldados da Religião do Gólgata, ao semear as puras doutrinas nas mais inóspitas regiões, sem se deixarem amedrontar pelas dolorosas provações do infortúnio, Dom Quintino falou: *Assim como os outros fizeram, também, com a graça de Deus farei.*

Após esta tenaz resolução, enfrentando os mais sérios obstáculos, viu nascer o pequeno rebento da sua Congregação religiosa que colocou sob o patrocínio de Santa Teresa de Jesus, a quem dedicava muito especial devoção — São Filhas de Santa Teresa de Jesus. Assim foi que, se dirigiu a Roma, em novembro de 1925, acompanhado de Mons. Miguel Tavares, onde, aos pés do Santo Padre Pio XI, pediu licença para fundar uma Congregação Religiosa feminina. Expressando-se em latim, o Santo Padre disse: "pode falar em Português, Latim, Francês, Grego e Espanhol. Em 19 de janeiro de 1926, obteve a autorização solicitada.

Que de apreensões, que de sacrifícios não teve o santo Fundador de arrostar no seu grandioso empreendimento. Quanta dedicação, quanta renúncia lhe custaram os primeiros passos de sua cara instituição! Quantas gotas de suor rolaram sobre sua fronte, quando sereno majestoso, impávido, ia de sua modesta residência à Casa de Caridade (berço do noviciado das FST), dar as primeiras instruções às primeiras professoras e noviças! Beijem-se as pegadas do querido Fundador, porque "são abençoados os pés dos que evangelizam a paz".

Tudo isto o homem de Deus fazia com a mais pura intenção, apesar de sempre contraditado, sempre incompreendido.

Foi a fé, vivenciada por D. Quintino, que o levou à realização dos nobres intentos que alimentou sem desânimo. Foi o Pastor que se sacrificou, que se dedicou, que olhou para o alto, que confiou até à ousadia. Eis o segredo da estabilidade e florescimento de suas iniciativas. Desajudado de todo humano apoio foi o grande Prelado nas suas atitudes.

Aquelas gotas de suor que regaram a nóvel Congregação, cujo lema "ORA ET LABORA" — reclamam das Filhas de Santa Teresa de Jesus muita correspondência, muita fidelidade ao CARISMA que Dom Quintino viveu e confiou às suas cooperadoras de então e do futuro.

Que D. Quintino, lá das regiões célicas, não venha nunca a se decepcionar com suas filhas, mas veja sua cara instituição como um rio caudaloso, fertilizando tudo por onde passar, sem se deter no lodaçal dos prazeres efêmeros desta vida.

Quando da sua última palavra dirigida às irmãs reunidas, disse: "Assim como Nosso Senhor derramou a última gota de seu sangue pela salvação da humanidade, assim eu, pobre Bispo, derramo minhas últimas gotas de suor pela Congregação das F. S. T. J."

Já no seu leito de dor, D. Quintino fez a entrega oficial às religiosas de então do esboço das Constituições, como a dizer: eis a herança que vos deixo e confio que as guardareis e as transmitireis a todas quantas procurarem seguir este código de santificação e, pela última vez, o querido Fundador, exortando suas diletas discípulas disse: "Que Deus as abençoe e que todas trabalhem para sua honra e glória, cumprindo, exatamente, as santas regras".

A Congregação teve o privilégio de receber, no Colégio Santa Teresa, seu amado Pastor durante seus últimos dias, e assistir ao voo daquela grande alma para junto de Deus, dia 28.12.1929, onde num abraço eterno com o Pai por quem viveu, sofreu e morreu, intercederá pelo florescimento de sua cara Congregação, então grandemente abalada pela orfandade.

A D. Quintino, pois que do alto do céu nos olha, aprovando-nos ou questionando-nos, ofereçamos o incenso puro de nossos afetos, turbulos de nossos corações agradecidos.

A HERMA que os transeuntes contemplam na Praça da Sé em Crato, lembrar-nos-á sempre o augusto personagem que passou incógnito entre os homens, esquecendo-se de si para só se voltar para Deus, pelo rebanho de que cuidou com entranhas de amor.

SULCEPA

CIA. SUL CEARENSE DE PAPÉIS

Uma tradição na fabricação de papéis,
ajudando o desenvolvimento da região.

CRATO

—

CEARÁ

FÁBRICA FORTALEZA



DEPÓSITO DO CARIRI

M. DIAS BRANCO S. A. - Com. e Ind.

Teleg.: "DIBRANCO" - Telefone: 521.1616

CRATO - RUA SENADOR POMPEU, 11 - CEARÁ

Padre Ibiapina, gênio missionário do Nordeste

Cônego FRANCISCO SADO DE ARAUJO

(Do Instituto do Ceará)

(Da Academia Cearense de Letras)

Padre Ibiapina é da estirpe espiritual dos Anchietas, dos Dom Bosco e dos Francisco Xavier. Empreendeu em quase todo o Nordeste uma obra gigantesca de educação e de assistência social. Sem recursos humanos e financeiros, movido apenas pela força de seu idealismo procurou preparar, nas províncias nordestinas, a transição do patriarca rural decadente para a sociedade urbana brasileira que, em seu tempo, começava a se organizar.

A intenção primeira de sua atividade missionária era impregnar de cristianismo as vertentes mais destacadas por onde corriam os veios da nova forma de civilização que se implantava entre nós, sobre as cinzas da família tutelar rural e do trabalho escravo. Dominava-o a visão luminosa da aurora do novo mundo social que nascia, marcado pelo ideal do trabalho livre e pelas influências do processo de urbanização que crescia. Dentro deste contexto, não é exagerado o juízo de Gilberto Freire considerando o Padre Ibiapina "do ponto de vista do catolicismo ou cristianismo social, a maior figura da Igreja do Brasil". Também Celso Mariz, seu melhor biógrafo, não tergiversa em afirmar: "Ele deve ser classificado como uma das maiores figuras apostolares do Brasil. Foi de certo a maior que até hoje lutou no Nordeste por um ideal de trabalho e de fé".

Homem clarividente e lúcido, compreendeu muito cedo a necessidade de substituir, na família, as antigas formas maternas da sociedade rural pelas donas-de-casa preparadas para viver o mundo moderno sem se afastar do espírito do Evangelho e da Moral Cristã. Foi com este objetivo que criou vinte e duas "Casas de Caridade" no interior do Piauí, Ceará, R. G. do Norte, Paraíba e Pernambuco. Neste trabalho, afirma ainda Gilberto Freire, "sobre certos aspectos genial, parece ter sido Ibiapina. Mas dos gênios incompreendidos de que muito se fala e que na verdade existem, embora em número reduzido". (Ver "Sobrados e Mocambo", 1.º tomo, p. LXXVI).

DADOS GENEALÓGICOS

Padre Ibiapina nasceu na Fazenda "Olho d'Água do Riacho da Jaibafas", município de Sobral, a 5 de agosto de 1806, sendo filho de Francisco Miguel Pereira Ibiapina e de Teresa Maria de Jesus. Neto paterno de Manuel Ferreira de Sousa, Capitão de uma das Companhias de Cavalaria Miliciana da Ribeira do Acaraú, e de Teresa Maria da Assunção, casados a 7 de janeiro de 1766. Neto materno de Antonio Pereira de Azevedo, que foi Procurador da Câmara

de Sobral, e de Maria Furtado de Mendonça, casados a 10 de fevereiro de 1782.

Seu pai, nascido em Sobral a 8 de maio de 1782, era autodidata letrado, homem irrequieto e idealista, tabelião e escrivão das correições, profissão esta que dele exigia viagens contínuas e penosas, tendo que acompanhar o Ouvidor e Corregedor Geral da Comarca por todo o interior da Província. Em companhia do Ouvidor Francisco Afonso Ferreira esteve na povoação de São Pedro da Ibiapina, primeira localidade a visitar no exercício de seu cargo, tendo por isto, como foi costume dos revolucionários da Confederação do Equador, acrescentado ao seu nome o apelido "Ibiapina", homenagem àquela cidade da Serra da Ibiapaba. Demorou-se ainda em Icó, Crato e Jardim, retornando a Fortaleza em 1823 quando abraçou os ideais da Revolução, sendo arcabuzado a 7 de maio de 1825, no Passeio Público.

Sua mãe, Teresa Maria de Jesus, foi batizada na Matriz de Sobral a 28 de abril de 1785 e faleceu, em Fortaleza, a 4 de novembro de 1823.

Os biógrafos do Pe. Ibiapina, principalmente Paulino Nogueira, costumam afirmar que seu pai teria raptado a jovem Teresa para contrair matrimônio, evitando assim seguir a vocação sacerdotal que seus genitores lhe queriam impor. Este suposto fato é inclusive considerado por Gilberto Freire como indício do "enfraquecimento do poder dos patriarcas, rebelião dos filhos contra os pais, das mulheres contra os homens, dos indivíduos contra as famílias, dos súditos contra o Rei, sintomas estes precursores da desintegração da família patriarcal que se operava. Ora, em que pese a validade das considerações do sociólogo pernambucano, este rapto não existiu, como prova convincentemente o registro do casamento religioso de Francisco Miguel com Teresa, no qual não há qualquer alusão aquele impedimento dirimente, mas, ao contrário, declara que "foram feitas as diligências de estilo de que não resultou impedimento algum". Não houve, portanto, o rapto tão propalado. O casamento dos pais do Padre Ibiapina foi absolutamente normal, realizado na Matriz de Sobral a 29 de outubro de 1803, servindo re testemunhas o Sargento-mor Antônio de Sousa Neves e o Capitão Antônio Furtado do Espírito-Santo.

FORMAÇÃO INTELECTUAL

Padre Ibiapina foi menino de fraca compleição física advindo-lhe daí a alcunha de "Pereirinha". Intellectualmente, porém, sempre se manifestou muito bem dotado. Aprendeu as primeiras letras no Icó, na escola do professor José Felipe e, no Crato, completou suas instrução primária. Os rudimentos da lingua latina aprendeu do mestre Joaquim Teotônio Sobreira de Melo, na vila do Jardim.

Depois da fixação de seus pais em Fortaleza durante o ano de 1823, seguiu para Olinda com o fim de estudar no Seminário, tendo-se demorado porém, pouco tempo, já que as notícias da morte de sua mãe (4 de novembro de 1823), do bárbaro assassinato de seu irmão mais velho Raimundo Alexandre no degredo da Ilha de Fernando de Noronha (meado de 1824) e do fuzilamento de seu pai (7 de março de 1825), não lhe deram mais condições de prosseguir os estudos. Sentiu a obrigação de voltar ao Ceará para assistir aos

irmãos menores, órfãos de pais e de carinho, de quem foram confiscados os poucos bens que ainda lhes restavam. Não é difícil aquilatar o mar de amarguras que envolveu sua alma de jovem nesse transe doloroso. A mão de amigos e o óbolo de pessoas caridosas permitiram-lhe superar as primeiras dificuldades.

Seu coração ainda adolescente encontrou também consolo no amor de Carolina Clarence, filha de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Como ele, Carolina sofria também a orfandade do pai martirizado por causa do mesmo ideal e das mesmas aventuras. Como ela Ibiapina pensava em casar, logo tivesse condições financeiras para tal. Carolina, porém, anos depois, devotou-se a outro amor.

Resolvidos os problemas mais urgentes da família, em 1827, Ibiapina retorna a Pernambuco em companhia de duas irmãs menores que necessitavam de sua ajuda. Em Olinda matriculou-se na recém-criada Academia de Direito, onde encontrou o sobralense Jerônimo Martiniano Figueira de Melo. Foram os dois únicos cearenses integrantes da primeira turma de bacharéis daquele curso jurídico e que colaram grau a 9 de outubro de 1832.

Por Decreto da Regência datado de 1.º de janeiro de 1833, tendo em vista o brilhantismo com que concluiu o curso jurídico, Dr. Ibiapina foi nomeado professor de Direito Natural daquela renomada escola.

O POLITICO SILENCIOSO

Candidato mais votado no Ceará para ocupar uma cadeira de Deputado Geral na Assembléia da Nação para a legislatura de 1834-1837, Dr. Ibiapina seguiu para o Rio de Janeiro onde prestou juramento na sessão ordinária de 3 de maio de 1834. Filiado ao Partido Liberal que dominava a política desde o 7 de abril da Abdicação e na Regência de Feijó, Ibiapina sentiu-se constrangido a apoiar o governo que mandara fuzilar seu próprio pai e se manifestou um político profundamente silencioso, sem ser porém inativo.

Em julho de 1835, pela primeira vez, pede a palavra na Assembléia para apresentar um aditivo de projeto exigindo a redução de três quartas partes da moeda de cobre circulante no País e um projeto criando uma cadeira de Economia Política em Belém do Pará, cidade então envolta na Revolução da Cabanada, com a obrigação de o professor explicar a Constituição. No mais, distinguiu-se pela apresentação de indicações vazadas em termos sucintos, francos e ferinos. Sejam exemplos: "Que se convide a Câmara para que em assembléia geral se trate de remediar a crítica posição em que se acha o Brasil. Paço da Câmara, 27 de agosto de 1835. Ibiapina". E esta outra: "Indico que se dirija uma mensagem ao trono com o fim de ser substituído o atual Ministro da Fazenda por quem possa desfazer a crise financeira que ameaça esmagar o Brasil. Paço da Câmara, 16 de julho de 1836. Ibiapina".

Na época, era Ministro da Fazenda o cearense de Granja, Dr. Manuel do Nascimento Castro e Silva que não explicara bem o motivo de um roubo ocorrido no Tesouro Nacional.

Em 1837, último ano de seu mandato, apareceu apenas duas vezes na tribuna do plenário para propor modificações nos currículos das Academias de Direito em São Paulo e Olinda. Com a Regência

de Araújo Lima, decidiu-se a abandonar a política. Sabe-se que recusou a presidência de uma província e não aceitou participar de uma composição ministerial.

O MAGISTRADO EXEMPLAR

Por Decreto de 12 de dezembro de 1833, Dr. Ibiapina foi nomeado Juiz de Direito e Chefe de Polícia da recém-criada Comarca de Quixeramobim, tendo tomado posse, um ano depois, a 10 de dezembro de 1834. Em ofício dirigido ao Presidente José Martiniano de Alencar, dois dias após ter assumido o cargo, solicitou força para punir os criminosos e prometeu o emprego de todo o cuidado para que de uma vez o crime deixe de zombar das leis”.

No exercício de sua função, fez um ingente esforço para explicar o Código do Processo Criminal, a iletrados componentes do Júri, ensinando-lhes as disposições legislativas penais e a beleza do Direito e da Justiça. Procurou conciliar as inimizades políticas de Quixeramobim, mostrando o seu espírito de cristão e de educador. Ele mesmo explica a razão de sua conduta: “O acabamento das vinganças era motivo difícil, porque elas se fundavam em antigas intrigas particulares nascidas das diferentes crises políticas por que tem passado nossa Província. Reuni as pessoas mais influentes deste lugar, em uma ceia, e conciliei todos os ânimos divergentes. De boa fé se comunicam hoje como amigos. Os criminosos perderam os protetores e estes passaram a ser os primeiros interessados na perseguição do crime”. Aparece aqui bem nítida a tendência do educador, consciente de que a educação é a base de toda e qualquer reforma dos homens.

Seus esforços, porém, foram baldados, e, mais cedo do que esperava, os discípulos traíram as lições do mestre. Seu ideal de justiça foi bruscamente atingido pela absolvição de um criminoso, protegido de Alencar, em júri presidido por ele mesmo. Teve que acatar a decisão do tribunal popular, mas sua consciência lhe obrigou a deixar para sempre a magistratura. Rompeu com o Presidente e pediu exoneração do cargo a 14 de novembro de 1835.

O ADVOGADO ILUSTRADO

Tendo abandonado, para sempre, a magistratura e a política Dr. Ibiapina passou a residir no Recife. No início de 1838 abriu escritório de advocacia, tendo logo obtido sucesso graças a sua probidade e profunda cultura jurídica. Andejo por temperamento, defendeu muitas causas em diversas comarcas do interior, sempre se destacando pela palavra fácil e pelos argumentos bem fundamentados.

O “Diário de Pernambuco”, edição de 5 de agosto de 1878, assim sintetizou sua ação de causídico: “Durante muitos anos foi ele considerado, senão o primeiro, com certeza um dos mais notáveis advogados do Recife, já pelos seus conhecimentos como civilista, já pela facúndia e aptidão que revelava na tribuna criminal. Neste gênero deixou ele mais de um trabalho notável; os moços o tomavam por modelo, porque de fato havia em seu estilo alguma coisa de original, e a frase era límpida e correta”.

Em 1850 perdeu uma questão cível cujo direito considerava in-

discutível. Foi o bastante para abandonar a profissão e devolver os honorários ao cliente. Sua formação espiritual não aceitava resultados que lhe parecessem desonestos, e resolveu trocar as lutas forenses pelo silêncio da solidão.

Sua vida, até então, foi marcada de decepções. Desiludido, afastou-se por três anos da agitação do mundo e no silêncio da solidão passou a refletir sobre o destino dos homens, como um filósofo inquieto. Escutemo-lo em comovente confidência dessa época: "tenho simpatias pelas ruínas. Pensando nas ruínas de Cartago, de Palmira, do Egito, e outras, meu espírito se impressiona e me convida a meditar sobre os destinos da humanidade e a marcha sapientíssima com que Deus leva o homem ao fim para que foi criado. O presente e os sucessos ordinários da vida não me impressionam. Sou um homem do passado e do futuro. As obras da natureza me convidam a reflexões sublimes que me elevam até ao Criador, a quem curvado adoro, admiro, e me confundo. Donde me vêm este pensar e sentir? Desde o começo de minha vida que as desgraças me cercam: meu pai fuzilado pela política, meu irmão desterrado onde morreu desgraçadamente, minhas irmãs em tenra idade abandonadas em casa de parentes. Por tudo isto aprendi a pensar seriamente na idade da juventude e com pendor sempre para coisas penosas. Conheço que os revezes de minha vida explicam esta tendência do meu espírito, mas bem vejo que tudo é providencial, que Deus assim dispôs as coisas e o meu espírito para um fim que ele criou".

Para vencer esta crise espiritual só lhe pareceu encontrar uma solução: tornar-se sacerdote.

O GRANDE MISSIONÁRIO

Se tivesse vivido apenas até esse tempo, Ibiapina já teria sido um grande homem. Mas ainda tinha uma enorme missão a realizar no mundo. Doravante é que se vão manifestar suas obras de gigante e seus lampejos de gênio.

Acolhido por Dom João da Purificação Marques Perdigão, Bispo de Olinda, foi ordenado sacerdote a 3 de julho de 1853. Suas primeiras atividades de padre foram no velho Seminário de Olinda onde lecionou Eloquência Sagrada, exercendo ainda as funções de Vigário Geral e Provedor da Diocese. Arredio à vida sedentária, logo conseguiu se afastar destes cargos e preferiu tornar-se missionário para poder viajar pelos sertões do Nordeste, pregando, doutrinando, educando e construindo escolas, açudes, capelas, hospitais, cemitérios e as célebres "Casas de Caridade". O sistema que empregava era o mutirão, em que todos trabalham por um e cada um trabalho por todos.

As viagens longas, cansativas e frequentes que empreendeu, nas precárias condições da época, são verdadeiramente de impressionar. Do Piauí a Pernambuco, visitou inúmeras localidades organizando missões em que ensinava ao povo desde os mais primários rudimentos de higiene até as mais sublimes exigências do Evangelho. A tônica de suas pregações era a educação integral da mulher, modelada pela figura virginal da Mãe de Deus, cujo nome Maria introduziu em seu próprio nome e nos nomes de muitos de seus ouvintes. Desejava que cada mãe

nordestina possuísse as prendas da mulher forte de que nos falam tão bem as sagradas escrituras.

A influência mística e espiritual que emanava de sua presença e a força convincente de sua palavra cheia de unção levaram homens e mulheres a mudar de vida, chegando alguns, infelizmente e a contragosto do mestre, a atingir as raias da beatice. Sabe-se da influência de seu exemplo sobre o comportamento de Antônio Conselheiro e da legião de donzelas que vestiram hábitos monásticos. Padre Ibiapina foi o líder espiritual mais autêntico dos sertões e o reformador mais equilibrado dos costumes morais do interior do Nordeste.

AS CASAS DE CARIDADE

Não há dúvida de que as Casas de Caridade foram a mais expressiva realização de seu gênio criador. Na obscuridade da superstição e do analfabetismo sertanejos, conseguiu, em pleno meado do século dezenove, acender a luz da fé genuína e da verdadeira instrução. As vinte e duas Casas de Caridade que fundou, espalhadas por todo o Nordeste, eram como cintilantes faróis do saber e da fé, iluminando a noite da ignorância que envolvia os nossos sertões abandonados.

O Estatuto que redigiu para regulamentar a vida interna destes ninhos de amor e de educação, revela a clarividência do pedagogo que acreditava mais no perdão do que na sanção, no incentivo do que na opressão. Nestas casas, fato raro na época, não havia palmatória, nem prisão, nem escravos, nem castigos físicos. Muito menos, ociosidade ou ensino meramente teórico. Eram educandários do trabalho onde as moças, geralmente aprendiam a costurar, a cozer, a cerzir, a bordar, a cuidar de doentes e a louvar a Deus na oração. Invenção, original nesse tempo, de atingir a educação integral pelo aperfeiçoamento simultâneo da inteligência, das mãos e do coração.

Padre Ibiapina tinha o dom de convencer. Onde chegava, em tempo mínimo, conseguia mostrar a necessidade da construção da Casa de Caridade. A de Sobral, por exemplo, foi organizada em vinte dias, pois tendo chegado a terra natal a 20 de setembro de 1862, já no dia 27 deste mesmo mês a casa estava instituída, e a inauguração festiva oficial se deu a 28 de novembro do mesmo ano.

O SONO DOS JUSTOS

O Pe. Dr. José Antônio de Maria Ibiapina passou os últimos dias de sua agitada vida na tranquila paz da solitária Casa de Caridade de Santa Fé, Paraíba, em clima de intensa oração e piedade. Suas forças, outrora tão notáveis, pouco a pouco começaram a desaparecer sob o peso dos anos, das canseiras e fadigas. No delírio da agonia final dizia estar com a minha Mãe de Deus a quem tanto amou na terra. Minha filha, ali está Maria", balbuciou com dificuldades para uma de suas órfãs, e com estas palavras faleceu a 19 de fevereiro de 1883, às três horas da tarde. Por coincidência, nesta mesma hora Jesus Cristo expirou no topo do Calvário.

Sua morte, plácida e serena, foi a apoteose que enfeixou o drama de tão bela e luminosa vida.



MERCEDES - BENZ

SUCEDIESEL

SUL-CEARENSE DIESEL S. A.

CONCESSIONÁRIO MERCEDES-BENZ

Veículos - Peças - Serviços

**Oficina com mecânicos treinados
na própria Fábrica**

AV. LEÃO SAMPAIO S/N - FONE: 511-3468

Triângulo JUAZEIRO - CRATO - BARBALHA

63.180 — JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

O seu carro FORD está a sua espera
Venha conhecer, admirar e adquirir os modelos 1980

Você exige economia : O Corcel II responde

Você exige segurança : O Corcel II responde

Você exige conforto : O Corcel II responde

Você exige qualidade : O Corcel II responde

Carro é FORD. A tradição unida a qualidade



Comércio de Veículos Crajubar S/A

Telefones: 511-16-24 - 511-15-43 e 511-14-44

Telegrama: CRAJUBAR

CGC: 07.042.807.0001-36 — CGF: 06.219.918-8

Av. Pe. Cicero, KM 2 — Triângulo

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

MARTINS FILHO:

Este nome abre a História da U. F. C.

No Ceará, quando o homem está disposto a todo trabalho, seja de que tipo for, diz-se que é "pau para toda obra". Antônio Martins Filho é um destes tipos de vocação pluralista, que despontou lá para as bandas do Cariri. Menino era já um talento tão potencializado que, à falta de onde se debruçar para derramar suas forças, subia pelo patamar e vinha, esfregando as costas na parede, pelo parapeito da torre da Matriz. Tão trabalhoso nas suas criatividades de menino, que os pais ficaram aliviados quando, um dia, ele anunciou que sairia de casa para trabalhar. Era um alívio... Mas na sua vida inteira, jamais deixou de surpreender. Membro do Conselho Federal de Educação, deixava o auditório na maior expectativa, quando dava de "lapada" sobre o companheiro mais sábio que pretendesse desfazer os seus propósitos. E foi por causa dessa sua valentia, ora retórica, ora física mesmo que Martins Filho conseguiu sempre se impor. No ano de 1971, recebia honrarias em São Paulo, por sua atuação na área educacional. Chegou a ser cogitado para ocupar um Ministério, mas seu temperamento rebelde findou por frustrar este evento.

Há quem diga que não chegou aos píncaros da glória por sua irreverência, uma espécie de recidiva de sua vocação crítica literária, dos tempos juvenis. Mas há os que o consideram vitorioso até demais, sobretudo, depois que marcou o seu nome em duas instituições universitários do Ceará. A primeira delas, a Universidade Federal, que completa 25 anos de existência. É por causa deste evento que vem a pelo contar um pouco a história de Antônio Martins Filho, seu fundador e primeiro Reitor.

A ACADEMIA DOS INFANTES

Nasceu a 22 de dezembro de 1904, sendo seus pais Antônio Martins de Jesus e Antonia Leite Martins. Com 11 anos de idade era aprendiz de tipógrafo. Com 14 anos, era a segunda trompa da Filarmônica Municipal do Crato, irradiando seus acordes sob a batuta do maestro Pedro Maia. Com 15 anos, no prolongamento da estrada de ferro de Baturité, trabalhou em Lavras como "trolista", praticante de um trem de lastro e aprendiz de ferreiro. Aos 17 anos, foi trabalhar nas Lojas Paulistas, da Lundgren Tecidos (Casas Pernambucanas), como auxiliar. Com três meses, era o Caixa da firma.

Por causa de sua rebeldia de menino, deixou os estudos. Aos 18 anos, ainda não tinha o curso primário, não tendo passado do 2.º livro de leitura, de Felisberto de Carvalho, a cartilha adotada naquele tempo. Mas a nova ambiência, nas Casas Pernambucanas, dera maior interesse pelas letras, ingressou como aluno da Escola de Comércio da Associação dos Empregados no Comércio do Crato, estudante à noite. Fez em dois anos as três séries e já analisava Camões, granjeando no Cariri, a fama de literato. Foi o primeiro aluno a falar em sessão solene da Associação e seus versos corriam pela cidade do Crato como prenúncios de sucesso.

Sucesso ele o fazia, pela metrificacão e cadência dos versos e pela sabedoria dos temas. Toda poesia era a exaltação de uma firma ou produto comercial, fato que lhe rendia juros e dividendos no emprego.

Em 1922, reunindo 20 colegas, todos com menos de 20 anos de idade, fundou no Crato a Academia dos Infantes, da qual foi Presidente. Era a bem dizer a Academia de Letras dos insurretos, que não se curvavam aos meus velhos, naqueles idos, senhores feudais da sabedoria. Martins se orgulhava de ocupar a cadeira que tinha como patrono Augusto dos Anjos.

JUIZ SUPLENTE DE CAXIAS

No ano de 1925 houve uma reviravolta na vida de Martins Filho. A "Paulista" (Casas Pernambucanas) mandou que fosse assumir a gerência da loja de Caxias do Maranhão. Por ser ainda de menor, não recebeu a procuração oficial. Ia muito bem em sua nova função quando, em 1928, alterou seu plano. Deixou de ser empregado e instalou, em Caxias, a sua loja "A Cearense". Era ainda o fruto do seu espírito rebelde. Por isso, escandalizou o povo fazendo concorrência às lojas da Lundgren Tecidos, ainda mais, anunciando a venda a crédito, o que se constituia uma novidade.

No ano de 1931, entrou para a Faculdade de Direito do Piauí, onde colaria grau em julho de 1936, quando a escola foi reconhecida pelo Governo da União. Mas já no seu primeiro ano de vida acadêmica, Martins Filho assumiu o cargo de Juiz Suplente de Caxias, permanecendo na judicatura durante dois anos.

Há um fato pitoresco na sua vida de Juiz Suplente. Como não tinha conhecimento das lides forenses celebrou o primeiro casamento civil em Caxias sob o rito processual do Direito Canônico. Ele se louvava, então, no "Formulário Jacinto" de 1907, portanto muito anterior ao Código Civil de 1916.

Em 1937 voltou ao Ceará, bastante doente, que na época era doença grave: uma apendicite. Demorou-se pouco em Fortaleza e

partiu para o Rio de Janeiro, visitando pela primeira vez a Cidade Maravilhosa.

UM SALTO PARA O ALTO

A vida de comerciante já lhe fartara. Martins Filho queria coisas mais altas. No Rio de Janeiro, através de amigos, conseguiu uma entrevista com o Dr. Armando de Sales Oliveira, candidato à Presidência da República. O jovem cariense tinha planos altos. Queria do candidato os recursos para criar um jornal no Maranhão, com vistas a fazer a propaganda eleitoral do pretendente ao Palácio do Catete. As coisas pareciam bem postas quando teve de se submeter a uma intervenção cirúrgica na Casa de Saúde São Sebastião. Quando se restabeleceu, três semanas depois, as conversas sobre o jornal no Maranhão estavam esvaziadas.

Voltou ao Ceará, disposto a ficar. Para recuperar o tempo e os bens perdidos, exercia, simultaneamente as seguintes atividades: advogado, agente comercial de várias firmas do Rio e São Paulo, proprietário da Editora Fortaleza, diretor da revista "Valor (literário)" e professor do Liceu do Ceará. No ano seguinte, era o diretor e proprietário da Academia de Comércio Padre Champagnat e professor, também da Faculdade de Direito do Ceará.

É aqui, exatamente neste magistério que começou sem estabilidade, que Martins Filho planta a sua fama. Ele ingressou no magistério da Faculdade de Direito em 1934. Dois anos depois, eram 11 os professores interinos e, então, submeteu-se a concurso para professor Catedrático, logrando notas só anteriormente obtidas pelo ministro Waldemar Falcão.

Estava, portanto, em sua casa, com tudo nas mãos, para a empreitada que viria a seguir.

UNIVERSIDADE SERIA ESTADUAL

Esta história de uma universidade para o Ceará começou como um sonho. Em 1948, na Faculdade de Direito surgiu a idéia. Martins Filho pôs-se à frente, liderando o movimento pela criação da Universidade, que tinha o apoio necessário do governador Faustino de Albuquerque. No ano seguinte, por sua liderança, Martins Filho conseguiu formar uma Embaixada para visitar a Universidade de Coimbra, onde faria conferência. Era a Embaixada Acadêmica Clóvis Beviláqua, integrada por Lauro de Oliveira Lima, Alcides Menezes da Silva, Alfredo Marques, José Peixoto de Alencar Cortez e Fernando Oliveira.

Em Coimbra, a conferência do professor Martins Filho não foi realizada porque os alunos estavam de férias.

A Embaixada seguiu para Espanha, França, Suíça e Itália levando recomendação do professor João Otávio Lobo, Diretor da Faculdade de Direito do Ceará. Foi um acontecimento marcante. Era a vitória todinha, cheia de suspense, daquele comerciante que, agora, era conhecido no mundo como o Doutor.

De retôrno, Martins Filho retomou o liderança do movimento pela criação da Universidade do Ceará. Havia uma mudança, porém, no curso das coisas. A Faculdade de Direito e o Governo do Estado divergiram e a idéia parecia, no ar. Mesmo assim, Martins Filho, "sponte sua", levou o movimento avante indo ao Rio de Janeiro 11 vezes para tratar do assunto.

Em 1953, afinal, uma clareira se abria no nevoeiro das incertezas. Martins Filho conseguiu uma audiência com o ministro Antônio Balbino de Carvalho, da Educação, a quem expôs a pretensão do Ceará de ter a sua Universidade. O Ministro se mostrou receptivo e mandou que fizesse, sobre o assunto, um memorial. Começava, em termos concretos, o nascimento da Universidade.

LOBO SERIA O REITOR

Desde o começo já sabia que, fundada a Universidade, João Otávio Lobo seria seu Reitor. Isto ficara acertado entre o antigo PSD e o presidente Getúlio Vargas. Era assunto consumado e, por isso, alguns participantes do movimento se afastaram. Martins, não, continuou sua trajetória, fiado em que Otávio Lobo levaria a bom termo a instituição que se pretendia.

Veio porém, o suicídio do Presidente.

João Café Filho, vice-Presidente, assumiu a mais alta magistratura do País.

Despontam, então, os interesses da UDN.

Sarasate era o Governador eleito. Mas foi o Vice-Governador Flávio Marcílio quem atingiu em cheio os sonhos pessedistas. Enquanto os amigos de Otávio Lobo se acomodavam, Marcílio conseguia uma vitória udenista, não que poderia ser contestada, pelo fato da escolha do nome do novo Reitor recair num professor apolítico. Foi assim que Martins Filho, entrando na lista tríplice, teve a sua nomeação garantida.

Há 25 anos isto aconteceu.

Importa, agora, rever um pouco a história, para aprender melhor o sentido da Universidade.

Há 25 anos o menino do Cariri viu tornar-se coisa real aquele sonho de Universidade. E, com o mesmo equilíbrio com que se arasta lá pelas torres da Matriz de Crato, ele andou com a sua universidade, durante 12 anos, uma instituição que afirmou como uma marca na História do Ceará. ("A AÇÃO" 10.01.80).

Prefeito do Crato doa terreno ao ICC

O Prefeito Ariovaldo Carvalho, num largo gesto de compreensão e apoio á obra de difusão cultural que o ICC vem realizando, em 26 anos de existência, doou um terreno para a edificação da futura sede própria da nossa instituição. O ICC será eternamente grato ao gestor da comunidade cratense. Como documento histórico, eis o texto da Lei:

LEI Nº 1.086/79

De 30 de Novembro de 1979

EMENTA : FAZ DOAÇÃO, AO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, DE UMA ÁREA DE TERRAS, PARA A CONSTRUÇÃO DE SUA SEDE E ADOTA OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEIO MUNICIPAL DO CRATO,
FAÇO SABER QUE A CAMARA MUNICIPAL APROVOU E EU SANCIONO :

ARTIGO 1º : FICA DOADO AO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI UM TERRENO COM AS SEGUINTE CARACTERÍSTICAS :

35 (Trinta e cinco) metros de frente para a Praça Filemon Teles.

21 (vinte e hum) metros de fundo, limitando-se ao DAER.

Lado Leste com a Residência da Viuva Figueiredo Filho.

Lado Oeste com terreno a ser doação á Ass. dos Criadores do Crato.

ARTIGO 2º : REFERIDA DOAÇÃO SERÁ PARA A CONSTRUÇÃO DA SEDE DO ICC E DECORRIDOS DOIS ANOS, NÃO TENDO SIDO A MESMA INICIADA, VOLVERÁ O MESMO TERRENO AO PATRIMÔNIO DO MUNICIPIO.

ARTIGO 3º : ESTA LEI ENTRARÁ EM VIGOR SOMENTE NA DATA DE SUA PUBLICAÇÃO, REVOGADAS AS DISPOSIÇÕES EM CONTRÁRIO.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, 30 DE NOVEMBRO DE 1979.

Ariovaldo Carvalho

Prefeito Municipal do Crato

Regitrada á página 45/v. do livro competente
Publicada em AÇÃO de 10 de Maio de 1980

Hino Oficial de Várzea Alegre

Criado pela Lei N. 5 de 22 de Setembro de 1968

Art. 1.º - É criado o hino oficial de Várzea Alegre para ser executado nas comemorações e festividades cívicas.

LETRA - de José Clementino do Nascimento Sobrinho

MÚSICA - de Antonio José do Nascimento - Mestre Antonio

LETRA

Como é grande a nossa Várzea Alegre
Tão cheia de encantos mil
Que enche de surpresa o visitante
E de fé o nosso peito varonil
Nossas Várzeas lindos montes e a lagoa
Nossas águas tão azuis da côr de anil
Deslizam mansas no Riacho do Machado
Fecundando este recanto do Brasil

ESTRIBILHO

Exaltemos, exaltemos
Com fé e amor profundo
O nosso torrão amado
Patrimônio de papai Raimundo - (BIS)

Vemos teu progresso avançando
Num insulto aos contrastes banais
As lindas flores vindas do teu solo
Perfumam tuas belezas naturais
O teu vale esperançoso e tão fecundo
Onde brotam os teus lindos arrozais
É o orgulho dos teus filhos que se ausentam
Que te deixam, mas não te esquecem jamais.

HINO DE MARANGUAPE

Letra e música de Ofélia
M^a. Gomes de Matos Mota

Maranguab, da Tribo Potiguara,
Entre as serras e vales verdejantes,
Um aldeamento ergueste nesta terra
À riba d'águas claras, murmurantes.

Maranguapel Maranguapel
Do Brasil nobre parcela,
De ti se ufanam teus filhos,
No amor, na paz, na procela.

Maranguab, ó "sabedor da guerra"!
Nome excelso que o povo perpetua
Num assomo de amor a esta terra
Que em nosso selo perenemente estua.

Maranguapel Maranguapel

.

Em fins do séc'lo, um fato se alevanta
Nesta Pátria do grande Capistrano:
Foste brava na luta escravagista
A igualdade a buscar do ser humano.

Maranguapel Maranguapel

.

Enquanto dormem teus heróis doutroa,
De ti emerge raça reluzente,
Amando livros, paz e liberdade,
Os prodígios do nosso Continente.

Maranguape: Maranguape:

.

Amor à arte, à industrialização,
És o progresso, explêndido e viril!
Inspirador de artistas e poetas
Vocações a serviço do Brasil!

Maranguapel Maranguapel

.

**Instituído por concurso e oficializado pela Lei Municipal
N. 745 de 03-04-78 do Prefeito Antônio Gonçalves Moreira**



IPLANOR

Ind. de Plásticos do Nordeste Ltda.

Sacos Plásticos Lisos e Impressos para Embalagem
e Impressão Fantasia em Papéis

CGF 06807874-9 - CGC 07976095/0001-22

AVENIDA PADRE CICERO - KM 3

C. POSTAL, 13 - FONE: 511-10-81

JUAZEIRO DO NORTE

—

CEARÁ

UMA GEOGRAFIA PARA O CRATO

Apresenta-nos Moacyr Gondim Lóssio um trabalho que realmente estava faltando em nosso meio, para melhor difusão da realidade do universo cratense.

Obra de pesquisa e de acentuada feição didática, a GEOGRAFIA DO CRATO, longe de ser um apêlo ao bairrismo ou envaidecida demonstração de localismo, apresenta-se-nos com um exemplo a ser seguido pelos demais Municípios, que deveriam fazer cousa igual, para que, em futuro, se pudesse dispor de uma radiografia geral do Estado.

Já se disse que o bairrismo, quando construtor e voltado para um idealismo sadio, é construtivo.

Não há porque condenar o bairrismo, quando ele se dirige para a exaltação serena das cousas locais, para ministrar educação e conhecimento, para incutir na alma dos locais aquele senso de orgulho, natural e amor à terra, sem menosprezar vizinhos, mas enaltecendo o que é seu.

É o caso da GEOGRAFIA DO CRATO, de Moacyr Gondim Lóssio, tão cratense ou mais cratense do que os que aqui enterraram o umbigo.

Afinal, Jardim, sua cidade natal, é tão umbilicalmente ligada ao Crato quanto as demais, e tem quase duzentos anos de história conjunta com a nossa.

Em Jardim, morou e foi assassinado Leonel de Alencar, irmão da heróica Bárbara de Alencar. Foi em Jardim que nasceu Ana Josefina, filha desse mesmo Leonel, depois mulher de José Martiniano, nascido em cratenses terras da Vila de Barbalha do Crato.

De Jardim têm vindo para o Crato figuras exponenciais da cultura — e os Lóssios são exemplo frisante. Moacyr é um deles, já definitivamente incorporado ao telurismo do povo do Crato.

Essa GEOGRAFIA DO CRATO é uma prova exuberante de amor à terra que o acolheu, e ele já deu muitas outras, pois é sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri e já escreveu em ITAYTERA várias vezes.

Da sua fonte maior de pesquisas o I. B. G. E. — tendo trabalhado muitos anos na Agência do Crato, Moacyr tirou a maioria dos dados da sua obra, completada, depois, com anos de pesquisas e observações pessoais.

O trabalho que oferece ao público cearense, notadamente aos pesquisadores, aos professores e estudantes, é trabalho da mais alta seriedade, baseado em dados concretos, observações criteriosas e muito esforço pessoal, que valorizam a inteligência do autor.

Certamente poderão aparecer erros ocasionais.

É natural.

Toda obra humana não pode guindar-se á suprema perfeição.

O próprio autor diz que estimaria receber críticas, apontando os possíveis senões.

O CRATO está retratado em corpo inteiro nesse livro de Moacyr Gondim Lóssio, com seus aspectos de relevo, clima, orografia, flora e fauna.

Um estudo espetacular da Serra do Araripe — a "mater" da vivência do Município e da região, está em igualdade de condições aos melhores compêndios do gênero. A análise dos seus solos, de sua ecologia, dos animais e plantas que ali convivem no grande espetáculo da natureza, as suas fontes rebentando em riachos, o tipo de cada planta com os nomes científicos e populares, tudo nos leva um verdadeiro embevecimento.

Para os que desconhecem inteiramente o universo da Serra, nada melhor do que esse livro de Moacyr Gondim Lóssio para os seus estudos e aprendizado correto de nossa natureza.

O Município do Crato não foi esquecido em nenhum dos seus detalhes, tudo escrito com a preocupação de informar bem, e fornecer ao leitor uma visão realística e panorâmica de nossa realidade geológica, morfológica, geográfica, humana e social.

Essa GEOGRAFIA DO CRATO é um primor pelo imenso amor que encerra à nossa terra comum, onde nascemos e vivemos e onde damos a nossa colaboração para o progresso do Ceará e do Brasil.

Certamente há de ser de muita valia, para que técnicos de diferentes mistéres possam se abeberar da realidade local, na elaboração dos seus futuros estudos e projetos.

Em nenhuma outra publicação se encontraria mais cousas sobre o Município, feita a obra para elucidar dúvidas e definir contornos, feita, sobretudo, com observação criteriosa de que se faz uma obra para o futuro.

Tem uma outra vantagem, ainda a GEOGRAFIA DO CRATO, que o Instituto Cultural do Cariri lança ao público.

É obra que pode ser adotada, tranquilamente, na rede escolar do Município, em todos os degraus do ensino, dando contribuição valiosíssima para que a população escolar tenha um conhecimento correto da dinâmica Municipal e do meio em que vive.

Faz parte dos planos do ICC lançar, ainda, obras semelhantes, como um calendário de efemérides históricas do Município, um Atlas do Município e da região, repositório do anedotário popular do Crato, de nossa culinária, dos nossos costumes e credices, além dos estudos econômicos, sociais e políticos que forem surgindo, e que enfoquem o Crato e o Cariri nos seus mais variados setores.

A finalidade do ICC é essa.

O cumprimento de suas disposições estatutárias prega essa política da valorização local e regional.

Para que se concretize a frase marcante do Reitor Martins Filho, outro rebento desta abençoada terra, de fazermos "O Universal através do regional".

Porque somos partes integrantes de um todo, que é o organismo da Pátria, e se cada célula for estudada, dissecada, analisada, conhecida, será, doravante, mais fácil a análise do organismo Pátrio e o seu integral conhecimento.

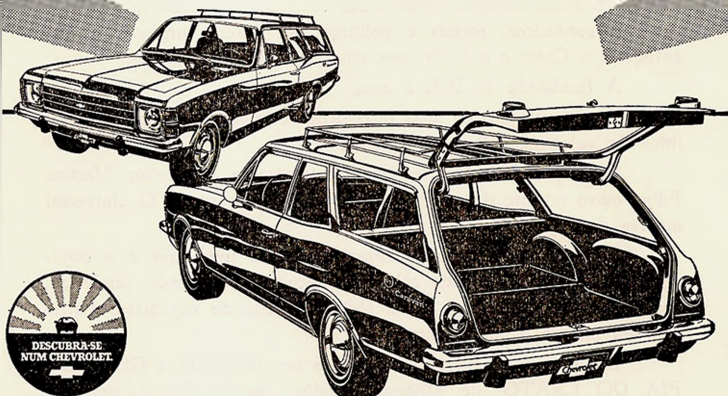
Dai porque de bairrista não pode ser alcunhada a GEOGRAFIA DO CRATO, de Moacyr Gondim Lóssio. Ela é, sim, um exemplo e um sinal de incentivo aos demais Municípios, para que façam o mesmo, completando-se o estudo de uma regionalidade construtiva e sólida em que apareçam, inclusive, os aspectos carenciais.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, fiel ao seu programa e às suas tradições mais caras acolhe, imprime, publica e faz divulgar essa Geografia local dentro dos melhores propósitos municipalistas, com o apoio da esclarecida Administração do Capitão Ariovaldo Carvalho, que está marcando uma etapa histórica no processo do desenvolvimento local.

É com muita honra que o faz, na certeza do cumprimento do sagrado dever de exaltar e difundir os valores locais, onde, certamente, em lugar de honra, figura o autor da presente obra.

(Prefácio do Livro do Sr. Moacyr Gondim Lóssio).

Tipografia? só a do CARIRI - Rua Dr. João Pessoa, 386 - Fone: 521.1223



Estamos vendendo espaço, versatilidade, economia e segurança. Tudo num carro só. **Opala Caravan**

Você nem imagina quantas coisas o Caravan é capaz de fazer, pequenas e grandes. Afinal, ele é um carro que não tem preconceitos.

Vai ao supermercado, leva crianças à escola, passa fins

de semana no sítio. Mas sua especialidade é mesmo as grandes viagens. Com muita gente, muita bagagem e muito conforto.

Dê um pulinho à nossa Concessão e você vai

descobrir coisas incríveis sobre o Opala Caravan. E, o que é mais importante, você vai descobrir que comprar carro de amigos é outra coisa. Você consegue financiamento na hora e um serviço técnico como manda o figurino. De braços abertos, esperamos por você.

SODAL

AV. PADRE CÍCERO
JUAZEIRO DO NORTE - K 4 - CE

Crato e a Interiorização do Ensino Superior

(Discurso proferido pelo Professor Raimundo de Oliveira Borges, Diretor da Faculdade de Direito do Crato, por ocasião da abertura da Jornada Universitária do Cariri).

Inicialmente, os nossos agradecimentos e as nossas congratulações, em nome da Faculdade de Direito do Crato, a todos os que idealizaram e estão promovendo, de mãos dadas, esta Jornada, que usariamos designar, ampliando um pouco o sentido que lhe dera a Comissão Promotora, de Segunda Jornada Cívico-Universitária do Cariri.

Ninguém jamais contestaria de boa fé o que vem representando, para o aprimoramento da cultura desta região, as Faculdades de Filosofia, de Ciências Econômicas e de Direito do Crato, bem como a de Engenharia Operacional de Juazeiro do Norte.

Filhas do idealismo construtivo, da proverbial tenacidade e do acendrado amor desta gente à terra de que se orgulha, com justa razão, os obstáculos de toda sorte que enfrenta — geográficos, políticos, econômicos, — ou que outras conotações tenham — como que aguçam e enrijam cada vez mais a vontade, a fibra, a dinamicidade, a ansia de desenvolvimento da *gens caririensis* nos múltiplos setores das suas diversificadas e fecundas atividades.

Afirma-se, sobretudo, como pioneira na implantação nestes vastos e distanciados rincões nordestinos, desde o século passado, de um vigoroso marco de cultura intelectual.

Esta posição iria projetá-la, como a está projetando lá fora, paulatina mas firmemente, sem interrupção ou recuos, antes como exemplo de fé e de confiança nos seus alevantados destinos.

O povo que aqui se nucleou, fortalecido pelas migrações baianas, que os mestres IRINEU PINHEIRO e Padre ANTÔNIO GOMES estudaram em teses magistrais, defendidas em memorável conclave na Capital da Boa Terra, tem contado, satisfatoriamente, de certo tempo a esta parte, para o êxito de suas conquistas espirituais, com a dedicação de filhos ilustres, entre os quais justiça é salientar Martins Filho, Cláudio Martins, Denizard Macêdo, José Newton Alves de Sousa, que, junto aos altos escalões do Poder Público, no que tange ao ensino, tanto têm contribuído para o que somos hoje na área específica da educação.

Indagáremos, a esta altura: qual o povo que já atingiu índice de conhecimentos tamanho que não careça mais de ir além? Ou chegou, por assim dizer, a um ponto de saturação mental, que não lhe permite mais visualizar outras perspectivas e outros horizontes no vasto mundo das ciências, das letras e das artes? Estas, ao contrário, continuam pelos séculos em fora e hoje mais do que nunca em perpetuo *in-fieri*.

No nosso caso particular, partimos da Missão do Miranda, de etapa em etapa, até vingarmos os três graus do ensino. Urge aperfeiçoá-los, para que possamos acompanhar, *pari-passu*, a tremenda transição cultural que agita, intranquiliza e sacode para a frente o mundo, com reflexos marcantes no nosso país, que aceitou como ponto de honra o desafio desenvolvimentista e tem que enfrentá-lo com arrojo e dignidade, não fragmentariamente, no trato estiolante das disperidades regionais, sim como um só corpo debaixo de cujo sol todos se sintam fortalecidos pelos mesmos direitos e aptos a contribuir em pé de igualdade para a construção do patrimônio comum da nacionalidade.

O progresso integral de um povo está condicionado, primordialmente, ao seu elevado índice de cultura intelectual. Atingi-lo num setor, relegando outros a segundo plano, importa em quebrar o ritmo de ascensão colimado, deformando o *processus* subrante do seu aperfeiçoamento material e humano.

O avanço exagerado do tecnicismo, em detrimento das ciências do homem, está conduzindo a humanidade para os conflitos do direito da força contra a força do direito.

A salvação está no meio termo, ou na conciliação de propósitos, que tem hoje na Igreja o grande arauto e está, provavelmente sob essa influência, humanizando, ainda bem, as divergências pessoais, já na esfera do direito comum, já na área específica da processualística de todos os povos cultos.

Dentre as ciências humanas, as jurídicas e sociais se inscrevem como as de mais alto plano.

No Ceará — no grande Ceará dos nossos dias — contamos com duas escolas jurídicas apenas: a de Fortaleza, integrante da Universidade Federal, e a do Crato, autarquia municipal, em pleno funcionamento por autorização do Conselho Estadual de Educação aprovada por decreto do então Presidente Médici.

Falta-lhe o reconhecimento pelo Conselho Federal de Educação.

Entendemos que esta, que aqui funciona há cinco anos, distante 600 quilômetros de Fortaleza, constitui o complemento, dentro desta extensa área territorial do Estado, da de Fortaleza, gloriosa instituição que tanto tem contribuído para o alevantamento da cultura cearense.

Se desenvolver o país é dinamizar, racionalmente, as suas potencialidades, aproximando as regiões, notadamente as mais afastadas dos grandes centros, com a patriótica preocupação de enriquecer cada vez mais o cabedal humano do interior, jóia preciosa necessitada apenas de lapidação, então certo é que a nossa Escola se apresenta, na atual conjuntura brasileira, como polo que é preciso atingir e melhorar, carregando para ela aquilo de que o governo dispõe, para enquadrá-la nos moldes das suas congêneres mais bem servidas do país.

Destarte, ao invés de dificultar-se-lhe os passos, justo seria oferecer-se-lhe os recursos necessários tendentes a adestrá-la para o desempenho eficiente de suas atribuições.

Considerá-la, pelo simples fato de um processamento de dados

obtido em prazo angustiante, sem condições de viabilidade, parece-nos desarrazoado, nem seria a solução justa.

O dever daqueles a quem confiamos os nossos altos destinos é, nos termos da nossa Constituição, justamente prover às necessidades que nos oprimem, de sorte que possamos, desafogados, respirar melhor e conquistar, conseqüentemente, a almejada ascensão.

Porque, cercear de plano, sem a necessária audiência e sem a abertura de novas oportunidades, a iniciativa de uma instituição que se criou com tão nobres finalidades, parece-nos — perdoem-nos os árbitros da educação neste país — um ato de impatriotismo e de iniquidade.

Esta jornada universitária é a evidencia solar da pujante mentalidade e da tomada de posição dos nossos universitários frente às dificuldades que nos criam.

Aplausos ao agrégio e desprendido corpo docente da faculdade, cujo animo não se deixa abater, consciente da sua sólida formação profissional; aplausos iguais à mocidade acadêmica de nossa Salamanca, que não deixa arrefecer o entusiasmo, nem decrescer o seu ardor com as perspectivas desalentadoras, mas vem petentear, promovendo este encontro memorável, que vicissitudes não são derrotas, mas estímulos para novos prélíos.

O Crato tem à frente dos seus destinos a vontade firme e a mentalidade esclarecida do Capitão Ariovaldo Carvalho, Chefe da Mantenedora, ele há de envidar esforços junto aos representantes da região, no sentido de se encontrar para o problema do reconhecimento da Faculdade de Direito, que consideramos crucial para os nossos foros de cidade culta, a solução adequada e rápida.

Porque, transigir com este direito, perder esta batalha, seria inocular no espírito de nossa gente — responsável pelo desenvolvimento de uma região, em pleno soerguimento sócio-econômico-cultural, o germe do desalento e da descrença nos seus pro-homens e nas suas próprias potencialidades.

N O T A — Ao tempo, a Faculdade de Direito do Crato era Autarquia Municipal, hoje, por força da encampação pela FUNEDUCE, faz parte integrante da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

O primeiro pedido de reconhecimento não logrou êxito no Conselho Federal de Educação por deficiência do processo.

Presentemente, outro tramita naquele colegiado, sob os auspícios da Universidade do Ceará, aguardando solução.

A Revista da Faculdade de Direito de Sete Lagões, em Minas Gerais, no seu n.º 1, de Setembro de 1976, estampa um trabalho de poucas linhas, mas muito interessante, sob a epígrafe: "Faculdades de Direito do Interior".

O autor M. Vinicius de S. Ramos, advogado naquela cidade e professor da Escola, inicia incisivo as suas considerações:

"É tempo, diz ele, de acabar com essa crítica demolidora das Faculdades de Direito do interior".

E remata, sensatamente:

"É necessário que o país tome consciência de que é preferível estimular e prestigiar a iniciativa particular que cria e mantém essas Faculdades interioranas, repudiando a maneira muito condenável de comentar e noticiar situações que jamais aconteceram, só pelo prazer mórbido de desprestigiar as conquistas que pouco alcançam e sabe Deus como".

Tudo, afinal de contas, se resume na ignorância em que vivem da hinterland nacional, os que se limitam a conhecer os nossos problemas de longe, através de informações falhas, ou deturpadas, quando não tendenciosas, com o propósito de manter em desequilíbrio as duas sociedades, a do litoral e a do interior, erro esse de funestas consequências que Euclides da Cunha já apontava vai por mais de meio século, em páginas de candente patriotismo.

Os nossos estadistas e demais autoridades responsáveis pelos destinos deste país e pela solução dos seus magnos problemas, dentre os quais se inscreve em primeiro plano o da educação do povo pela sua importância na formação da nacionalidade, deviam e devem ser os primeiros a incentivar, a estimular, a possibilitar os estabelecimentos de ensino superior que se instalam a duras penas no interior, as condições ao seu aperfeiçoamento, inclusive custeando equipes técnicas necessárias à estruturação condigna de tais entidades, nunca, como se verifica, criar obices e entrar, no nascedouro, tão promissoras iniciativas.

Do autor

BENEDITINOS DO CARIRI NA BAHIA

O Cariri tem também sua participação na história da Congregação Beneditina, do Estado da Bahia.

O Monge Beneditino DOM FRANCISCO LEITE, filho de Aurora, teve grande atuação. É, hoje, nome de uma escola municipal em Salvador, no subúrbio de Aguas Claras. Dom Francisco Leite tem familiares em Aurora, Yara, Antenor Navarro, Mauriti e em várias cidades cearenses da fronteira com o Rio Grande do Norte e Paraíba. Desse Estado vieram os Leites.

Suas férias, costumava passa-las em Quitaius, Lavras. O atual Prefeito lavrense, Francisco Leite de Macedo, é seu parente.

Dom Francisco Leite era monge do Mosteiro de S. Bento em Salvador.

Nasceu a 13 de Abril de 1900 e faleceu em 20 de Março de 1965.

Integrou a FEB como Capelão Militar — de 1943 a 1945.

Dom Jerônimo de Sá Cavalcante foi um dos mais famosos beneditinos brasileiros. Era natural de Aurora. Grande orador sacro, cultor das letras, tinha renome nacional.

O Irmão Tarcisio é outro beneditino caririense, natural de Yara, Barro.

É do Mosteiro em Salvador.

(Vicente Favella Filho)

Folclore e Alma Popular

É com imenso apreço e maior prazer que me encontro hoje nesta cidade de Santana do Cariri.

Em contacto com seu povo, suas autoridades, e, sobretudo, sua juventude sequiosa de saber.

Aqui ainda tenho familiares, e aqui, muitas vezes, vim em criança, meus pais e minha irmã mais velha.

Aqui ainda tenho familiares, e aqui, muitas vezes, vim em criança, passar férias, conhecendo cada palmo desta bençoada terra, cada recanto que me traz saudades, e muitos dos seus habitantes.

Santana cujos problemas conheço, cujas causas tenho advogado na imprensa, é uma cidade que tem sede de saber, e cada dia incorpora-se mais ao progresso e desenvolvimento do Cariri.

Esta oportunidade, é, pois, um feliz reencontro com Santana e a min'alma se esplende de fé e de luz, revendo este povo de tantas tradições cívicas e de páginas imortais na história da região.

O II Festival Regional de Folclore é uma iniciativa do Instituto Cultural do Cariri, e para que se tornasse válido, contou com a expressiva ajuda da Secretaria de Cultura do Estado, e as Prefeituras de Crato, Barbalha e Santana do Cariri.

Também nos ajudaram os deputados Hermano Teles e Wilson Machado, e a Direção Geral do Banco do Brasil.

Dessa ajuda comum e insofismável, unida ao trabalho persistente da Diretoria do ICC, tendo á frente esse dinamo, que é o dr. Jéfferson, e vice Presidente que para honra vossa, é o dr. Plácido Cidade Nuvens, resultou o Festival, que levamos a efeito pela segunda vez.

Os seus frutos serão colhidos no futuro.

Por ora é só a sementeira bendita, espargindo as sementes nos espiritos em flor, para a saudável colheita do amanhã.

Devo dizer-vos algumas palavras sobre folclore, seu significado e sua atenção.

Não vos tomarei muito tempo, dado que o que vereis sintetizará melhor do que as palavras — em vossos corações — a importância do folclore. Serei breve e conciso.

"FOLCLORE" — de folc-povo, e lore, narrativa — Conjunto de tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, cantos ou canções.

Conjunto das canções populares de uma época ou região.

A palavra é de origem inglesa e foi proposta por Thorms, no jornal *The Atheneum*, em 22 de Agosto de 1845.

Com essa designação, traduz-se o significado de folclore, na sua melhor acepção.

É, na realidade, o conjunto de lendas e tradições, a riqueza oral de um povo que passa a cada geração, enriquecendo-se com novos ensinamentos, aculturando-se com nova criatividade, enraizando-se na alma, no pensamento, na ação e nas mais sagradas tradições de cada povo.

O folclore, por isso, se constitui valiosa riqueza.

Um povo sem tradição, um povo sem folclore, um povo sem zelo ao seu passado e às suas mais legítimas riquezas espirituais, é um povo fadado a desaparecer.

Daí a importância que cada dia assume o folclore, no contexto dos estudos sociais.

Ele é parte integrante da moderna sociologia, que, por seu intermédio, pode melhor assimilar a história e as tradições das gerações passadas, cultuadas e ampliadas nos dias atuais, pelo imenso acervo da técnica, e da eletrônica.

Porque, antigamente, se documentava o folclore pelos livros e jornais, e pela tradição oral.

Hoje em dia o cinema, o rádio, a Televisão, os museus, os centros culturais, as gravações em fita e em disco — tudo contribui para a expansão, difusão e extensão dos conhecimentos e das artes folclóricas.

A era da comunicação, que vivemos intensamente, trouxe também seus benefícios à difusão cultural.

E trouxe, melhor ainda, a concepção, já se arraigando, de que devemos prestigiar o folclore, preservar o folclore, admirar, apoiar e enfatizar essa grande riqueza da alma popular.

Dentro desse ponto de vista, o Festival Regional do Cariri, que é oportuna iniciativa do nosso Instituto Cultural, se constitui promoção sobretudo válida e oportuna, já conta com o apoio das autoridades, a confiança e o prestígio do povo.

O Cariri assume o seu papel de vanguardeiro da defesa do folclore no interior nordestino e bastaria isso para consagrar a missão do ICC.

(Palavras na Noite do Folclore, em Santana do Cariri, agosto de 1978).

Tipografia? só a do CARIRI - Rua Dr. João Pessoa, 386 - Fone: 521.1223

C R A T O

—

C E A R Á

TROVAS PARA JESUS CRISTO

(E agora, pois, permaneçam a Fé, a Esperança e o Amor, estes três; destes, porém, o maior é o Amor. I Corintios 13.13)

*Prá minha falta de Fé,
que me torna dura a vida,
eu sinto o Cristo de pé,
curando a minha ferida.*

*Quando me foge a Esperança
e estou quase a naufragar,
Cristo me dá confiança
de breve ao porto chegar.*

*Prá minha falta de Amor,
que as vezes me faz tão má,
só Cristo, Nosso Senhor,
o Seu Apoio me dá.*

*Pro meu genio violento
de achar remédio eu desisto.
— Pare com esse lamento
e venha a Mim — diz o Cristo.*

*— Por Filho de Deus me tomes,
que os lucros serão só teus;
Os impossíveis dos homens
são possíveis para Deus.**

*Eu sei que Deus é por mim,
pois me guia e me aconselha;
Quem pode ser contra mim,**
que me tornei Sua ovelha?*

*Indagais, amigos meus,
Porque sou feliz assim?
Porque o Reino de Deus***
Está bem dentro de mim!*

* Lucas 18:27

** Romanos 8:31

*** Lucas 17:21

Poema de Virgem

No meu quarto pequeno e solitário,
que rescende a jasmim,
guardo eu três relíquias: um rosário,
um Cristo de marfim
e um caderno de versos.
Todas as noites, antes de deitar-me,
apanho o meu rosário
para rezar ao Cristo sofredor,
mas os meus pensamentos vão dispersos
procurar emoções, longe dali.
Reagindo, eu contemplo a imagem santa
de quem sofreu por mim
e tento concentrar meus pensamentos
no Cristo Redentor,
mas Seu divino olhar, sereno e eterno,
faz-me lembrar de ti
Largo o rosário, apanho o meu caderno,
sentindo na alma um jato de fervor,
e começo a escrever sobre o meu leito
um poema dizendo que te espero
e se tu não vieres, meu amor,
em poucos anos estará desfeito
da minha mocidade o esplendor
e então somente eu amarei o Cristo,
porque por Ele o meu amor é puro,
divinizado, eterno e grandioso
e Ele esta aqui!

Recife, 1953

Poema Universal

Senhor,
se toda a energia de um homem
pode ser contida na ponta de um alfinete
e tu és o Criador e Senhor absoluto
de toda a energia do Universo,
eu Te saúdo em Tua magnitude e bondade
e Te peço humildemente
Saúde, Amor e Paz
para minha família, meus amigos, meus inimigos
e todas as criaturas
que existem na terra.
Que todos nós, Senhor,
cheguemos um dia à Tua presença,
através do Teu Filho JESUS CRISTO,
que padeceu e morreu por nós
e ressuscitou gloriosamente
para nos dar a vida eterna!
Aleluia!

J. Primavera, agosto de 1978

Álvaro Bomilcar

PIONEIRO DA CAMPANHA NACIONALISTA NO BRASIL

A morte de Álvaro Bomilcar, ocorrida a 12 de setembro de 1957, nesta capital, desfaleceu a cultura nacional de um dos seus elementos mais preciosos.

Fundador da campanha nacionalista, cujas doutrinas sistematizou, expondo-as corajosamente, não só pela propaganda oral, persistente e tenaz, por meio de revistas e panfletos, tais como "Brasilea" (1917-1922) e "Gil Glaz", fiel ao programa da PROPAGANDA NATIVISTA e de AÇÃO SOCIAL NACIONALISTA, sociedades patrióticas por êle criadas, a última declarada de utilidade pública pelo Congresso Nacional.

Entre as suas obras, contam-se as seguintes: "Graciosa" (novela, Manaus, 1901); "Poemas Sentidos", Fortaleza, 1902; "Elegia" (à memória do poeta cearense Álvaro Martins), 1906; "O Preconceito de Raça no Brasil" (doutrina nacionalista), Rio, 1915; "Ubiratã" (biografia de um anjo, a propósito da morte de um filho pequenino); "A Política no Brasil ou o Nacionalismo Radical" (ensaio de crítica social e histórica), obra em que consolida a doutrina que foi o ideal de sua vida, sempre vibrante de entusiasmo e fé nos destinos da Nacionalidade; "A Conquista no Conceito Moderno" (conferência realizada na "Academia Brasileira de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais", em 13-1-1926).

Em todos os seus livros de construção social há aquela alma abnegada de patriota que quer um Brasil autônomo, vivendo por si mesmo, liberto da tutela econômica estrangeira ou prêsso a quaisquer liames que lhe embarcem os movimentos de ação.

Em favor de tal objetivo, aliaram-se a êle Jackson de Figueiredo, Castro Lopes, Arnaldo Damasceno Vieira, Astrogildo de Azevedo, cônego Assis Memória, Mário Linhares, Leôncio Mousinho e outros (1919) e Conde de Afonso Celso, Alcebiôdes Delamare e Raimundo Padiilha (1920-1923). Tudo fêz para a fundação da "Academia de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais", cujo escôpo era a criação de uma "Ciência brasileira pelo estudo das realidades observáveis no território nacional", a qual mereceu as simpatias do então Presidente Epitácio Pessoa, que reconheceu no movimento o autêntico sentimento de brasilidade, na essência da sua pureza, sem deformação, sem degaogia nem intuítos subreptícios.

Atualmente, faia-se muito em Brasília, na mudança da metrópole para o planalto central, velho sonho romântico dos idealistas da Primeira República, mas olvida-se o nome de Álvaro Bomilcar como pioneiro da brasilidade absoluta, visionário de um Brasil maior e melhor, na plenitude de sua expansão sôbre a imensidade da sua interlândia maravilhosa.

A campanha de Bomilcar não era apenas o anelo de um ato meramente administrativo de transferência de sede, como se quer agora, mas tinha significação psicológica mais profunda e patriótico, por isso que ansiava êle por um Brasil brasileiro, integrado em si mesmo, no desenvolvimento das suas riquezas naturais, na grandeza enorme do território uno e indiviso, na posse inteira da sua consciência moral e espiritual, na superioridade da sua imprevisível evolução histórica.

Alvaro Bomilcar teve a infelicidade de falecer no mesmo dia da morte de José Lins do Rêgo, quando a cidade se tomara de emoção pelo desaparecimento do autor de "Menino de Engenho". Tôdas as atenções se voltavam par o admirável romancista nordestino, de modo que o sociólogo de "O Preconceito de Raça no Brasil" teve na imprensa apenas a publicação do convite para o entêrro, feio pela família. Foi injustiça, porque se Álvaro Bomilcar se achava afastado da velha atividade jornalística, devido à hemiplegia que o imobilizara durante anos, a sua obra de agudo sentido social e político aí está em volumes, dando-lhe consagração definitiva em nossas letras.

A par dêsse aspecto sociológico e filosófico, seu preclaro espírito jamais deixou de librar-se nas asas da Poesia, em vôos de serena beleza lírica, que estão fixados em versos espontâneos e inspirados.

No magistério foi também figura de notável projeção.

O ilustre poeta Adelmar Tavares, numa sentida nota "Da minha carteira de Lembrança", registra assim o seu falecimento:

"16-9-57 — Ao ler os jornais, o coração se me confrange com um convite de entêrro: o entêrro de Álvaro Bomilcar, poeta cearense, a quem só vi uma vez, em casa de Júlia Galeno, por uma noite festiva, na qual êle, a instâncias minhas, recitara, modesto e quase contragido, seus versos admiráveis de "Cabocla", versos que foram um dos meus encantos de estudante, em Pernambuco, aí por mil novecentos e cinco. Eniêvo meu e de tôda aquela estudantada sonhadora, que gostava de poesias e serenatas, e gritava poemas nas varandas das repúblicas da ruas Nova e da Imperatriz. Telefono a Mário Linhares, que foi seu amigo fiel, e que me fala dêle com a voz magoada e repassada de comovida ternura admirativa. Diz-me da sua vida retilínea e do seu amor pelas letras, êle, que se partia agora, aos oitenta e tantos anos. Digo-lhe que há pouco escrevera ao poeta de "Poemas Sentidos", pedindo-lhe cópia daqueles versos de "Cabocla", que tanto vincaram a minha mocidade, e Álvaro Bomilcar não se fêz esperar: com a sua própria letra ainda tão fresca, firme e clara, me remetera o poema pedido, na moldura de uma carta inesquecível:

"Comece em tom de graça e, em tom de graça, finde-a,
A poesia dirá o serafim que és tu,
Oh! tu que tens no corpo as produções da Índia:
— A canela, a pimenta, o sândalo e o bambu!

Da canela possuis a côr que me arrebatá,
A côr ensombra e realça o teu perfil indu,
Um tanto de cabocla e um tanto de mulata,
A lendária e gentil índia Paraguaçu.

Da pimenta, meu Deus, o ardor que me consome!
Êsse ardor de quem ama, e sente o ideal fugir;
Do sândalo o perfume, êsse cheiro sem nome
que a tua bôca exala, enquanto estás a rir!

Mas, quando, na banheira, entre rosais serenos,
Divino, o torso ereto esplende, airoso e nu,
Então, tu tens a graça esplêndida de Venus,
E a soberba altivez de um tropical bambu!...

A musa que te adora e se consome, finde-a.
A poesia já disse o serafim que és tu,
Oh! tu que tens no corpo as produções da Índia:
— A canela, a pimenta, o sândalo e o mmbu!"

Sôbre a areia ainda úmida do túmulo dêsse grande poeta,
deixo as rosas da minha admiração; e que tenha o céu quem na vida
espalhou tanta beleza".

O deputado Raimundo Padilha, leal companheiro de Bomilcar,
na campanha nacionalista, falou na Câmara sôbre seu desaparecimento,
tecendo considerações várias para exaltar-lhe a memória de batalhador
das cusas nacionais.

Assim, proferiu êle esta sentida oração:

"Srs. Deputados, permita o plenário que registre um acontecimento doloroso para todos os homens que se preocupam com o futuro dêste país, com as manifestações da inteligência brasileira, com aquêles espíritos que, no campo da indagação desinteressada ou na órbita da análise sociológica dos problemas brasileiros, trouxeram contribuição valiosa, servindo, ao mesmo tempo, de exemplo a todos nós — na política ou fora dela — que ainda alimentamos, em relação ao Brasil, esperança de melhores dias e melhores tempos.

Refiro-me, Srs. deputados, a Álvaro Bomilcar da Cunha, o emérito professor que há menos de oito dias faleceu nesta Capital.

Acredito que poucos são os homens desta geração que conheceram Álvaro Bomilcar, mesmo através das suas obras. O notável cearense, é, entretanto, a meu ver, um dos homens de inteligência mais aguda que ainda conheci. Sociólogo e economista, estilista primoroso, educador e jornalista, Álvaro Bomilcar deixa, da sua passagem pela vida, alguns traços fundamentais, alguns dê'es bem caracterizados na sua obra "A Política no Brasil e Nacionalismo Radical".

Pioneiro do nacionalismo autêntico no País, sem embargo de certos preconceitos que firmaram sua concepção, particularmente contra a nossa formação lusíada, Álvaro Bomilcar, entretanto, como bem o assinalava Afonso Celso, no prefácio desse livro, e como bem o dizia Farias Brito, um dos seus maiores amigos, produziu uma obra de autêntico realismo, daquele realismo decorrente da intuição psicóloga dos fatos sociais, da compreensão objetiva de sua de sua evolução, que operou, no seu espírito, a análise histórica da formação brasileira.

Para o grande pensador cearense, a verdade era a regra das ações, tal como se lê em um dos livros fundamentais de Farias Brito. Do estudo da evolução do Brasil, desde colônia, deduziu esta que me permito reproduzir para que conste dos Anais:

"A crítica social se funda nos fatos e nos sentimentos e, talvez, mais nos sentimentos do que nos fatos. A função do investigador, quando se inspira na política, é diametralmente oposta à dos juizes. Êstes julgam segundo as provas, embora sua consciência lhes dite o contrário. A sociologia como a filosofia da história se faz mais pela indução do que pelo relativismo efêmero dos acontecimentos".

E mais adiante diz:

"O Brasil tem uma história honrada, mas pouco interessante, não pela carência de fatos dignos de menção ou de sistematizações eminentes, mas por falta de um Michelet capaz de consubstanciá-los numa obra virtual e votiva, de acôrdo com os interesses nacionais. A História do Brasil, tal qual a apresentam os compêndios didáticos, é fria e maçadora: a fase da Colônia, três séculos de obscurantismo, a cronologia fatigante dos capitães-mores, dos governadores, dos vice-reis, quase todos do mesmo estôjo intelectual e moral, tendo por principal escopo administrativo extorquir as populações em proveito da Real Fazenda".

Disto, Bomilcar deduziu tôda uma política de emancipação do Brasil. Já antes de tôda a atoarda que se faz um tanto irracionalmente em tôrno da realidade econômica do Brasil, precisamente há quarenta anos — porque êste livro data de 1917 — Álvaro Bomilcar da Cunha já assinalava, na emancipação econômica do Brasil, na reconstrução da sua economia em novas bases e possibilidade de uma completa reestruturação político-social. E isso está aqui plenamente desenvolvido, com uma antecipação à obra que posteriormente a sociologia brasileira empreendeu, inclusive nossa pedagogia especializada.

Tais são as palavras de saudade da homenagem que eu devia a um grande brasileiro" (*Diário Oficial de 21-9-1957*, página 7.506).

Quando chega o inverno cearense, a terra comburida rebenta na exuberância de uma vida nova. Dir-se-ia que a chuva opera o milagre de verdadeira ressurreição, enchendo de alegria imensa. Flores e pássaros despertam, numa incontida palpitação, as energias recônditas da natureza adormecida.

Devo a Bomilcar a gentil oferta do sonêto inspirado nesse tema:

DIAS DE CHUVA

A Mário Linhares

Quando chove na plaga sertaneja,
As aves cantam líricas volatas;
Mudan-se as vestes páuperes das matas;
O inverno cearense a terra beija!

Anda a rude campônia na peleja,
Por divisar as águas insensatas;
As levadas transformam-se em cascatas...
— Mas se o inverno é de Deus, bendito seja!

Desce do céu a dádiva bendita!
A chuva alegre os pássaros e em tudo
O coração das árvores palpita!

Deus nos envia êste celeste entrudo,
Pranto de serafins... água infinita!
— Quadra feliz de inverno, eu te saúdo!

Em seu delicado livrinho *Ubiratã* não há apenas a biografia do filhinho morto; vários escritores amigos associaram-se à enternecida homenagem, dando-lhe expressiva colaboração. Minha contri-buição não foi inserida no volume, por chegar tardiamente. Deixo, porém, aqui os versos que lhe dediquei naquele tempo:

U B I R A T Ã

A Álvaro Bomilcar

*"Eu levanto e estendo as mãos para tocar-te
e pergunto a mim mesmos não será um sonho?"*

Rabindranath Tagore

Eu bem sei compreender as inauditas penas
que te causou a morte cruel de *Ubiratã*,
que, como as rosas de Malherbe, teve apenas
um breve espaço de manhã.

Eu bem sei compreender a inenarrável mágua,
tôda a dor que feriu teu coração,
e o pranto que te fêz os olhos rasos d'água,
na mais brutal consternação!...

Pois que tive também um filho pequenino
que teve idêntico destino.
Era o penhor das esperanças auspiciosas
da vida alviçareira dos seus pais,

de que brotava, como de um jardim de rosas,
a flor dos mais puros ideais!
Era a ilusão e a fé, era a paz e a alegria,
luz dos meus oihos, luz do meu amor,

mas, de súbito, a morte implacável, num dia,
tudo desfêz em grande dor!
Assim, tendo sofrido igual desgraça,
avalio a extensão da dor que te espedaça.

Não há, decerto, angústia mais pungente
do que perder-se um filho,
— golpe letal que ao coração da gente
arranca todo brilho.

Transe atroz que nos tira o júbilo e o conforto,
e todo o encanto de viver,
porque também se vai, com o pequenino morto,
a nossa vida, o nosso ser!

Poeta, para a tua alma triste e só,
luminada pelos sonhos teus,
esta campa será a escada de Jacob
por onde ascenderás a Deus!

Alvaro Bomilcar da Cunha nasceu na cidade cearense do Crato, a 14 de abril de 1874, e faleceu aos 83 anos, deixando um nome ilustre que honra as tradições da nossa cultura.

Pertenceu ao Instituto do Ceará, à Plêiade, de Fortaleza à Sociedade Brasileira de Geografia e outras importantes agremiações, inclusive à Federação das Academias de Letras do Brasil como delegado da Academia de Letras do Ceará hoje fundida na Academia Cearense de Letras), tendo tomado parte saliente na fase de sua fundação e sendo um dos colaboradores dos seus Estatutos.

Bem cedo sentou praça no Exército, participando de choques armados nas coxilhas do Rio Grande do Sul, ao lado do Governo, na revolução de 1891. Depois ingressou na Escola Militar, vendo cortada a sua carreira em consequência de revolta naquele estabelecimento, à qual aderira. Passou então a servir na Fazenda Nacional, de que foi figura de relevo, pelas comissões desempenhadas com correção e brilhantismo. Mesmo depois de aposentado, foi membro da Comissão da Liquidação da Dívida Flutuante, considerada serviço relevante prestado à Nação (1936-1942).

A nova cidade de Brasília deve-lhe dar o nome a uma das suas principais avenidas, num preito dos mais indeclináveis.

Foi uma vida nobilitada pela inteligência, pelo saber, pelo trabalho, pelas convicções democráticas mais acentuadas, pelo amor às grandes causas nacionais, pela dignidade e pela honra, que o tornaram um padrão homem digno de respeito e admiração.

Seu desaparecimento constitui perda muito sensível para o nosso patrimônio cultural e cívico. Exaltar-lhe a memória é dever de consciência e de patriotismo.

(Separata da Revista das Academias de Letras, nº 72, Rio, ano de 1958, retratando a vida e a obra desse imortal filho do Crato).



AÇUSA

Colaborando Para o Desenvolvimento Econômico da Região

Um empreendimento que honra a capacidade
criadora do novo Nordeste

APOIO IAA — BANCO DO BRASIL

Rodovia CE-96 - Km. 42 - BARBALHA - Ceará

F. ZÉLO FILHO

Material para Construção em Geral

Canos, Conexões,

Torneiras e Material Sanitário



Azulejos, Cerâmicas, Caixa D'água, Ferro, Tintas em
Geral, Grampos e Têlhas de Amianto.



Tudo para o bom acabamento
de sua Construção.



FONE: 511 - 2224

Rua São Pedro, 794 - JUAZEIRO DO NORTE - Ceará

Essência, Existência e Liberdade

Estudo N. 2

"RAZÃO, CONHECIMENTO E FÉ"

Breve excursão sobre a Reforma

(Coordenador de Graduação da Universidade Estadual do Ceará - UECE,
Professor da Faculdade de Filosofia de Fortaleza - FAFIFOR).

I

A influência do pensamento de Martinho Lutero e as consequências socio-políticas da Reforma se refletem, profundamente, sobre a estrutura do Estado alemão, informando, sob todos os aspectos, a nacionalidade do seu povo.

Nas linhas mestras da filosofia especulativa e da filosofia prático-existencial, tamanha e tão profunda foi essa ressonância que se torna difícil compreender o desdobramento subsequente do pensamento alemão sem um estudo prévio das bases históricas, do fundamento religioso e dos precedentes causais desse Movimento.

Com acerto, diz Spanlé: "En particulier la spéculation philosophique allemande plonge ses racines dans la théologie luthérienne, sous des formes modernisées, elle reproduit, sur la liberté humaine, sur les rapports des Églises et de l'État, sur les rapports de la connaissance et de la foi, la plupart des thèmes fondamentaux qui avait été ceu du RÉFORMATEUR allemand" (1).

O operato de Lutero provocou, principalmente no campo filosófico-religioso, uma profunda, radical mesmo, subversão de valores e de verdades sobre as quais de há muito se discutia e das quais se divergia, sem ousar, porém, fazê-lo abertamente contra a prerrogativa acadêmica da "Roma locuta, causa finita" ainda aceita e proclamada nas cátedras e nos fóruns do Império germânico.

Em favor do agostiniano de Erfurt sopravam os ventos procelosos do momento histórico, de cujo alvorecer era prenúncio a vanificação da Fé pela simonia, desmazêlo, rivalidades e frivolidades monásticas e pelo apêgo às riquezas e honrarias mundanas — fatores

(1) Jean-Édouard SPANLÉ, *La pensée allemande de Luther a Nietzsche* — Librairie Armand Colin, 1967, Paris — pg. 8.

que, entre outros, haveriam de pesar no embate que se travaria entre a Alemanha e Roma, pois que assim foi colocada a questão pelos adversários da Igreja e da sua milenar influência sobre os negócios internos dos Estados da Europa cristã.

Estava-se no pórtico de uma nova era, religiosa e política, na qual a unidade da Igreja Romana, na Europa centro-occidental, ver-se-ia fragmentada em dois grandes blocos: católicos, de um lado, e protestantes, de outro.

Houve uma maturação gradual e constante com raízes na própria visão de mundo renascentista, e, antes disso, no ideário do Humanismo do Século XII.

O culto ao "pulchrum", em suas formas mais variadas, impregnava de vaidades até mesmo a vida dos cenóbios. Uma espécie de delírio intelectual sublimava a busca da felicidade, compatibilizando os prazeres estéticos, o luxo e as exterioridades com a vida religiosa.

Por sua vez, dessedentava-se a Cultura nas fontes do Classicismo grego-romano, o que, muitas vezes matizava de paganismo as práticas cristãs. A decorrente lassidão dos costumes, que tem servido de pretexto a condenações "moralistas" daqueles que aplicam aos fatos de antanho regras e valores ético-sociais atualmente vigentes, não pode ser imputável, de modo particular, ao arrefecimento religioso, se não a essa especial visão de mundo, com suas naturais implicações socio-religiosas, que se instaurara a partir de fatos que escaparam ao controle da Igreja.

Ansiava-se por uma conciliação entre ação e oração, entre mundo e contemplação, entre os prazeres estéticos e edonísticos e os rigores do ascetismo, entre o triunfalismo temporal da Igreja Romana e a simplicidade da igreja primitiva.

Assim amadureceram os tempos da Reforma.

A Lutero cabem os louros do ousar e do iniciar o protesto claro e declarado, quando pesavam sobre as cabeças coroadas e sobre os nobres e os dirigentes, os anátemas e as excomuniões papais, temidos pelos fiéis e pelos Grandes Eleitores, aos quais moderava o precedente de Canossa —, se não por serem na eficácia espiritual e danatória das bulas pontifícias, certamente por temerem o oportunismo que suscitavam entre os descontentes, os aproveitadores, os insolventes, os injustiçados e os mais pobres, motivados à oposição e à revolta.

II

Reafirmada a Bíblia como o repositório da Revelação, o crente viu-se liberado da obediência ao Pontífice Romano, bem como de algumas das verdades dogmáticas da Igreja Católica, acusada de tibieza disciplinar, negligência doutrinária e da consequente crise moral que punha em causa a própria existência da sociedade civil, em razão das querelas, rivalidades e disputas religiosas.

As lutas que se seguiram ao 31 de outubro de 1517, converteram a Alemanha na "terre classique des guerres de religion" (2).

(2) Idem, idem — pg. 7.

Aliás, a expressão "guerras de religião" é, a rigor, imprópria, como diz Caffarena: "Por lo demás, en los casos históricos más tristemente célebres de opresión del hombre por motivos religiosos, más que de comunicar la salvación, se trata de "conquistar" para la propia iglesia o de mantener a la fuerza en ella al resto de los hombres. Las guerras de religión, podríamos concluir, no han sido tales guerras de religión, sino de falta de religión por parte de los que las han promovido" (3).

A rejeição à hierarquia e à ortodoxia católicas impunha-se por razões que transcendem a discordância e a contestação doutrinária. É que, muita vez por motivos escusos, exteriorizou-se uma imagem odiosa da Igreja Romana, acusada de vexar as comunidades diocesanas com pesadas obrigações pecuniárias em favor dos cofres vaticanos. O óbulo de São Pedro foi largamente invocado nesse tribunal popular que, habilmente dirigido pelos adeptos da Reforma, inquisitoriava a Sé Apostólica.

Uma análise desapassionada mostra quanto pesaram, posteriormente, razões políticas, econômicas e sociais para o sucesso do Movimento que atingiu tão amplas proporções (4).

O deslocamento do eixo religioso, de uma "teocracia" representada pelo clero, pela doutrina, pelos Cânones e instituições romanas, para uma "bibliocracia", cujas notas principais seriam a Teologia da Salvação e da Justificação pela Fé, além do livre exame dos textos sagrados facultado a todos os crentes, fez-se logo nas regiões sublevadas contra a Cúria Romana.

A repressão político-religiosa desatou-se contra o invejável patrimônio dos mosteiros, abadias, conventos e associações católicas e a iconoclastia destruiu peças raríssimas que testemunhavam a fecundidade artística e criativa do Humanismo cristão. Em igual medida, libertava-se o espírito especulativo alemão daquelas limitações que a vigilância dos inquisidores, de negra memória nos fastos históricos, impunha, mesmo à distância.

A Filosofia foi instada a especular sobre a esfera da Razão e a esfera da Fé, liberados os seus cultores do receio de incorrer nos anátemas com que Roma punia a quantos ousavam discordar do seu magistério infalível. Tal liberdade racionalista vigoraria apenas na primeira hora!

Inegavelmente houve abusos, só depois contidos pela oportuna e férrea ação e codificação de Lutero, principalmente no que tange ao estabelecimento dos parâmetros reguladores entre o direito a interpretar as Escrituras pelo exame direto e o princípio de autoridade,

(3) José Gómez CAFFARENA y Juan MARTIN VELASCO, *Filosofia de la Religión*
Ediciones de lo Revista de Occidente S/A, Madrid — pg. 147.

(4) "A Reforma, assim como o Renascimento, os Grandes Descobrimentos Geográficos e o aparecimento dos Estados modernos, constituem o pórtico de uma nova idade histórica".
E. Valles Perdrix, *Atlas de História Universal*, Lial, Cartão Série C/4.

princípio esse que urgia esclarecer em benefício das relações da igreja reformada com os representantes do poder regional e temporal.

III

Oliveira Lima escreveu que "A Reforma não foi no seu início um movimento político: foi tão-somente um movimento religioso..." (5).

"No seu início" é verdade que a Reforma se explica, ao menos proximamente, mais como questão religiosa, porém dificilmente poderia ser entendida, na sua abrangência, sem o concurso das outras causas.

O desregramento dos costumes clerico-monásticos, satirizados nas caricaturas grotescas do Século XV, aplacou os escrúpulos da massa, quando os nobres, os grandes latifundiários, alguns Duques Eleitores e os aventureiros voltaram as vistas cobiçosas para os bens da Igreja Católica, a fim de satisfazer o próprio desejo de rapina e de enriquecimento fácil.

É interessante notar como, até poucos anos após afixar suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, Lutero pouco se preocupou com o problema das relações do poder temporal do Estado com a Igreja Reformada. Então, ele refutava as teses de Tetzl, apenas visando a demonstrar o que lhe parecia erro doutrinário da Igreja Romana na "questão das indulgências" que constituiria, com as divergências em torno da eficácia dos sacramentos e a respeito da Teologia da Salvação, o "punctum dolens" do cisma.

Aos olhos do Reformador, a Política, como arte e ciência da conquista e manutenção do Poder, interessava pouco, nos primeiros e tormentosos anos do Movimento. A roda viva dos fatos determinaria as providências do controle social. Os desmandos e abusos de quantos se aproveitavam do cisma em curso para a vindita pessoal, a pilhagem dos bens eclesiásticos, a contestação armada ao poder central e ordenador do Estado ou dos membros da Dieta, despertaram em Lutero o legislador severo e intransigente, que alguns historiadores consideram o precursor de mentalidade prussiana de um Império internamente forte e externamente respeitado.

A leitura do seu livro "A Liberdade do Cristão" basta para convencer-nos da importância atribuída por ele à existência de um Estado ordeiro e progressista que coíba "pela espada", pelo braço secular, as manifestações de rebeldia e de anarquia, para que se consolide o triunfo da Teologia da Fé.

As mesmas idéias germânicas sobre o VOLKSGEIST, tão caras a filósofos e estadistas posteriores, receberam dele uma fundamentação teológica através do OBRIGKEIT, com que o Reformador e seus discípulos protegerem o operato dos príncipes, a distribuição da justiça e o exercício do munus religioso dos pastores.

Aliás, desde os primeiros séculos D. C., discute-se a respeito das obrigações — direitos e deveres — do cristão, frente às autori-

(5) Oliveira Lima, História da Civilização
Edições Melhoramentos, 1962, São Paulo — pg. 241.

dades constituídas. Ainda hoje, e principalmente hoje, esse é um dos temas mais graves que interessam as disciplinas normativas e todo o arco das ciências sociais.

Também aqui, o carisma de Lutero levou-o a consagrar toda uma doutrina baseada na exegese da afirmação paulina: "Alle OBRIGKEIT kommt von oben" (todo poder emana de Deus), com o que se substitui a submissão dos católicos à autoridade espiritual do Papa pela obediência dos crentes aos Eleitores e pastores reformados, ou ao soberano, como reflexo imediato da vontade de Deus. Incumbe, assim, ao "weltliche OBRIGKEIT" (equivalente ao que nas epístolas paulinas se chama "o magistrado") a missão de proteger a teologia reformada e a Fé dos protestantes. É isso, por razões teológicas e por imposições e necessidades do momento.

A pouco e pouco, o espírito reformista confundiu-se com o sentimento nacional, com o "gênio" da Nação, e, assim, "Le nationalisme allemand c'est le luthéranisme sécularisé, transposé sur le plan politique" (6).

IV

Na Reforma afloram as raízes das oposições presentes na filosofia alemã dos tempos contemporâneos: Fé e Razão (Fé filosófica e Fé revelada), Liberdade e Obrigkeite, Existência e Transcendência...

Convém lembrar que o luteranismo, enquanto negava o dogmatismo católico e reafirmativo a importância da interpretação direta dos textos sacros, tendo ao Cristo como único guia e mediador, foi extremamente hostil ao espírito racionalista e humanista da Renascença quando questionava pontos da Teologia da Salvação (morte redentora do Cristo) e da Justificação pela Fé. Livre exame, sim, ressalvados, porém, alguns pontos já firmados pela doutrina reformista que criou, também, sua própria ortodoxia e hierarquia!

Incendiava-se o zelo do Reformador quando fazia exegese do texto paulino "Concluimos pois que o homem é justificado pela fé. por ele reforçado com o determinativo latino "sola" (7).

Na fundamentação e pregação desses dois pontos centrais da teologia reformada, as universidades das regiões que abraçavam o cisma desenvolveram ação firme e constante, no período posterior à II Dieta de Spira (19 de abril de 1529).

As mesmas sedes augustas da sapiência quatrocentesca propagaram um certo pessimismo intelectual, como decorrência da visão luterana sobre a natureza humana, escrava do pecado e da corrupção.

A polêmica suscitada pela orientação pessimista da teologia reformada — calcada, de um lado, na pregação calvinista da predestinação, e, por outro, na concepção luterana, radical e enfática, do pecado original —, extremou-se com a publicação do livro do jesuíta espanhol Luís de Molina, que veio a lume em 1588, sob o título de "Concordia del libre albedrio con los dones de la gracia, con la divina presciencia, providencia, predestinación y reprobación".

(6) Jean-Édouard SPANLÉ, obra citada, pg. 22.

(7) Epístola de São Paulo Apóstolo aos Romanos (28). Ao ablativo "fide" (pela fé), Lutero acrescentou "sola fide" (somente pela fé).

De fato, se "la certitude, l'assurance que donne la Raison sont trompeuses" (8), justifica-se o caminho ao indiferentismo e ao nihilismo.

Ainda: Parece haver uma contradição em se invocar o valor e a prerrogativa do livre exame, em oposição ao dogma do Magistério infalível da Igreja, quando, ao mesmo tempo, se enfatiza a decadência original da Razão (que Lutero chamava de "essa prostituta"), incapacitada de explicar a existência dando-lhe um sentido transcendental.

Erasmo, por antonomásia cognominado o Humanista, escrevera o "De libero arbitrio", em defesa da "concepção humanística da liberdade do homem". Ao que Lutero respondeu com o "De servo arbitrio" (1525), onde "declara que o homem natural é escravo do pecado, o homem espiritual é instrumento da Graça" (9).

Para Lutero, a Teologia da Fé e a Teologia do Amor dispensam as elocubrações e inferências categoriais da Escolástica (Filosofia Natural), ou, pelo menos, passam a plano secundário. "Croire n'implique nullement "connaître" (10) e "ce n'est pas l'intellect logicien, ce n'est pas la recherche de la Vérité divine qui fait le chrétien, c'est uniquement la Foi" (11). Deus é o Absoluto, o Abismo, e não precisa ser "conhecido".

Esse esvaziamento do papel da Razão levou muitos filósofos à conclusão de que Lutero plantou a semente do nihilismo no espírito alemão. Penso que não devemos esquecer a força com que indicou aos crentes o valor redentor e salvífico da Fé. O homem humilhado e aviltado pela decadência original, redime-se pela Fé, que o salva do abismo os "sem-transcendência" e o conduz, sempre, sob a luz da Esperança.

Mas, sob o ponto de vista da Filosofia, continua válida a pergunta: uma vez substituída a Razão, que caminhos restam aos que não têm Fé?

É, ainda, digno de nota como os grandes pregadores do Nihilismo, os fautores da tragicidade do destino humano, os corifeus do primado do existente (porque só nos restaria viver e nada mais) —, todos se reportam às considerações luteranas sobre a incapacidade em que se encontra a Razão de apontar caminhos válidos, descortinar perspectivas lógicas e fundamentar certezas capazes de projetar-se além da esfera espaço-temporal.

Não obstante essas constatações registradas pela história da filosofia alemã, vejo em Lutero um poderoso e autorizado expoente de uma tendência do povo alemão de buscar a síntese filosófica e teológica através da negação e da destruição. Desconhecendo à Razão à luz natural da Razão — à capacidade de inquirir sobre a origem, dramaticidade e destinação última do Homem, de armar, portanto, a ponte entre a criatura e o seu Criador (re-ligio), não pre-

(8) Jean-Édouard SPANLÉ, obra citada, pg. 20.

(9) Vittorio Mathieu, Storia della Filosofia
Ed. La Scuola, Brescia (It.) pg. 33 do 2º vl.

(10) Jean-Édouard SPANLÉ, obra citada, pg. 11.

(11) Idem, idem, pg. 19.

tendeu o Reformador encerrar-nos nos horizontes estreitos, contingentes e materialistas do existir-no-mundo. Essa visão reductiva das possibilidades racionais tinha uma finalidade bem precisa: levar o homem a reconhecer sua irremediável corrupção ("ipsa conceptio, augmentatio, nutritio in matris utero corrupta"), do que resulta, entre várias outras ilações, que "a salvação não se pode operar no plano da vontade própria, se não unicamente no plano da Graça divina".

Nesse campo, opunham-se as duas teologias, a luterana e a católica, e as duas filosofias, a reformada e a escolástica. Como escreveu J. E. Spanlé: "Le problème fondamental pour cette dernière était le problème de la connaissance de Dieu, dans les cadres de la philosophie traditionnelle, c'est-à-dire du Logos platonicien ou du rationalisme aristotélicien. A ce principe rationnel de la "connaissance", Luther oppose le principe irrationnel de la "Foi" (12).

Essas duas orientações influenciariam a Filosofia em correntes opostas. Ora predominou a fundamentação da "vita contemplativa", teologicamente motivada na destinação última do homem, degradado pelo pecado, porém redimido pelo Cristo e confirmado pela Fé. Ora prevaleceu a busca de um Racionalismo que fosse capaz de conciliar as necessidades e os prazeres da "vita activa" com o exercício do ascetismo religioso, ou o simples cumprimento das obrigações cristãs, destacando-se o papel da Razão e da liberdade humana.

No primeiro caso, a pregação luterana sobre a degradação da Razão esclerosou, nas regiões reformadas, os avanços do Humanismo cristão e atrazou a fruição das conquistas e do progresso propiciados pelo Renascimento.

Aliás, o próprio fato de o Renascimento não ser movimento genuinamente alemão, mas importado de Estados "papistas", já constituía empecimento moral à sua aceitação, tanto mais que tendia a sublimar justamente as virtualidades e as prerrogativas humanas, em contraposição aberta ao pessimismo racionalista da Reforma.

Mais tarde, no Setecentos, o AUFLARUNG tentaria vencer as reduções mentais do rigorismo luterano; teve, porém, vida efêmera e restrita, embora marcasse o pensamento alemão com o desafio do "sapere aude", lema inspirador de tantos luminares da Ciência e das Artes, na Alemanha.

Na verdade, em todos os movimentos subsequentes à Reforma avulta a influência de Lutero.

E, não obstante os interrogativos: "Teologia ou Filosofia"? "Tradição ou Revelação"? "Razão ou Fé"? "Liberdade ou obrigação"? — remontarem aos primórdios do Cristianismo, não há dúvida de que Lutero deu-lhes nova dimensão ao acentuar as suas diferenças.

Indicadas, assim, sumariamente, as linhas mestras do desenvolvimento das causas e das idéias que resultaram na Reforma e que influenciaram, ainda o fazem com igual força, a filosofia alemã —, voltaremos a abordar em outros estudos, os problemas específicos do Pessimismo e da Fé Filosófica frente à Fé Revelada.

Fortaleza, UECE, maio de 1979.

Lojão das Construções

Marcondi Justo

Material de Construção e Elétrico

•

Ferro, Canos, Tintas, Torneiras
e Material Sanitário,

•

Caixas D'água, Descarga, Azulejos
e Cerâmicas.

•

PREÇOS SEM COMPETIDORES

C R A T O : - Rua Tristão Gonçalves, 296/302

JUAZEIRO : - Rua São Pedro, 720

Escritor de Sobral enaltece Revista Itaytera

Com uma crônica altamente elogiosa, intitulada "LER, UM PRAZER QUE NÃO CANSA", o escritor sobralense Ribeiro Ramos, Presidente da Academia de Estudos e Letras, publicada no "Correio do Ceará" de 2 de Abril de 1980, enalteceu, vivamente, o Instituto Cultural do Cariri e a revista ITAYTERA.

No trecho daquela crônica dedicada ao nosso ICC, diz ele|:

"Com um cartão delicado, o ilustre confrade J. Lindemberg de Aquino, o grande e invencível lidador pela Cultura e pelas Belas Artes no Crato, manda-me o último número de ITAYTERA, o 23, de 1979 — magnífica revista do Instituto Cultural do Cariri, sem dúvida a maior dádiva que o inesquecível José Alves de Figueiredo Filho deixou como legado precioso à Terra natal.

Sempre que tenho ITAYTERA entre as mãos e diante meus olhos ávidos, lembro-me, imediatamente, de Figueiredo Filho. Quando ele era vivo, acudiam-me à mente episódios e fatos de nossa vida, como colegas de ano na antiga e sempre querida Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, naquele início da década de 20 — dulcíssimas recordações de um passado feliz — e agora ITAYTERA me traz dolorida saudade do amigo morto, que permanece vivo em minha memória, tão sincera e efetiva que foi a estima que nos uniu.

O Instituto Cultural do Cariri e ITAYTERA são testemunhos magníficos da pessoas de Figueiredo Filho, na bela e culta cidade do Crato, assim como são provas fabulosas e perenes do amor profundo e sem limite que ele dedicava à Terra que lhe serviu de berço e que foi Mãe carinhosa e terna.

Essas duas instituições permaneceram no Tempo e se projetam no Espaço, com o mesmo vigor com que foram criadas, graças aos admiráveis herdeiros da obra espiritual de Figueiredo Filho, entre os quais se encontra João Lindemberg de Aquino — o único que conheço pessoalmente — que desfruta a inigualável ventura de ter ao seu lado uma plêiade notável de companheiros de ideal-co-herdeiros de tão precioso legado.

ITAYTERA está aí, bela e sedutora como sempre, na riqueza de uma página de Figueiredo Filho e na prosa de gente da mais alta estirpe intelectual — Luiz de Borba Maranhão, Pedro Gomes de Matos, Monsenhor Raimundo Augusto, General Teles Pinheiro, J. Lindemberg de Aquino, F. S. Nascimento, Vinicius de Barros Leal, Hélio Me'lo, Eugênio Dantas, Austregésilo de Athayde, etc, etc. e nos versos encantadores de Carlyle Martins, Mary Shultze, Dandinha Vilar e outros mais. Cousa para a gente ler, admirar e guardar com carinho, o carinho que se deve ter pelas obras do espírito.

Na singeleza deste registro, a minha louvação a Lindemberg de Aquino e seus companheiros do ICC por mais uma esplêndida vitória conquistada".

Jubileu de Prata da U. F. C.:

UMA DATA QUE HONRA O CEARÁ

Registramos a transcorrência, neste dia 25 de Junho de 1980, do Jubileu de Prata de instalação oficial da Universidade Federal do Ceará.

É uma data que honra o Ceará, porque o relevantíssimo papel que aquele organismo de Ensino Superior tem desempenhado, ao longo desses 25 anos de existência propiciou, pode-se dizer, uma nova, fecunda e dignificante fase para a história da Cultura na Terra da Luz.

Todo o Ceará se sente rejubilado, com tão expressiva efeméride.

Podemos afirmar, sem medo de errar, que a história do desenvolvimento cultural, científico e tecnológico do nosso Estado se divide em duas partes, antes e depois da Universidade.

Foi ela que, com a responsabilidade de suas pesquisas, a seriedade dos seus objetivos, a dignificante missão de institucionalizar e coordenar o Ensino Superior em nosso meio, conseguiu mudar, totalmente, o facies econômico, cultural, educacional e técnico do nosso Estado.

A Universidade Federal do Ceará, uma das mais atuantes do continente sulamericano, nasceu da inspiração de um homem profundamente vinculado ao Cariri, por ser filho do Crato, o eminente Antônio Martins Filho.

Foi a sua determinação, foi a sua teimosia, foi a sua coragem, foi a sua obstinação, foi a sua férrea energia, que amalgamaram esse Universo educacional em que se transformou a UFC, filha do seu esforço, filha da sua dedicação, que nasceu sob o embalo do seu coração patriótico, formou-se sob os influxos de sua personalidade e do seu comando, consolidou-se e cristalizou-se com o decidido apoio, com muito amor, que ele lhe emprestou, nos seus anos iniciais, apoio que continua até hoje, sem desfalecimentos ou canseiras.

É muito cedo, ainda, para se avaliar a extensão e a profundidade da ação da Universidade, sobre a vida do Ceará e dos cearenses. O tempo, melhor do que nós, dirá do acerto da iniciativa, da grandiosidade do empreendimento e da suculência dos seus frutos, ensejando novas coordenadas na vida do Estado e do Nordeste brasileiro, na busca dos seus objetivos superiores.

Ao registrar o evento, com muita alegria, o Instituto Cultural do Cariri rende o preito de sua homenagem mais sincera a todos os que fazem hoje, como os que fizeram, ao longo desse quarto de século, a Universidade Federal do Ceará, formulando-lhe votos de vida longa, de maiores realizações, de mais amplitude e luminosidade, no caminho de suas realizações.

O Jubileu de Prata da UFC é data que honra e enobrece o Ceará e eleva, bem alto, a sua gente destemerosa e forte, que sob o comando de Martins Filho, sintetizou a frase camoniana "Forte chefe faz forte a fraca gente".

SESQUICENTENÁRIO DE JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

A 1.º de Maio de 1979 transcorreu o Sesquicentário de nascimento do escritor, dramaturgo, político e romancista José Martiniano de Alencar, a maior glória da literatura nacional. O Instituto Cultural do Cariri não poderia deixar passar em branco essa efeméride. Mandou celebrar missa, homenagem de saudade ao ilustre cearense, cujos pais eram do Crato. E na presente edição de ITAYTERA reproduzimos dois belíssimos trabalhos sobre o autor de "Iracema", que são, o artigo de Demócrito Rocha, publicado há 50 anos atrás, quando se comemorava o Centenário de Alencar, e o poema de Artur Eduardo Benvides, conceituado poeta cearense. Representam a nossa homenagem ao criador do romance eminentemente nacional, ao ensejo dos 150 anos do seu nascimento.

A OBRA DE ALENCAR É UMA EPOPEIA DE BRASILIDADE

O Ceará comemora, hoje, o centenário do nascimento de José Martiniano de Alencar, o maior dos romancistas brasileiros de todos os tempos.

Com efeito, se em qualquer outro ramo de nossa vida mental, não nos tenha cabido a glória de possuir o maior de todos, no gênero literário, em que fugiu o espírito de José de Alencar, os louros da vitória pertencem, com indiscutível justiça, a este pedaço da terra brasileira, que ele escolheu para o cenário de suas lendas mais repassadas de evocação patriótica.

O romance brasileiro nasceu com Bernardo Guimarães, Macedo e Alencar. Mas a projeção do romancista cearense foi tão grande, na história das nossas letras, que até hoje, cinquenta e dois anos decorridos de sua morte, ainda não foi possível surgir um outro vulto de sua época na literatura de ficção.

Os livros similares publicados por seus contemporâneos não chegaram a fazer-lhe sombra.

O advento da nova escola, de que se fez arauto o insigne Aluizio de Azevedo, criou época e firmou obras que alcançaram a posteridade.

Mas o acervo de Alencar, saturado como está dessa impressionante cor patriótica e do sabor nativista, que é o melhor e mais poético dos indianismos esse perdura e há de atravessar os séculos, valorizado pela distância no tempo, e perdendo-se no aspecto lendário, para infiltrar-se ainda mais na alma brasileira do futuro.

Foi em vão que trabalhou aquela aranha da perfeição estilística que se chamou Machado de Assis, entretecendo a frase em fios da mais nobre platina vernácula.

Alencar foi o tumultuário que escreveu com as pontas das setas nos troncos ricos de seiva das nossas florestas.

As suas personagens, ele as deixou vigorosas, esculpturadas no granito das montanhas, aspergidas com a água dos nossos rios e coroadas com a plumagem verde-rubra dos nossos pássaros.

A obra de José de Alencar é uma epopeia de brasilidade.

Ele fotografou a nossa existência semi-

bárbara do após-descobrimento, o primitivo caldeamento das grandes raças, dos dramas guerreiros e sentimentais que se desenrolaram no seio das tribos.

O romance indiano, de vida intensamente comunicativo, aí está, ainda hoje, e viverá sempre, perpetuando os quadros sugestivos de nacionalidade.

Quando tiverem me: gulhado nas idades os relatos de Vaz Caminha, as epístolas de Vieira, a história de Vicente Salvador, e os poemas de Santa Rita Durão, quando tudo isso perder-se no olvido, que é uma contingência dos povos, avultará conduzido pela tradição, o sopro lendário de José de Alencar na imortalidade de Percy, de Cecy e de Iracema, e no entrecrocamento dos tapetes goitacozes.

Examinando-se no papel que desempenhou na construção literária da pátria acreditar-se-á na predestinação dos varões e das heroínas de sua raça.

Neto de dona Bárbara, ventre de Cornélia que gerou Tristão e Martiniano, o romancista que adoleceu quando o Império já havia consolidado a existência livre da nacionalidade, recuou três séculos na história, para reconstruir, com os seus poemas, os primeiros anseios da nossa vida colonial, debuxando as refregas em que o sol desmaiava a vertigem das setas cruzando o espaço, acordando o eflúvio do amor no seio virgem das tabajaras e distendendo aos olhos dos tempos, o painel das nossas florestas milenares.

Mais do que um homem de letras, ele foi o consubstanciador daquela fase indecisa da nossa formação histórica, na obra de confraternização dos primitivos habitantes da Terra da Santa Cruz, com a posteridade hipercivilizada do Brasil porvindouro.

O americanismo que ele como um Deus de inestimável munificência, fez ressurgir das hecatombes invasoras, que tingiram de rubro as águas dos nossos arroyos nunca poderá ser extinto pelo cosmopolitismo destruidor.

O sangue indígena derramado em holocausto, pela virgindade nativa das nossas matas, irrigou, no cérebro de Alencar, a semente de uma idéia que se transformou em religião que o amor do que é nosso,

debaixo da cúpula iluminada e formidável do céu brasileiro.

Foi ele o criador, foi ele que tomando a inúbia dos nossos avós, clarinou a reação nativista incorruptível e grandiosa que hoje empolga a alma nacional.

O bronze, a geração hodierna alevanta,

agora, na praça pública e o "verdictum" do primeiro século, é a consagração antecipada a que lhe virá depois, na apoteose universal dos homens de todas as terras, quando não mais rescenderem os aromas balsâmicos das selvas americanas.

DEMÓCRITO ROCHA

EM LOUVOR DE ALENCAR, NO SESQUICENTENARIO

Tua glória, Alencar, é imperecível,
Nada em ti envelhece. Tudo tem
a grandeza do eterno
a força
que em Homero nasceu
Nada em ti pereceu.
És a alma
do povo pelas trilhas
dos ventos e do sol.
Tua voz não morreu. Tua mão
continua a compor a verdadeira saga
do encontro de rios e de raças
no tempo em solidão.
És guerreiro e canção.
És a seresta
que se debruça em grãs recordações.
O que teu sonho ofertou, o amor
pelas cousas mais nossas resplandece.
E no fundo das florestas permanece
o segredo da terra e das origens.
Oh, teus passos pioneiros nas agruras,
sob as galhofas e os látegos injustos.
Altivo caminhaste, sempre augusto,
e a luz de tua barba iluminou a estrada.
Ó serena visão de patriarca
o criador de sóis e de heróis
sobre abismos saltaste em desafio
às cortes distantes e aos reinóis.
E foram belas as alegorias
que ergueste com fé e juramento
em todos os momentos.
E muitos falaram por tua voz
viram por teus olhos e puderam
erguer uma nação e clarear
caminhos. E então
a Pátria amanheceu em ti
qual luz de verão, depois
das solitudes do inverno.
E as graúnas, jandaiais, sabiás
e todos os pássaros que há
nas matas tropicais
entraram no teu verbo.
E as oiticicas e juazeiros,
as canaúbas, ipês, jequitibás.
E o gado barbatão, as lendas épicas,
os bichos, o céu, o verde mar bravo
e o seitião, qual serpente no estio
ao encontro do mar.
E vimos peripécias sertanejas,
os gaúchos leais, as doces prendas
os alvos idílios e as novenas
que não voltam mais.
Vimos gucras, lanças pontiagudas,
flechas a zunir, bacomantes, inúbitas

e o corpo de Iracema nos olhos de Martim.
Vimos bravos capitães colonizar as terras
o tropel de cavalos no pátio das fazendas
o novo mundo a nascer na solidão de tendas
e Arnaldo a repetir o gesto de Peri.
Tudo foi amplo em ti. Tudo
teve epopéia e chão transfigurados.
Ó bailes imperiais, varandas e sobrados,
ó tilburis da Rua do Ouvidor,
delícias da Tijuca, leques e calor
de frases tão gentis em cartas perfumadas.
Ó saraus, tertúlias e modinhas,
ó guirlandas das noites fluminenses,
ó sussurros nas valsas vienenses,
saudades e versos dando odeus.
E nossa gesta coube nos teus álbuns,
ó pai de todos nós, cearense bravo
que o povo soube amar na ação de "O Guarani".
Ó perfis femininos nas graças do amor:
Lucíola, Ceci, Aurélia, Guida, Amélia e Flor.
Ai, longo suspirar por cousas tão sutis.
Sonhos de Alencar a refazer B:asis
em clara exaltação de luzes e de cor.
E tudo passa. O tempo se encaminha
para os trigos da morte e da verdade.
Só tu não passarás. Na realidade
tens a força de um sol sobre a nação.
E queremos louvar os teus combates
e a visão que se alongou nos rumos
de madrugada e pontes encantadas.
A frente iluminaste à sombra de arco-iris
e tudo foi mais verde apenas por sentires
a Pátria a se elevar nas chamas do destino.
És irmão das garças, dos meninos,
das araras, nambus, uirapurus.
Irmão das caatingas e coxilhas,
dos perdidos sertões (mandacarus.).
Conhecem-te vaqueiros, navegantes,
peregrinos, jagunços, violeiros
e quantos mais que vão na multidão.
Estás no rude lira trovadora.
Estás em muita coisa que dizemos.
Nos gestos de todos te revemos.
Nas falas e piás batismais.
Não findarás jamais.
És espírito do povo, sempre novo.
Renasces cada dia, a toda hora.
Foste límpido ontem e és agora
uma fonte de luz que não se apaga.
E por tudo o que terás memória
E aqui cantamos nós e nos verás
pelo tempo a tecer a tua glória.

ARTUR EDUARDO BENEVIDES

Mais uma saudade

DANDINHA VILAR

Saudadel Céu desnudo, azul, profundo,
Onde as estrelas todas se sumiram...
E onde as nuvens, em busca de outros mundos
Cortando o espaço, celeres, fugiram.

Saudadel Noite cálida, ar parado!
No silencio um violino ao longe esperançoso...
Falando ao coração descompassado
Que bate por alguém que foi embora.

... Morte lenta de nossas esperanças...
Desenganos a flux sobre a existencia
A remoer do amor, recordações..

Saudadel Do amor findo só lembranças...
E o vazio deixado pela ausencia
Martirizando nossos corações..

Decisão

Se queres me deixar, que seja agora!
Não adianta "adeus" nem despedida .
Olha o tempo correr; faz breve a hora
E antecipa o ato da partida.

Nada vale esperar se essa demora
Já não faz influência em nossa vida.
Tudo que já não é, tornou-se "outrora";
O que se escreveu ontem é folha lida.

Por que vamos chorar se tudo é findo?
— O pranto não germina uma esperança
Quando o amor já não é realidade.

Vai que eu fico, e se tu não vais sentindo
Recordações de mim e nem lembranças
Não me deixa de ti sentir saudade.

Instituto Cultural do Cariri

BALANÇO REFERENTE AO ANO FINANCEIRO DE 1979

R E C E I T A

MOVIMENTO DE FUNDOS

Saldo do ano de 1978..... 347,83

SUBVENÇÃO FEDERAL

Recebida do Ministério da Educação e Cultura, através da Agência local do Banco do Brasil, subvenção oriunda de quotas de parlamentares..... 66.000,00

SUBVENÇÃO ESTADUAL

Recebida do Tesouro do Estado do Ceará, através do Presidente Jefferson Albuquerque e Sousa..... 21.000,00

AUXÍLIO ESPECIAL DA SECRETARIA DE CULTURA E AÇÃO SOCIAL DO ESTADO DO CEARÁ PARA O III FESTIVAL DO FOLCLORE

Recebido diretamente pelo Presidente Jefferson Albuquerque e Sousa..... 40.000,00

SALDO DA VENDA E ANÚNCIOS DA REVISTA "ITAYTERA"

Depositado no Banco do Estado do Ceará pelo Vice-Presidente João Lindemberg de Aquino..... 5.000,00

TOTAL GERAL..... 132.347,83

D E S P E S A

B I B L I O T E C A

Serviço de organização por pessoal especializado..... 15.118,00
Aquisição de livros, folhetos e correlatos..... 4.910,00
Feitio de letreiros..... 250,00
Painéis e plaquetas de alumínio e acrílico..... 12.075,00
Despesas com o coquetel de inauguração com o nome Biblioteca "Antônio de Alencar Araripe..... 1.000,00 33.353,00

SEDE SOCIAL

Conservação e decoração do prédio.....	11.190,00	
Consumo de energia elétrica.....	3.234,26	
Móveis e Utensílios.....	7.823,00	
Serviço de Asseio e Limpeza.....	<u>3.807,80</u>	26.055,06

PAGAMENTO DE EMPRÉSTIMO PROVISÓRIO PARTICULAR

Ao Presidente Jefferson Albuquerque e Sousa.....		2.395,71
--	--	----------

DESPESAS DE VIAGENS A FORTALEZA

Passagens rodoviárias e diárias de hotel.....		3.877,00
---	--	----------

CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE

Contribuição para a "Festa do Judas".....	2.750,00	
Promoção do III Festival do Folclore no Cariri.....	<u>36.576,90</u>	39.326,90

SECRETARIA

Aquisição de material de escritório.....	3.594,00	
Despesas postais-telegráficas e telefônicas.....	2.868,56	
Serviços pagos a tiragem de fotocópias.....	240,00	
Serviços fotográficos.....	<u>5.020,00</u>	11.722,56

DESPESAS DIVERSAS

Gratificação ao Secretário-Geral.....	600,00	
Comissão para recebimento de subvenção federal.....	3.300,00	
Homenagem-Jantar ao Secretário-Geral do I. C. C.....	1.106,00	
Contribuição para o I Festival de Poesia.....	400,00	
Contribuição para o Festival de Música Popular do Nordeste	1.000,00	
Contribuição para o filme documentário "Patativa do Assaré"	3.000,00	
Trofeus para a "Exposição do Crato" — 1979.....	1.000,00	
Serviço de revelação de filmes.....	<u>600,00</u>	11.006,00

TOTAL.....		127.736,23
------------	--	------------

MOVIMENTO DE FUNDOS

Saldo para o ano de 1980:

No Banco do Brasil — Agência local.....	2.755,60	
No Banco do Estado do Ceará — Agência local.....	<u>1.856,00</u>	4.611,60

TOTAL GERAL.....		132.347,83
------------------	--	------------

CRATO, 31 de dezembro de 1979

João Lindemberg de Aquino
Presidente

Antônio Correia Coelho
Tesoureiro

ÍNDICE

	Pág.
MAIS UMA ETAPA VENCIDA	3
I. C. C. PRESTA CONTA DE SUAS ATIVIDADES EM 1979	4
JOÃO BRIGIDO	9
PEDIDOS DE FESTAS NATALINAS	21
À GUISA DE INTRODUÇÃO	29
NECROLOGIA DE ILUSTRE FILHO DO CRATO	37
LEIS HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO DO CRATO	41
O COMANDANTE SUPERIOR	51
A SORTE DO FINADO	75
PENSANDO ALTO	78
UM CONTO DE NATAL	80
CENTENÁRIO DE DOM FRANCISCO DE ASSIS PIRES	85
ORAÇÃO DE PARANINHO	89
NOVOS SÓCIOS CORRESPONDENTES DO I. C. C.	93
UM CRATENSE DE MUITOS MÉRITOS	96
NERTAN MACEDO — UM ARISTOCRATA DO CRATO	99
NOVOS POEMAS DE J. CALÍOPE	101
DOM NEWTON H. GURGEL NOVO BISPO AUXILIAR DO CRATO	103
SAUDAÇÃO AO CRATO	107
AS BELAS ARTES, HOJE, SÃO DO DOMÍNIO DOS ANTIQUÁRIOS	113
SÉRVULO ESMERALDO (PARIS PODE FICAR PARA DEPOIS)	117
UM CEARENSE INTRÉPIDO	121
SEM TÍTULO	123
UM EVENTO DE MUITA TERNURA	125
PATATIVA DO ASSARÉ POEMAS E CANÇÕES	133
DOM QUINTINO	139
PADRE IBIAPINA, GÊNIO MISSIONÁRIO DO NORDESTE	149
MARTINS FILHO — ESTE NOME ABRE A HISTÓRIA DA U. F. C.	157
PREFEITO DO CRATO DOA TERRENO AO ICC	161
UMA GEOGRAFIA PARA O CRATO	165
CRATO E A INTERIORIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR	169
FOLCLORE E ALMA POPULAR	173
ÁLVARO BOMILCAR	177
ESSÊNCIA, EXISTÊNCIA E LIBERDADE	185
ESCRITOR DE SOBRAL ENALTECE REVISTA ITAYTERA	193
UMA DATA QUE HONRA O CEARÁ	194
SESQUICENTENÁRIO DE JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR	195

A FERRAGISTA UMA ORGANIZAÇÃO TÃO CRATENSE QUANTO ESTA REVISTA

Em 1950 começava no Crato a história de uma grande organização comercial.

Inicialmente com o nome de Casa Vitória, tempos depois (1966) mudado para a FERRAGISTA. Essa firma cresceu e logo conquistou Fortaleza (1970), abrindo uma grande loja onde sediou a Matriz, conservando no entanto a loja do Crato e depois (1974) inaugurou a terceira loja, também na capital.

Da antiga Casa Vitória, fundada por Cícero Alves de Sousa, à organização de hoje, a FERRAGISTA, capitaniada desde 1962 por Edmilson Alves de Sousa, muito progrediu e muito orgulho deu ao povo cearense. Mas o nosso orgulho é ser tão cratense quanto a ITAYTERA.

a ferragista

A única fiel a origem do seu nome.

Sena Madureira — Major Facundo (Fortaleza)
Rua Dr. João Pessoa (Crato).

Cerâmica Norguaçu S. A.



PRODUZIMOS LADRILHOS
CERÂMICOS DA MELHOR
QUALIDADE

ESTAMOS EXPORTANDO PARA
O NORTE E NORDESTE

RODOVIA PADRE CÍCERO – KM. 3

CRATO

-

CEARÁ